This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

UC-NRLF
$B 174 151

ARTH
ENCES
BERKELEY
LIBRARY
UNIVERSITY OF
CALIFORNIA

F
890
125

J-TopShelf

Vizgem ao Araguaya

General Couto de Magalhães

Viagem ao Araguaya

Contendo a descripção pittoresca desse rio, precedida de considerações administrativas e economicas ácêrca do futuro de sua navegação e seguida de noticias sobre os rios Caiapó Grande, Caiapózinho, Claro e Vermelho; de um roteiro para os Araés e noticia de uma expedição feita em 1852 ao rio das Mortes; de um estudo sobre os meios mais proprios para desenvolver a navegação; e de todos os roteiros que existem manuscriptos na Secretaria do Governo de Matto Grosso.

PUBLICAÇÃO DIRIGIDA POR

JOSÉ COUTO DE MAGALHÃES

E

DR. COUTO DE MAGALHÃES SOBRINHO

EDIÇÃO DEFINITIVA

SÃO PAULO
TYP. A VAP. ESPINDOLA, SIQUEIRA & COMP.-Rua Direita, 10-A
1902

EARTH
SCIENCES

Ao sr. dr. Nelson de Senna,

Cont. Mag.

S. P., 3/1/1903

AO LEITOR

F2566
C88
1902

EARTH
SCIENCES
LIBRARY

924

V

Sai agora a lume, em edição definitiva, a *Viagem ao Araguaya*, do general Couto de Magalhães.

Constitue este livro do illustre brasileiro o segundo volume de suas obras completas que resolvemos editar; o primeiro é o romance *Os Guayanás*, exposto nas livrarias em principios do mez proximo findo.

No prefacio deste ultimo, já fizemos notar que a primeira edição da *Viagem ao Araguaya* foi publicada na capital de Goyaz, em 1863 *(Typographia Provincial)*, quando o seu auctor era presidente daquella provincia.

Em 1889, accedendo a solicitações de amigos, permittiu o general que a *Viagem ao Araguaya*, cuja edição, havia muito, estava exgottada completamente, fosse publicada em folhetins n'*O Federalista*, desta capital, que depois os reuniu em uma brochura mal impressa e inçada de erros:—essa edição não reproduziu da primeira o vocabulario dos dialectos dos *chavantes*, *cherentes*, *carajás* e *caiapós*, traduzido de Martius pelo padre Pio Joaquim Marques, mas foi valorisada, em compensação, pelo capitulo *Do Rio a Goyaz*, que nessa época, em complemento do livro, escreveu o general Couto de Magalhães, e pela reproducção de curioso manuscripto sobre as famosas minas dos *Martyrios*, ou *Araés*.

O general Couto de Magalhães não corrigiu, para essa segunda edição, suas notas de viagem, que elle primitivamente

VI

publicara como as havia escripto, durante sua longa excursão pelos sertões, tendo por mesa, quasi sempre, o banco tosco do barco em que viajava pelo Araguaya, ou alguma canastra, sob a tolda da barraca, e sendo muitas vezes obrigado a largar a penna para empunhar a faca de matto ou a arma de fogo, em defesa contra animaes ferozes.

Por nosso turno, não as alterámos tambem, limitando-nos a corrigir os erros typographicos da ultima edição e a uniformisar, quanto possivel, a orthographia do livro.

O auctor muito propositalmente não quiz rever suas notas de viagem, receando apagar dessas paginas o vivo enthusiasmo com que as traçara no tempo de sua mocidade. O general Couto de Magalhães, com effeito, contava apenas 24 annos de edade, quando, empossado da cadeira presidencial, na provincia de Goyaz, resolveu emprehender essa primeira viagem de exploração aos sertões do Brasil central!

Administrador daquella longinqua e opulenta provincia brasileira, um dos primeiros cuidados do general Couto de Magalhães foi estudar a questão de transportes, que se lhe afigurava de maxima importancia para o futuro de Goyaz. E isso mesmo elle repetiu á assembléa provincial, em 1863, chamando para esse ponto a attenção dos legisladores.

Para escôadouro dos productos da provincia, era a propria Natureza que indicava as vias de transporte:—para o sul, o rio Taquary; para o norte, o Araguaya e o Tocantins.

VII

Depois de aturados estudos a respeito destes dous ultimos rios, chegou o joven administrador á conclusão de que a navegação ao Araguaya era preferivel á do Tocantins, para pôr Goyaz em contacto com os centros commerciaes de Matto Grosso, Pará e Maranhão.

Estabelecendo a navegação no Araguaya, o general Couto de Magalhães tinha em vista, não só facilitar as communicações entre Goyaz e os centros productores das provincias já referidas, como tambem—e esse era o ponto gigantesco do seu patriotico projecto—ligar a foz do Amazonas á do Prata, aproveitando, no sul, para esse fim, a navegação do Taquary.

No capitulo II da parte primeira deste livro—*O Araguaya debaixo do ponto de vista commercial*—o auctor expõe o seu projecto, destruindo as objecções em contrario.

Ao lado desse plano, figurava o da mudança da capital de Goyaz para Santa Leopoldina, á margem do Araguaya, projecto que o general Couto de Magalhães advogou com grande interesse, mostrando as vantagens que dahi adviriam para toda a provincia, confórme explica longamente no capitulo I, intitulado *Mudança da Capital*.

Durante muitos annos, a navegação do Araguaya foi a preoccupação do illustre brasileiro, já na presidencia de Goyaz, já na de Matto Grosso e do Pará.

Essa primeira viagem, de que se occupa neste livro, o general a emprehendeu como presidente da provincia de Goyaz, afim de

pôr em pratica diversas medidas administrativas, taes como: a mudança de fazendeiros para Santa Leopoldina, a abertura da estrada deste ponto para Salinas e a mudança de Salinas de Jamimbú para S. José, á margem do Araguaya. O general percorreu então, com seus companheiros de excursão, nada menos de 176 leguas em 35 dias, não mettendo em linha de conta as diversas explorações que teve de fazer em serras e em lagos.

A *Viagem ao Araguaya*,—elle proprio o diz—foi o prologo de outras que ahi mesmo emprehendeu, em bem da navegação do grande rio. A esses commettimentos o general Couto de Magalhães se refere rapidamente no capitulo que escreveu, em 1889, para complemento deste livro,—*Do Rio a Goyaz*—com o qual abrimos a presente edição. Dessas viagens arrojadas, em que mais de uma vez, exposto a sérios perigos, encarou de frente a morte, o general não deixou, infelizmente, senão documentos e notas avulsas que pretendêmos opportunamente reunir em volume.

O eminente brasileiro revelou-se assim, desde muito cedo, um viajante incançavel e um explorador de rara energia.

Sob esse duplo aspecto, vejamol-o através das paginas que o seu prezado amigo e notavel escriptor dr. Affonso Celso traçou, em dezembro de 1898, na *Revista* do Archivo Publico Mineiro:

IX

O VIAJANTE.—Ninguem, entre os contemporaneos, viajou tanto como elle pelo Brasil. A sua primeira grande viagem effectuou-se em 1862, quando foi tomar posse da presidencia de Goyaz. Seguiu do Rio para Diamantina, e, partindo dahi, atravessando Gouveia, Curvello, o sertão do S. Francisco, Patrocinio, Bagagem, o rio Paranahyba, Catalão (onde encontrou Bernardo Guimarães como juiz municipal, ganhando 50$000 por mez), Bomfim, Curralinho, chegou á capital daquella provincia, após um percurso de quatrocentas leguas a cavallo, transpondo importantes cursos d'agua em canôa ou a vau. Dous annos mais tarde, vindo da presidencia do Pará, chegava ainda a Goyaz, com oitocentas leguas de caminho, seguiu para Cuyabá e dalli para Corumbá, como presidente de Matto Grosso e commandante em chefe das forças que expelliram os paraguayos do sólo brasileiro.

Percorreu então innumeras vezes, como elle proprio narra, as immensas solidões dessa região, ora a cavallo, ora em vapor, ora em escaler, ora na ligeira canôa do indio guató, para poder andar em logares mais invios e menos expostos ás balas, ou á vigilancia do inimigo.

Por isso, elle affirmava que as suas excursões pelo interior do Brasil não eram inferiores ás do Anhanguéra, o descobridor de Goyaz e Matto Grosso. Taes viagens resumia-as, a traços longos, no seguinte :—diversas vezes, sahindo do Rio, seguindo por Minas até Goyaz e dalli, descendo os rios Vermelho, Araguaya e Tocantins, chegou á capital do Pará ; outras vezes, sahindo do Rio, atravessando S. Paulo, Minas, Goyaz, Matto Grosso, a Republica do Paraguay, a Argentina e o Uruguay, regressou ao mesmo Rio.

Juntem-se a isto varias viagens á Europa, onde, de uma feita, residiu quatro annos em Londres. Na Africa, conheceu Argel, donde, em 1892, convalescente de triste enfermidade, mandou curiosas cartas descriptivas para o *Jornal do Commercio*.

Dos homens vivos no seu tempo,—escreveu elle com razão,—nacionaes ou extrangeiros, foi o que mais viajou a nossa terra e um dos que mais viram a humanidade na paz e na guerra, na fome e na peste, na lucta mais apertada pela vida.

X

«Desde o indio nú e anthropophago do Araguaya, desde o soldado enfurecido com o sangue dos combates, até á sociedade mais aristocratica e culta do *West-end* de Londres, quantos e quantos milhares de situações e caracteres não têm sido postos deante de meus olhos?!»

Viajava lentamente, colhendo factos e observações, adquirindo conhecimentos scientificos e praticos sobre todos os assumptos. Levava vida de perfeito sertanejo, adoptando, para melhor assimilal-os, os costumes dos vaqueiros, pescando, caçando, mettido em pantanos ou florestas alagadas, affrontando animaes ferozes e os temiveis mosquitos do baixo Paraguay. Muitos de seus companheiros nessas excursões morreram de febres e desastres.

Quando presidente do Pará, subiu o rio Tocantins em vapor que adréde mandara construir e, explorando um canal denominado *Inferno*, naufragou, perecendo afogados varios tripulantes.

Salvou-se Couto a nado, depois de luctar tres horas entre a vida e a morte. As folhas da época referiram minuciosamente o successo, do qual numa pedra da cachoeira se gravou, por ordem delle, succinta noticia.

As noções e os dados assim colligidos, estampou-os em valiosos escriptos e transbordavam da sua encantadora conversação.

Viajante emerito, a Couto de Magalhães cabe a fama dos Levingstone e dos Stanley, sufficiente para perpetuar o seu nome.

O EXPLORADOR.—Deve-se a elle a primeira exploração do rio Araguaya, feita por profissional, missão que, como presidente de Goyaz, confiou ao engenheiro Vallée, o qual a desempenhou de modo satisfactorio, apresentando a planta daquelle rio e a do Tocantins.

Estabelecer facil caminho fluvial entre Matto Grosso, Goyaz e Pará; communicar a bacia do Prata com a do Amazonas, realisando um pensamento do marquez de Pombal, completando tentativas dos jesuitas,—constituiu pertinaz projecto de Couto, que, após seis annos de esforços, vencendo fortes resistencias de todo genero, conseguiu o seu fim.

XI

Formaria um volume a historia detalhada do emprehendimento.

Couto de Magalhães rivalisa ahi com o mais arrojado *yankee* na tenacidade, decisão, iniciativa, coragem, fertilidade de recursos.

Em 1866, no Pará, obteve, a custo, do governo geral credito para mandar desobstruir as cachoeiras do Araguaya; encommendou na Inglaterra um navio proprio para quebrar rochedos abaixo do nivel d'agua; mandou rasgar canaes; preparou com paciencia o material necessario para superar cachoeiras; instruiu o pessoal destinado a guarnecer as embarcações exploradoras; decretou, mediante auctorisação solicitada da assembléa provincial, premios para fomentar a pequena navegação; discutiu proficientemente a exequibilidade de seus planos, ora em memoriaes ao Parlamento, pedindo subvenção, ora em officios á praça de commercio de Belém, documentos (constante o ultimo do *Diario Official*, de 29 de outubro de 1886), em que expõe a materia de fórma notavel, com preciosa abundancia de informações geographicas, financeiras e commerciaes.

Por fim, apromptou dous vapores consagrados a navegar o Tocantins e o Araguaya; e como a sua presença seria vantajosa á direcção e animação dos trabalhos preparatorios da transposição das corredeiras, alcançou permissão de embarcar no navio iniciador. Era um tentamen perigosissimo. O vapor estava arriscado a quebrar as machinas, abalroar em pedras occultas, sossobrar a cada minuto. Couto de Magalhães tudo previra, ordenando que só se ultimasse o preparo de um dos navios, afim de que, em caso de catastrophe, restasse o outro. Providenciou até para que, se as cachoeiras estorvassem inteiramente a passagem, o barco fosse desmontado, conduzido assim por terra e montado de novo mais acima.

O relatorio da Agricultura de 1867 rende homenagem ás extraordinarias faculdades de acção que elle então patenteou. No officio com que, antes de partir para a exploração, transferiu a presidencia ao vice-presidente, consignou estas alevantadas phrases:

«Vou tentar a passagem do vapor através das cachoeiras do Tocantins e Araguaya, se agora estiverem em

ponto que me pareça isto possivel. Para o bom exito desta experiencia tem-se preparado largamente tudo quanto é possivel preparar com os meios de que se dispõe; infelizmente, porém, a previdencia humana não é sufficiente para garantir o successo dessa causa e só Deus, a quem a confio, póde fazer com que ella seja propicia.»

Não permittiu Deus que esta vez lograsse resultado o commettimento. Só em 1868, presidindo Matto Grosso, deu Couto definitivamente o primeiro e mais consideravel passo para unir pelo interior a foz do Amazonas á do Rio da Prata.

Teve para isso de arcar com obices peiores que os dos seis annos anteriores, desajudado da imprensa nacional, que qualificava o projecto de loucura e utopia.

Basta dizer que comprou, mandou desarmar e levar por terra até ao Araguaya um vapor que se achava no rio Paraguay.

O transporte effectuou-se em 16 carros, que conduziam em caixas, além do vapor desmanchado, tornos, forjas, todo o material de uma officina para armal-o e fazel-o funccionar regularmente, ferramenta adequada a reparal-o, fundir ferro e bronze das peças da machina que se deteriorassem, —objectos enviados não só de Cuyabá, como do Pará e Goyaz, de cujas administrações os requisitara. Imagine-se a somma de trabalho que isto importou!

A viagem dos carros foi de cem leguas, através de bravio sertão, desprovido de tudo. Eram elles escoltados por 20 praças, com machados e enxadas, a abrirem picadas, construirem pontilhões, á medida que avançavam. Varios ficaram pelo caminho, prostrados de fadiga, ou victimas das sezões. Houve desintelligencia entre os chefes, mallogrando-se quasi a expedição. Não cessavam os jornaes de vaticinar que os restos do infeliz vapor seriam, afinal, abandonados e se perderiam no deserto intransitavel.

Couto sobrepujou todas as contrariedades com serenidade e firmeza. Merecem attenta leitura, como exemplos do quanto alcança a força de vontade, os officios, contendo importantes dados historicos, geographicos e estatisticos, nos quaes elle participa ao Ministerio da Marinha e ao da Agricultura o que havia realisado. Trazem a data de 25 e

XIII

29 de maio de 1868, redigido este ultimo no pouso defronte da foz do rio Vermelho, e constam do relatorio da Agricultura, bem como do *Jornal do Commercio*, de 14 de agosto do mesmo anno.

Installou-se a officina em pleno sertão, armou-se o vapor,—calcule-se com que labor! Couto lá foi em pessoa inaugurar a navegação do Araguaya. Nos citados officios, descreve elle com eloquencia o seu enthusiasmo e satisfacção ao ver aquelle primeiro agente da industria e do commercio acordando o gigantesco rio e as magnificas regiões visinhas do somno em que as trazia o deserto.

A 28 de maio, depois da bençam do navio, effectuou-se a inauguração solemne, em presença do presidente de Goyaz e outros altos funccionarios. Couto mandou gravar, num rochedo da grande cachoeira ahi existente e em lingua tupi, a falada pelos canoeiros, a seguinte inscripção:

«Sob os auspicios do Sr. D. Pedro II, passou um vapor da bacia do Prata para a do Amazonas, e veiu chamar á civilisação e ao commercio os esplendidos sertões do Araguaya, com mais de 20 tribus selvagens, no anno de 1868.»

Percorreu o vapor 35 leguas do rio. Tencionava Couto explorar por si proprio todo o Araguaya e seus principaes affluentes. Não lh'o consentiram os trabalhos da guerra paraguaya, a que, simultaneamente com estes, se applicava. Seu principal objectivo, promovendo então a navegação do Araguaya e do Tocantins, fôra mandar vir do Pará, por via fluvial, as munições que o inimigo impedia subissem pelo rio Paraguay. Cogitou até o governo em enviar dessa maneira monitores que, desmontados no trajecto por terra. atacassem inopinadamente as forças de Lopes pelas costas,

Vai em seguida a acta do acontecimento, extrahida do livro *Navegação interior do Brasil*, do general Eduardo José de Moraes.

E' fóra de duvida que a Couto de Magalhães compete a honrosa primazia de ter iniciado a navegação a vapor no *plateau* central da America do Sul.

XIV

Auto da inauguração da navegação a vapor do rio Araguaya

Aos 28 dias do mez de maio do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1868, 47.º da Independencia do Imperio, á margem esquerda do rio Araguaya e a trinta leguas da capital de Goyaz, reuniram-se o exmo. sr. dr. José Vieira Couto de Magalhães, presidente que foi desta provincia e por ella eleito deputado á assembléa geral legislativa, actualmente presidente da provincia de Matto Grosso, e o exmo. sr. desembargador dr. João Bonifacio Gomes de Siqueira, 1.º vice-presidente da de Goyaz, em exercicio, com muitos funccionarios publicos e grande numero de outros cidadãos que concorreram para o fim de assistirem á ceremonia religiosa da bençam do vapor *Araguay-nerú-assú* e á inauguração da navegação a vapor no rio Araguaya, em consequencia de o haver communicado o mesmo exmo. sr. presidente da provincia de Matto Grosso ao desta provincia, que dirigiu convites e fez publico este facto da mais subida importancia para o engrandecimento e prosperidade da provincia de Goyaz. E achando-se surto no porto, em frente á foz do rio Vermelho, o mencionado vapor, de que é commandante o capitão de fragata commendador Balduino José Ferreira de Aguiar, recolheram-se a bordo os exmos. srs. presidentes das provincias de Matto Grosso e de Goyaz, acompanhados dos srs. dr. Theodoro Rodrigues de Moraes, 3.º vice-presidente; dr. Frederico Dabney de Avellar Brotéro, chefe de policia da provincia; dr. João Luiz de Araujo Oliveira Lobo, inspector geral dos presidios; Antonio Honorio Ferreira, inspector da Thesouraria de Fazenda de Goyaz; dr. Joaquim Rodrigues de Moraes Jardim, engenheiro; capitão Luiz Gonçalves de Lima, engenheiro constructor; dr. João Thomaz de Carvalhaes, 1.º cirurgião do exercito; muitos outros funccionarios publicos e pessoas importantes. Em seguida, precedendo os necessarios exames e reconhecimentos, teve logar a ceremonia religiosa do vapor, até então chamado *Araguay-nerú-assú*, officiando o rvmo. B. da Costa e Oliveira, capellão do presidio Leopoldina, tendo-se antes assentado em mudar-se o nome do mesmo vapor, que se passou a chamar *Araguaya*. Terminado o acto religioso, ergueram-se vivas á religião do Estado, a Sua Majestade o Im-

perador, ao governo imperial, aos exmos. srs. ministro da Marinha, conselheiro Affonso Celso de Assis Figueiredo, e ministro da Agricultura, conselheiro Manoel Pinto de Souza Dantas, e, finalmente, ao progresso da navegação a vapor no interior do Imperio. Logo depois, o vapor suspendeu o ferro, largou do porto em direitura á margem opposta, atravessou o rio Araguaya, cruzou em differentes direcções ao som do hymno nacional, subiu o rio Vermelho e, voltando ao ancoradouro, foi solemnemente proclamado achar-se installada a navegação a vapor do rio Araguaya, acto este que foi saudado enthusiasticamente por todas as pessoas que assistiam de bordó e das praias. Então, o exmo. sr. desembargador João Bonifacio Gomes de Siqueira levantou vivas ao exmo. sr. dr. José Vieira Couto de Magalhães, a quem se deve a reanimação da navegação do Araguaya e seus affluentes, a iniciativa da navegação a vapor, que sustentou com tanta constancia e sacrificios, e acabava de ser realisada, a despeito de todos os obstaculos e contrariedades, a que sempre se mostrou superior. O exmo. sr. dr. Couto foi saudado e cumprimentado por todos, por tão alto feito, recebendo as mais vivas demonstrações de gratidão e reconhecimento. Assim terminou a ceremonia da inauguração da navegação a vapor no rio Araguaya; e de tudo, para memoria, se lavrou o presente auto, que vai por todos assignado e de que se extrahiram seis cópias, para serem remettidas, a saber: duas, aos exmos. srs. conselheiros ministros da Marinha e Agricultura; duas, para a secretaria do governo da provincia de Matto Grosso e á Camara Municipal da capital da mesma e, finalmente, duas para as mesmas repartições de Goyaz.—*Antonio Honorio Ferreira*, o escrevi.—*Dr. José Vieira Couto de Magalhães—Dr. João Bonifacio Gomes de Siqueira—Theodoro Rodrigues de Moraes —Frederico Dabney de Avellar Brotéro—Dr. João de Araujo Oliveira Lobo—Antonio Honorio Ferreira—Joaquim Rodrigues de Moraes Jardim—Luiz Gonçalves de Lima—João Thomaz Carvalhaes.*—CONFERE:—*Antonio Honorio Ferreira.*

*
* *

XVI

O sr. Octaviano Esselin, zeloso secretario da Associação Commercial de S. Paulo e ex-praticante de machinista no Araguaya, dirigiu ao primeiro dos signatarios destas linhas a seguinte carta, que publicamos com prazer:

Sr. Dr. Couto de Magalhães—Alegrei-me tanto com a noticia do *Diario Popular*, da reedição da *Viagem ao Araguaya*, do inolvidavel general Couto de Magalhães, que não pude resistir ao desejo de communicar-lhe, por escripto, as minhas impressões pelo facto, que, se verdadeiro, considero auspicioso, senão para a historia, ao menos porque me offerece o ensejo de escrever-lhe estas linhas.

E tanto mais fortes são as minhas impressões, quanto são ellas, infelizmente, de natureza dolorosa: de grandes saudades e muita tristeza.

Releve-me, sr. dr. Couto de Magalhães, o enternecimento.

Que outro sentimento podia eu ter ao saber que o sr. e seu primo iam reviver paginas amarellecidas e esquecidas pelo tempo, mas vibrantes ainda de mocidade e patriotismo; paginas escriptas por brasileiro dos mais illustres, de uma geração quasi desapparecida; paginas impressas e formando o primeiro livro publicado na minha terra, descrevendo o auctor com as côres mais deslumbrantes as bellezas do majestoso Araguaya e apontando, como Moysés ao povo hebreu, aquella grande arteria do colossal continente brasileiro como a Terra da Promissão do povo goyano.

E como não ter saudades pungentissimas de tudo o que dizem essas paginas eloquentes, se foram por mim lidas com avidez na minha juventude, se conheço os logares ahi minuciosamente descriptos e conheci os que existiram nesse tempo—até esse cão fiel chamado *Navio*, que á pôpa da montaria ia sendo victima de enorme e voraz jacaré, confórme escreveu com tanta expressão o general Couto de Magalhães: —«quando elle pensava apertar em sua queixada monstruosa o corpo palpitante do nobre animal, uma bala certeira interrompeu-lhe a carreira e o sepultou no abysmo».

XVII

E como não ter saudades dolorosas desse passado não mui remoto, pois sou contemporaneo, se elle não se parece nada com o presente, pelo menos na existencia de homens illustres e intrepidos, que não se arreceavam de internar-se varejando interminos e invios sertões, vencendo mil obstaculos materiaes, affrontando os mais serios e temerosos perigos, luctando em guerra com o arguto gentio, tudo por amor do engrandecimento do paiz, na resolução do grande problema da catechese dos indios e da navegação ligada pelo interior, do Prata ao Amazonas?

Faço aqui, com as devidas homenagens, honrosa excepção ao preclarissimo monsenhor Claro Monteiro de Mello e á tão illustre quão temeraria professora D. Leolina de Figueiredo Daltro, um victimado, e outra escapa milagrosamente, e ambos no meio do caminho da missão evangelisadora.

Monsenhor Claro encontrou a morte nos sertões de S. Paulo, entre os indios do Aguapehy; e D. Leolina, bahiana, desprotegida, tudo soffreu nas mais longinquas paragens do rio do Somno, na quasi bifurcação do Tocantins e Araguaya, no Estado de Goyaz.

As arrojadas excursões, as longas e temerosas viagens de hoje são feitas nos vapores do *Lloyd Brasileiro* e nos *wagons-lits* dos nocturnos da Central, com um perigo unico apenas:—o dos batedores de carteira.

*

Dos que a historia registra que viajaram e trabalharam pela navegação do Araguaya:—capitão-general D. João Manoel de Menezes, que por ordem do Marquez de Pombal subiu do Pará até onde pudesse subir e chegou ao logar em que está a ponte do Carmo, da cidade de Goyaz; Conde de Castelnau; o Bispo D. Joaquim Gonçalves de Azevedo, mais tarde Arcebispo da Bahia; dr. Antonio Florencio Pereira do Lago, chefe de uma commissão scientifica e cujo relatorio é uma descripção magistral da navegabilidade do Araguaya; dr. Joaquim de Almeida Leite de Moraes, ex-presidente de Goyaz e lente da Academia de S. Paulo, cujas impressões gravou brilhantemente no seu livro *Apontamentos de viagem*, e outros de que ora não me lembro;

XVIII

— nenhum descreveu melhor, nem prestou tantos e tão reaes serviços á catechese e á navegação no Araguaya como o general Couto de Magalhães, que, pelas incessantes travessias sertanejas, foi, com muita propriedade e incontestavel justiça, appellidado o *Levingstone brasileiro*.

Tão profundas e sinceras foram as impressões do general Couto de Magalhães pelo Araguaya, das bellezas, das riquezas naturaes e do futuro promissor daquella extensa via fluvial, que elle descreve com tanta elevação nessa *Viagem*, que, contando apenas 24 annos de edade, graduado doutor em Direito, falando correctamente o francez e o inglez, possuindo regular fortuna, podendo gosal-a em qualquer parte do mundo civilisado, não lhe faltando até para isto os elementos officiaes, pois governavam os seus mais intimos amigos; offerecendo-lhe o governo imperial outra presidencia—a de Minas, ou Pará—, escolheu esta, preterindo a de sua terra natal—Minas, onde poderia ostentar legitimamente a sua justa vaidade de moço, se a tivesse. Mas não! Preferiu provincia estránha, talvez de mais responsabilidade governamental, só para ficar mais perto possivel do já então *seu* Araguaya.

Em Belém, a poucos dias de viagem da confluencia desse grande rio com outro de egual, senão maior grandeza, o Tocantins, e não obstante as agitações e difficuldades surgidas com a guerra do Paraguay, ainda assim achou meios de nutrir vigorosamente as preoccupações do seu espirito; já pelas novas excursões áquellas paragens, já pelos estudos de gabinete, poude, afinal, preparar-se para enfrentar resolutamente o magno problema da navegação conjuncta do Araguaya e Tocantins.

Quiz o destino ou a bôa estrella do general Couto de Magalhães que a provincia de Matto-Grosso, a mais exposta ás vicissitudes da guerra do Paraguay, precisasse de um presidente, como elle, que reunisse em si as qualidades já demonstradas e indispensaveis na triste emergencia: a do talento, da energia e da bravura, pois tinha de exercer cumulativamente as funcções, antes separadas, de presidente e commandante das armas.

XIX

Ahi, nessa presidencia, em que prestou os mais relevantes serviços á Patria, entre elles talvez o mais notavel —o glorioso feito militar da tomada de Corumbá—que commandou em chefe e lhe valeu mais tarde, como confirmação, as honras de general, ainda não se esqueceu, antes parece avivaram-se-lhe no espirito as preoccupações da navegação do *seu* Araguaya, na fronteira léste e a cem leguas da séde de seu governo.

Deante dos innumeros e visiveis obstaculos para a navegação a vapor sonhada, obstaculos medidos ou avaliados com meticulosa precisão pelos mais praticos e *vaqueanos* sertanejos, para demonstrarem a impraticabilidade do commettimento por qualquer lado que elle fosse tentado—de Matto Grosso, de Goyaz ou do Pará; essa navegação, os meios de tornal-a uma realidade, os seus resultados maravilhosos pela maneira por que o general Couto de Magalhães a imaginava e descrevia, já creavam no animo dos que de tudo duvidam a suspeita de uma obsessão!

•

Terminada a guerra no territorio de Matto-Grosso, com a retirada dos paraguayos, depois da tomada de Corumbá e do combate do rio Apa, começam os titanicos esforços desse patriota, que, não tendo compleição robusta, era, todavia, de uma extraordinaria resistencia contra as intemperies e as exigencias da vida; não se queixava de frio, quando muitas horas debaixo de chuva; nem de fome, depois de um dia inteiro de trabalhosa caçada, pescaria ou qualquer outra occupação, tendo como unico alimento uma chicara de café, ingerida de madrugada.

Ainda achava forças para estudos.

A sua temeridade deante dos maiores perigos, como o de um naufragio, de uma féra ou de uma cachoeira, constituia-o um homem singular de resistencia e vibratibilidade, só comparavel a uma peça de aço.

Preciso era mesmo que me detivesse na descripção minuciosa do temperamento do homem erudito, transformado no mais completo sertanejo, dos que mais o fossem, para bem se comprehender tudo quanto de grandioso e arriscado

XX

praticou elle ainda posteriormente á tomada de Corumbá, durante e depois da brilhante presidencia de Matto-Grosso, e tudo em prol da realisação de seu almejado *desideratum* —a navegação a vapor do Araguaya.

Julgando o general Couto de Magalhães dispensavel, depois do feito de Corumbá, a presença, no rio Cuyabá, do vapor de guerra *Antonio João*, obteve auctorisação do governo imperial para desarmar completamente esse vapor e fêl-o transportar em peças portateis, em cento e tantos carros de bois, por cento e tantas leguas de territorios inhospitos, até ao porto de *Itacaiú*, á margem direita do rio Grande, ou Alto-Araguaya, a cem leguas de Cuyabá e a cincoenta da capital de Goyaz.

Nesse porto, que se ficou logo chamando *Colonia do Itacaiú*, centro de apreciavel movimento, pelo accumulo de militares, operarios, carreiros, camaradas e mais população adventicia, teve começo sem demora a reconstrucção do vapor, sob a direcção technica do capitão de mar e guerra, commendador Balduino José Ferreira de Aguiar, do primeiro tenente Peixoto (o *Peixotinho*, como lhe chamavam), do machinista Felisberto Newzun, auxiliados pelos operarios e soldados de linha do commando do capitão Lima.

O medico militar dr. Thomaz Carvalhal, por fortuna sua e de sua numerosa e distincta familia e dos seus não menos numerosos amigos, ainda vive em Santos, vigoroso, clinicando com felicidade e disposto (não sei se ainda o estará, pois faz muito tempo que m'o disse) a ir outra vez a Itacaiú.

Foi obra de poucos mezes o trabalho de pôr-se o navio em completo estado de navegar e de inaugurar-se o serviço de navegação, o qual se effectuou no correr do anno de 1868, no presidio militar de Leopoldina, a quarenta leguas abaixo de Itacaiú, do lado e a vinte e oito leguas da capital de Goyaz.

Essa inauguração foi facto de grande importancia pela solemnidade de que se revestiu com a presença dos dous presidentes: general Couto de Magalhães—de Matto-Grosso, e desembargador João Bonifacio Gomes de Siqueira—de

XXI

Goyaz, este acompanhado do funccionalismo official o mais graduado.

Era justa a alegria do povo goyano pelos écos ruidosos das festas da civilisação, que bem vivos e sonorosos lhe chegavam aos ouvidos, porque exprimiam um principio de realidade das esperanças que aquelle povo nutriu, por quasi um seculo, da franca navegação a vapor do Araguaya.

Da ligação, por tal meio rapida, com o Pará, esse grande emporio, e, portanto, da abertura de uma tão extensa e economica via de communicação, por onde pudesse expandir a sua estreita vida commercial, havia mesmo muita razão para a alegria do povo goyano naquelle tempo.

Como brasileiro, e muito particularmente como goyano, que deve uma parcella de gratidão ao general Couto de Magalhães pelos serviços prestados ao seu paiz, sinto justo orgulho em rememorar tão grande feito, como o da historia do vapor *Araguaya*, porque ella é, depois da guerra do Paraguay, a de maior *tour de force* praticado na America do Sul.

Esse vapor teve na inauguração o nome de *Araguaya-nerú-assú*; não sei, porém, por que motivo, pouco tempo depois, esse nome foi simplificado para *Araguaya*, pela suppressão dos termos indigenas *nerú-assú*.

*

Aqui podia o general Couto de Magalhães repetir com o bardo luzitano:

Eu desta gloria fico contente....
Por ter amado a minha patria e a minha gente,

e descançar sobre os virentes louros colhidos na sua brilhante carreira; mas não julgou chegada ainda a occasião de tal fazer, antes redobrou de forças para levar por deante, de triumpho em triumpho, até ao extremo, a arrojada e grandiosa empresa, que espontanea e deliberadamente tomou sobre os hombros, da inteira e positiva navegação do Araguaya.

XXII

Estabelecida por elle a séde do serviço em Leopoldina, volta a Cuyabá, entrega o governo a quem de direito e regressa a Leopoldina. Dahi desce ao Pará.

Coincidiu a sua chegada em Belém com o facto auspicioso para a historia da Egreja e da navegação: a sagração do venerando bispo de Goyaz, D. Joaquim Gonçalves de Azevedo.

Obtidos da administração daquella provincia todos os elementos pedidos para o regresso e para o augmento do serviço da navegação, taes como um rebocador a vapor, machinistas, tripulação etc., obteve mais o general Couto de Magalhães (naquelles tempos tudo quanto fosse justo era facil obter-se) o que parecia impossivel: obteve que o virtuoso prelado emprehendesse a viagem para a sua Diocese pelo Araguaya!

Era penosissima a viagem, mórmente na secção encachoeirada; pois nas grandes cachoeiras, a leguas distantes umas das outras, como as do *Tauiry* grande e pequeno, *S. Miguel*, *Cachoeira Grande*, *Martyrios*, *Carreira Comprida* etc., as subidas são feitas:—da carga, pela baldeação por terra, até acima da cachoeira; e da embarcação, por meio da *sirga*. A viagem, apesar disso, correu maravilhosamente.

Houve, porém, um incidente digno de tornar-se conhecido pelas suas peripecias, e que dissipou todas as duvidas sobre a franca navegabilidade do baixo Araguaya e Tocantins, e decidiu dos destinos da futura empresa de navegação a vapor.

Foi na *Itaboca*, por ventura a mais temerosa das cachoeiras, pois a sua quéda é de 2 metros, em canal estreito (talvez de menos de 8 vezes da largura do rio); as aguas precipitam-se com um fragor ensurdecedor, e tudo alli offerece um aspecto horroroso.

Depois de achar-se tudo no *manso* (acima da cachoeira), faltava o rebocador, que o general Couto de Magalhães deliberou fazer transpôr a cachoeira com a unica força do vapor, pondo assim em lucta titanica a obra fragil do homem contra a obra forte do Creador!

Tudo preparado, indicando o manometro 80 gráus de pressão, aprôado o navio para o rumo proprio, que se poderia dizer—o da morte, ouviram-se as terriveis palavras

XXIII

do commando: *Adeante..... devagar.....*, e instantes em seguida: *Meia força*, e..... tão depressa quanto póde conceber a imaginação humana..... esta outra: *Toda força!*

Estava travada a lucta! O rebocador, impellido pela impetuosa força que lhe imprimia a machina pelo helice, não andava..... saltava, e tantas vezes avançava, quantas recuava, tal a valentia tambem da corrente!

Houve ligeira trégua, e foi quando o general ordenando: *Pára!....*, e descendo o rebocador um pouco do centro de acção, chamou o machinista Diogo Fortt (se não me tráe a memoria) e determinou-lhe que levantasse a pressão.

—Impossivel! respondeu o machinista.

—Impossivel? perguntou o general, para quem naquelle transe parecia não existir a palavra *impossivel*... Saccando do bolso o seu revólver, apontou-o para o machinista: *Ordeno!* accrescentou, com voz de féra raivosa.

Triste emergencia para o cumprimento de um dever. Era indeclinavel, cumpria obedecer!

Levantada a pressão ordenada ao gráu maximo (100 gráus), que o ponteiro, em tremor, indicava no manometro, e embicado novamente o rebocador contra a corrente, gradualmente aberta a valvula de escape até ao maximo de sahida de vapor..... e desta vez, arfante, e ainda aos saltos, o rebocador transpoz a celebre cachoeira da *Itaboca!*

Deixo-lhe, sr. dr. Couto de Magalhães, a delicia de apreciar o gráu de alegria do general naquella hora em que traçou com seu heroismo mais uma pagina brilhante da Historia patria!

Contavam os que assistiram a esta scena de temeridade que o regosijo, depois, no acampamento, era extraordinario, até no Bispo, em cujos labios aliás sempre viveu um suave sorriso de doçura e de bondade.

Houve festa, em que não faltaram o *catêretê*, os *lundús* repinicados nas violas, de que tanto gostava o general Couto de Magalhães, e no que são insignes os nortistas de Goyaz e de Minas, sem desfazer na maestria tradicional dos bahianos.

XXIV

O rebocador, era justo, recebeu, com a solemnidade possivel na occasião, o nome do grande descobridor da America—Colombo, que ficará sendo assim duas vezes historico.

Não sendo meu fito senão escrever uma ligeira narração relativa á navegação do Araguaya, passarei por alto o resto da viagem até Leopoldina, a entrada do Bispo em Goyaz, que foi festiva, para acompanhar o general Couto de Magalhães no Rio de Janeiro, então seu novo centro efficaz de acção.

Foi tal o apreço dado pelo governo imperial aos denodados esforços do general, que elle, pouco tempo depois, voltou para Goyaz armado como empresario da navegação do Araguaya e Tocantins e director do serviço de catechese nessa região.

O contracto para o serviço de navegação estipulava a respectiva subvenção para o Araguaya e para o baixo Tocantins, séde Pará.

O serviço era dividido em tres secções, sendo duas a vapor; quanto á terceira, a da secção encachoeirada, continuaria ainda por meio dos antigos *botes*, até que se pudesse pôr em pratica um dos diversos planos suggeridos pelos competentes:—desobstrucção das cachoeiras, pelo quebramento das *intaipavas* (filas de pedras que cercam o rio) e construcção de um systema de tracção pelo *talweg* do rio, na hypothese de faltar fundo para o calado dos barcos, as comportas e, finalmente, estrada de ferro marginal, de todos os planos, este, o mais facil e o mais economico.

Começou o serviço da catechese pela creação do Collegio Isabel, para o qual entraram logo uns 20 meninos de ambos os sexos das tribus dos *Chavantes*, *Gorotirés*, *Cayapós*, *Carajás*, *Tapirapés* e 3 da extincta tribu dos *Guajajaras*.

Os paes os entregavam nas aldeias, para esse destino, sem difficuldade, pois poucas palavras trocava com elles o interprete *cadete* Pedro, filho do *capitão Manahô*, chefe da maior aldeia de *Cayapós* (3000 arcos), da ilha do Ba-

XXV

nanal, em frente ao rio das Mortes, certos, talvez, do carinho com que seriam tratados, como de facto o foram, pelos professores capitão Felicissimo do Espirito Santo e sua esposa d. Emerenciana Vicencia de Azevedo, e certos tambem de que os filhos se tornariam mais uteis ás suas aldeias.

Mais bello era de vêr que descrever os magicos effeitos de uma bem comprehendida catechese, tendo por base o interprete; como tribus antes nomades e guerreiras, se tornaram em pouco tempo fornecedoras de combustivel para os vapores, na lenha, em achas, muito bem empilhadas nas praias ou nas barreiras, em pontos de facil embarque, ao pé sempre da aldeia, entretendo assim relações commerciaes e amistosas com os *turys* (christãos).

A acquisição dessa lenha era feita por meio da permuta de calças, camisas, chapéos, machados, foices, facas, canivetes, tesouras, anzóes, linhas de pescar, espelhos (oh! o espelho é objecto de alto apreço para o indio!), fumo, cachimbos, missangas etc., escolhidos á vontade do *capitão* e dados em quantidade, sempre correspondente ao valor das achas recebidas a bordo.

Não tendo as necessidades do homem civilisado, o indio não conhece tambem o valor do dinheiro. Para elle mais vale um anzol de dous vintens que uma nota de 20$000!

Feliz ignorancia, que o põe a salvo dos perigos da sciencia mercantil, de uma cedula falsa e da fallencia!

Outro facto maravilhoso dos fructos da catechese, em mãos de quem, perante Deus, se desfaz abnegadamente de todos os gosos terreaes para dedicar-se em todos os instantes da vida em beneficio dos infelizes, é a *Colonia da Pedra Branca*, no aldeiamento dos *Chambioás*, nas vizinhanças da cachoeira dos Martyrios, a muitas leguas de Santa Maria do Araguaya, fundada e creada pelo illustradissimo franciscano Frei Savino de Rimini, muito conhecido na Bahia como emerito professor e prégador que foi do respectivo Convento.

E' fallecido já ha annos.

Alli, e não eram ainda decorridos tres annos de sua fundação, se viam não poucas casas alinhadas, alvas, solida

XXVI

e elegantemente construidas; havia abundancia do necessario, pois até não pequeno cafezal fôra plantado, e, como requinte do bem estar, até roseiras de variadas especies! Alli reinava, sobretudo, a ordem.

Outra parte do serviço de catechese no Araguaya estava entregue ao venerando Frei Francisco do Monte S. Victo, já muito velho e quasi cego, em Santa Maria, e ao não menos velho, porém mais vigoroso, Frei Segismundo de Taggia, em S. José.

Em meados de 1871, ou porque sua saúde já se resentisse do impaludismo e dos extraordinarios esforços, a que a sujeitou, no intuito de conseguir e estabelecer a navegação, ou porque a Empresa já estivesse funccionando regularmente sob a gerencia de seu primo (um bravo do Paraguay), tenente coronel José Maria Borges, tão desastradamente morto afogado, uma noite, em viagem para Itacaiú, e superintendencia do engenheiro inglez William Buist, mais tarde tambem fallecido desastradamente, mas por suicidio, no Pará, após a experiencia negativa de uma lancha a vapor de seu plano e construida sob sua direcção, —o general Couto de Magalhães, considerando a sua estada em Leopoldina temporariamente desnecessaria, seguiu para o Rio de Janeiro, por via Cuyabá e Rio da Prata, e não mais voltou ao Araguaya!

Augmentada a frota com a addição do vapor *Mineiro*, construido expressamente, com todos os requisitos, para a navegação do Araguaya, até nas baixas das maiores sêccas, o contracto da Empresa foi transferido ao activo e laborioso goyano João José Correia de Moraes, fallecido coronel, annos depois, no Rio de Janeiro.

Daqui, por faltar o braço possante do general Couto de Magalhães, embora as bôas e incontestaveis qualidades do sr. João Correia, póde assignalar-se o inicio da decadencia do serviço de navegação a vapor do Araguaya e da catechese.

Pelos annos de 1887 ou 1888, o sr. João Correia transferiu o seu contracto a uma Companhia norte-americana,

XXVII

que tinha simultaneamente adquirido o famigerado privilegio Cayapó.

Calcúlo, pelo que vejo aqui com a *Light and Power*, que transformação não se teria operado nas regiões auriferas do rio Maranhão e diamantinas do rio Cayapó, e o impulso que teria recebido a navegação do Araguaya e Tocantins, de que aquelles rios são tributarios, nas mãos dos *yankees*.

Mas..... veiu a Republica e cassou tudo: contractos, transferencias, privilegios etc!

*

Surgiu, depois, o sr. Guedes como empresario, e, de posse do material da navegação, fez as viagens do contracto (creio que houve contracto); depois, acabou-se a subvenção, que era de 40 contos annuaes, e não sei se a extincção da navegação a vapor do Araguaya foi declarada por decreto, com exposição de motivos...

O que sei é que o povo goyano, á semelhança do povo hebreu, olhava a principio para os lados do Araguaya e via a columna de fumaça dos vapores que o guiava á Terra da Promissão, e de vez em quando dava, mas em pura perda, umas olhadellas para os lados donde devia ver a fumaça das locomotivas da Mogyana, outra Terra da Promissão.

O que elle vê hoje, com desolação, mas resignadamente, publicado no *Diario Official*, da União, de 23 de junho de 1900 (*), como triste epilogo dessa grande epopéa que se chamou *Navegação do Araguaya*, é o seguinte:

(*) Este jornal contém, para cumulo de contraste, *(risum teneatis!)* 148 nomeações da Guarda Nacional.

EDITAL

Ministerio da Industria, Viação e Obras Publicas

DIRECTORIA GERAL DA INDUSTRIA

Concurrencia para a venda do material da extincta Empresa de Navegação a vapor do Rio Araguaya, no Estado de Goyaz.

De ordem do sr. ministro, faço publico que, a contar desta data até 31 de agosto do corrente anno, se receberão propostas nesta directoria geral e nas delegacias do Thesouro Federal, nos Estados de Goyaz, S. Paulo, Minas Geraes, Maranhão e Pará, para a venda de todo o material da extincta Empresa de Navegação a Vapor do Rio Araguaya, constante da relação annexa.

Os proponentes deverão apresentar suas propostas fechadas, devidamente selladas, datadas e assignadas, até ás 2 horas da tarde do referido dia 31 de agosto, quando serão abertas e lidas na presença dos interessados.

No acto da apresentação da proposta, será exhibido, em separado, o recibo da caução de 300$, préviamente feita, nesta capital, no Thesouro Federal, e nos mencionados Estados, nas respectivas delegacias, para garantir a assignatura do contracto pelo proponente preferido, e, bem assim, a execução do mesmo contracto.

O alludido material é vendido no logar em que se acha no Estado de Goyaz, devendo o proponente preferido pelo Ministerio assignar o contracto dentro de 30 dias do respectivo despacho, sob pena de perda do deposito feito.

. . . . . .

Vapor Araguaya

Machina em bom estado; caldeira velha, porém em estado de servir, obras mortas bastante damnificadas. Apparelhado com todos os pertences para viagem, como sejam gualdrapos, corrente para prisão e ancoras, sineta, lanterna etc. Casco já pódre.

XXIX

Vapor Colombo

Apenas resta o casco, completamente inutilisado, caldeira em estado de poder servir, machina inutilisada

Vapor Mineiro

Casco inutilisado, machina muito estragada, caldeira no mesmo estado, armação de ferro, tambem estragada.

Directoria Geral da Industria, 20 de junho de 1900.— O director-geral interino, *Leandro A. Ribeiro da Costa.*

Digo-me agora, sr. dr. Couto de Magalhães, se tenho ou não razão para grandes saudades e muita tristeza?— Seu compatricio e amigo, OCTAVIANO ESSELIN, *ex-praticante de machinista no Araguaya.*—S. Paulo, 2 de julho de 1902.»

***

E' bastante eloquente a carta do sr. Octaviano Esselin; julgamo-nos, por isso, dispensados de commentar o contristador epilogo da navegação do Araguaya. Entretanto, havemos de voltar ao assumpto, quando tivermos de entregar ao prelo as notas e documentos das outras excursões do general Couto de Magalhães pelos sertões do Brasil central.

S. Paulo, julho de 1902.

Couto de Magalhães Sobrinho

José Couto de Magalhães

DO RIO A GOYAZ

DO RIO A GOYAZ (*)

De Santos ao Zanzallar e a S. Paulo, montado em burro, e outr'ora; o mesmo de S. Paulo ao Rio, comparado com as actuaes monotonas viagens em estradas de ferro; viagem entre S. Paulo e Goyaz, como se fazia; como eu viajei até lá e como tive, depois, de viajar entre o Rio e Matto Grosso durante a guerra do Paraguay. Regiões de florestas, de terrenos metalliferos e de campos dão á provincia de Minas as industrias agricolas, as metalliferas e as pastoris que nella existem. Uma fazenda de criação de gado é das cousas mais risonhas que existem no Brasil; o pastor, ou vaqueiro, tem na caça, na pesca e no gado o necessario para a vida. Os grandes rios transpostos na viagem. Recursos de alimento no sertão, deduzidos da caça e da pesca. No Pará e outras provincias, comem-se jacaré e outros animaes, de que os paulistas e mineiros se mostram mui espantados, e sem razão, porque aqui, antigamente, se comiam *içás*, *tanajuras* (formigas femeas.) Salga de marrecas para mantimento. Tormento resultante dos mosquitos no rio Paraguay. Noticia das caçadas de filhotes de jaburú, tartarugas, peixe-boi e pirarucú para preparação de conservas alimenticias para as grandes viagens. Destruição do peixe no Brasil e em S. Paulo, protegida pelos *espoletas* politicos. Dizem que as onças tambem pescam e caçam. O que fiz para a navegação do Araguaya e como a guerra do Paraguay me auxiliou na fundação da mesma. Como a deixei. Porque é que não corrigi esta edição da *Viagem ao Araguaya.*

Antes de reimprimir a minha primeira *Viagem ao Araguaya*, darei ao leitor uma idéa geral do paiz que fica entre o Rio de Janeiro e Goyaz.

(*) A *Viagem ao Araguaya*, que o *Federalista* publicou em folhetins, foi escripta em 1863, estando exgottada a edição ha muitos annos. Tendo a illustrada administração da folha pe-

Fui nomeado presidente da provincia de Goyaz (que correctamente se deve escrever *Guayás*, como o faziam o Anhanguera e os antigos) em fins de 1862, quando o Marquez d'Olinda, como presidente do conselho de ministros, inaugurou aquella famosa situação de progressistas, em que passaram para os liberaes numerosos e distinctos estadistas conservadores—Zacharias, Nabuco etc.

Em outubro do dito anno de 1862, estando eu a completar 24 annos de edade, parti do Rio para Goyaz, via Diamantina. Digo a minha edade, para explicar o enthusiasmo com que descrevo muitas das scenas da viagem ao Araguaya, scenas que,

---

dido minha permissão para fazer uma nova edição, em proveito do jornal, dei-a com a maior satisfacção, mas com a clausula de que eu não corrigiria nada do que escrevi em 1863, e assim foi ella publicada.

O capitulo que se vai ler em seguida foi escripto agora, para servir como que de complemento aos já publicados.

São recordações do interior, ou sertões de nossa terra,—umas, de costumes e cousas que tendem a desapparecer e que por isso mesmo convém descrever; outras são ligadas á minha vida individual, ou a acontecimentos historicos de que fui o principal auctor—como sejam: a libertação da provincia de Matto Grosso do jugo dos paraguayos e a fundação da nevegação a vapor do Araguaya, no meio do chapadão central da America do Sul.

Até ha algum tempo, o leitor brasileiro interessava-se mais pelas noticias de fóra, do que pelas de nossa terra. Hoje, possuimos já consideravel numero de leitores para as cousas que nos dizem respeito, e disso eu mesmo tenho a prova, pois estão exgottadas as edições dos livros que escrevi sobre *Os Guayanás*, ou fundação de S. Paulo, sobre a primeira revolução que se deu na capitania de Minas Geraes e o que tem por titulo *O Selvagem*, apesar de escriptos ás pressas e, por isso, incorrectos.

Estes factos me fizeram acreditar que as noticias e descripções contidas neste seriam lidas com interesse.

S. Paulo, 14 de maio de 1889.

COUTO DE MAGALHÃES

embora ainda hoje eu as repute bellissimas, como certamente ainda as considero, não acharia no meu sangue de 50 annos o mesmo calor, para gosal-as e metter-me por ellas a dentro, que achei em outra edade, e não teria, pois, a mesma phraseologia para descrevel-as.

A viagem do Rio a Goyaz só por si daria para um bom volume in-4.°, e já foi escripta, entre outros, por Saint Hilaire. Não é isso que vou fazer, e sim, dar ao leitor uma idéa geral da região que separa os dous pontos e, principalmente, do como então se viajava do Rio para o interior.

Então, dirá comsigo o leitor, no curto espaço de vossa existencia já tivestes tempo sufficiente para apreciar mudanças de costumes em materia de viagens?

Ah, leitor, quantas e quantas cousas, mesmo neste S. Paulo, de onde escrevo esta, já vi mudar, desde o tempo em que era rapaz até hoje!

Do Rio para aqui, a distancia era quadrupla, quintupla, ou mais, a contar pelo tempo necessario para transpol-a.

Se se vinha pelo mar, havia uns pessimos vapores, que consumiam ás vezes cinco dias no oceano.

Os hoteis, em Santos, eram então cousa egualmente detestavel.

Tomavam-se ahi animaes—quasi sempre burros—os quaes, cavalgados por imperitos e entregues depois á incuria dos escravos negros, ficavam *manhosos* (esse era o termo) a mais não poder.

Nesses animaes manhosos subia-se a serra—aquellas rampas alcantiladas do *Paranapiacaba*,

muitas vezes por noite velha. Grande parte dos viajantes—estudantes do Rio ou das provincias maritimas, sem pratica alguma de andar a cavallo—não podia supportar de uma assentada a viagem de Santos a S. Paulo, pelo que pornoitava no alto da serra, ou na pousada de um allemão, chamada *Zanzallar*, ou em outra, chamada a do *Rio Grande*, ou ainda em outra, chamada da *Ponte Alta*, de modo que, do Rio de Janeiro a S. Paulo, o que pelo mar se faz hoje em pouco mais de uma noite e um dia, gastavam-se então, e muitas vezes, 5 e 6 dias, repletos de aventuras, peripecias e, quasi sempre, de reaes perigos.

E por terra?

Pois viajava alguem por terra? Expunha-se alguem a andar de 70 a 80 leguas a cavallo, consumindo 14 a 16 dias?

Viajava; não alguns, mas muitos, a saber:

Primeiro:—aquelles que tinham algum negocio a tratar em caminho—Taubaté, Pindamonhangaba, Guaratinguetá, Bananal etc.

Segundo:—os boiadeiros, com suas boiadas para o mercado da Côrte, que já não vão hoje por terra e sim pela estrada de ferro do Rio Verde.

Terceiro:—os muladeiros, que iam vendendo muares para abastecer as centenas de tropas que, de S. Paulo, e da provincia do Rio, transportavam para o Rio o café, que é hoje conduzido pelas estradas de ferro, muladeiros estes que iam egualmente até ao Rio para vender os animaes maiores e parelhados, que alli alcançavam muito maior preço.

Quarto:—os que não tinham dinheiro para pagar a passagem do vapor e que, cavalgando o

burrinho, pousando pelas fazendas, com a nossa tradicional hospitalidade, lá chegavam sem gastar vintem.

Quinto:—o Divino Espirito Santo, o qual, então, como agora, era eminentemente conservador: não embarcava, nem por mar, nem por terra, e viajava, como ainda hoje, nas provincias de São Paulo, Minas, Goyaz, Matto-Grosso e em todo o interior, na figura de pomba de páu, pousada na lança de uma bandeira vermelha carregada por um caipira montado em um burro e acompanhado ordinariamente do seguinte cortejo:—dous tocadores de viola, egualmente montados em burros, um ou dous meninos cantadores, armados um de adufe, outro de um tamborzinho, além de muitos outros voluntarios, que, a pretexto de fazer côrte á terceira pessoa da Santissima Trindade, se lhes iam aggregando de arraial em arraial, de villa em villa, de pouso em pouso, abandonando a comitiva desde que ficavam longe de casa, para serem substituidos por outros, todos com o pretexto, já o disse, de fazer côrte á terceira pessoa da Santissima Trindade, mas, a meu ver, com o fim real de passear, ver as moças do interior, que só se mostram por essas festas, cantar, dançar, beber canninha.... e amar.

E' talvez por isso que ha hoje séria reacção contra o Sr. Divino. As camaras municipaes de S. Paulo, dizem que por solicitações do clero, impuzeram imposto prohibitivo ás taes folias.

Sendo assim, pois, fizeram asneira; se as folias do Espirito Santo davam logar a immoralidades, tambem o dão as festas do mez de Maria e Sagrado Coração, que ninguem se lembrou de supprimir ainda, sendo que as do Espirito Santo ti-

nham a vantagem de ser mais antigas e de enfeixar em sua rude simplicidade a grande collecção de costumes nacionaes, representados pelos cantos populares, pelas danças tambem populares do *catereté*, do *cururú* e outras, que, por assim dizer, resumiam todo divertimento que possuia o povo pobre do interior, e, por isso mesmo, deviam ter sido respeitadas.

Termino aqui esta digressão e prosigo na enumeração dos que faziam a viagem de S. Paulo ao Rio por terra.

Sexto e ultimo:—preferiam a via terrestre todos aquelles que tinham invencivel medo de embarcar, e não eram poucos, e nem o são mesmo no dia de hoje.

Estas seis classes forneciam contingente numeroso ás estradas que ligavam S. Paulo ao Rio, as quaes, como disse, eram de tropa, e, para percorrel-a toda, gastavam-se 14 dias a um mez, passando-se sempre por verdadeiros valles de Josaphat, sobretudo daqui a Santos, pois as estradas alvejavam com as innumeras ossadas de burros, que as orlavam de lado a lado.

Hoje, viaja-se isso, em 13 ou 14 horas, pelo expresso do Norte (é como aqui se chama a linha férrea que de S. Paulo vai ao Rio, sempre em rumo de nascente!)

Se nossos vindouros pudessem viajar com a velocidade da electricidade, essas 13 ou 14 horas pareceriam, em proporção, ainda mais vagarosas do que o mez de que ha pouco falei, pois, se são certas as medições, aquelle agente viaja com tal presteza, que póde transpor distancia egual ao diametro da terra sete vezes, em um segundo, e, por-

tanto, daqui ao Rio, consumiria uma fracção inapreciavel de decimo de segundo!

Entretanto, por mais que façam, essas viagens modernas, que não dão tempo para cousa alguma, com toda sua aristocracia e luxo, têm menos graça, muito menos, do que o burrinho, a chocolateira de café ao chegar ao pouso, as tres varas com o gancho de páu de goyabeira, de onde pendia o caldeirão de feijão, e, depois do jantar—comido com aquelle appetite peculiar a quem viaja a cavallo—quando chegava a noite e que o céo era claro e ameaçava geada, os camaradas se reuniam em torno do fogo, e, de viola na mão, lá cantavam alguma quadrinha, como a seguinte:

Menina dos olhos negros,
Não olhes p'ra mim chorando,
Que esses teus olhos são causa
De meu peito andar penando.

E, ás vezes, a gentil caipira do pouso, quanto sonho bonito não fez surdir na imaginação dos viajantes de outr'ora, que maldiziam a excessiva esquivança com que ella

Foi-se *tinhenhen*, á tôa,
Fugindo de mim em roda,
Dizendo a cada passinho:
—Home! Credo! Que má moda!

Que é que se vê de egual a estas e outras, nas viagens monotonas e desenxabidas das estradas de ferro?

O que ficou dito basta para dar ao leitor idéa geral de como se viajava antigamente, quando eu era rapaz, entre o Rio e S. Paulo.

Agora, entre S. Paulo e Goyaz, a cousa era assim:—seguia-se por Sant'Anna, ou pela Agua Branca, que ficava sendo o primeiro pouso, e, depois, sempre a cavallo, por Jundiahy, Campinas, Mogy *mirim* e *guaçú*, Casa Branca, Batataes e Franca; transpunha-se o rio Paraná *(rio grande)*, no logar chamado Ponte Alta, que de ponte só tinha o nome, pois o que havia era uma barca, isto é, duas canôas velhas, fazendo agua pela prôa e pôpa, jungidas uma a outra, com um assoalho mal juntado, de taboas ringidoras, em cima das quaes se collocavam a bagagem, animaes e a gente, e passava-se o imponente rio, que, mesmo ahi, já é soberbo; seguia-se por Uberaba, transpunha-se o Paranahyba (quer dizer: *rio ruim, ou pestivo)* em Santa Rita, e depois, por Bomfim, *Anicuns*, até á capital de Goyaz. Seguindo esse roteiro, a viagem era, approximadamente, de dous mezes. Nem a metade gastei para ir do Rio a Londres, passando por Dakar, na Africa, e a distancia é talvez 20 vezes maior.

Este é o roteiro de S. Paulo, seguido pelo velho Anhanguera, que descobriu Goyaz e Matto Grosso; não foi, entretanto, o que segui, ao menos na occasião a que agora me refiro; digo nessa occasião, porque quiz o destino, no presente seculo, fosse eu o real representante daquelle meu citado parente, o qual passou, como eu, grande parte de sua vida a peregrinar por esses sertões de S. Paulo, Minas, Goyaz, Matto Grosso e Pará; tambem isso a mim me succedeu, e adeante indicarei quaes as viagens que fiz pelo nosso interior; por agora, quero indicar o roteiro que segui.

Do Rio fui a Petropolis; ahi, tomei a diligencia da *União e Industria*, então o idéal do transporte rapido, e esta levou-me a Barbacena; ahi,

tomei conducção na tropilha de um tal Pinho, que o poderoso sr. senador Visconde de Ouro-Preto, então o simples advogado moço Affonso Celso, a meu pedido, me havia mandado.

Com elle (com o Pinho), segui por Carandahy, Queluz, até Ouro-Preto; dahi, por Mariana, Inficionado, Santa Barbara, Itambé, Conceição e Serro, e cheguei a Diamantina, onde me demorei um mez; dahi, por Gouvêa e Curvello, cheguei ao sertão do rio de S. Francisco, que atravessei na barra do rio Paraopeba; continuando a atravessar esse sertão, sahi em Patrocinio e, pela Bagagem, cheguei ao rio Parnahyba (aliás *Paranahyba*), que transpuz no logar denominado—Porto da Mão de Pau—e no meio desse sertão inhospito me fui encontrar com o nosso poeta Bernardo Guimarães, que para ahi fôra, como juiz municipal do Catalão, ganhando creio que 50$ por mez; do Paranahyba segui por Catalão, onde me encontrei com o novo bispo que ia para Goyaz, e adeante atravessei o divisor entre as aguas do Prata e as do Amazonas, no logar denominado Bom Jardim, tendo antes atravessado um grande confluente da bacia do Prata, chamado Corumbá; á margem desse rio, encontrei os ultimos representantes da familia do citado capitão-mór Bartholomeu Bueno, o celebre Anhanguera, que mencionei ha pouco; dahi, por Bomfim, pela estrada do Matto Grosso e Curralinho, cheguei a Goyaz, por entre cerrações brancas de formosa madrugada, de um dia de que não tomei a data, mas que julgo ter sido ou de dezembro de 1862, ou de janeiro de 1863.

Eram umas boas trezentas e tantas, bem perto de quatrocentas leguas, viajadas a patas de burro.

Por extensa que fosse essa viagem, ella era apenas o prologo das que me reservava o destino. E' assim que, dous annos depois, eu vinha da presidencia do Pará e chegava a esse mesmo Goyaz, com oitocentas leguas de viagem, e seguia para Cuyabá, e dalli para Corumbá, como presidente da provincia de Matto Grosso e commandante em chefe das forças que tinham a graciosa missão de expellir do solo da patria a parte do exercito paraguayo que dominava *Corumbá*, *Albuquerque*, *Coimbra*, toda aquella vasta região, emfim, a que nós chamavamos o *Baixo Paraguay Brasileiro*, e a que os paraguayos denominavam *la provincia del alto Paraguay conquistada*.

Antes que conseguisse, á custa de metralha e bala, contra elles mandadas aos milhões, sob o commando dos generaes Antonio Maria e Balduino, e á custa da morte de tantos bravos, cujos ossos alvejam ainda nas margens desertas do immenso rio; antes que conseguisse arreassem os ditos paraguayos a bandeira deante das armas vencedoras do Brasil, tive de percorrer innumeras vezes todas aquellas vastas solidões, onde, na linguagem de José Basilio da Gama, *ronca ainda o som da irada artilharia*. Essas viagens eram, ora a cavallo, ora em vapor, ora em escaler, ora em canôa nossa, ora na ligeira canôa do indio guató, para poder andar em logares mais invios e menos expostos ás balas ou á vigilancia dos inimigos.

Eis ahi porque eu dizia ao leitor que minhas viagens pelo interior do Brasil não são em nada inferiores ás do Anhanguera e, creio mesmo, lhe são superiores, resumindo-se a largos traços no seguinte: — diversas vezes, sahindo do Rio, seguindo por Minas até Goyaz, e dalli descendo os

rios Vermelho, Araguaya e Tocantins, chegar á capital do Pará; outras vezes, vindo do Rio, atravessar S. Paulo, Minas, Goyaz, a provincia de Matto Grosso, as republicas do Paraguay, Argentina e do Uruguay, e voltar novamente ao Rio. Pelo que, dos homens actualmente vivos, nacionaes ou extrangeiros, este que vos escreve estas linhas, amigo leitor, é o que mais tem viajado a nossa terra e um dos que mais têm visto esta pobre humanidade na paz e na guerra, na peste, na fome, na lucta a mais apertada pela vida, desde o indio nú e anthropophago das solidões do Araguaya, desde o soldado enfurecido com o sangue dos combates, até a sociedade mais aristocratica e culta do *West End* de Londres. Quantos e quantos milhares de situações e caracteres, pois, não têm sido postos deante das lentes de meus pobres olhos? Entretanto, não se passa discussão que eu tenha, sem que algum fedelho ou pimpolho rico—que nunca viu outra cousa mais do que o paiz de sua terrinha, até aonde chegam as estradas de ferro—me não queira dar lições de bom juizo e sagacidade, no julgar os homens e as cousas!

Perdôae-me, leitor, se divaguei.

Prosigamos no que vos ia eu narrando. A provincia de Minas, na região que percorri, entre Barbacena e Diamantina, é toda metallifera. Viaja-se sempre por altos de serras e, portanto, em regiões estereis para a agricultura.

E' a região das cachoeiras e cascatas esplendidas, e, quando a electricidade conseguir converter em calor, para fundir mineraes metallicos, a força colossal dessas cascatas, essa será a mais rica das regiões do mundo.

Actualmente, a industria mineral se limita a pouca cousa, e só se extráem ferro, ouro e diamantes:—ferro em umas 70 ou 80 pequenas fabricas, com fornos catalanicos, combustivel de carvão de madeira e ventilação por agua, em machinas primitivas, porém uteis e praticas, chamadas *trompas;* o ouro extráe-se, ou das areias dos corregos e rios, lavadas em bateias de pau, ou se extráe de minas, para o que havia duas poderosas companhias inglezas: — uma, com a sua principal fabrica, no logar denominado Passagem, proximo a Ouro Preto, e outra, a do Morro Velho, que occupava muitos centos de trabalhadores, proxima á cidade de Sabará e nas aguas do rio das Velhas. A extracção de diamantes fazia-se, então, ou nos terrenos diamantinos da cidade Diamantina, ou nos da Bagagem, e representava, naquelle tempo, a producção annual de cêrca de tres mil contos, que, depois, ficou reduzida, com a concurrencia feita a nossos diamantes pelos muito inferiores, mas muito mais baratos, do Cabo da Boa Esperança, na Africa.

O vasto territorio da provincia de Minas Geraes, transposto nestas viagens, divide-se em tres zonas, que dão tres industrias geraes distinctas, e são: a zona das florestas, ou zona da matta, como lhe chamamos vulgarmente—é a da industria agricola, especialmente do café; as zonas mineralogicas, que dão logar ás industrias, ha pouco mencionadas, de extracção do ouro, ferro e diamantes; e, finalmente, a zona dos campos, que dá logar á industria da criação de gado, principalmente do vaccum e cavallar, da fabricação de queijo, requeijão e manteiga.

Todo o immenso sertão do S. Francisco, comprehendido entre o rio das Velhas e o Paranahyba,

é muitissimo apropriado para a criação do gado vaccum e cavallar, e a industria pastoril, tal qual lá a exercitamos, dá, aos que a ella se entregam, vida muito mais feliz do que a agricola, ou metallifera.

Poucas cousas se podem imaginar neste mundo de mais descuidado, risonho e alegre, do que a vida dos sertanejos, vaqueiros dos sertões do S. Francisco, ou dos sertões de Goyaz e Matto Grosso, ou os da ilha de Marajó, na foz do Amazonas.

O gado dá-lhes em abundancia carne, leite, coalhada, queijo; raras vezes usam de manteiga; plantam á roda da casa um pouco de mandioca, que lhes ministra o pão indispensavel, ou seja feita em farinha, ou assada, ou cozida; plantam egualmente, em roda da casa, touças de canna de assucar, que batem, torcem á mão, e em cujo caldo cozinham o matte, ou congonha, que cresce ao longo de todos os arroios; o peixe e a caça são abundantissimos; fazem roupa com as pelles de bezerro e com algodão que lhes cresce nas roças e que é fiado e tecido pelas mulheres; de modo que, a não ser o boccado de ferro que necessitam comprar em fórma de faca ou freio, tudo mais lhes é fornecido pela natureza, com tão pouço trabalho, que mette inveja a nós outros, civilisados.

Uma das pragas do proprietario de terras no Brasil é a lucta com os vizinhos, por causa da indiscriminação dos respectivos limites; isso se não dá nas fazendas de gado, porque, sendo, como são, vastissimas, ninguem se importa com alguns alqueires de campo; a de meu avô, em que nasci, no municipio de Diamantina, em Minas, tem de circumferencia mais de trinta leguas; o celebre *Jequitinhonha do Campo* nasce nessas nossas terras e, quando as

deixa, já é rio de canôa; em Marajó, o governo tem uma fazenda de gado, que foi dos frades mercenarios, a qual tem 9 leguas em cada uma das 4 faces, ou 36, de circumferencia; dizem-me que o Barão de Antonina tomou posse de campos na provincia do Paraná e lá fundou fazendas com mais de 60 leguas de circumferencia; em Goyaz, ha individuos que possuem dezenas de leguas de campos e nem por isso passam como ricos; o mesmo se dá em Matto Grosso, ou dava-se naquelle tempo; o Barão de Villa Maria, cognominado alli *o menino diabo*, tinha, ou pretendia ter, toda a margem esquerda do rio Mondego, isto é, cêrca de umas 80 leguas de campo.

Nas fazendas de criação do Pará e Matto Grosso, o proprietario não fornece aos vaqueiros outro sustento além de farinha e sal, o que quer dizer que o mais que falta tem de ser fornecido pela caça e pesca.

Para dar ao leitor idéa pratica da fartura que produzem a caça e a pesca nessas regiões, dir-lhe-ei o resultado de um dia meu de caça e pesca, na fazenda Apiahy, ilha de Marajó, provincia do Pará, fazenda que fica nas cabeceiras do grande lago Arary, e que então era propriedade do meu amigo dr. Joaquim José de Assis, actual chefe do partido liberal naquella provincia.

Os caçadores eramos eu e o alferes Maribondo, o mesmo que figura na *Viagem ao Araguaya*, e que era então meu ajudante de ordens no Pará e foi depois um dos heróes da guerra do Paraguay; eramos acompanhados por dous vaqueiros da fazenda, um delles, porém, sem espingarda.

Sahimos pela manhã e voltámos mais ou menos, ao meio-dia, trazendo: uma anta, duas capivaras

quatro bugios, alguns patos do matto, muitas marrecas, jaburús, colheireiros e porção grande de passaros aquaticos. Almoçámos, descançámos, e, das 3 para as 4 da tarde, lançámos ao rio uma rêde e tirámos perto de 800 peixes grandes—tambaquis, pacús, surubyns, pintados etc.

O que caçámos e pescámos dava para sustentar 400 homens, e toda nossa comitiva não excedia de 10 pessoas.

No rio S. Francisco, em Minas, dizem-me que a abundancia de peixe é tambem consideravel. Minha viagem era muito rapida para poder experimental-o. No dia em que o transpuz, que foi, como já disse atraz, na barra do Paraopeba (quer dizer *rio raso*), havia ahi de pouso uns pescadores, que seguraram, á noite, dous grandes surubyns, e foi quanto vi, a não ser uma quantidade enorme de mosquitinhos, tão tenues e pequenos que penetravam pelos furos das meias e que nos não deixaram dormir a noite inteira. Quanto á caça, lá pelos cerradões do rio S. Francisco, deve ser abundantissima.

Foi no meio desses cerradões que vi a primeira das grandes lagôas do interior, e essa que vi deixou-me na memoria imagem que nunca mais se me apagou, pois foi ahi que, tambem pela primeira vez, observei um bando de cervos, ou *sussuaparas*, os quaes, de collo alçado, dispararam a galope, até que se sumiram no hervaçal longinquo das margens oppostas.

Tambem foi nesses cerrados que pela primeira vez vi os nossos lobos grandes, ou *guarás*, e um lindo bando de umas quinze emas, ou avestruzes, que correm com as azas abertas e com tal velocidade, que, dizem, não podem ser alcançadas pelo

galope do melhor cavallo, ainda que estejam em campo limpo.

Dos rios que passámos, os grandes foram: o Parahybuna, poderoso confluente do rio das Velhas, que se transpõe algumas leguas adeante de Diamantina; o dito rio das Velhas, que se passa a dous dias de marcha do precedente, e nelle abunda, no logar da passagem, um peixe, da familia dos salmonides ou caracinos, denominado *matrinchan*, que é excellente para comer-se; depois, o rio S. Francisco, que ahi, na barra do Paraopeba, deve já ter de largura uns duzentos metros e consideravel fundura; além, fazendo a divisa entre as provincias de Minas e Goyaz, o rio Parahyba; além ainda, e já depois de transposta a bacia do S. Francisco e entrado na do Prata, o rio Corumbá, de que já falei atraz.

Nos sertões de S. Francisco, assim como nas partes das provincias de Goyaz, Matto Grosso, Pará e Amazonas, em que floresce a industria do gado, ou as extractivas de borracha, cacau, castanha, salsaparrilha, poaya, pouco ou quasi nada se cultiva o solo, a não ser para plantar banana—*pacova*—como elles lá dizem, e mandioca.

Para o brasileiro que habita as provincias do sul do Imperio, a caça e a pesca são conhecidas apenas como divertimento; para o do norte, ellas exprimem um exercicio indispensavel á existencia, pois dellas depende consideravel parte dos generos com que se alimentam as familias do interior, sejam ellas ricas ou pobres.

Nas fazendas ricas do Pará e Matto Grosso, era muito commum, nesse tempo (pelos annos de 1863 a 1866), haver um homem constantemente empregado na caça e na pesca, para preencher a

parte do abastecimento alimentar que a familia dos senhores da casa necessitava tirar do reino animal.

Tambem nas minhas longas viagens pelo interior de Goyaz, Pará e Matto Grosso, não sendo possivel conduzir alimentos completos para 100 pessoas e por espaço de tempo de 2 mezes, que tanto duravam algumas dellas, longe de todo logar onde era possivel comprar alimentos, eu empregava sempre um certo numero de homens exclusivamente destinados á caça, ou á pesca, e isso por indeclinavel necessidade de nossa alimentação.

O que aqui narro, pois, não é, em grande parte, por ter ouvido, e sim por experiencia propria.

Os animaes que fornecem mais commummente abundancia de alimentação a nossos patricios, os fazendeiros do norte, são:—pacas, caetetús, queixadas, tatús, bugios, jacarés, tartarugas aquaticas e terrestres, antas, capivaras, *sinimbús* (lagartos que andam pelas arvores, e *teyús* (lagartos que andam pelo chão), cutias, porco espinho, ou cuandú, veado, e mucura, raposa, ou gambá (que são tres nomes que indicam o mesmo individuo) etc.

E' provavel que alguns dos meus leitores fizessem cara de engulho quando leram que por lá se come jacaré. Não ha nisso exaggeração; no tempo em que fui presidente do Pará, vendia-se no mercado, por 4$000 e 5$000, um jacaré-tinga, de 3 a 4 palmos de tamanho.

Nesse mesmo tempo, vendiam-se alli, moqueadas, cobras surucucús, que eram para ser comidas como remedio por individuos que tinham maus humores; no mercado do Amazonas, a carne principal que então se vendia era a da tartaruga de agua doce e do peixe-boi, e esta ultima, ou fresca, ou

frita na gordura do mesmo animal e collocada em panellas (á carne assim conservada chamam *mexira*—do verbo tupi identico, que significa *frigir*).

Se alguma de minhas leitoras paulistas se sentir chocada com a noticia de que, no mercado do Pará, se vende jacaré para comer, deixe que eu lhe narre que, quando eu era rapaz, se comia aqui tanajura, ou içá, nas melhores familias, vendida em taboleiros pelas ruas. Mais tarde, só a comiam, em boas familias, ás escondidas, e isso depois que o poeta estudante Julio Amando de Castro, em pleno theatro de gala, pois era um 7 de Setembro, bateu palmas e, no meio de pasmo geral, seguido de gargalhadas dos estudantes, dahi resultando formidavel rôlo, começou a recitar um soneto, que principiava assim:

Comendo içá, comendo cambuquira,
Vive a afamada gente paulistana,
E aquellas a que chamam caipira,
Que parecem não ser da raça humana...

Não poude concluir, que lh'o não consentiu o berreiro de indignação, que se levantou, do coração a guerla dos patriotas; o poeta, porém, salvou o pêlo e a pelle, pois os estudantes que haviam preparado a troça (que eram, aliás, paulistas) tiveram a previdencia de acautelar-lhe a retirada e o esconderijo.

Voltemos á caça.

Para meu paladar, muitas destas cousas são excellentes e, entre ellas, a tal mexira, marrecas, patos salgados e filhoteões de *tuyuyú* (ou *jaburú*, ou cegonha, ou *tabuyayá*, que conservam em barricas.

Não deixam de ser curiosas algumas destas caçadas.

Eu estive em uma fazenda, no centro de Marajó, onde havia um cavallo adestrado na caçada das marrecas e patos selvagens, os quaes são todos extremamente vigilantes e ariscos e não consentem que o caçador se lhes chegue a distancia de tiro.

Esse cavallo tinha aprendido a ir para o logar onde, na lagôa, estavam as marrecas e os patos, de modo que o caçador se lhes approximava, occulto por traz do vulto do cavallo, até distancia conveniente, e, nessa occasião, mostrava-se; as marrecas e patos erguiam o vôo em bando denso, como fazem sempre, e o caçador atirava em meio do bando, com a arma carregada com muito chumbo fino, fazendo nellas consideravel mortandade (pois dizem, por esta fórma, chega-se a matar até 30, de um só tiro; eu, o maior numero que matei de um só tiro, foram 4).

O modo, porém, mais lucrativo de *fazer os barris* de patos e marrecas *(fazer barris* é o termo com que designam estas grandes caçadas), não é a espingarda e sim, o seguinte: ha um certo tempo em que estes palmipedes perdem as pennas grandes das azas, de modo a não poderem voar; quando elles estão nesse estado, os tapuyos do norte dizem que estão *broncos.*

Por essa occasião, os caçadores espreitam o logar em que costumam pastar os grandes bandos; durante a noite, fazem um curral de talos verdes de folhas de coqueiro, bem seguro, dissimulando a entrada com folhas e ramos; a este curral chamam *cahissára.*

Pela madrugada, ao virem as marrecas para a lagôa, os caçadores mettem-se pela agua a dentro, no logar opposto á terra do pasto e onde está o curral, e vão-n'as tangendo, até que entram alli,

onde as fecham e matam aos centos, para as taes salgas.

Ha outro methodo de caçal-as, porém em menor escala, e é:—nas lagôas em que de commum costumam pousar, deixam grandes cabaças, até que as marrecas e os patos se acostumem com as mesmas. Depois que estão affeitas aos taes porungos, ou cabaças, os caçadores vão, pela madrugada, antes de chegar a caça, que só vem para a lagôa aos primeiros clarões do dia, mettem os porungos na cabeça, esperam que as marrecas pousem n'agua e, então, dirigem-se de manso para o bando, com o corpo occulto pela agua e com a cabeça dentro do porungo. Chegando junto delle, vão segurando as marrecas, ou os patos, pelos pés e afundando-os n'agua, onde se afogam, e isso tantas quantas podem as mãos conter.

Outro meio ha de caçar patos selvagens:—espreitando-se a arvore em que se sentam á noite. Fica-se occulto em baixo desta, antes da hora em que costumam elles vir para o poleiro, que é sempre depois do sol entrar e bem ao cerrar da noite, ahi atirando-os. Os patos são muito procurados pelos viajantes, porque andam sempre muito gordos, e são das mais saborosas carnes que se obtêm entre os animaes selvagens.

Veados e pacas caçam-se principalmente com armadilhas e laços, deixando a espingarda armada no logar em que o animal tem de passar e, de tal sorte disposta, que, ao passar, se embaraça em uma corda, que puxa o gatilho, dispara a espingarda e o mata.

O veado caça-se tambem de outros modos, e os mais communs são:—esperal-os do alto de arvores cujas flores estejam cahindo pelo chão, e das

que o veado gosta de comer, como a do *pequi;* ou esperal-os em palanques (em *mutá*, dizem), quando elles vêm comer as folhas de feijão, de que muito gostam, nas roças em que se planta essa leguminosa.

Estar esperando, escondido, um destes animaes para caçal-o, dizem :—*estar de tocaya*, ou *tocayar*. As *tocayas*, ou sejam em *mutás*, ou em arvores em que estejam comendo, não deixam de incommodar, por ser caçada á noite, não se poder conversar, nem fumar, nem mover-se, quási, visto como os animaes são extremamente ariscos. Para fazer esta caçada, passa-se uma noite inteira em claro, mal accommodado, e, por vezes, atormentado de mosquitos.

Já que falo em mosquitos, é justo diga a respeito o que ha, pois é cousa mais importante do que se pensa.

Quando se tem de viajar pelo sertão, pensa-se muito em animaes ferozes, ou peçonhentos, como onças, jacarés grandes, sicurys e cobras; pensa-se egualmente em indios selvagens; ninguem se lembra dos mosquitos, que são, entretanto, inimigos mais terriveis do que todos os outros juntos.

Durante a guerra do Paraguay, quando eu mandei assumir a offensiva contra os que occupavam o baixo Paraguay, fomos forçados a viajar muitos dias por meio de pantanaes, onde havia grande quantidade de onças pintadas e cangussús, cobras—como cascaveis e jararacas, jararacussús e urutús, todos ilhados nos poucos logares seccos onde as nossas forças podiam acampar. O perigo resultante desses animaes ferozes era nada, comparado com o incommodo constante e pertinaz proveniente

de uma especie de murissoca (aliás *merusoca*, que em tupi significa *mosquito chupador*), a que lá, no baixo Paraguay, denominam mosquito branco. Uma onça, ou jacaré, ou sicury, ou cobra venenosa, poucas vezes mata um homem; os mosquitos atacavam todos, aos milhares, aos milhões, e, em certos dias, o incommodo era tal, que não se podia ter um momento de descanço, nem de dia, nem de noite, tornando-se impossivel dormir.

Quem não fosse completamente robusto, não podia resistir á drenagem de força resultante desse incessante supplicio, e a isso principalmente attribuiam os medicos a grande mortalidade dos que adoeciam.

Se o amigo leitor algum dia tiver de viajar pelo interior, nas provincias dos grandes rios, sobretudo, tenha mais cautela em levar mosquiteiros, do que em premunir-se contra outros perigos.

Já que falei em perseguição de insectos e que estou falando de caçadas, devo informar o leitor de que, no interior de S. Paulo e Minas, um dos melhores meios de caçar a anta, em certa época do anno, é o que se chama caçada de mutuca, e que consiste em andar de manso e a observar pelas margens do rio, ou lagôas rasas, nos logares em que as antas abundam, e notar onde estiver esvoaçando uma columna de mutucas, que ahi estará deitada a caça, dentro d'agua; chegue o caçador, escondendo-se pelas arvores que tiver a geito, a distancia de tiro. e repare que de espaço a espaço a anta levantará a cabeça de debaixo d'agua, para tomar folego, e a nuvem de mutucas logo a atacará, até que ella mergulhe outra vez, e assim dão ao caçador optima opportunidade para matar esse animal,

cuja carne, salgada e sêcca ao sol, é um dos bons recursos de que se dispõe nas viagens do interior.

Na Europa, a raça aryana serviu-se, para caçar, do cão e dos falcões.

A mutuca é o unico animal que o indigena aqui poude aproveitar para o auxiliar na caça, a não ser que queiram tambem considerar como tal os urubús; estes, nos campos do interior, com seu esvoaçar, mostram onde estão as carniças, que são o melhor e quasi que o exclusivo meio de caçar onças; neste caso, o caçador põe-se de tocaya em um giráu elevado, proximo á carniça, ou faz armadilha, para, ao vir a onça comer, ser atirada pela espingarda ahi armada.

Esta especie de caçada é desagradavel e tristonha, porque as onças só chegam á carniça, ou por volta da meia noite, ou aos primeiros alvores do dia, e mal o caçador as póde atirar, porque é mais guiado pelo ouvido, do que pela vista; além disso, ás vezes, a onça presente o caçador e, nesse caso, não chega á carniça, começando a rodear, ao longe, a arvore em que elle está trepado, roncando de modo ameaçador.

As caçadas que, nas provincias de que estou falando, dão sufficiente carne para armazenar, são as de marrecas e patos, que já descrevi, as de filhotes de jaburús e as de tartarugas e peixe-boi, entre os animaes, e as de pirarucú, entre os peixes.

Estas cousas merecem uma breve descripção, mesmo porque a civilisação e as estradas de ferro vão marchando com tal volocidade, que é possivel que os nossos netos já não as encontrem; para mostrar que esta previsão não é desarrazoada, direi que, na grammatica tupi do padre José de Anchieta,

elle nos refere, em uma nota, que um dos principaes recursos da alimentação dos indigenas, na costa de Iguape a Santos, era o peixe-boi; hoje, está elle totalmente extincto em nossa costa, e os primeiros que se encontram são talvez a 80 ou 100 leguas já de distancia da capital do Pará, e dentro do Amazonas e Tocantins; o que quer dizer que já foram extinctos em uma extensão de mais de 800 leguas.

Sabe o leitor que, na ornithologia de nossos lagos do Amazonas, possuimos quantidade consideravel de passaros aquaticos, ou da familia das cegonhas ou a ella alliados, quasi todos de grandes dimensões; avultam entre elles o *tuyuyú*, o *jaburú*, o *tabuyayá* e o *maguary*, ou *baguary*. Todos estes constroem ninhos muito conspicuos, porque são muito grandes, por cima de arvores cobertas de cipós, que crescem nas especies de campos que ha nos sangradouros, ou desaguadouros dos lagos, ou alagados, a que chamam *igapós*, na fóz do Amazonas.

Assisti a uma destas caçadas, visitando, uma occasião, a ilha Cavianna, na foz do Amazonas, no tempo em que andava estabelecendo a empreza de navegação a vapor do Marajó, cujos vapores eram meus e do dr. Joaquim José de Assis, mui conhecido aqui.

Depois de varar uma boa extensão de floresta alagada, em uma das canôas a que alli chamam *montaria*, demos em um aberto de matta com apparencia de campo, que teria cêrca de 1 kilometro de largura e 3 a 4 de comprimento; havia uma cidade de ninhos dos taes passaros, e todas as arvores estavam corôadas destes, que faziam enorme algazarra; mesmo do chão viam-se os filhotões em pé nos grandes ninhos, que eram antes estivas, ou

terraços de pau secco, postos pelas copas das arvores.

Como todos elles se nutrissem de peixe e como o zelo dos progenitores trazia maior quantidade de alimento do que, provavelmente, os filhotões podiam ingerir, por baixo das arvores havia muitos peixes em todos os estados de putrefacção, o que empestava extraordinariamente a atmosphera.

A caçada consistia em derribar aquellas arvores, a que se não podia subir; em apanhar os filhotões, que, começando apenas a emplumar, não podiam voar, e, pois, não fugiam. Mortos aos centos, depennados, descabeçados e destripados, eram apertados nas barricas com grande quantidade de sal. O serviço de embarricamento só se fazia de madrugada, porque, dizem os caçadores, feito de dia, arruina a conserva, e é provavel, porque, indo quentes com o calor do sol, deviam apodrecer. Comidos assados, frescos, ou depois de 3 ou 4 dias de salmoura, são deliciosos, apesar de serem extremamente gordos; assemelham-se aos filhotes de pombo, e dizem que na conserva velha são ainda melhores.

Preparadas as barricas que desejam, conduzem-nas para as canôas e dão por terminada a caçada.

A caçada da tartaruga faz-se quando ellas sáem á praia para cavar na areia os buracos em que desovam. A tartaruga pesa ás vezes 2 e 3 arrobas, é animal muito sem agilidade e sem defesa, e, para prendel-o, basta collocal-o de costas sobre a areia, e nessa posição ficará, até morrer, se alguem ou alguma cousa o não virar; sua carne é saborosissima e extremamente saudavel.

Nas épocas de desova, pois, escondem-se os caçadores, á noite, na praia em que ellas têm de

desovar, e na qual sáem ás vezes aos milheiros; vêem as que querem e apanham os ovos, ou para comer, ou para fazer azeite. Assim vão destruindo este precioso alimento, para, em futuro que não está muito longe, gastarem centos, senão milhares de contos, afim de repovoar os rios com este precioso animal, como tem succedido aos francezes, allemães, inglezes e norte-americanos para repovoar seus rios com os peixes que elles destruiram.

O peixe-boi e o pirurucú são pescados a arpão. Ha um meio de destruil-os em porção: consiste em cêrcar, durante a enchente, as pequenas boccas por onde desaguam no Amazonas os lagos em que elles abundam.

Faz-se, então, uma mortandade de milhões de peixes de todos os tamanhos e qualidades, que ficam em secco naquellas vastas regiões de muitos e muitos kilometros quadrados de agua, a qual, escoando-se pelo pequeno canal que tapam, deixa morrer dentro tudo quanto é exclusivamente aquatico.

Neste andar, o Amazonas, que é o mais piscoso dos rios do mundo, não terá peixe algum nestes cincoenta annos. Quando eu fui presidente do Pará, já o peixe, na capital, estava quasi todo destruido pelo timbó, pelos curraes, a que lá chamam *cacurys*, e por outros meios de destruição mais estupida e imprevidente do que jámais foi praticado pelo indio anthropophago, que aqui viveu tantos centos de annos, utilisando-os sem destruil-os.

Neste pretendido civilisado S. Paulo, a cousa ainda é peior. Os rios são pauperrimos de peixe, pois só os possuem quando, pela época da desova, que é de outubro a janeiro, sobem do rio Paraná para aqui.

Como nessas occasiões se vê muito peixe. o vulgo, longe de avaliar que esse é o producto de toda a bacia, e que, uma vez destruido, ficará ella despovoada, como aconteceu nos Estados Unidos, julga que essa quantidade é filha do logar, e, portanto, destróe-a por meio de *paris*, curraes e chiqueiros, que prendem a maior parte, quando estão ainda com a barriga cheia de ovas, e assim destroem por atacado, não só os progenitores, como as gerações por vir.

E' certo que ha uma sábia lei provincial, que prohibe a destruição desse alimento precioso; mas os proprietarios dos taes curraes e paris têm votos, e os chefinhos politicos dos logares do interior, ignorantes e egoistas, preferem a vantagem dos votos actuaes ao bem da futura população de S. Paulo! E... fazem muito bem, que ninguem lhes agradeceria, se andassem direito.

Deixemos estas cousas, que só servem para entristecer, e vamos ás recordações do sertão, que ao menos descançam o espirito.

Será certo que as onças pescam?

Não sei. Quando se viaja em canôa, aguas acima, pelo Amazonas ou Tocantins, vai-se beirando a margem, vendo-se, portanto, todos os pontos da ribanceira.

Umas das difficuldades dessa navegação são os paus de ingá e outros, que, crescendo á flôr d'agua, deitam galhos parallelos á superficie e tão chegados á agua, que não é possivel passar por baixo, tornando-se necessario alargar-se a canôa por fóra, pela correnteza, para se poder dobrar esses cabos artificiaes.

Taes paus, dizem os pilotos do Amazonas (os *jacumahybas*, como lá são chamados) são poleiros

de onça para apanhar peixe. Dizem que as onças se deitam com a barriga cosida aos paus, voltam a cauda para o lado da cabeça, e, com a extremidade della, dão uma pancada n'agua; os peixes, ouvindo o barulho, pensam que é alguma fructa que cái, sobem á tona, a onça pula sobre elles e, com sua conhecida ligeireza, agarra, nada para fóra e devora-os em secco.

E' o que dizem; o que pude averiguar, em muitos desses paus, foi o conservarem os arranhões de unhas de onça, assim como, mais de uma vez, encontrei rastos do animal junto aos troncos; nada mais vi.

Um compadre meu, velho piloto muito conhecido no Pará e de nome Cosme, referiu-me o seguinte, com respeito á pesca de peixe-boi pelas onças.

Quando os rios enchem, descem por elles, ás vezes, verdadeiras ilhas de galharadas e tranqueiras, cobertas de capim e aguapé, e a essas ilhas fluctuantes chamam *camalotes*.

Dizia-me o referido Cosme que, estando de pouso á margem do rio Negro, acima de Manáus, viu uma onça descendo o rio, deitada sobre um destes camalotes e negaceando um peixe-boi, o qual, de quando em quando, punha, como costuma, o focinho fóra d'agua, para ir retouçando o capim do camalote. Como é sabido, o peixe-boi não é peixe, e sim um animal, como o boi ou o cão, que necessita de respirar ar atmospherico em abundancia, para o que põe constantemente o focinho fóra d'agua.

A onça, por fim, deu um pulo sobre a cabeça do peixe, e ambos afundaram. O peixe tem um volume egual ao da onça, mas, como ella é que estava atracada sobre a sua cabeça, era quem respirava

quando o peixe vinha á tona, o que fez duas ou tres vezes; depois, sumiram-se. Dahi a pouco, Cosme viu como que uma onda approximar-se da terra e primeiro surdir a cauda da onça, depois, seu corpo, e afinal, o peixe.

Accrescentava o meu compadre que elle ainda deu um tiro na onça para espantal-a e que, assenhoreando-se do peixe-boi, foi vendel-o em Manaus, sendo dos maiores que viu.

Termino aqui as historias das caçadas industriaes, ou que são methodos para preparar alimentos para as grandes viagens do Amazonas, Tocantins e Araguaya.

Faria um livro util e muito nacional aquelle que quizesse descrever todas as cousas que servem de alimento ao povo brasileiro, com os diversos methodos de procural-as; ahi se reuniriam costumes dos brancos com as artes africanas e indigenas e com infinidade de informações muito mais interessantes do que cousas de Paris, que são as que mais nos occupam. Deve isso ser feito quanto antes, porque os costumes nacionaes estão de tal sorte transformados, que eu, que me não considero velho, comtudo, em muita cousa, pertenço a uma sociedade que já deixou de existir.

A *Viagem ao Araguaya*, que se lê adeante, foi o prologo de muitas outras que por ahi fiz, e, como ella foi emprehendida em bem da navegação, direi em poucas palavras o que succedeu depois.

Em seguida á viagem, fui nomeado presidente da provincia de Minas Geraes. Desci sem pratico, pois os não havia então, os rios Vermelho, Araguaya e Tocantins, e sahi na capital do Pará, perdendo parte de meus companheiros, victimas de febres intermittentes.

Chegando ao Rio, fui nomeado presidente do Pará; regressei para lá, estive quasi dous annos nessa presidencia, mandei construir um vapor, tentei subir com elle o Tocantins, e, estando explorando um canal denominado do Inferno, alli naufraguei; alguns de meus companheiros morreram afogados e eu salvei-me a nado, depois de ter lutado n'agua durante tres horas, entre a vida e a morte; os jornaes do tempo (junho de 1885 ou 86), o do *Commercio* e outros deram longas descripções desse facto e lá ficou gravada em uma pedra da cachoeira a sua narração laconica.

Demittido da presidencia do Pará, vim para o Rio, em época em que a guerra do Paraguay estava no seu periodo mais agudo.

A provincia de Matto Grosso havia sido invadida e, desde a invasão, o baixo Paraguay brasileiro, o que se communicava com a Bolivia, permanecia em poder do inimigo.

Uma revolução collocou á testa do governo da Bolivia o general Melgarejo, e dizia-se que o dictador do Paraguay offerecera a este general a parte da provincia de Matto-Grosso que conquistára a troco dos soccorros da Bolivia; era, pois, a ameaça de uma consideravel complicação.

Nessa occasião, o governo do Brasil estava activando a lucta por todos os meios.

Mandou para o sul o sr. Marquez, depois Duque de Caxias.

Para a Bolivia, afim de aparar o golpe que se receava do general Melgarejo, mandou, como ministro plenipotenciario, um dos mais habeis de nossos diplomatas, o sr. Lopes Netto.

Para desalojar os paraguayos de Matto Grosso e cortar-lhes as communicações com a Bolivia, fui eu escolhido, em falta de melhor, porque todos os nossos generaes validos estavam no sul, empenhados na guerra, e cá só tinhamos os velhos, de todo improprios para fazer a viagem difficillima daqui a Cuyabá, por terra, e os quatro que me antecederam ficaram no caminho, e foram: o sr. coronel Carneiro de Campos, que ficou preso em Assumpção; o sr. general Visconde de Camamú, que morreu creio que sem ter passado além de Campinas; o sr. general Drago, que não passou, creio eu, além de Uberaba; o sr. general Galvão, que morreu no Daboco, se me não falha a memoria, pois estou escrevendo sem documentos, e ha mais de 20 annos de distancia.

Segui para lá, alegre e contente, certo de que, se houvesse rios cheios e sem ponte, eu os passaria a nado; se os bugres me quizessem estorvar, eu os afugentaria a bala... Que é que a gente não imagina na dezena dos 20 aos 30 annos, quando tem bôa saúde?

Effectivamente, fui mais que feliz; em pouco mais de dous mezes, fiz a viagem, e em menos de um anno tinha conseguido derrotar os paraguayos, libertar a provincia e impedir os auxilios que da Bolivia pudessem ir aos paraguayos, como consta dos relatorios dos ministros da Guerra desse tempo.

Que tem isso com o Araguaya, perguntará o leitor ?

Foi o que me solveu a questão da navegação, porque, não podendo eu receber munições pesadas de guerra pelas tropas de terra, mandei-as vir do Pará pelos rios Tocantins e Araguaya; esta viagem

fez com que o governo geral me auctorisasse a mandar desmanchar um vapor para collocal-o alli, o que alcancei, graças á energia de um notavel paulista, filho da Faxina, que lá encontrei, o capitão Antonio Gomes Pinheiro. Este energico sertanista collocou o vapor em 14 carros e metteu-se pela campanha, sem caminho, ou fazendo o caminho á proporção que avançava; assim andou de 80 a 100 leguas.

Mandei de Cuyabá para o Araguaya os operarios necessarios, que armaram o vapor. Em 1870, fui novamente ao Pará; com muito custo e risco, trouxe de lá outro vapor, de nome *Colombo*, e foram inaugurados creio que os primeiros vapores que jámais navegaram em cima do *plateau* central da America do Sul, quer aqui, quer nos outros paizes que a elle chegam.

Ahi terminaram as grandes difficuldades. O que se seguiu foi comparativamente facil. Como proprietario particular, ou como preposto do governo, administrei o serviço por alguns annos, até que se apresentaram outros, que tomaram a si os respectivos contractos de navegação.

Minha opinião, hoje, com respeito a essa navegação, é que ella nunca será cousa regular, emquanto a estrada de ferro da Companhia Mogyana não chegar ás aguas do Araguaya. Quanto a fazer uma estrada de ferro do Pará, o que julgo impossivel, ella não poderia andar pela falta absoluta de mercadorias exportaveis.

Foi, durante esses trabalhos, que me vi mettido entre os indios, que lhes estudei as linguas, os usos e costumes, de que resultou o primeiro livro d'*O Selvagem*, cuja edição logo se exgottou.

Depois, colligi lendas tupis, traduzi-as em portuguez e com ellas fiz a segunda edição d'*O Selvagem*, que já está egualmente exgottada, o que prova que o leitor brasileiro já vai apreciando o que é nosso, e foi isso o que me animou a escrever e a reproduzir as paginas que aqui ficam e as que se seguem.

Ha adeante muitos trechos contendo discussão de navegação, de mudança de capital, que não têm hoje interesse senão para o leitor goyano; melhor fôra que eu os houvesse supprimido.

Se me mettesse, porém, a emendar o livro, o faria todo de novo, pois havia de cortar ou modificar tudo quanto fosse manifestação de enthusiasmo, de que tenho hoje especial antipathia, creio que depois de haver residido mais de quatro annos em Londres e depois de ter visto que quanto os inglezes conseguem é á custa de tenacidade e constancia, virtudes estas antinomicas ao enthusiasmo, que, por sua natureza, é sempre rapido e passageiro.

O livro ficaria melhor como informação, mas muito peior como pintura da natureza.

Deixei-o ficar como estava, pois foi nesse estado, bom ou mau, que o publico se agradou delle, exgottando a primeira edição.

Com isto me despeço, por agora, do leitor, esperando que, em breve, terei novas cousas de nossa terra para narrar-lhe.

PREFACIO

Estes apontamentos resentem-se da diversidade de scenarios em que foram escriptos.

Lançava mão da penna, depois de uma longa jornada, e, assentado no chão, tendo por mesa a minha cama, traçava a esmo e sem plano as observações que fizera no dia; outras vezes, escrevi-as debaixo de uma arvore, na beira de algum corrego, ou no camarim estreito do nosso barco; muitas vezes, largava da penna, para lançar mão da arma de fogo, ou da faca de matto, para atacar alguma féra que apparecia proximo.

Escripto feito por esta fórma não póde ser muito regular: são apontamentos esparsos, que eu tomava com o fim de coordenal-os com outros que já possúo, quando tivesse tempo para systematisar idéas, limar estylo e descrever com calma tudo quanto eu vira.

Esse tempo, infelizmente, agora me não é dado; apenas reuni o que escrevi, e, sentindo a desordem desse escripto, pareceu-me, comtudo, que elle poderia propagar as idéas ácêrca da navegação do rio e communicar ao leitor parte dessas impressões grandiosas e sublimes que eu lá senti. Publico-o, portanto, como está. Se algum dia me sobrar tempo, coordenarei e completarei o que por ahi está escripto.

O leitor ha de encontrar, de envolta com observações administrativas, descripções de caçadas, notas de geographia e mineralogia e descripção de scenas da natureza.

Se ha nisto falta de methodo, a razão ficou dada já. De mais a mais, o viajante não descreve o que quer, e sim o que vê, e, se a umas scenas se succedem outras de natureza muito diversa, força é descrevel-as.

Dar ao quadro variado das obras do Creador o methodo sêcco de nossas escolas, seria substituir pelo grandioso e sublime de suas creações o pequeno e acanhado, que sempre existe na obra do homem.

Não me occupei, durante a viagem, em descrever unicamente as cousas que vi; ia tomando apontamentos e colhendo dados que me pudessem fornecer materia para alguns artigos, mostrando a grande conveniencia da navegação do Araguaya.

Com effeito, ahi os escrevi, e são os que publíco em primeiro logar.

As pessoas desta capital sabem da rapidez com que fiz essa viagem; comtudo, para que se me não accuse do pouco methodo que ahi existe, eu accrescentarei que viajámos 176 leguas em 35 dias, não pondo em linha de conta as explorações que faziamos constantemente, já em serras, já em lagos, já em uma e outra margem do rio.

A estes trabalhos juntava-se o dispendio de tempo que foi necessario empregar para fazer realisar medidas administrativas, como foram: a mudança de diversos fazendeiros para Santa Leopoldina, a abertura da estrada deste ponto a Salinas, a mudança de Salinas de Jamimbú para S. José

na margem do Araguaya, não falando de outras que, com serem menos importantes, todavia consumiam attenção e tempo.

Por aqui já vê o leitor que eu só podia escrever constantemente interrompido e aproveitando o raro tempo que me sobrava á noite; e fazia-o ordinariamente extenuado de forças, pelo cançaço das marchas. Accrescentarei, para terminar, uma observação.

Existem diversos apontamentos sobre mineraes e formações geologicas de terrenos. Não sendo eu naturalista, é provavel que me tenha escapado muita cousa curiosa dessa natureza.

Aos habitantes da provincia de Goyaz

Dedicando-vos este escripto, tenho em vista chamar sobre a materia delle vossa attenção. Os esforços do Governo são estereis, quando o povo os não comprehende e não trata de secundal-os.

A prosperidade desta provincia depende do Araguaya, esse immenso rio, que constitúe uma verdadeira maravilha, já por sua belleza, já pela fertilidade das regiões que atravessa, já por offerecer uma navegação de cêrca de 700 leguas.

Para ahi o goyano deve dirigir suas vistas, como o israelita as dirigia para a columna de fumo que o guiava á Terra da Promissão.

O futuro é grandioso com a navegação do Araguaya; sem ella, tudo é rachitico e mesquinho, como tem sido até o presente.

Goyaz, 1.º de novembro de 1863.

Couto de Magalhães

Viagem ao Araguaya

PARTE I

Considerações administrativas sobre o futuro de Goyaz

CAPITULO I

Mudança da Capital

Goyaz—Condições que deve reunir um logar qualquer para ser capital—Condições hygienicas—Condições commerciaes—Condições administrativas—Não existem em Goyaz—Araguaya—Argumento deduzido contra esse rio, pelo facto de estar elle na extremidade da provincia; não prevalece—Exemplo deduzido de outras provincias—Exemplo de nações extrangeiras—Consequencias da mudança da capital para o Araguaya—O que se perde—O que se ganha.

O administrador deve ser para as sociedades, como o medico para o enfermo: deve estudar a enfermidade em todos os seus pontos e applicar os remedios, segundo as regras da sciencia. Nem sempre pódem ser elles brandos; do medicamento, ás vezes, é forçoso recorrer ao ferro, do ferro ao fogo.

De que serve illudir o enfermo com vãs esperanças de saúde, quando se enxerga a morte ganhando cada um dos orgams onde se concentra a vida? Que se diria do medico que, para poupar alguns momentos de desgosto ao seu doente, lhe receitasse xaropes doces, quando elle necessitasse de cauterios energicos, ou de amputações dolorosas para salvar-se? Dir-se-ia que era um homem perverso, sem consciencia, nem sensibilidade.

O administrador está para a sociedade no mesmo caso.

O administrador em Goyaz, mais do que em outras provincias, tem obrigação, ou de pôr termo a esta longa inanição em que vivemos, ou de largar a carga e dizer:—não posso.

O sentimento deste dever é que me faz escrever este artigo e emittir opiniões a respeito de cada uma das materias acima apontadas, taes quaes ellas existem em meu espirito.

Não pódem lisonjear, visto que contrariam os interesses presentes dos habitantes desta capital; são, porém, a expressão da verdade; indicam o caminho para a felicidade, e, se houvesse tempo, assim como as emitto agora, as realisaria, fossem quaes fossem os embaraços, na certeza de que algum dia me seriam reconhecidos.

Longe de prosperar, a cidade de Goyaz tem decahido: quem passeia por seus arrabaldes sente-se constantemente entristecido pelo aspecto das ruinas que observa.

Alli, apparecem os muros da antiga chacara do Horto, com seus jardins, outr'ora plantados de arvores distribuidas em ruas cobertas de areia branca; mais adeante, apparece a tapéra do Neiva, coberta de urzes e espinhos, e que fôra ha tempos uma situação deliciosa, coberta de parreiras, das quaes se fabricavam pipas de excellente vinho de uva; além, vê-se, cavado no piçarrão da estrada, um rego d'agua—era uma fabrica de tecidos, cujos machinismos complicados e difficeis substituiam a força do braço do homem pela força d'agua, e cujos numerosos productos suppriam as necessidades dos habitantes e chegavam para exportação; mais além, é a chacara do Artiaga, plantada de um magnifico

pomar, enriquecida de tanques, onde se criavam peixes; em summa, não ha um só logar onde se não veja uma ruina, testemunha de uma grandeza passada e que já não existe.

Temos decahido desde que a industria do ouro desappareceu.

A situação de Goyaz era bem escolhida quando a provincia era aurifera; hoje, porém, que está demonstrado que a criação do gado e a agricultura valem mais do que quanta mina de ouro ha pela provincia, continuar a capital aqui é condemnar-nos a morrer de inanição, assim como morreu a industria que indicou a escolha deste logar.

As povoações do Brasil foram formadas a esmo: a economia politica era uma sciencia desconhecida, de modo que o governo, ainda que quizesse, não poderia dirigir com acerto essas escolhas; hoje, porém, assim não é. Uma população de cinco mil homens, collocada em um logar desfavoravel, não póde nada mais produzir do que o necessario para sua nutrição; collocada em logar favoravel, póde dar rendimento equivalente a um conto de réis por pessoa, ao anno.

Temos o exemplo mesmo no Brasil; entre outros, citarei o da colonia S. Leopoldo, no Rio Grande do Sul.

Quanto a mim, entendo que, na escolha do logar para uma capital, deve-se attender a diversas condições, que capitúlo pela seguinte fórma:

Condições hygienicas;

Condições commerciaes;

Condições administrativas.

Entre as primeiras, deve-se exigir, tanto quanto fôr possivel, uma situação sêcca, elevada, batida de

ventos, extreme de fócos deleterios, abastecida de bôa agua.

Entre as segundas, comprehendo não só aquelles objectos que dizem respeito propriamente ao commercio, como todos aquelles que facilitam a habitação e povoação commoda e barata no logar.

Apontarei, como exemplo, a facilidade de relações desse ponto com todos os outros, quer productores, quer consumidores; transportes baratos, faceis e commodos; existencia de madeira de construcção, cal, argila para telhas, ferro, terrenos proprios para cultura, pastarias para logradouro dos animaes de transporte, que forçosamente permanecem na povoação até a venda dos generos conduzidos: aguadas altas para o estabelecimento de machinas etc.

As condições administrativas estão comprehendidas nas primeiras.

A maior necessidade do governo é ter meios de acção, e estes não existem senão em grandes centros commerciaes.

Para o serviço de administração da justiça, para o da arrecadação das rendas, em uma palavra, para a execução de qualquer lei ou medida, seja ella embora a mais insignificante, é necessario conhecimento do pessoal empregado, são necessarios meios de transporte de dinheiro, de força armada, de soccorros variadissimos e, sobretudo, é necessaria fiscalisação constante.

Como serão possiveis todas estas cousas em um logar que não é ligado á provincia, como acontece com Goyaz, senão pela dependencia do governo? Se fôra Goyaz um centro commercial, as relações com os outros pontos da provincia, mais

complicadas e constantes, trariam luz ao cahos trevoso em que agora se debate a administração, marchando verdadeiramente ás apalpadellas.

Poucas, bem poucas das condições acima exigidas existem em Goyaz.

Quanto á salubridade, não conheço, entre todos os logares por onde tenho viajado (e não são poucos), um onde se reunam tantas molestias graves. Quasi que se póde asseverar que não existe aqui um só homem são. A myelite, a hydropisia, a hypertrophia do coração, as aneurismas, a lepra de tres especies differentes, a tysica, as pneumonias, as febres paludosas, o rachitismo e idiotismo, o bocio, a syphilis, e, sobretudo, as inflammações chronicas do estomago, figado e intestinos, ou dizimam annualmente a população, ou enfraquecem-na e a enervam, de modo que, reproduzindo uma phrase verdadeira e melancholica do finado Bispo, póde dizer-se—*que aqui se escôa a vida, gemendo constantemente.*

Para se ter idéa do estado hygienico da cidade, considere-se o dado seguinte:

Na capital, existem, termo médio, 200 praças de linha; a enfermaria militar tem, termo médio, 50 doentes.

Ora, para quem sabe que se não dá praça ao soldado sem que seja verificada sua saúde, para quem sabe a aversão que elles têm ao tratamento nas enfermarias, ficará clara toda a força deste dado.

Quanto ás condições commerciaes, eu não me estenderei. Basta ver o que ha, para desanimar-se. Por mais desagradavel que possa parecer ao leitor a proposição seguinte, eu a exaro.

O commercio aqui vive exclusivamente á custa dos empregados publicos e da força de linha. Os meios de transporte são imperfeitos, a situação da cidade, encravada entre serras, faz com que sejam pessimas e de difficil transito as estradas que aqui chegam. Em uma palavra, Goyaz, não só não reune as condições necessarias para uma capital, como ainda reune muitas para ser abandonada.

Viajou por esta provincia o celebre medico francez, dr. Febvre. Referem-me que elle destinava demorar-se aqui alguns mezes; ao cabo, porém, de certo tempo, levantou abarracamento e partiu.— *Não me demoro mais aqui,* disse elle, *sinto que minhas faculdades, tanto moraes como physicas, vão cahindo em uma apathia ameaçadora.* Estas palavras do illustre medico exprimem uma verdade, experimentada por todos os homens que vêm de fóra para aqui.

Uma apathia mortal parece dominar tudo, de modo que a mais completa indifferença reina para todas as materias.

Será, porventura, porque o goyano não é intelligente e generoso? Não! A intelligencia aqui transborda em centelhas fulgurantes; faz gosto ver-se a vivacidade dos meninos; apraz analysar a aptidão extraordinaria que mostram para as sciencias, para as bellas artes, sobretudo para musica e pintura e para os officios mechanicos; vê-se com admiração a rapidez com que aprendem tudo e a facilidade com que executam cousas que nunca aprenderam, sómente com o auxilio de algumas idéas que se lhes dão. Mas tudo isso esterilisa-se: o clima vai exercendo pouco a pouco sua acção deleteria, de modo que fenecem ordinariamente em botão essas flores que promettiam abundantes fructos.

Não quero insistir mais sobre esta materia; não quero que se diga que de proposito carrego as côres do painel, para tornal-o mais sombrio. Deixo as considerações que poderia fazer á consciencia de quem me lê.

A população das margens do Araguaya offerece um aspecto animador: sua tez é lisa, fina e luzente; os musculos desenham-se vigorosos, em graciosas curvas, no corpo luzente do homem; o appetite, estimulado por aquelle ar fino de planicies de centenares de leguas, onde sua circulação não é interrompida por um só obstaculo, exige uma nutrição abundante, que leva todos os dias ao sangue o tributo reparador das forças e que augmenta a vida.

Os proprios animaes são sensiveis a esta mudança. Num dos pousos de nossa viagem (serra dos Tatús), tivemos occasião de observar isso. Apesar de havermos feito uma marcha longa, que nos obrigou a chegar alli depois de uma hora de noite fechada; apesar da escassez d'agua, nossa cavalhada apresentava, na manhã seguinte, todos os signaes de animação. Correndo com o pescoço elevado, cavando a terra com as patas deanteiras, dando saltos e relinchando, os animaes, que até então vinham cabisbaixos e a poder de esporas, deram-nos não pequeno incommodo para os segurarmos.

Existem, é verdade, nas margens do Araguaya, algumas febres intermittentes; mas é de notar-se que não me consta que um só individuo as houvesse apanhado no rio.

Em Leopoldina, dellas foram acommettidos, ha annos, os que frequentaram a foz do Rio Vermelho.

Mesmo assim, foram brandas, tanto que, desde a fundação do Presidio até hoje, ainda não morreu uma só pessoa.

Como centro commercial, não possuimos na provincia, posso dizer mesmo, no Imperio, outro mais consideravel.

Para o Pará, estende-se a navegação por perto de 500 leguas; para o sul, ella póde ir desde já ao Rio Grande e, num futuro não muito remoto, a communicação póde estabelecer-se até o Taquary (40 leguas de terra) e do Taquary, onde já existe navegação creada, até o Oceano.

Sendo o Araguaya confluente do Tocantins, fica, por meio deste ultimo rio, communicado todo o norte da provincia, que jaz ao nascente da cordilheira.

Finalmente, quando o ponto não fôr deserto, ahi está o rio das Mortes (dos Araés), offerecendo uma majestosa navegação.

Se, confórme eu disse acima, as condições administrativas resumem-se em meios de acção, considere o leitor quaes não serão os do governo que se vir no centro dessas grandiosas e faceis vias de communicação.

Póde oppor-se a estas considerações a de estar o Araguaya numa das extremidades da provincia.

Por aqui, acredita-se muito em que a capital deve ser no centro da provincia.

Em verdade, assim é; mas, quando se diz centro da provincia, não se quer dizer o centro material, e sim, o moral, o das relações commerciaes.

Porque é que se procuram capitaes no centro? E' para que a acção do governo chegue energica e prompta a toda parte.

Não se trata de saber quantas leguas dista um ponto de outro; o que se procura é existencia de meios faceis de transporte.

Não é necessario insistir sobre esta materia.

Quem for teimoso abra o mappa geographico do Brasil e verá as capitaes de quasi todas as provincias collocadas, não no centro material das mesmas, mas no centro de suas relações.

Não é só no Brasil; na Europa inteira, as capitaes são situadas pela mesma fórma, e, com excepção da Austria e de alguns dos pequenos Estados que constituem a Confederação Germanica, não existe uma só capital no centro.

Abram os mappas do mundo, e verão o mesmo na America, na Asia, na Africa e nos paizes nascentes da Oceania.

Apresentar, pois, contra o Araguaya o argumento de que elle está numa extremidade da provincia, é dizer uma sandice, que não merece resposta.

Apreciemos agora de rapido as consequencias da mudança da capital para Leopoldina; apreciemos o que se ganha e vejamos se vale a pena, confrontado com o que se perde.

A primeira consequencia da mudança da capital para o Araguaya era o commercio com o Pará, que, por uma reducção nos fretes de 200 %, alteraria desde já a face de nossa industria.

Alguns me perguntam: — que se exportaria para o Pará? Por ora, pouca cousa; mas, porventura, não melhorariamos muito, desde o momento em que obtivessemos uma reducção consideravel no preço dos generos que importamos? E' claro que sim. Raciocinemos.

Se eu, actualmente, gasto por anno 100:000$000 em generos de primeira necessidade, havendo uma

reducção de 50 por cento nos preços, gastarei 50, em vez de gastar 100:000$000, o que é o mesmo que lucrar e capitalisar 50:000$000.

Se a arroba de peso, importada do Rio de Janeiro, não póde ser adquirida por mim senão mediante o frete de 12$000, e se por via do Araguaya eu a obtenho por 6$000, tenho feito na minha despesa uma reducção de 50 %.

E' o que ha de acontecer, como demonstraremos no artigo que se intitula: *O Araguaya debaixo do ponto de vista commercial.*

Ha em economia politica o seguinte axioma: reduzidos os gastos de producção, augmentam-se os productos.

Reduzido, pois, o preço dos transportes por via do Araguaya, augmentar-se-á a nossa producção e crear-se-á a exportação, que até hoje não existe, ou é em tão pequena escala, que quasi não vale a pena mencionar-se.

O leitor verá adeante demonstrado que, depois de estabelecida regularmente a navegação, o transporte da arroba não nos poderá custar mais do que 2$000; portanto, serão elevados á categoria de generos exportaveis: o café, o algodão, o assucar, a aguardente, o fumo, a carne sêcca, o couro, a sola, o trigo, generos estes que facilmente abundarão no Araguaya e que, até agora, são produzidos na provincia quasi que exclusivamente para seu consumo.

Daqui se seguem, portanto, a riqueza da provincia e o aperfeiçoamento de nossa industria agricola resultante da divisão do trabalho.

Hoje, não temos fazendeiros com uma industria determinada; cada cultivador é encyclopedico:

planta milho, feijão, arroz, cria gado, fabríca aguardente, planta café etc.

E qual a razão disto?

E' que, se um fazendeiro se dedicasse a plantar exclusivamente o café, teria de perder a maior parte, por falta de consumo; desde o momento, porém, que apparecer a navegação do Araguaya, ficarão abertos os mercados que, existindo á beira-mar, estão em relações directas com os da Europa. Nem pareça que esta consideração do emprego exclusivo em um genero só de agricultura é de pouco peso. As consequencias são immensas. Citemos dous exemplos:

1.º—com diversas culturas na mesma fazenda, e pelos mesmos operarios, não é possivel aperfeiçoamento algum—a attenção dividida nada produz. Eis o que acontece comnosco.

Os operarios de hoje seguem a rotina de seus paes e avós: em vez de se aperfeiçoarem, tendem a tornar-se retrogrados.

Muitos exemplos poderia eu citar para tornar mais palpaveis as verdades que quero fazer notar; citarei um unico, que tenho observado por vezes.

Suppondo-se dous ferreiros, dos quaes um trabalhe constantemente nas diversas obras de seu officio, e outro que se tenha exclusivamente empregado em fazer cravos; acontecerá que este ultimo fará 200 cravos no mesmo tempo em que o primeiro só poderá obter 100.

Tudo mais segue esta proporção, de modo que a pericia, resultante das industrias exclusivas, traz um augmento de 50 % na producção.

Já vê, pois, o leitor todo o peso desta consideração.

2.º—desde que um fazendeiro qualquer se occupe de muitas industrias, não póde introduzir nellas o melhoramento das machinas; cada industria requereria um empate de capitaes que iria nullificar as vantagens que pudesse tirar dos productos.

Dizei-me: — será possivel que qualquer de nossos fazendeiros tenha um ventilador de café a vapor, um engenho de cylindros de ferro, um desses apparelhos modernos de preparar assucar?

Por fórma alguma; a sua producção é em tão pequena escala, que o lucro que elle obtivesse não seria sufficiente para pagar o premio dos capitaes empatados nessas machinas.

Desde o momento, porém, em que elle se dedicasse exclusivamente ao café, far-lhe-ia conta ter uma machina para ventilal-o: 1.º, porque a despesa seria muito menor; 2.º, porque, sendo maior a producção, o trabalho da machina seria aturado e não ficaria ella á tôa, grande parte do anno, como aconteceria com a coexistencia de muitas industrias.

Ora, a introducção regular das machinas na agricultura importa ordinariamente uma reducção de 10 a 25 % no preço dos productos.

Unida esta á reducção de que acima falei, o leitor poderá calcular facilmente os beneficios que o Araguaya nos traria, debaixo deste ponto de vista.

Além destas consequencias de maior vulto, quantas outras se não prendem á mudança da capital para Leopoldina?

No meio daquellas regiões saudaveis, vastas e bellas, a vida deve correr muito mais cheia, do que

sepultada na bacia humida, melancholica e doentia em que existe actualmente a capital.

Que se perderá com a mudança? Algumas casas e edificios, pela maior parte de páu, que estarão destruidos daqui a 50 annos, muito embora aqui continue a capital.

Que ganharemos?

Lancei os principios ao longo deste artigo.

O leitor intelligente e consciencioso que tire as consequencias e que responda a si mesmo ante essa pergunta.

Muitas vezes, em hora de solidão e isolamento, sentindo em meu corpo e em meu espirito a acção deleteria deste clima, que abate a intelligencia e enerva as faculdades physicas, eu levo a meditar largo tempo em cada uma destas questões.

O dever que me assiste de procurar a felicidade da provincia, cujos destinos pairam em parte e provisoriamente em minhas mãos, faz-me perguntar:

Qual será o termo de tudo isto?

Por vezes, começo a reproduzir os nomes dos diversos paes de familia aqui existentes.

Qual é a sorte de seus filhos?

Póde-se responder: ou o emprego publico, ou a praça; nada mais existe.

Ora, os empregos não podem chegar para todos; a praça, tal qual ella existe em nosso paiz, é uma condição dura de vida.

Portanto, uma só carreira risonha e bella não se abre ao longo do futuro dos filhos desta terra.

Ser empregado publico, isto é, dependente não só da vontade, como dos caprichos dos superiores, estar sujeito a vêr de uma hora para outra faltar-lhe o pão, ganhando ordenado que apenas suppre as necessidades diarias, não podendo nada capitalisar, e, portanto, se tem uma familia, nada conseguindo deixar a seus filhos, ou ser soldado... póde chamar-se a isto um futuro?

Não é realmente para contristar a lembrança de que os goyanos só têm deante de si estas cousas, quando, deslocados de trinta leguas, podiam ver desdobrar ante elles todas as magias de uma população rica e florescente? Por certo que sim.

Eis ahi a razão pela qual me esfórço pela realisação desta idéa; essa é tambem a razão pela qual, exprimindo os meus pensamentos, expuz a verdade núa.

De que serve, pergunto agora, como perguntei no principio, de que serve lisonjear os gostos do enfermo?

Não será mais proprio do homem conscencioso restaurar-lhe a vida, embora por meio de cauterios dolorosos, do que deixar que a morte o leve, por falta de coragem em applicar os remedios?

Passemos a encarar o Araguaya, debaixo do ponto de vista commercial.

CAPITULO II

O Araguaya debaixo do ponto de vista commercial

A questão de transporte é actualmente a essencial para Goyaz—Taquary, Tocantins, Araguaya—Calculo confrontativo do preço do transporte por via do Araguaya e pelas estradas do sul—Demonstra-se que pelo Araguaya ha uma reducção no frete de 200 %—Perspectiva grandiosa da navegação do Araguaya—Confrontação com a do Uruguay—Emquanto aquella abre á industria e ao commercio as provincias do Pará, Maranhão, Goyaz e Matto-Grosso, a do Uruguay só serve para Villa Maria, Cuyabá e Republicas vizinhas—O que temos conseguido—O que falta.

No relatorio que apresentei á Assembléa desta provincia, em sessão deste anno, disse que a questão de transportes era para Goyaz a mais interessante; disse mais que, sendo a provincia tão extensa, seria erro querer dar um só escoadouro a todos os seus productos; que a natureza havia indicado os dous canaes por onde deviam sahir, que eram: para o sul—a navegação do Taquary; para o norte—a do Araguaya e Tocantins; accrescentei que, no caso de ser forçoso cuidar-se da navegação de um destes dous rios do norte com preterição do outro, a do Araguaya merecia preferencia.

Fundei-me para isto nas seguintes razões:

1.° A industria dos transportes por agua só é preferivel a outro qualquer systema, por poder-se obtel-a mais barata, e, portanto, ella será tanto melhor quanto mais barata fôr; que, sendo o rio Araguaya completamente franco de cachoeiras e de outros quaesquer obstaculos, o Tocantins lhe não póde fazer concurrencia.

2.° Que, no estado de perfeição a que ha chegado em nosso seculo a industria de transporte, não se póde dizer que a possuimos, senão quando pudermos substituir a força do braço humano por agentes puramente mechanicos, como sejam o vento e o vapor; que qualquer destes dous só será possivel no Araguaya.

3.° Que, sendo a questão da população inteiramente ligada á da industria, havia toda conveniencia em deslocar dos terrenos auriferos e, portanto, estereis, da maior parte do norte, a população que habita o valle occidental da cordilheira que divide as aguas dos dous grandes rios, para collocal-a ás margens do Araguaya, onde a fertilidade do terreno offerece um theatro vasto e fecundo para toda sorte de industria agricola.

D'ahi para cá, temos muitas vezes reflectido nesta questão e, apreciando de novo cada um dos dados em que me fundei para emittir estes juizos, hoje, mais do que nunca, estou nelles firme.

A navegação do Tocantins chegou ao ponto a que póde chegar; o vapor e a vela são e serão impossiveis por muitos annos; o augmento de vasos depende do augmento de importação e exportação, que, por sua vez, depende da questão de augmento de população, e, em consequencia, qualquer in-

cremento que o governo lhe quizesse dar seria infructifero, por falta de objecto.

Sempre que se fala na navegação do Araguaya apresentam-se logo dous argumentos, que aos olhos de muitos parecem irrespondiveis:—as cachoeiras do Tocantins e o deserto das margens do Araguaya.

Entretanto, estes argumentos de nada valem.

Não se trata de saber se a navegação é ou não difficultosa; trata-se, sim, de sua conveniencia. Quando é que um meio commercial qualquer convém? Todos sabem que é quando deixa lucro. Desde que se demonstre que o transporte por via do Araguaya é muito mais barato do que por outro qualquer meio, está demonstrado que o Araguaya é o melhor dos meios de transporte.

Falar em cachoeiras, em praias desertas, é pedantismo proprio de quem não vê as questões por sua verdadeira face.

Eu, que sou consumidor, que me importa se o ferro que eu compro custou a quem o conduziu muitos trabalhos e lutas? Para mim a unica questão interessante é a do preço do ferro.

Se, por via do Araguaya, compro-o por preço inferior ao que compraria por meio das estradas do sul, o Araguaya me deixa um grande beneficio.

Por outro lado, o transportador põe em linha de conta todos os trabalhos por que passa, e, se mesmo assim, elle vende o frete, por via do Araguaya, mais barato, do que por via das estradas do sul, claro fica que é por lhe fazer conta.

E' o que justamente acontece.

Com todas as difficuldades que existem actualmente na navegação do Araguaya, e que serão

removidas desde o momento em que a navegação se estabeleça mais regularmente, a arroba chega muito mais barata, vinda do Pará, do que do Rio de Janeiro.

Fiz um calculo minucioso destas despesas, e ahi o deixo, afim de que o leitor aprecie cada um dos dados em que me baseei.

DESPESAS COM UM BOTE E UMA IGARITÉ, QUE CONDUZEM 1.900 ARROBAS, NUMA VIAGEM REDONDA DO PORTO DE SANTA LEOPOLDINA AO PARÁ.

1 piloto de bote		300$000
1 dito de igarité		150$000
2 proeiros	120$000	240$000
2 contra-proeiros	100$000	200$000
2 poupeiros	90$000	180$000
1 caçador		100$000
1 ajudante do mesmo		80$000
20 remeiros	80$000	1:600$000
sustento de ida e volta		800$000
calafeto no Pará		100$000
dito no porto de S. Leopoldina . . .		25$000
cordas de piaçaba		60$000
passaporte e visita		50$000
amortisação do valor do bote . . .		250$000
juro do valor do bote, da igarité e de uma montaria a 10 %		120$000
Total		4:255$000

Importancia do frete por arroba, 2$239.

DESPESAS COM O TRANSPORTE DE 1900 ARROBAS POR BESTAS DE CARGA, DA CAPITAL DE GOYAZ AO PORTO DE SANTOS, SENDO A CARGA DE CADA BESTA DE 9 ARROBAS (178 BESTAS, OU 18 LOTES).

2 arrieiros	150$000	300$000
2 ajudantes	80$000	160$000
2 camaradas deanteiros . .	60$000	120$000
18 tocadores de lote. . .	50$000	900$000
1 cozinheiro	40$000	40$000
1 ajudante	35$000	35$000
Rações dos camaradas por dia a	$240	864$000
Despesas com as bestas, cada uma	40$000	7:080$000
Dita com 26 bestas dos camaradas	26$000	676$000
Amortisação do valor da tropa a 6$250 por besta e por viagem		1:112$500
Juro do valor da tropa, a 5% por viagem, que é calculada a duas por anno		895$000
Somma		12:182$500

Importancia do frete por arroba, 6$411.

Por esse calculo, vê-se que a arroba, partindo do Pará, chega a Goyaz com a despesa de 2$239; que a arroba, partindo do Rio de Janeiro, chega a Goyaz com a despesa de 6$411, isto é, o transporte por via do Rio de Janeiro é mais caro quasi 300 %, do que pelo Araguaya.

Note-se que, neste calculo, só comprehendo e comparo peso com peso; existem, porém, muitas outras cousas que valeria a pena mencionar-se

e que, entretanto, não ponho em linha de conta, taes como:—o transporte pelas bestas não póde carregar volumes superiores a 6 arrobas; o transporte por barcos póde carregar de 20, 30 e mais; resulta: 1.°—que, por via das estradas do sul, muitos objectos essenciaes á nossa industria aqui não podem chegar, como sejam grandes alambiques, cylindros de ferro etc. e mil outros instrumentos necessarios para a industria da canna, da extracção do ouro e diamantes e para outras que jazem inexploradas até hoje por esse obstaculo; 2.°, desde que os volumes são menores, o peso dos caixões é muito maior; assim, se houvermos de transportar 100 arrobas em um só caixão e 100 arrobas em 10 caixões, o peso do primeiro será approximadamente 5 vezes menor do que dos dez. Ora, esse peso é carregado no frete da arroba vendavel, de modo que o negociante que transporta por via das estradas do sul paga em 100 arrobas perto de 25 de peso inutil, o que faz com que, para não perder, carregue sobre o preço da mercadoria a quantia assim dispendida.

Não me estendo mais sobre estas particularidades. Para os homens do commercio, ellas devem ser intuitivas; para os homens de sciencia, é inutil insistir sobre as vantagens que existem a favor do transporte por agua, em confrontação com o por terra, sobretudo imperfeito, acanhado e difficultoso, como o que possuimos com as nossas tropas.

A perspectiva, porém, mais grandiosa não é essa; até aqui enxergamos uma reducção, nos transportes para Goyaz, de 200 %, o que já não é pouco para o presente; se, porém, lançarmos as vistas para o futuro, a navegação deste rio é de tão grande magnitude, que tem de vir alterar a face

das cousas, não nesta provincia, mas em todo o Imperio.

O estadista que fôr sinceramente interessado pelos negocios do paiz não póde deixar de sentir-se verdadeiramente animado deante della.

Ahi vão os dados. Pelos ultimos exames procedidos, já nesta provincia, já na de Matto Grosso, temos que o Araguaya é navegavel até ao porto do Rio Grande; que dahi ao rio Taquary, no logar em que lhe faz barra o Coxim, existe apenas a distancia de 40 leguas; que o Taquary é navegavel dahi para baixo, de sorte que temos a foz do Amazonas ligada á do Prata por uma navegação fluvial interrompida por 40 leguas, e talvez por menos, visto que nenhum estudo ha do Araguaya acima desse porto e, tendo elle ahi 300 braças de largura, é provavel que dê navegação muitas leguas acima.

Quaes sejam os productos da parte de Goyaz adjacente ao Araguaya e da parte de Matto Grosso, nos valles do Taquary e Paraguay, é o que é facil imaginar, considerando que o primeiro destes rios offerece os variadissimos e ricos productos do Pará sem o calor excessivo e sem as pestes dessa provincia. A fertilidade de Matto Grosso é conhecida de todos. Considere agora o leitor o impulso immenso que não teria nossa industria, desde o momento em que o fumo do vapor ondeasse no azulado céo destas novas Indias!

Nas margens do Araguaya, o algodoeiro cresce por uma fórma tal, que fica desconhecido ás pessoas que por ahi viajam; a reproducção do gado é annual, e elle vive sempre gordo, visto que, no tempo das aguas, tem verdes os pastos das montanhas e terrenos elevados, e, no tempo sêcco, tem

as varzeas do rio, das quaes, afastando-se as aguas, brota um capim especial a esse terreno, cujo talo tem quasi a grossura da canna e que, dando sementeiras como o arroz, offerece uma nutrição summamente appetecida por toda sorte de ruminantes.

Nesta viagem, realisada em tempo sêcco, tive occasião de ver por mim mesmo estas cousas, de estabelecer a comparação e de notar a differença.

Percorri, por prazer, as campanhas de Salinas; vi numerosas boiadas tão gordas, com o pêlo tão fino, que só encontrei cousa semelhante na fazenda de criar do prestimoso mineiro Azarias de Souza Dias, no municipio de Alfenas, em Minas Geraes. Esse fazendeiro, porém, para conseguir resultado, plantava o capim e engordava o gado com o mesmo trabalho com que se engorda na Europa. Nas margens do Araguaya, essa vantagem é espontanea. Os animaes engordam sem outro trabalho mais do que alguns rodeios, não havendo nem mesmo a despesa do sal, visto ser elle nativo nessas regiões abençoadas.

Nada de mais pittoresco do que vêr as margens dos lagos formados pelo rio. Imagine o leitor essas planicies immensas de centenares de leguas não interrompidas por uma só montanha, nem mesmo pelo mais pequeno outeiro; figure uma bacia d'agua de 5 ou 6 leguas de circumferencia, calma, azulada e profunda, e espelhando em si um céo em que raras vezes apparece uma nuvem; figure este circulo orlado de juncos altos e de capim; imagine de envolta com isto as manadas de gados confundidas por vezes com as de cervos, veados, antas, porcos, capivaras, de envolta com bandos de jaburús, avestruzes, patos, marrecas de muitas qualidades, colhereiros, com a plumagem côr de rosa,

mergulhões e toda sorte de aves aquaticas, e terá uma idéa dessas terras.

Temos gasto muitos milhões com a navegação do Paraguay. Qual é o resultado colhido até o presente? Unicamente o de espalharmos nossos capitaes por mãos das Republicas ribeirinhas do Prata, que, sentindo-nos em sua dependencia por causa desse rio, não cessam de vexar-nos.

A navegação do Araguaya é mais facil do que a do Uruguay. Entretanto, que differença no resultado! Aquella serve a Matto Grosso, ou, por melhor dizer, á Villa Maria e á cidade de Cuyabá; esta iria abrir a industria á provincia do Pará, do Maranhão, de Goyaz e Matto Grosso, isto é, daria ao Brasil uma segunda costa, tão consideravel e vasta como a que lhe offerece o Oceano Atlantico.

Foi ponderando sobre todas estas cousas que julguei de meu dever empregar nellas todos os esforços; tenho já conseguido alguma cousa. No fim do anno, a capital desta provincia estará ligada a esse rio por uma estrada de rodagem plaina e commoda; Leopoldina estará augmentada com muitas familias, que consegui se mudassem para lá; estará começada, ás margens do rio, a nova povoação de S. José do Araguaya, composta pela maior parte de indios Chavantes e Carajás, que offerecem excellente tripulação para os vasos da carreira do Pará; estarão egualmente concluidas as estradas de rodagem que ligam Leopoldina a Monte Alegre e afugentados das campinas de Tesouras os indios Canoeiros, que infestavam esses logares.

Foi o resultado de minha viagem ás margens deste rio. A animação tem crescido: mais dous vasos, com a lotação de 1.000 arrobas cada um,

equipam-se no rio Vermelho, para descer ao Pará, em março.

Falta a principal das medidas, que é a existencia de um vapor nas aguas desse rio. Para isso, mandei proceder a estudos exactos e levantar a carta hydrographica do Araguaya e Tocantins, fazendo com que a expedição que desce chegue ao Rio de Janeiro em demanda de um vapor.

A semente está, portanto, lançada; resta que a cultivem.

Permitta Deus que não fique tudo isso esquecido e abandonado, como tantas vezes tem acontecido...

Viagem ao Araguaya

PARTE II

Descripção da viagem

CAPITULO I

De Goyaz a Santa Rita

Onde começo o escripto—Descripção do terreno: é proprio para uma boa via de communicação—§ 1.°—Primeiro dia de viagem.

Começo a escrever estes apontamentos de viagem á margem do rio *Manoel Alves*, 11 leguas ao noroéste de Goyaz.

Com o escrevel-os espero conseguir diversos fins: conservar no escripto dados que me possam servir para tomar medidas administrativas tendentes á navegação do Araguaya, objecto de meus esforços na administração desta provincia; communicar, por meio de minhas impressões, um pouco de amor aos brasileiros por esta natureza tão grandiosa e esplendida de seus sertões; finalmente, conservar para mim mesmo observações de costumes e cousas, que provavelmente não verei mais em minha vida.

Sahimos de Goyaz, ás 5 $^1/_2$ horas da tarde do dia 25 de setembro, seguindo rumo de Santa Rita; o terreno é extremamente accidentado, até chegar a um morro que chamam do *Zanzan*, visto que a estrada vai fraldeando a aba occidental da serra, em que se assenta a cidade; tem uma descida ingreme,

pela qual se chega ao corrego do *Talaveira*; dahi em deante, até ao primeiro pouso, que foi em um corrego, a que demos o nome de—*Maribondo*—em lembrança do commandante de nossa escolta—o terreno é regular, offerecendo todas as condições para uma bôa estrada, é firme, sem declives fortes e, na maior parte, coberto de um gorgulho de carbonato de ferro e quartzo, que, supprindo a macadamisação, previne desmoronamentos e atoleiros.

A formação geologica do terreno é a de transição: a ossada da serra parece ser formada de schistos, talco e rochas metaphoricas, o segundo destes abundando, sobretudo, no alto do Talaveira. Não observei em parte alguma grandes mattas; a vegetação é um pouco melhor do que nas circumvizinhanças de Goyaz; comtudo, é amarellenta e pouco desenvolvida.

Em alguns logares, o naturalista póde, por meio dos cordões amarellos das mattas, adivinhar a direcção das rochas; as pastarias para o gado não me pareceram bôas, sobretudo porque a diminuta criação de gado vaccum e cavallar, que por ahi vi, era magra e pouco desenvolvida.

Tomámos pouso ás 6 $^1/_2$ da tarde, armando nossas barracas e accendendo, depois, grandes fogueiras. Choveu parte da noite.

§ 2.°—Segundo dia—Vamos a uma das vertentes do Ferreiro—Natureza do terreno; casas desertas—Eu e um companheiro perdemo-nos nas campinas; nossa afflicção; o pouso.

Do corrego do Maribondo, viemos pousar numa das vertentes do Ferreiro. Atravessámos os Burges, algumas leguas antes, sobre uma bôa ponte

de madeira, construida em 1855, sob a presidencia do sr. Francisco Mariani.

O terreno é, quanto ao reino vegetal, distribuido em campinas, buritisaes e algumas catingas.

A formação geologica é a mesma que a precedente.

Offerece magnificas proporções para uma bôa estrada e o leito póde estender-se por cima de chapadões planos.

Contrista o coração ver as casas abandonadas a um e outro lado da estrada. Na lucta que o homem trava contra a natureza e o deserto, parece que, em Goyaz, tem este ultimo vencido o esforço do homem. Quanto não dera eu para ver povoadas essas campinas, que podiam sustentar numerosos rebanhos e que agora são ordinariamente pasto de feras? Ha de, porém, chegar um dia em que o povo desta provincia, compenetrado de seus verdadeiros e legitimos interesses, olhará para o Araguaya, assim como os phenicios olhavam para o Oceano e os mexicanos, para o seu Potosi.

A inclinação da caça levou-me, e ao commandante da escolta, ás campinas adjacentes ao nosso pouso, e com o descuido que ella traz, escôou-se o dia, e a noite surprehendeu-nos em uma resaca de campo, sem que soubessemos de que lado ficava nosso pouso.

Trabalhámos longo tempo e em meio da noite, para encontral-o. Ora varavamos, com immensa difficuldade, capões de matto, ora pantanos, ora uma e outra cousa, até que, por fim, extenuados de cançaço, subimos ao cume de um monte, a ver se com gritos e descargas de nossos fuzis podiamos descobrir uma cousa qualquer que nos guiasse. Por

cumulo de males, nuvens negras condensavam-se no céo, ameaçando tempestade. Tudo foi baldado. Já haviamos perdido a esperança, quando alguma cousa pareceu distinguir-se tenue do zumbido melancholico das cigarras. Escutámos... a voz reproduziu-se... Respondemos com dous tiros, e de minha espingarda, porque meu companheiro, com a afflicção, havia introduzido na sua as buchas antes da polvora; nossos tiros foram respondidos por outros...

Para fazer idéa de nossa alegria, fôra mistér que o leitor já se tivesse visto transviado. A mais suave composição de Bellini não teria para nós tanta harmonia, como o reboar grave da descarga que nos indicava o pouso. Chegámos a elle, e, com a nossa chegada, socegou-se o alarma que a ausencia havia despertado, e, bem depressa, os commentarios e as anecdotas ácêrca da perdida desmancharam a impressão de tristeza que ella em nós havia deixado.

Eu e alguns companheiros dormimos ao relento. O cançaço era grande e as peiores camas seriam para nós tão bôas como a ottomana de um sultão.

Era phantastico o aspecto de nosso pouso: os fogos, accesos aqui e alli, desenhavam as fórmas gigantescas dos buritys e davam um aspecto selvagem ao vulto dos soldados que passavam pór deante delles; as camas eram rêdes amarradas pelos galhos das arvores, e em grupos curiosos. Só eu gosava do privilegio de uma máca. Nosso tecto tem sido o azul do firmamento, bello e cheio desse encanto melancholico que lhe costuma dar a lua, sobretudo no meio de campinas vastas e batidas, como eram essas em que nos achavamos.

§ 3.º—Terceiro dia—Vamos ao ribeirão Manoel Alves—O Ferreiro—Aspecto do terreno—Sitio de Manoel Alves.

No dia seguinte, sahimos ás 7 horas da manhã e pousámos ás 5 da tarde.

Atravessámos o rio Ferreiro, ou, para melhor dizer, seu leito, visto que elle está inteiramente sêcco, notando-se apenas, de distancia em distancia, alguns poços. A caixa do rio é grande; suas aguas rolam sobre areia; não tem pedras. E' este o mesmo em cuja barra embarcou, no seculo passado, o corajoso navegante goyano Thomaz de Souza Villa-Real, deixando-nos um precioso roteiro de sua viagem até ao Pará pelos rios Vermelho, Araguaya e Tocantins, que se vê impresso na *Revista do Instituto Historico Brasileiro*, 2.ª série, tomo IV, anno de 1849, pag. 401.

As campinas são aqui mais vastas, mais planas, menos interrompidas de capões; as margens do rio Ferreiro são cobertas de mattas e a caça ahi é muita. Soube que uma boa fazenda havia sido abandonada, pelo immenso estrago que nella faziam as onças.

Vimos hoje maior numero de gado nas campinas, de melhor qualidade, ou, pelo menos, muito mais bem nutrido. Meio quarto de legua acima do logar em que estamos, existe o sitio do creoulo Manoel Alves, que dá nome a este logar. Este homem é digno de ser mencionado, pelos sentimentos de philanthropia que o caracterisam. Tem, reunidos em sua pequena situação, velhos e velhas sem recursos, a quem elle sustenta á sua custa, sem outra força mais que a de seus braços.

Estamos á margem do rio Manoel Alves. Como nos dias antecedentes, nosso acampamento

compõe-se de barracas. O sitio é deserto; a caça parece ser abundante: além de outras, matei um soberbo mutúm.

§ 4.°—Quarto dia. Aspecto do terreno—Ponto de vista majestoso antes de Santa Rita—Mineraes da serra do Acaba-sacco—Santa Rita—Criação de gado—População.

Levantámos nossas barracas ás 9 $^1/_2$ horas da manhã e chegámos á povoação de Santa Rita por volta das 4 da tarde.

Atravessámos diversos leitos de rios, ou inteiramente seccos, ou empoçados e sem correnteza alguma. O rio do Peixe, que dista cêrca de $^1/_2$ legua do pouso de hontem, trazia algumas aguas; observei numerosos bandos de peixes em alguns poços, aos quaes desci para os examinar. A caixa deste rio é volumosa e, nas cheias, póde offerecer navegação facillima, já por ser pouco empedrado, já porque suas aguas descem para o Araguaya por um suave declive.

No reino vegetal, a Natureza offerece o mesmo aspecto descripto nos dias antecedentes, isto é, dividida entre campinas batidas, capões e catingas; não observei em toda distancia que os olhos podiam alcançar matta alguma geral; apenas, nas gargantas da serra do *Acaba-sacco,* vêem-se negrejar os mattos, indicio certo da fertilidade do sólo.

Dizem-me que o assento superior da serra é coberto de mattarias virgens e espessas.

Notei aqui maior numero de criação e melhor do que nos dias antecedentes. Passei por alguns sitios; gostei muito de ver pequenas e ruins casas com grandes curraes, concluindo eu que o habitante destes logares é mais laborioso, visto que, ao pé de

uma pequena choupana, tem commodos para criações, que o fariam em outra qualquer provincia ser considerado um bom fazendeiro.

Os animaes silvestres são por ora os communs a todo o sertão do Brasil, salvo a differença da quantidade.

Vi pelas estradas numerosos rastos de avestruzes; ouvi pelas campinas repetidos e innumeros pios de perdizes. Neste logar, como em todos os adjacentes, existe o flagello da onça.

Quanto á parte mineral, é mais curiosa que nos logares percorridos: os terrenos são ainda de formação primitiva; a superficie da terra é achatada e desenrola-se aos olhos do espectador sem grandes accidentes.

Cêrca de 2 leguas deste arraial, mostrou-me o revmo. vigario a situação de uma famosa mina de ouro (mina da Pedreira d'Anta), da qual se extrahiram muitas arrobas do precioso metal. A mina não foi extincta; mas cessou o trabalho da exploração, pela imperfeição de nossas machinas, que não podiam fazer o seu exgotto, visto ter ella chegado a uma profundidade superior a 80 palmos.

Toda serra passa por muito rica em ouro e mineraes de cobre e ferro. O nome de *Acaba-sacco*, que tem, foi-lhe dado, segundo a tradição, pelo seu descobridor Bartholomeu Bueno, cognominado Anhanguéra (diabo velho), visto se terem ahi acabado os viveres que conduziam em saccos.

A direcção geral da serra é de nascente para poente e parece serem ramaes seus as de Tatús e Lambary, de que adeante falarei, e que avistámos correndo parallelas a esta. Entre o corrego do Manoel Alves e o rio do Peixe observei, cortando per-

pendicularmente o caminho, mineraes de ferro (carbonatos). A especie, pelo que pude observar, é má; dá, porém, indicio da existencia de outras minas. Informou-me o vigario de que, nas immediações da mina de ouro da Pedreira d'Anta, existe excellente pedra de ferro; trato de obter uma amostra, para opportunamente mandar analysar.

Existe, cêrca de uma legua distante deste arraial, um pequeno alto, cujo ponto de vista é tão vasto e grandioso como as vistas do oceano; os olhos do viajante estendem-se para o norte até onde a vista humana póde alcançar, sem encontrar o menor obstaculo.

A serra do *Acaba-sacco* vai successivamente abaixando-se, até que de todo se confunde com as planicies. Parei extasiado nesse logar e, emquanto a vista me representava essas planicies sem fim, succedendo-se umas ás outras, como as ondas do oceano, até que de todo se iam perder nos espaços azulados do céo, meu espirito sentia-se abatido por uma especie de saudade, que eu não sabia dizer de que, e a imaginação me representava completamente desertas essas ferteis e infinitas campinas.

Quando chegará, meu Deus, disse eu a mim mesmo, quando chegará o dia em que se verão espelhar florescentes cidades nas margens destes rios! Quando é que se verá o homem arrancar da posse das féras e das tribus selvagens dos indios tanta riqueza que ahi jaz sepultada!

A' meia legua, os habitantes da povoação obsequiaram-me com uma recepção, e, durante o resto da marcha, tive occasião de notar que minhas idéas a respeito do Araguaya já estavam vulgarisadas. Deus permitta que medrem.

Santa Rita está collocada nas encostas meridionaes da serra do *Acaba-sacco;* é linda, porém povoação pequena; a verdura das arvores, que crescem pelos quintaes, e o luxuriante da vegetação contrastam agradavelmente com a côr branca das casas. A industria de seus habitantes consiste, principalmente, na criação do gado vaccum; a agricultura limita-se á plantação dos generos da terra. O numero do gado é de 9.000, para uma população de 2.000 habitantes, tendo estes seus principaes estabelecimentos nas bacias dos rios do Peixe e Vermelho.

Encontrámos no arraial, demorada por molestia de algumas praças, a força que faço seguir para Santa Maria.

Percorri a povoação. A' tarde, as nuvens, toldadas havia tres dias, deixaram despejar chuva e relampagos; dei parabens á minha fortuna, porque, em vez de barracas de campanha, achava-me confortavelmente resguardado della, sob o tecto hospitaleiro do reverendo vigario.

Gastei o resto da tarde em jantar, escrever estas memorias e conversar.

CAPITULO II

De Santa Rita a Leopoldina

§ 1.°—Falhamos o 4.° dia—Historia do capitão general D. João Manoel de Menezes—O rio do Peixe, seu nascimento, curso e aspecto—Extincto porto de Santa Rita—Caça da margem e pesca no rio.

Pouso do Estreito, 2 de outubro.

A falta de nossos animaes obrigou-nos a falhar, no dia 29 do passado, em Santa Rita. Empreguei-o em percorrer os arredores, caçar e pescar.

Consegui, com grande satisfacção, que parte dos habitantes se determinassem a mudar para o Araguaya, com seus estabelecimentos e gado. Contractei com alguns delles a abertura, pela margem direita do rio, de uma estrada que communique Leopoldina com Monte Alegre, passando pelo extincto arraial de Tesouras, evitando-se o vir por Crixás, que importa uma volta de 30 leguas, e franqueando-se á industria 50 leguas da margem do rio, até agora assolada pelos *Canoeiros*, por falta de uma communicação facil com a capital e com as guarnições dos dous presidios. E' assim que ao deserto se hão de ir succedendo a população e a industria nas margens do grande rio.

Cêrca de 3/4 de legua ao norte de Santa Rita, corre o rio do Peixe, o de que atrás falei: é o mesmo pelo qual veiu embarcado, em 1799, o ~~ge~~ geral de Goyaz, D. João Manoel de Menezes.

A provincia de Goyaz deve um tributo de gratidão á memoria desse capitão-general, pelo simples facto dessa viagem pelo Araguaya; por essa razão aqui transcrevo sua historia, extrahida das memorias do padre Luiz Antonio da Silva e Souza:

«O sr. D. João Manoel de Menezes, vindo embarcado do Grão-Pará pelo Araguaya, até ao arraial de Santa Rita, tomou posse, a 25 de fevereiro de 1800, trazendo em sua companhia o ajudante de ordens Marcellino José Luiz Manso e o capitão de pedestres José Luiz da Costa, que depois foi promovido a sargento-mór de cavallaria.

«Principiou o seu governo pacificamente, estabeleceu sociedades, que frequentou, e mostrou-se benefico aos seus subditos; porém pessoas mal intencionadas e caprichos particulares, fazendo-lhe vêr suppostos crimes e infidelidades que não existiam, perturbaram a bôa ordem de todas as cousas.

«Ferveu a discussão entre os grandes e gemeu o resto do povo. Em consequencia disto, enviou com queixas o seu ajudante de ordens á Côrte. Fez devassar, pelo ouvidor de Matto-Grosso, do ouvidor Antonio de Ler e outros, e obrigou a algumas reposições o mesmo Ler, o padre Domingos da Motta Teixeira, que tinha servido de secretario do governo, de professor de Philosophia e vigario da egreja; fez prender o thesoureiro e escrivão da Junta da Real Fazenda, o thesoureiro da Fundição e outros. Desterrou uns para fóra da Capitania, outros para differentes logares, e fez prender o intendente do ouro Manoel Pinto Coelho.

«Em consequencia desta prisão, não podendo a Camara com rogos obter a sua soltura, emprehendeu maior absurdo, que nem deve ser lembrado; e, na mesma noite, foi cercada a casa do Senado de tropa militar, prendendo-se dous e fugindo os mais ao merecido castigo, de que os livrou a piedade de El-Rei Nosso Senhor, que, julgando proceder este erro de um mal entendido zelo de justiça, lhes concedeu o perdão, annunciado pelo sr. Vice-Rei do Estado, em carta de 28 de março de 1804, extranhando no Real Nome o desaccôrdo de não conhecerem que todas as Camaras do Brasil são subordinadas aos governadores, a quem S. Majestade manda todos os officiaes da Fazenda, da Justiça e da Guerra obedecer, sendo só responsaveis pelas suas acções perante o Soberano, a quem juram homenagem, tendo os mais vassallos o recurso de se queixar quando se julguem opprimidos.

«No meio destas perturbações, promoveu as milicias, creou muitos officiaes e fez exercitar a infanteria e cavallaria.

«Accrescentou o numero dos soldados dragões, que chegaram a 80, por aviso, conseguido a sua instancia, da Secretaria dos Negocios Ultramarinos, de 25 de abril de 1901.

«Fez erigir um registo ou presidio na carreira do Araguaya, entre a barra do Itacahuna e Tocantins, e fez uma expedição até este, em que foram empregados Braz Martinho de Almeida e uma guarnição militar. Esta povoação, que se principiou, alguns annos depois, foi desamparada.

«No seu tempo, por ordem do real erario de 10 de setembro de 1801, depois de um assento da Junta e os exames necessarios, franquearam-se as terras de Pilões e Rio-Claro, com a condição de

se recolherem os diamantes que se encontrassem em um cofre, que se estabeleceu com tres chaves.

«Este terreno, emquanto vedado, foi o objecto de desejos, de esperanças e o motivo de muitas representações que se fizeram ao Throno, avaliando-se como unicas ressurças da Capitania no estado de sua languidez; porém não succedeu assim; suas mais preciosas minas estavam sangradas, ou pelos Caldeiras, contractadores dos diamantes, ou pelos extraviadores que desta e outras capitânias tinham entrado occultamente pelos sertões. Conservam-se uma pequena guarda militar e um pequeno numero de faiscadores, que chegaram a cincoenta; e ainda que tem muitas terras em ser, e talvez riquissimas, a pobreza dos habitantes e a falta de braços não animavam a fazer especulações, que muitas vezes se perdem, e serviços que são dispendiosos.

«Fez preparar o caminho que segue para Santa Barbara, de modo que se conserve, mandando que se alinhassem as arvores que se plantaram, e já não existem.

«Concertaram-se por sua ordem as calçadas da Carioca, na entrada da villa, que então estiveram no melhor estado possivel.

«Soccorreu a capitania de Matto-Grosso com alguns homens de infanteria, commandados pelo tenente Antonio José Dantas Barbosa.

«Governou quatro annos completos.»

Esta é a historia; prosigamos em nossa descripção.

A direcção geral do rio é de sudéste para noroéste; nasce no Morro-Agudo, serra de Tesouras, e desagua no Araguaya, leguas acima de Salinas, com um curso approximativo de 60 leguas.

No logar do extincto porto, elle levava mui poucas aguas, a ponto de poder ser vadeado em muitos logares com agua pelo meio da canella, numa largura de tres a quatro braças; sua caixa, porém, é enorme, e enormes e bellas são suas praias, compostas de uma areia alva e fina.

O extincto porto de Santa Rita é um rochedo sobre o qual batem perpendicularmente as aguas do rio, para se escôarem depois para o lado do norte: é hoje uma velha tapéra, e do grande armazem que ahi houve, dos botes que fluctuavam sobre as aguas verdecentes do rio, existe apenas a memoria. A não ser o estar o matto, nesse sitio, mais batido, mais entrançado de urzes e vimes, que sempre crescem nos logares abandonados pelo homem, nenhum outro vestigio existe dessa antiga habitação.

Este rio é abundante em pescado: distinguem-se, como mais famosas entre as especies de peixes, a matrinhan, o piáu, o pintado, o barbado, o chicote, tubaranas, voadeiras e pacu-açú.

Parece ser aurifero.

Num dos solapões, notei cascalho bem configurado e em tudo semelhante ao do Jequitinhonha, pelo que é provavel que seja tambem diamantino.

No tempo das aguas, suas margens alagam-se em grandes distancias, pelo que as mattas, que as cobrem, são estreitas, rarefeitas e de má qualidade.

Os campos adjacentes offerecem o aspecto do que em Minas chamam taboleiros, isto é, cobertos de arvores de vegetação enfezada entremeadas de capim.

As aguas não são ahi abundantes no tempo da sêcca, sendo excessivas no tempo das chuvas.

A caça é muita: compõe-se de antas, veados, pacas, perdizes, patos selvagens e toda sorte de papagaios.

As areias compõem-se de silicio, quartzo, fragmentos de carbonatos e sulfuretos de ferro, alguns ocres etc.

As aves aquaticas, o jaburú e diversas especies de socós povôam constantemente essas paragens.

Empregamo-nos, do meio dia para a tarde, em pescar e conseguimos, em poucos lanços, peixe em quantidade sufficiente para o jantar de toda nossa comitiva e para o sustento do dia seguinte.

Nosso jantar foi na praia e preparado á moda dos indios, o que nos foi facil, por trazermos, em nossa comitiva, dous da nação Chavante. A novidade da scena impressionou-me, e aqui a descrevo, para dar ao leitor uma idéa destas cousas.

Prepara-se o peixe assado ou cozido. O assado obtém-se por meio de um giráu, construido por cima das brazas; os indios dão-lhe o nome de *grajáu*, e serve, não só para assar o peixe, como qualquer especie de carne. O cozido obtém-se fazendo um fosso na areia; deita-se o peixe envolvido em folhas, cobre-se de novo com a mesma areia e ateia-se o fogo por cima, de modo que se opera cocção por meio do vapor resultante da humidade do peixe, que fica perfeitamente perfumado com os adubos que o traspassam. Com esta simples cozinha, por mesa e toalha o leito frio da areia, tivemos um magnifico jantar, tanto mais agradavel, quanto o sol, que pendia já para o occidente, dava ao céo achatado um colorido de verde claro morrendo em rôxo, que filtrava pelo espirito uma sensação agradavel e melancholica, de indefinivel saudade.

§ 2.°—Quinto dia—Transviamo-nos da tropa e só a encontramos por noite fechada—Bellezas naturaes da lavra do Feixo —Minas de ouro do Feixo, seu assignalamento, sua riqueza—Minas no logar denominado «José Francisco» —Minas do Coçú—Exploração nas grutas da serra— Quantidade prodigiosa de abelhas, suas especies—Aspecto interior da principal das grutas; uma mina de salitre e de pedra de cal—Aspecto selvagem de nosso pouso e cautelas que tomamos, pelo receio dos indios.

No dia seguinte (30 de setembro), sahimos ao meio-dia. Nossa tropa, carregada de roupa, barracas e alimentos, transviou-se de nós, a ponto de sermos forçados a chegar ao pouso já noite fechada.

Este foi, comtudo, para mim um dos mais curiosos dias de viagem: ao sahir do arraial, rumo sul, atravessámos constantes mattas, que bordejam alguns arroios de agua crystallina, entre os quaes figuram o Vermelho, o Cadoz e o corrego do Feixo, confluentes todos do rio do Peixe. As margens do ultimo destes corregos offerecem paizagens de uma grande belleza. No logar chamado Feixo, o grandioso da Natureza virgem toca ao sublime; duas enormes massas de rochedo elevam-se uma em frente da outra, deixando entre si um canal estreito, de cêrca de duas braças e meia, que serve de leito á estrada e sobre o qual desce em cascata o corrego do Feixo. A cabeça vetusta destas pedras, as escavas que nellas existem, o sombrio de sua côr, a melancholia do sitio fazem recordar esses castellos feudaes, que vimos em imaginação, quando, nos primeiros annos da vida, nosso espirito, cheio ainda de esperanças e crenças, percorre as scenas encantadas dos romances de cavallaria.

A alma reconcentrada, eu perguntei a mim mesmo se a felicidade não devia existir alli, no meio daquellas scenas grandiosas da Natureza, da-

quella paz imponente, tão diversa do ruido inquieto e buliçoso das grandes cidades.

No alto daquellas penhas, o fusco abutre, o gavião feroz, a andorinha ligeira e a soturna coruja fazem suas habitações.

Lá nunca ha de chegar o pé humano; mas nosso poderio manifesta-se ainda ahi; apesar dessas brenhas inaccessiveis, a ave selvagem póde ver de repente interrompido seu vôo pela bala certeira do caçador sertanejo.

As margens deste corrego e, especialmente, as que ficam juntas a esses penedos, são uma das mais ricas lavras conhecidas em Goyaz; a natureza da rocha pareceu-me ser de talco, permeado por linhas de quartzo, que constituem a béta do ouro.

A mina conhecida fica á esquerda do Estreito, para quem vem de Santa Rita para o Araguaya, e em distancia approximativa de 500 passos.

Não foi ainda explorada: deram-se apenas provas, por meio das quaes se reconheceu a sua riqueza.

O nome dessa mina é S. José.

Em 1846, o padre Joaquim Vicente de Azevedo, tendo de ir inventariar os bens do finado padre Luiz Bartholomeu Marques, mandou buscar um pouco de terra corrida dessas minas e conseguiu tirar, com pequeno trabalho, $^3/_8$ e tanto, o que pasmou a elle e a todos os assistentes.

Um quarto de legua abaixo, em um logar chamado José Francisco, margem esquerda do rio do Peixe, existem tambem riquissimas lavras.

Refere-me pessoa digna de fé que, arrancando-se os capins, se vêem as folhetas de ouro entrelaçadas nas raizes.

A experiencia feita pelo padre Joaquim Vicente foi no terreno que fica á margem esquerda do Feixo, o qual está todo virgem, em consequencia de ser difficil a agua para a lavagem.

Ao longo da margem direita do rio Vermelho, no logar em que elle faz barra no rio do Peixe, existem tambem inexploradas as lavras do Coçú, famosas por sua riqueza. Todas estas lavras são vertentes da serra do *Acaba-sacco*.

Do Feixo desviámo-nos um pouco para o lado esquerdo, afim de examinar umas grutas.

Passo a assignalar o logar com minuciosidade.

Seguindo-se em frente ao Feixo, cêrca de 600 passos, encontra-se, á esquerda, uma serra, que, 200 passos adeante, se alteia e deixa ver infinitos penedos quebrados em faces planas e quasi verticaes.

Cêrca de 150 passos acima do rez da terra, existe a arcada principal das grutas.

Subimos a ella com todas as cautelas de homens que penetram logares desertos; levámos as facas ou punhaes atravessados nos dentes, as armas de fogo nas costas e nos fomos guindando de um a outro penedo e apegando-nos aos vimes e protuberancias das pedras, conseguindo chegar á altura da gruta.

O aspecto exterior da serra é nesse logar imponente: a côr das pedras é de um acinzentado escuro, tirante a rôxo; pelas fendas dellas arrebentam gigantescas gamelleiras, cuja raizada branca se destaca agradavelmente do fundo escuro do lagedo.

Vi ahi uma quantidade tão grande de abelhas, que só póde idéar quem as viu.

Umas construiam suas casas pelo centro das rochas, outras na superficie, outras entranhavam-se

pelo chão, outras, finalmente, faziam-nas sobre as arvores, ou no ôco dos páus.

A quantidade destes insectos era tão grande, que não nos bastavam as mãos para defender a bôcca, os olhos, o nariz, o ouvido e os cabellos, por entre os quaes elles penetravam em multidão suffocadora.

As especies de abelhas ahi existentes eram as seguintes: a *jatahi*, de duas qualidades, cujo mel é superior ao de todas, pelo perfume de flores silvestres a que rescende e pelo gosto levemente acidulado de calda; a *bujuhi*, cujo mel é tambem perfumado; a *borá*, cujo mel é azedo; a *mandaguahi*, *mumbuca*, *vava*, *assanharão* (mordedor), cujas casas são dentro da rocha; a *achupé*, que constróe casas em fórma de uma pêra voltada para baixo, do comprimento de uma braça e da largura de cinco palmos (mordedor); a *arapuá* (torce-cabello), que constróe sua morada em cupins negros, por cima das arvores, e que tem a propriedade incommoda de entranhar-se pelos cabellos e arrancal-os, produzindo um zumbido desagradavel.

Descemos para a gruta por um plano levemente inclinado; ella não é muito grande, tendo, ao todo, cêrca de dez braças a parte que examinámos. E' dividida em duas abobadas, sendo a divisão formada por uma arcada mais baixa do que um homem e sustentada por duas stalactites, imitando duas columnas jonicas, cuja alvura semelha marmore.

Nada de mais curioso do que a parte superior dessas abobadas: as stalactites crystallisadas semelham, ora um espinhaço de peixe, ora dentes de animaes, ora columnas, ora desenhos phantasticos

sobre a rocha, cuja côr negra lhes faz resaltar a alvura.

A' direita de quem entra, cêrca de duas braças distante da porta, existe uma fenda, que dá para vastos salões, que não pudemos examinar, porque não levámos luzes, e os praticos della fizeram-nos desistir do exame, com o receio de cahirmos em algum precipicio, ou perdermo-nos no meio do dedalo de quartos ahi formados pela Natureza; a outra parte da gruta, porém, foi completamente examinada; ora de pé, ora arrastando-nos como reptis, conseguimos examinar os recessos mais escuros da mesma, graças a uns phosphoros de vellas que um de nossos companheiros por felicidade levava. O receio não era pequeno; eu, que penetrava na frente, soffri um grande medo, porque, quando estava empenhado em tirar-me de um estreito achatado, por onde procurava penetrar para um salão que avistára, um dos soldados que nos acompanhava bradou, cheio de terror—Olha um bicho! Felizmente, seu terror era sem fundamento e, a não ser uma multidão extraordinaria de morcêgos, que fugiam espantados ouvindo vibrar, ao écho da voz humana, o ar daquella gruta, que nunca o fôra senão pelo movimento de suas azas, nenhum outro animal enxergámos.

A rocha é de natureza schistosa e a gruta é uma riquissima mina de salitre, o que se conhece, não só pela formação das stalactites, como tambem por se encontrar crystallisado.

Deve haver no assento superior da serra a pedra de cal, sem a qual não existiriam as stalactites, de modo que este logar offerece á futura industria do Araguaya esses dous importantissimos productos:—o salitre e a cal.

O desencontro de nossa tropa, fazendo-nos perder a esperança de jantar, deu-nos a idéa de supprir essa necessidade á moda dos indios. Encostámo-nos a um buritisal e tomámos optima refeição, composta de mel, bolachas e agua fresca.

Dahi em deante, até ao pouso, que foi na ponta da serra dos Tatús, percorremos constantemente campinas, serrados, capões cobertos de buritis; vimos bastante criação nas immediações do sitio do capitão José Freire, e meus companheiros, que esperavam ahi encontrar a tropa e com ella, refeição e descanço, divertiram-se em fazer uma vaqueijada.

O ribeirão de S. Felix é de poucas aguas; corre de sul para norte, nascendo na serra dos Tatús e desaguando no rio do Peixe; é elle o termo de todo o povoado; dahi em deante, não existe um só vestigio humano, á excepção do pequeno trilho que seguiamos e dos numerosos vestigios de indios que por ahi ha.

A's 7 horas da noite, chegámos á beira de um buritisal: é elle um dos mais bellos em que temos dormido; as palmeiras estão distanciadas umas das outras e são de uma altura como nunca observei em parte alguma.

A noite era serena; armei a minha maca ao relento, e, deitado nella, adormeci num extasi, contemplando a abobada azulada e serena do céo, vista através das arcadas sussurrantes, ornada pela plumagem verde dessas palmeiras.

Sendo o logar perigoso, por ser caminho certo dos Canoeiros e outras tribus selvagens e ferozes, que nesta quadra do anno descem para Cuyabá, dormimos com sentinellas postadas em torno do

acampamento, com grandes fogos accesos e com as nossas armas junto á cabeceira, promptos ao primeiro signal.

Neste dia soffremos alguma falta de agua.

§ 3.°—Sexto dia. Abundancia de antas—Mettemo-nos pelas mattas, nas quaes vagamos sem rumo, desde as 8 horas da manhã, até as 4 da tarde—Encontramos um lago—Animaes selvagens—O pouso—Meio engenhoso de que se servem os indios para se reunirem quando esparsos por aquelles desertos.

Sahimos do pouso, no dia 1.°, ás 7 horas da manhã, e chegámos ás 6 da tarde no logar chamado *Avôadeira.*

No terreno intermedio, e especialmente nas margens do corrego dos Tatús, as antas são em tão grande abundancia, que se vêem seus caminhos cortar o sólo ás vezes com rasgões de profundidade de 4 palmos. Eu e tres praças afundámo-nos pelas mattas e por ellas vagámos desde 8 horas da manhã, até 4 da tarde.

Provavelmente aquelle sólo foi calcado pela primeira vez por pés de homens civilisados: por toda parte minha curiosidade era despertada por um novo objecto: aqui, eram os vestigios dos indios; alli, arvores gigantescas semelhando limoeiros; mais adeante, o leito de um corrego, a cuja margem passeavam os mutuns, os jacarés; além, no meio da floresta, era o barulho de um animal selvagem que fugia de nós e que a imaginação afigurava grande e temeroso.

Depois de andarmos duas ou tres leguas por entre florestas espessas, que não nos deixavam saber o rumo que seguiamos, começámos a sentir o tor-

mento da sêde. Assentámos de procurar o rio do Peixe, cujo leito, no meu pensar, não podia estar muito longe. O rio, porém, parecia fugir a nossos esforços, de modo que andámos leguas sem encontrar pingo de agua. Nosso estado tornou-se, então, desagradavel, a sêde augmentava com a demora e com o calor excessivo daquelles baixões, e quasi nos faltavam as forças para proseguir, não só porque haviamos andado a pé desde manhã até aquella hora (3 da tarde), como tambem porque estavamos muito feridos de espinhos e urzes daquellas mattas e com a roupa em grande parte rôta. Fizemos da necessidade força e, mettendo-nos pelo leito sêcco de um corrego, determinámos seguil-o, bem certos de que com maior ou menor trabalho encontrariamos agua. De facto, assim aconteceu; depois de andarmos mais meia legua, deparámos com algumas pequenas poças, no leito do corrego, e, finalmente, com uma lagôa. Ahi, satisfeita a sêde, tratámos de tomar algum descanço á sombra dos arvoredos da margem, o que fizemos, emquanto um dos soldados pescava na lagôa, para prevenir a hypothese de nos vermos sem que comer. Descançavamos ainda, quando ouvimos tiros e gritos. Respondemos. Era o alferes Maribondo, que, inquieto por nossa ausencia, nos seguira o rasto e trazia-nos cavallos. Com a chegada delle, adquirindo a certeza de que acertariamos com o pouso, assentámos empregar o resto do dia em continuar as explorações encetadas.

Encontrámos diversas cousas que excitaram nossa curiosidade.

Sobre todas ellas, porém, encantou-nos a perspectiva de um lago, com o qual deparámos casualmente, ao sahir de uma floresta; é o primeiro que

vi na minha vida: o espelho puro das aguas, as tartarugas *(cracajá)* a boiarem sobre as aguas, para se aquecerem ao sol, o aspecto risonho das praias, em cuja areia a onça, o jacaré, a anta, a capivara, haviam imprimido seus passos, eram para mim objectos tão novos, que, quanto mais os contemplava, tanto mais bellos pareciam.

Nossos animaes não haviam bebido agua desde o dia antecedente até aquella hora; o cavallo que eu montava, mesmo por ser exclusivamente destinado a estas explorações, era forte e estava descançado; rompendo adeante e esbarrando de chofre com o lago, comquanto visse que as margens eram atoladiças, não pude, todavia, dominal-o; em dous estirões, vi-me emmaranhado no meio de um verdadeiro sorvedouro de agua e lama; o cavallo redobrou de esforços e, arquejando, deu um pulo no meio d'agua e precipitou-se commigo no lago. Vi que o unico meio de evitar o perigo era abandonal-o, o que fiz, conseguindo ganhar a margem, num logar um pouco abaixo daquelle em que me havia precipitado, onde achei, quando tomei pé, terreno firme.

Pescámos ahi piranhas, apanhámos jabutis e atirámos a algumas tartarugas.

Ao ganhar a estrada, deparámos com a ossada de uma anta devorada por onça; a féra parecia ter estado faminta quando fez aquella presa, porque não se contentara com a carne do animal; havia devorado tambem o couro, deixando apenas a parte correspondente ao alto das espaduas, que, por muito grossa, resistira a seus dentes.

Nosso pouso foi á beira de um capão, por onde passa o corrego da Avôadeira, cuja agua fresca nos proporcionou, não só excellente represalia contra

a sequidão do pouso antecedente, como tambem magnificos banhos.

Como nos dias antecedentes, dormimos ao relento sobre nossas rêdes, armadas nos galhos das arvores, ou em estacas afincadas para esse fim.

Estes desertos talvez nunca vissem tão grande numero de homens civilisados.

A duas leguas de distancia para trás, pernoitava a força de que ha pouco falei, e que se compõe de 23 praças. completamente armadas e municiadas de cartuxame e balas; no centro, a nossa comitiva, composta de 23 pessoas, e, a uma legua de distancia, algumas praças que voltavam para Leopoldina, depois de haverem dado baixa; de sorte que, em caso de ataque, estavamos aptos para offerecer uma resistencia formidavel aos selvagens, cujos vestigios haviamos encontrado em todo esse dia.

Por falar em selvagens, versando nesse dia a conversação sobre elles, tive occasião de saber de um meio engenhoso de que se servem para se reunirem no meio desses desertos: vão subindo por um buriti e amarrando em torno delle, com um palmo de espaço, faxas de capim verde; descem, depois, e ateiam-lhe fogo: a ultima das faxas communica-o ás outras, de modo que a gigantesca palmeira serve de pharol, não só por ficar toda em brazas, como tambem pela elevada columna de fumaça, que sóbe ao céo em fórma de espiral.

Estes signaes são dados ao morrer do dia, quando é necessario chamar o povo para se reunir; quando, porém, o chefe da tribu, que marcha sempre na rectaguarda com sua familia, se vê falto de comida, ou receia algum ataque, ateia o fogo, pela mesma fórma, ao meio dia em ponto.

Este costume é commum aos Chavantes, Carajás e Chambioás, que são, com os Canoeiros, Caiapós, Carajays, Apinagés e Gradahús, os dominadores destes desertos do Araguaya.

§ 4.°—Setimo dia. Sahimos debaixo de chuva e fomos ao Estreito—Uma lagôa nos baixões do Araguaya—Chegada a Leopoldina.

No dia 2, sahimos debaixo de immensa carga de chuva; o céo estava revolto e negro; a Natureza, coberta de negrumes, infiltrava pelo espirito idéas cheias de melancholia e tristeza.

Chegámos ao pouso do Estreito com sete leguas de marcha.

Desde duas leguas do pouso, cahimos em varzedos de leito de areia e quasi que completamente planos. São já os baixões do Araguaya; o grande rio faz annunciar-se desde essa distancia pelo aspecto dos terrenos, que todos os annos ouvem mugir suas aguas revoltas.

Como a tarde se mostrasse serena, sahimos a pé para visitar os arredores: demos em uma lagôa, deparamos com um enorme cervo, que não pudemos matar, e com grande quantidade de patos, araras e outros passaros, nos quaes fizemos não pequeno estrago, conseguindo por essa fórma excellente provisão para o dia seguinte.

As lagôas distinguem-se dos lagos, por serem estes formados pelos rios, e aquellas, pelas chuvas.

As lagôas do Araguaya em nada se parecem com as outras que temos pelo nosso interior, excepção feita das do rio S. Francisco. Eis, mais ou menos, seu aspecto:—no meio dos serrados, o

viajante depara com uma vasta clareira de campina vastissima, no centro da qual existe uma bacia, ordinariamente redonda ou oval, mais ou menos cheia d'agua, segundo a estação. Estas bacias têm de circumferencia meia a duas leguas. As margens das lagôas são de gramineas, que se distribuem em familias, a saber: as maiores junto ao serrado, e vão indo em diminuição progressiva, até que se confundem com o capim rasteiro e com os juncos da lagôa.

Entre as gramineas gigantescas distingue-se, por seu tamanho e fórma elegante, o uvá (julgo que quer dizer *amarello*, em lingua tupi), que cresce quasi como uma palmeira, terminando por uma haste amarella, roliça, vibrada, da qual se servem os indios para flechas; esta haste é corôada por um festão de plumagem branca, delicada, em fórma de pennugem de avestruz, e que offerece, quando está pendurada, perspectiva agradavel.

Toda sorte de caças occulta-se nessas beiras, e o viajante deve marchar com precaução, já por causa das onças, já por causa dos sicurys, que por ahi abundam.

Chegámos a Leopoldina.

A impaciencia de vêr o Araguaya, que tantas vezes tinha percebido em minha imaginação, e a chuva, que cahia constantemente, e da qual não eramos garantidos por nossa barraca, fizeram-me perder todo o somno.

A' meia noite, levantei-me, mandei vir os animaes, parti ás 4 horas da madrugada e cheguei ás margens daquelle rio ao amanhecer.

CAPITULO III

De Leopoldina ao Porto da Piedade

§ 1.°—Impressões produzidas pelo Araguaya; aspecto grandioso do rio e dos desertos por onde corre.

Não nos é possivel embarcar senão depois de amanhã. Aproveito algumas horas que me restam do dia de hoje (5 de outubro) para escrever, o que me não é facil, porque as impressões são muitas e as scenas atropellam-se em minha mente, de modo que a imaginação faz passar pela memoria mil quadros novos, que me confundem o entendimento.

Confórme disse atrás, haviamos passado a noite antecedente debaixo de chuvas, das quaes não eramos bem garantidos pelas nossas tendas, por onde o vento do deserto conduzia, mugindo, suas gottas geladas.

Cheguei ao presidio aos primeiros alvores do sol, e, quando contemplei o leito immenso do Araguaya, com suas aguas turvas, a foz do rio Vermelho, cuja onda é verde e limpida, aquelles paramos desertos e achatados, que compõem uma e outra margem do rio, nos quaes a vista não encontra um só obstaculo; quando contemplei tudo isso ao clarão scintillante deste sol da America;

quando me lembrei de que a poucas braças de mim erravam talvez tribus selvagens e bravias féras, fui transportado a um horisonte tão vasto, como a perspectiva das grandes cousas que offerece o rio.

Esta arteria de civilisação não levou ainda vida ao corpo onde ella corre.

Quanta felicidade não poderia haver por estas paragens, onde o sólo é tão fertil, onde o rio offerece ao pescador numerosos pescados, onde o bosque encerra tanta caça, onde a vida é alimentada por um clima saudavel e o espirito, animado por tantas impressões grandiosas!

De todos os grandes rios que tenho visto, nenhum offerece nem de longe a majestade do Araguaya: suas aguas estendem-se na largura de 500 braças; essa massa gigantesca desce toda por egual ao longo do enorme leito, sem se vêr uma torrente mais apressada em seu veio, de modo que parece antes um corpo solido e organico, do que uma porção de liquido.

Ha na grandeza destas aguas uma calma tão serena, como aquella que se observa no oceano visto ao longe.

O Araguaya corre ordinariamente entre praias de areia fina, além das quaes crescem zonas de matto, que o acompanham de uma e outra margem, as quaes, para quem está dentro do rio, semelham orlas de junco, tão grande é a distancia.

Aqui, o deserto é de uma majestade tão imponente, que assombra e abate o espirito.

Para qualquer parte que lancemos os olhos, enxergam-se planicies sem fim, que se vão tornando cada vez mais azuladas, até que de todo se confundem com o céo.

O menor obstaculo, o mais insignificante outeiro não encrespa a superficie da terra: tudo é vasto, majestoso e melancholico como o infinito.

Parece que aqui o céo é maior; maiores e mais bellos, os valles da terra.

Tudo conserva ainda esse aspecto selvagem que offerecem as solidões virgens de nossa patria.

Os bandos de passaros aquaticos passam uns após outros; estes acompanham seu vôo de pios estridentes; aquelles, de melancholicos gritos; uns roçam com as azas a superficie calma das aguas; outros vôam tão alto, que parecem pequenos pontos suspensos no ar; outros, finalmente, param o vôo, librando-se no ar, miram de lá sua presa, murcham as azas, descem como uma flecha, sómem-se nas aguas e surgem dahi a pouco com uma victima debatendo-se em suas garras.

Tudo concorre para que as impressões sejam aqui profundas. O espirito vagueia por essas solidões, a imaginação figura esses milhares de leguas sem uma só habitação de homem civilisado. Que encerram estes paramos? Ninguem sabe... tudo é mysterioso ainda.

Hoje, á tarde, contemplava estas solidões, quando notei além, e muito ao longe, algumas columnas de fumaça. Que é aquillo? perguntei eu. Ao poente, responderam-me, são as aldeias dos Chavantes do rio das Mortes; ao sul, as dos Caiapós; ao norte, as dos Canoeiros. Os primeiros são os que infestam a estrada de Cuyabá; os segundos, robustos e ferozes, declaram que dos brancos só desejam vêr o sangue; os terceiros combatem sem recuar, não dão treguas ao inimigo e nem acceitam a vida, quando por acaso são presos. Era severa e melancholica essa scena. Havia naquellas columnas

cinzentas, que se erguiam no ar limpido e transparente, no meio do silencio absoluto daquellas solidões, um não sei quê de tão incerto e vago, que apertava o coração e abatia o espirito. Que encerrarão estes desertos? Florestas virgens, ermas campinas, paludes, serras, rios caudalosos, valladas silentes, grutas profundas, cujos écos não foram ainda acordados senão pelo grito selvagem do indio, ou pelo urro medonho da panthera? Quantas riquezas não dormirão ahi occultas? Tudo é mysterio! O pé do sertanista ousado nunca imprimiu seu rasto na areia destes desertos.

Deus correu um véo sobre uma das obras mais grandiosas de sua creação; por ora, tudo ahi é obscuro como o infinito. Quando será devassado? Deus, só Deus o sabe...

§ 2.°—Presidio de Santa Leopoldina—Sua fundação—Descripção do presidio—Passeio no rio Araguaya—Lago Dumbá-pequeno—Ariranhas—Pesca de noite—Pouso na praia—Volta.

O presidio de Santa Leopoldina está collocado na margem direita do Araguaya, junto á barra do rio Vermelho.

E' uma povoação nascente e que promette prospero futuro, se, como é de esperar, olharmos para a navegação.

Foi fundado a primeira vez, no mez de março de 1850, pelo doutor em mathematicas, João Baptista de Castro Moraes Antas, na presidencia do dr. Eduardo Olympio Machado; destruido em 1853, foi de novo fundado em 1855, sob a presidencia do dr. Antonio Candido da Cruz Machado, no largo dos Tigres, á margem do rio Vermelho, de onde foi

removido para o logar em que agora está, em 1856, sob a presidencia do dr. Antonio Augusto Pereira da Cunha.

Dahi para cá, o presidio tem prosperado e hoje conta ao todo 30 casas, entre as quaes 12 de telhas. E' principal a casa da administração, que tem 66 palmos de frente, 18 de altura e 45 de fundo, sendo toda construida de aroeira e offerecendo por essa razão bastante solidez.

As praças e paizanos possuem cêrca de 600 cabeças de gado vaccum, além de porcos, cavallos e animaes de pateo; esta cultura podia ser mais consideravel, se houvessemos tomado certas medidas de que adeante tratarei.

A barreira do rio dista 14 braças da primeira rua de casas, e deve ter outro tanto de altura, na extensão em que nos achamos.

O presidio está assentado sobre terrenos onde nunca hão de chegar as aguas, e por detrás delle se eleva um espigão raso, de terreno firme, que deve ter mais de uma legua, offerecendo por esse lado todas as proporções para uma grande cidade.

Possue uma officina de construcção de barcos, na qual se têm feito os que existem, uma de ferreiro, uma de carpinteiro, uma roda de fazer farinha, um monjollo, uma olaria.

A povoação é limitada: na frente, pelo rio Araguaya; ao norte e ao sul, por igarapés; ao poente, pelo espigão de que atrás falei.

As hortas das casas particulares estão ainda muito em começo; comtudo, a vegetação que dellas brota é luxuriante e de um colorido tão verde, como pennas de papagaio; o algodoeiro, sobretudo, toma nesta terra proporções gigantescas, de modo

a fazer-se desconhecido por quem não estiver prevenido da fertilidade do sólo; a natureza parece indicar, com a vida robusta que concede a essas plantas e com a duração excepcional que aqui lhes dá, que o goyano deve fazer della seu principal ramo de commercio.

Fui surprehendido por uma emoção agradavel, quando vi no porto de Leopoldina doze ou quatorze embarcações, entre montarias, igarités e botes, fluctuando sobre as aguas levemente agitadas desse rio, além de uma igarité, que estava já quasi concluida no estaleiro; ao menos, aqui se vê já esse primeiro elemento da civilisação moderna, a industria do transporte começando a effectuar-se por agua.

Não podendo fazer viagem hontem, embarcámos ao meio-dia, meus companheiros em uma igarité, eu em uma montaria, e descemos cêrca de duas leguas, afim de explorar o rio até á emboccadura do lago Dumbá-pequeno.

Apesar da ardentia do sol, nada de mais agradavel do que o nosso passeio: a multidão de objectos novos, a muita e variada caça, as praias immensas á direita e á esquerda traziam o espirito constantemente occupado, de modo a se não sentir senão prazer e alegria.

O lago Dumbá-pequeno fica duas leguas ao norte de Leopoldina e está na margem esquerda do rio. Nesta estação, terá um quarto de legua de comprimento sobre 300 braças, mais ou menos, de largo. Na estação das chuvas, dizem que se communica com o Dumbá-grande, formando com o rio uma ilha de cêrca de 7 leguas de extensão e de 3, em sua maior largura. As margens do lago são occupadas por grandes mattos: não tem praia alguma,

á excepção de uma, na emboccadura. E' muita a caça que ha ahi. O lago é abundante em peixes, e não é muito infestado de jacarés, porquanto só encontrámos dous na emboccadura.

Eu, que ia adeante, entrei primeiro que todos dentro do lago e esbarrei com satisfacção num bando de ariranhas que nelle estava; pouco depois de mim, chegaram os companheiros e, sendo a entrada do lago pequena, cercámos aquellas e começamos a perseguil-as.

Era a primeira vez que eu via este animal.

A ariranha é uma especie de lontra, que tem de 5 a 6 palmos de comprimento; sua cabeça é pequena e um pouco semelhante á do gato; a bocca, rasgada e armada de dentes agudos; o pescoço, da mesma grossura que a cabeça, é comprido, amarello e listrado de preto; as mãos e os pés são extremamente baixos em relação ao corpo, que é redondo e terminado por uma longa cauda, em feitio de pá, defendida por um couro grosso, guarnecido de dous pêlos, um mais espesso e comprido, outro mais curto, tenue e delgado, impermeavel á agua.

Toda sorte de peixes e féras aquaticas respeitam a ariranha, pelo valor e coragem com que ataca. Desde que os jacarés a presentem, fogem amedrontados e procuram os logares tecidos de cipós e vimes, que, embaraçando-lhe o nado, servem a estes de defesa.

As ariranhas, como as lontras, sustentam-se de peixe; vivem quasi sempre n'agua, subindo á terra apenas quando têm necessidade de mudar de um para outro logar, ou para se aquecerem ao sol. Quando ellas sáem ás praias, fazem correrias, brincam, saltando como se fossem cachorros; andam ordinariamente em bandos de 5 a 10; cavam os

barrancos dos lagos, em logar aonde não chegam as aguas, ahi fazem seus ninhos, parem e criam os filhos até ao ponto em que adquirem força para aventurar-se ao rio.

Depois da caçada de ariranhas, divertimo-nos em pescar de anzol: em meia hora, tinhamos reunido pescado sufficiente para o jantar, que fizemos preparar alli mesmo, e do qual gosamos numa das praias do lago, onde a cupula virente de um enorme jequitibá nos proporcionava amena sombra.

Pela tarde, embarcámos de novo, para tomar pé em uma praia que ficava á vista, a alguma distancia, para cima, na margem opposta do rio. Chegámos a ella ao anoitecer; dispuzemos grandes fogos e preparámo-nos para a pesca de linha larga. Tomei, então, uma ponta de praia, onde fechei a igarité; alguns companheiros desceram na montaria, a pescar com o systema que chamam *bater cacêa*, o qual consiste em tomar o meio do rio, atravessar a canôa e deixal-a rodar ao simples impulso d'agua, emquanto os pescadores atiram as linhas.

Comquanto nossa pesca fosse consideravel á tarde, todavia não nos satisfizera, porque o maior peixe que haviamos tirado não era ainda digno do Araguaya.

A's 9 horas da noite, eu estava em uma modorra, na prôa da igarité, quando senti na mesma um violento abalo; ao mesmo tempo, um dos soldados gritou, triumphante, que havia fisgado uma *pirahiba*, e de facto assim era; o peixe debatia-se no enorme anzol e com tal força, que, arrancando a prisão da igarité, nos conduzia pela agua abaixo. Ora dando corda, ora encurtando-a, conseguimos cançar o animal, e eu fiquei espantado, quando vi proximo a nós sua cabeça negra, que tinha dous palmos de

largura sobre dous e meio de comprimento. Conseguimos tiral-a d'agua para dentro da igarité; era uma enorme *pirahiba*; estavam cumpridos os meus desejos, visto que eu enxergava um dos maiores e melhores peixes que tem este rio.

Continuámos ainda a pesca, até 11 horas da noite, conseguindo mais uma *pirahiba*, um *chicote*, de 5 palmos de comprimento, uma *pirarara* e alguns outros peixes menos consideraveis, pelo que voltámos á praia, onde o resto de nossa comitiva dormia socegada.

Como estivessemos molhados, accendemos os fogos e estendemos em torno delles nossos leitos. Não posso esquecer-me da agradavel impressão que me deixou esta primeira noite do Araguaya. O céo tinha estado nublado até essas horas; de quando em quando, o vento mugia nas praias e as nuvens largavam gottas raras, mas grossas, de uma chuva gelada; na hora, porém, em que eu me deitava, as nuvens rarefizeram-se e foram pouco a pouco se dissipando, até que o céo se tornou limpido e puro como um espelho infinito de saphiras; então, no oriente, que se avistava muito ao longe, porque naquellas planicies não ha morros, nem outeiros, nem serras, a lua desenhou-se calma e revestida desse encanto melancholico que tem sempre esse astro da noite em nossas solidões, despertando no coração vagas saudades e incertas esperanças de um futuro ideal, que nunca realisaremos na terra, e que é, talvez, uma aspiração de nossa alma para a immortalidade.

Fôra-me impossivel descrever o que então senti á vista daquellas paizagens tão grandes, contempladas de uma das mais bellas praias do rio, ao clarão dessa noite, nas horas silenciosas e quie-

tas em que estavamos: era uma especie de extase o estado de minha alma, e eu, contemplando todas essas grandezas, entre a penumbra do somno e da vigilia, enxergava, não só o que estava presente, como ainda tudo o que eu tinha sentido nesse dia, completamente cheio de impressões profundas e inteiramente novas para mim.

Na manhã de hoje, embarcámos de lá, e aqui chegámos ás 2 horas da tarde.

§ 3.°—Partida de Leopoldina—Descripção do bote—Noticia sobre os Canoeiros; indole, typo, familia a que pertencem, costumes, vocabulos de sua lingua—A tartaruga—Exploração nas immediações do pouso; enxergamos uma serra, a que damos o nome de Serra Azul.

Araguaya, 7 de outubro.—Continúo estas memorias dentro do camarim do bote *Leopoldina*, no qual embarquei hoje, ás 11 horas do dia.

A população do presidio, as tripulações do bote do engenheiro Ernesto Vallée e do negociante Simeão Stellita Arrayano estendiam-se sobre o barranco do rio; nossa comitiva, composta de 21 pessoas, foi reunida ao toque de corneta, e o alferes Maribondo commandou a manobra da entrada, *com todas as formalidades do estylo.*

Em todos os rostos apparecia a alegria.

Saltámos contentes para dentro e, a um grito peculiar aos navegantes do Araguaya, a pesada machina em que viajavamos moveu-se, ao impulso de 14 remos.

Saudámos os companheiros que ficaram na praia, e bem depressa afundámo-nos pelas solidões

do rio: eis-nos agora mettidos pelo meio dos desertos do Araguaya.

Os praticos do logar assignalam á direita e á esquerda, na vastidão do horisonte, a morada de diversas tribus.

Divisámos em nossa prôa uma columna acinzentada de fumaça; póde estar a oito leguas de distancia, na altura do lago Dumbá-grande.

Dizem-me as pessoas experimentadas serem os Chavantes do rio das Mortes, que ahi chegam nesta quadra do anno, para a pesca das tartarugas e de suas ovas.

O rio continúa a ser largo, como no presidio, offerecendo fundura bastante para a nossa embarcação, que demanda tres palmos de agua.

Cêrca de $^3/_4$ de legua abaixo do presidio, existe uma fileira de rochas que atravessam o rio, elevando-se acima da superficie d'agua dous palmos.

As aguas ahi se dividem em diversos canaes, porém todos elles consideravelmente largos e serenos, não devendo ter menos de 50 braças aquelle por onde passámos.

Até aqui temos encontrado diversos lagos, dos quaes é o Dumbá-pequeno o mais consideravel, sem, comtudo, ser grande.

A caça, vista hoje, consiste em jaburús, gaivotas de diversas qualidades e patos, não se falando na que observámos numa excursão terrestre que fizemos pela madrugada, na qual vimos diversos animaes selvagens.

O leitor provavelmente não faz idéa do que seja um bote da carreira do Araguaya. Eil-o, em poucas palavras:

Supponha uma embarcação de 50 a 60 palmos de comprimento sobre 15 de largura e 3 de fundo, coberta por duas galerias terminadas em arco, da altura de um homem, e terá idéa do que seja elle. O nosso é da fórma seguinte: a pôpa é coberta por uma galeria arqueada, da altura de 7 palmos, assoalhada e terminada por uma porta. O porão offereceria commodo para cargas, se delle tivessemos necessidade; o fundo é terminado por uma arcada, forrada tambem de taboas, nas quaes existe praticada uma pequena janella. Este commodo é excellente. Vamos nelle á fidalga, agradavelmente assentados, eu escrevendo estas memorias, e meus companheiros, ora conversando, ora sahindo ao tombadilho, para ver as diversas curiosidades offerecidas pela Natureza.

Adeante do commodo da pôpa existe um corredor descoberto, da largura de 5 palmos, além do qual segue o commodo da prôa, em tudo semelhante ao da pôpa, salvo a aristocracia do assoalho; comtudo, cumpre confessar que nossa embarcação mais offerece o aspecto de um vaso de piratas selvagens, do que de cidadãos que viajam em prol da civilisação e da industria.

Nosso tecto está crivado de armas e munições: aqui, é uma faixa de fuzis de caça; alli, outra de mosquetes de guerra; adeante, latas de polvora, saccos de chumbo, facas e punhaes. Levamos todo o necessario para uma viagem nestas paragens, isto é, sal e farinha em abundancia, alguma carne; o mais será supprido pela bocca d'arma, ou pela aspa do anzol.

O Araguaya póde bem ser navegado a véla. Na volta, tenciono empregal-a, com tanto mais firmeza, quanto uma experiencia que fiz hontem me deu

logar a ficarem confirmadas a esse respeito minhas esperanças.

A' proporção que vamos descendo, os horisontes desertos vão desapparecendo á direita e á esquerda, sem offerecer grandes novidades, mas sob os quaes a imaginação se compraz em crear mil cousas. A' nossa esquerda, estão os famosos campos dos Araés, onde diziam os antigos que as aguas corriam sobre areias de ouro. A' nossa direita, e em rumo de nordéste, estão os sertões de Tesouras, fechados entre o rio do Peixe e o rio do mesmo nome: é ahi a morada mais constante do impetuoso Canoeiro, cujo caracter selvagem e feroz merece especial menção.

O Canoeiro é ordinariamente de estatura baixa; cabellos e olhos negros, côr de bronze; fino, agil e com as pernas levemente arqueadas. Tem esse nome, por se terem tornado celebres os seus ataques contra os navegantes do Maranhão, a quem acommettiam em levissimas ubás e com agilidade tal, que chegavam sem ser presentidos, retirando-se sem soffrer damno.

A tribu dos Canoeiros parece ter tido outr'ora alguma civilisação, porque a maior parte della entende alguma cousa da lingua portugueza, o que não se póde explicar por aprendizagem que tenha feito agora, visto que seus membros não dão absolutamente fala. Algum odio profundo contra a raça branca parece dominar esses selvagens: perseguem-na incessantemente e não dão nunca tréguas.

No rio Claro, foram mortos ha poucos annos alguns que nos atacaram, e notou-se-lhes uma especie de casca, que ia desde o cotovello até a mão, tão grossa como um callo, resultante da pratica que elles têm de acompanhar os brancos, arras-

tando-se pelos capins, como se fossem serpentes. O Canoeiro é mais valente do que outro qualquer indio, ao que accresce o ser mais sagaz e previdente. Quando o Canoeiro bate, a destruição é certa, porque elle não o faz sem escolher occasião opportuna, custe isso muito embora uma espionagem incessante de muitos mezes. Ordinariamente matam e roubam tudo quanto é ferro, couro, roupa. O dinheiro e outros quaesquer objectos preciosos a nossos olhos não têm para elles valor algum.

Em toda parte do norte desta provincia, vê-se, assignalada por uma destruição, a passagem desta tribu assoladora. A poucas leguas do logar em que estou, jazem as ruinas do extincto arraial de Tesouras, cujos habitantes elles mataram e cujas casas assolaram sem a menor piedade, entregando a povoação a um incendio, que tudo devorou, á excepção das paredes e muros de pedra, que ainda existem. Além desse, existem as freguezias de S. Felix, Cocal, Agua Quente e Amaro Leite, cujos sertões foram os mais ricos em população e gado, todos reduzidos a cinzas por elles, além de Crixás e a villa de Pilar, que foram dizimadas.

Usam de armas mais perfeitas do que as outras tribus; servem-se de punhaes, espadas, baionetas, flechas com ponta de ferro, fazendo deste sempre ampla provisão nas povoações que assolam.

Em nossa comitiva vem o alferes José Rodrigues de Moraes, que, em 1859, foi encarregado pelo sr. Gama Cerqueira de bater esses selvagens, que atacaram Santa Rita.

Falando das armas, não poderei deixar em esquecimento uma, que é das mais terriveis, isto é, o porrete: tiram-no do cerne de madeiras de lei, atam-no com uma corda e manejam-no de modo que

sua pancada, se não é sempre mortal, serve pelo menos para derribar a victima e dar-lhes occasião de matal-a mais commodamente.

Existe aqui, em Crixás, o alferes Antonio Xavier, que foi derribado de cima do cavallo por um desses tiros, lançado de 60 passos de distancia!

O porrete é curto, de 3 palmos, e o cabo é do tamanho de quatro pollegadas; a ponta é mais larga do que o resto e termina em fórma de azagaya.

Todas as outras tribus de indios têm medo do Canoeiro e respeitam-no, não só pelo seu grande numero, como por ser a mais aguerrida, feroz e intelligente.

Os Canoeiros, como as outras tribus, são submettidos a chefes, a quem dão o nome portuguez *Capitão*, o qual por sua vez tem sob suas ordens *tenentes*, *alferes*, *sargentos* e *cabos*.

Mais guerreiros do que os outros, são tambem muito mais disciplinados.

Obedecem cegamente a seus chefes e atacam em bôa ordem.

Todas as tentativas de catechese hão sido infructuosas. Nem mesmo se tem conseguido até o presente civilisar os presos em combate. Ahi vai um traço caracteristico de seu amor pela independencia, da obediencia a seus chefes, do odio que nos votam e do qual são testemunhas diversas pessôas de conceito, como sejam o major José Coelho Furtado, o capitão Adrião Lopes Barreira, Paulo Machado dos Santos e Luciano Martins Canabrava:

Num dos numerosos ataques dados nos sertões do Amaro Leite, alguns guerreiros mais atre-

vidos foram presos, depois de muito feridos. Chegaram-se a elles os capitães Adrião, Paulo Machado e major José Coelho.

—Vamos para casa, que estão muito feridos, disse-lhes Coelho.

—Não, responderam os indios, o capitão não quer.

—Então, nós os matamos.

—Sim, disseram os selvagens; mas não matem com faca, porque dóe muito.

Estes homens, que eram humanos, procuraram por todas as fórmas possiveis persuadil-os a seguirem para casa, afim de evitar-se a triste necessidade em que se achavam de matal-os, ou sujeitar-se a suas assolações. Os indios resistiram a tudo; não houve meio de convencel-os. Foram mortos um por um, e ainda o ultimo, que tinha presenceado a morte dos outros e que, portanto, não podia esperar que a ameaça não fosse realisada, preferiu a morte á hospitalidade que se lhe offerecia. Foram todos mortos; dahi a annos, porém, o sertão do Amaro Leite, que contava uma população de 3.000 homens, ficou inteira e absolutamente deserta. As pessoas, cujos nomes acima citei, viram-se obrigadas a fugir dessas terras, pelo medo da vingança, e moram hoje nas margens do rio Vermelho.

O odio que nos têm é tão grande, que algumas mulheres, que se deixaram prender e foram domesticadas, vivem em constantes sobresaltos, temendo ser por elles assassinadas. Desde o momento em que lhes consta haver um Canoeiro entre os «portuguezes», como elles nos tratam, conservam constantemente espias, por um, dous annos e mais, até que o possam matar.

A descripção que eu fiz do typo Canoeiro foi-me ministrada por um casalzinho delles que vi na freguezia de Entre-Rios, desta provincia, em dezembro do anno passado. (*)

O macho chamava-se Tapirica; da femea me não lembra o nome.

Entre os Canoeiros, o modo de matar a sicury é militar, como uma batalha.

Nos poços escuros e negros, onde este reptil colossal de ordinario se acoita, elles chegam para observar se enxergam a serpente, se vêem arrastadouros, ou outros quaesquer signaes indicativos de sua presença.

Urram e assobiam, de modo que o poço retumba com a resposta da féra.

Conhecida sua presença, o chefe põe em linha os guerreiros, que ficam na beira d'agua, armados com uma faca atravessada nos dentes.

A um grito do chefe, precipitam-se elles na onda escura, desapparecem, e quando surdem á tona, cada um traz na mão um pedaço da cobra, cuja carne muito estimam.

Em 1857, quando o alferes José Rodrigues de Moraes os bateu junto a Santa Rita, encontrou uma porção de pequenas bruacas de couro, cheias de milho; parece que, quando cada guerreiro viaja, leva nas costas aquella provisão, destinada talvez a mantel-o quando falta a caça, a pesca, ou o roubo.

A coragem indomavel destes selvagens, sua civilisação, proporcionalmente muito mais adeantada do que a das outras tribus, são outros tantos in-

(*) Tive depois occasião de ver outros selvagens desta tribu na aldeia da Estiva, como adeante narro.

dicios de que o Canoeiro nada menos é do que a antiga e famosa tribu dos Carijós, que habitou S. Paulo, e cuja lingua é a geral, ou a ella muito semelhante.

E' hoje corrente na historia do Brasil que os Canoeiros são os mesmos Chavantes. Eis aqui o que diz a respeito o Diccionario Geographico do Brasil, no artigo «Chavantes»:—*Indios valorosos, porém inclinados a roubar, que dominavam nas mattas do Tocantins e discorriam por este rio em canôas, que governavam com summa destreza, motivo por que os primeiros exploradores portuguezes lhes deram o nome de Canoeiros.*

E' isto um erro grosseiro. O Chavante nada tem de commum com o Canoeiro; o typo é diverso, diversos o genio, costumes e lingua, confórme o leitor poderá apreciar, confrontando as descripções que damos de uma e outra nação.

A tradição em Goyaz é, a meu vêr, mais racional: ahi se diz que, na occasião de uma desavença havida em S. Felix, entre João Leite Ortiz e Bartholomeu Bueno da Silva, descobridores da provincia, Ortiz tomou para o norte com os indios Carijós que havia trazido de S. Paulo; que estes, chegada a opportunidade, fugiram para os mattos, voltando ao estado selvagem, e fundaram a tribu dos Canoeiros; de sorte que, segundo esta tradição, os Canoeiros são os mesmos Carijós.

Conservam tradição de algumas de nossas festas religiosas; entre outros, citarei o seguinte facto, referido pelo padre Luiz Gonzaga de Camargo Fleury, que foi presidente desta provincia:

Uma bandeira de christãos bateu-os nas margens do Tocantins, no dia 8 de setembro. Na oc-

casião da mortandade, uma india velha gritou:— «*Ah, judeus! até no dia do nascimento de Nossa Senhora nos vêm perseguir!*»

Outro facto citarei, que prova, não só o conhecimento que têm de nossos costumes religiosos, como tambem a coragem e sangue frio com que nos atacam.

Em quarenta e tantos, o povo de Amaro Leite havia concorrido com o seu parocho á matriz da povoação; rezavam a ladainha, quando ouviram vozes numerosissimas respondendo de fóra— *Ora pro nobis!* —Alguns, espantados, foram vêr o que queria aquillo dizer: eram os Canoeiros, que, depois de haverem cercado a egreja, se divertiam em acudir á reza tirada pelos christãos.

Não é só este facto que existe para provar o pouco caso com que por vezes nos tratam. Muitas vezes, no norte desta provincia, têm dirigido motejos aos viajantes, e isso, senão em bom portuguez, pelo menos em portuguez intelligivel.

A lingua delles é para mim uma prova exuberante em favor do que digo ácêrca do nome antigo desta nação; ahi publíco em seguida alguns vocabulos, pelos quaes o leitor examinará até onde minhas supposições se acham confirmadas por este argumento. Accrescentarei que muitos dos nomes constantes do vocabulario são hoje correntes entre os paulistas do povo, chamados *caipiras* naquella provincia; citarei, entre outros: *tiguera*, *avaxi*, *itanhaen*, *ajuruhy*, *itá* etc.

Os vocabulos seguintes não estão provavelmente bem escriptos, não só porque os tomei á pressa e a montar para partir, como porque os indios que m'os diziam faziam-no com extrema dif-

ficuldade, visto que entre elles é crime capital ensinar-nos a lingua.

Vocabulos da lingua dos Canoeiros

Portuguez	Canoeiro	Portuguez	Canoeiro
Mãe	*Ahy*	Flecha	*Uvá*
Veado	*Uassú*	Faca	*Ita quiché*
Porco	*Tara xú*	Enxada	*Itapruré*
Sol	*Ará*	Foice	*Japruré*
Papagaio	*Ajuruhy*	Machado	*Jegrã*
Menino	*Colomy*	Cabeça	*Eauchmã*
Casa	*Ocá*	Pé	*Depu*
Machado	*Dgigua*	Mão	*Depó*
Mulher	*Uainvi*	Tacho	*Itanhaén*
Homem	*Cuimbaé*	Estar pejada	*Iprurá*
Moça	*Cunhan*	Deus	*Juvaká*
Menina	*Conhatain*	Homem de guerra	*Cuimbahy*
Boi	*Tapira ete*	Gallinha	*Acaré*
Agua	*Ig*	Roupa	*Aobá*
Corrego	*Paranã*	Abobora	*Tacré*
Pedra	*Itá*	Feijão	*Cumundá*
Palhada (roça velha)	*Tiguera*	Telha	*Jocá*
Milho	*Avaxi*	Macaco	*Kain*
Arroz	*Avaxi mim*	Canna	*Taquarean*
Farinha	*Ui*	Taquara	*Jatesquá*
Canoeiro	*Avá*	Banana	*Manapary*
Chorar	*Jacó*	Mamão	*Baiagó*
Rir	*Opocá*	Bonito	*Semicato*
Madrugada	*Coemum*	Bom	*Icato*
Sol entrar	*Oique*	Ruim	*Tequary*
Gente	*Bacané*		

Nomes proprios

Joaquina	*Jatahy gula*
Antonia	*Jurandeau*
Capitão (actual dos Canoeiros)	*Ipaze*
Mãe » » »	*Traimb*
Sargento » » »	*Jurubá*

Está claro que os nomes proprios não são traducção dos nomes portuguezes Joaquina e Antonia, como poderá parecer pelo modo por que os escrevi: são os nomes que tinham esses indios antes de serem baptisados.

Prosigamos, porém, na narração da viagem.

Divisámos á direita uma praia, á qual abiquei, com o fim de apanhar ovos de tartaruga.

A tartaruga desova em outubro, época em que, estando as aguas baixas, existem não só praias sufficientes, como tambem a atmosphera está impregnada do necessario calor para fazer germinar o ovo. Este animal é dotado de um instincto particular, por virtude do qual só procura aquellas praias, que não podem ser inundadas pelas primeiras chuvas.

Se não fosse esse instincto, os ovos não podiam germinar, porquanto, logo em outubro, as aguas cobrem as praias rasas e assim, com a sua frieza, seria impossivel o chôco. A tartaruga sóbe ás ribanceiras, cava um buraco de cêrca de 3 a 4 palmos de fundo, conduz agua aos recessos de sua duplice concha, humedece a areia e deita os ovos. Ainda no meio destes, a Providencia Divina apresenta curiosidades. Os ovos são divididos em duas classes, uns que produzem o animal, outros que são cheios de oleo, que não têm gemma, muito maiores em volume; os primeiros circulam os de oleo. Tendo tido occasião de observar essa differença, que me pareceu notavel, tratei de inquirir da causa, e soube que os ultimos são destinados á alimentação das tartaruguinhas; essa é a razão pela qual são postos no meio. Como o animal ao nascer não teria força para romper a crosta de areia que os cobre e defende, a Natureza alli dis-

poz aquella alimentação, com a qual podem esperar, não só o augmento de forças, como tambem o tempo que lhes é necessario para romper o buraco. O volume da tartaruga é ás vezes de uma braça de comprimento sobre 8 palmos de largura. Seu tamanho ordinario, porém, é de 5 palmos sobre 4.

As praias em que desovam são chamadas— de *viração*. De cima de nosso bote, divisámos em uma praia rastos de uma. Subimos, eu e alguns companheiros, numa pequena montaria; desembarcados, seguimos o rasto até um pequeno comoro de areia, junto ao qual cavámos, até esbarrar na ninhada, que nos forneceu bôa porção; fomos a mais duas e entre essas encontrámos uma, que nos produziu 129 ovos. Colhí, nessa occasião, cinco dos que encerram tão sómente oleo, entre os quaes está um, que tem quasi um palmo de comprimento. Foi então que tive occasião de observar com precisão as cousas que escrevi acima. Nossa pequena canôa trouxe cêrca de trezentos, que nos serviram para preparar alguns pratos de raro e delicado sabor.

Apenas nascidas, as tartaruguinhas procuram a agua, já por ser seu elemento natural, já para evitar o sem numero de perseguidores que contra ellas arremettem de terra firme. As onças, os lobos, as raposas e toda especie de ave de rapina as acommettem em tão grande abundancia, que quasi nunca se pernoita em praia de viração, e, quando a necessidade obriga o viajante a isso, são tomadas todas as cautelas proprias da imminencia de um perigo. Quando percorriamos a praia, deparámos na areia com signal de um sicury; medi o rasto e vi que elle tinha dous palmos de diametro!

Abaixo da praia das Cangas, existe uma barreira alta, na extensão de meia legua. E' ella na

margem esquerda do rio. Sahi para observal-a; varei um serradão fechado de mattos, cuja vegetação demonstrava que o terreno não é alagadiço; dei num varzedo limpo e plano, ao norte do qual corre um espigão pouco elevado: ahi, procurando uma das arvores mais altas, subi o mais que pude, e divisei ao poente, numa distancia approximativa de nove leguas, uma serra, cujos contornos azulados quasi se confundiam com as nuvens do céo: denominei-a «Serra Azul», visto não ter ainda nome. A terra firme pareceu-me continuar em fórma de semi-circulo, partindo da barreira em que estavamos, seguindo para o poente e descambando para o norte.

Pousámos na praia fronteira a essa barreira; armámos nossas tendas, accendemos grandes fogos e ahi dormimos. A' meia-noite, mais ou menos, ouvi entre a modorra do somno a voz de um dos soldados, que pedia que me chamassem. Acordei e fui em direcção: era uma *piratinga*, que se havia fisgado no anzol e que nelle já havia debatido algum tempo. Quiz ter o prazer de puxal-a para fóra; desisti, porém, do intento: a força do animal ainda cançado era tanta, que eu teria largado a pelle das mãos se insistisse em querer puxal-o fóra d'agua. Causaram-me admiração suas grandes proporções: era maior do que o mais alto soldado de nossa comitiva; tinha nove palmos e algumas pollegadas de comprimento, e a grossura era egual ao tronco do corpo de um homem robusto.

Pescámos outros peixes, cujos tamanhos me fariam admirar em outros logares, mas que aqui não merecem menção.

§ 4.°—Uma caçada de anta—Descripção da viagem—Arraias—Pesca de noite—O pouso.

8 de outubro.—Erguemo-nos ao romper do dia; levantámos nossas tendas e iamos embarcar, quando uma anta appareceu na extremidade sul da praia em que nos achavamos. O instincto da caça e pesca é grande em nossa comitiva, começando por mim mesmo, que me domina e arrebata.

A anta não consentiu que se atirasse: correu para o matto, onde procurou embrenhar-se; os cães, porém, atacaram-na de fórma que bem de pressa ella surdiu de novo na praia, precipitando-se logo na agua.

A praia estava coberta de caçadores. Metti-me dentro de uma montaria, dirigi a prôa para cima do animal, e, apesar do enthusiasmo da caça, não deixei de sentir o perigo que podia haver, já não digo de sermos precipitados no meio da agua, mas de sermos atirados, no meio da confusão que reinava. O cão que havia tirado a anta, e que se chamava *Nario*, precipitou-se atrás della no meio do rio, e, nadando esforçadamente, captava a attenção e applausos dos caçadores, que o animavam com gritos.

De repente, porém, um enorme jacaré surgiu da margem opposta e flechou direito sobre o nobre animal: estava elle perdido; o monstro da agua nadava com uma velocidade de vapor, e as presas do cão seriam impotentes contra a armadura córnea com que a natureza brindou um ser tão inutil: virei para esse lado minha canôa; os remadores feriam as aguas com todo o esforço de seus energicos musculos. «Salve-se o cão!»—diziam todos.

As distancias, porém, eram grandes e, emquanto luctavamos contra a corrente, a féra approximava-se, ganhando sensivel distancia sobre o cão; felizmente, porém, mais veloz do que o nado do jacaré é a intelligencia do homem.

Quando elle pensava apertar em sua queixada monstruosa o corpo palpitante do nobre animal, uma bala certeira interrompeu-lhe a carreira e o sepultou no abysmo.

Desapparecendo o jacaré, proseguimos na perseguição da anta, que alcançámos logo. Atirei-lhe na cabeça, mas sem resultado; ella afundou-se de novo; ao surdir, tornei a atirar, sem resultado tambem; a espessura do couro deste animal é tão grande, que os tiros, a não serem com bala, só são mortaes na parte inferior do omoplata, ou no alto da cabeça, para quem atira de frente, visto serem separados por uma abertura de tres a quatro linhas os ossos que constituem seu craneo.

Se tivessemos facas, poderiamos matal-a, visto que, ao mergulhar, demos nella com os remos, e, quando ella surdiu na borda do barranco, encostámos-lhe nossa canôa, sem outro resultado mais do que o de escapar-nos e de nos vermos alagados pelo embate que deu contra nossa leve montaria.

Dahi veiu ella á praia; ao surdir, porém, encontrou-se com a fila de caçadores que ahi se achava, mergulhando novamente. Mesmo assim, não estava segura: dous soldados mergulharam com a mesma agilidade, e o sangue que avermelhou logo a superficie da agua indicou que o animal havia sido ferido. Nestas luctas e esforços succumbiu ella, finalmente, deixando-nos, porém, desapontados, por ter morrido no meio d'agua, o que nos obrigou a esperar cêrca de duas horas, terminadas as quaes tivemos o pra-

zer de repartir seus intestinos entre a matilha e collocando-a, depois, na montaria, atámol-a á nossa pôpa, onde vem vindo.

Ha pouco, divisámos á esquerda uma barreira alta: é provavelmente ligada á que descrevi atrás por algum espigão de terra não alagadiça. Pousámos ás duas horas da tarde, com uma marcha de quatro leguas, por ser necessario retalhar e salgar a caçada e pescado que haviamos feito.

O rio é todo largo e profundo neste trajecto e continúa a correr entre bellissimas praias. Nosso pouso foi em frente ao lago das Cangas.

Sahi na pequena montaria, para examinar o lago, que não é muito grande, tendo meia legua de comprimento; no centro ha uma formosa ilha, onde encontrei um bando de jacús e uma fila de macacos, nos quaes fiz grande caçada. E' um lago muito profundo, excepto na bocca. Está na margem esquerda.

Nosso pouso foi defronte desse lago, em uma praia que fica á direita, e que por sua vez tem tambem um pequeno lago por cima, que se communica com o rio por um canal que estava com muito pouca agua nessa occasião, de modo que, para percorrel-o, foi necessario arrastar a canôa por elle fóra, com perigo de serem os puxadores ferretoados pelas arraias.

E' a primeira vez que tenho occasião de falar neste peixe; aproveito-a para descrevel-o. Em todos os rios que vertem para o norte desta provincia, existe grande abundancia delle. No Araguaya, ha duas especies: uns amarello-pardos; outros negros, pintados com pequenas malhas redondas e brancas; a estes ultimos dão o nome de *ar-*

raias de fogo. São em tudo semelhantes ás arraias do mar, menos na côr. Moram ordinariamente nos baixios e fazem sua cama na areia, por debaixo da qual se occultam; não sendo vistas por quem anda pela agua, é facil serem pisadas, e vingam-se, dando uma ferroada no indiscreto que lhes vai atrapalhar o somno. O ferrão da arraia está nas costas, no logar em que a cauda se entronca no corpo; é uma massa córnea, em fórma de punhal, ordinariamente de duas polegadas de comprimento, armada de dentes de um e outro lado. á maneira de serra, com pontas voltadas, como aspas de anzol, de modo que entra com toda facilidade e não sáe sem arrancar pedacinhos de carne. A ferida resultante é de difficil cura, já pela irregularidade do córte, já porque o ferrão deixa dentro um producto viscoso, que muito concorre para inflammar a chaga. Ha mais medo desse peixe do que de cobras, entre a gente da tripulação.

Visitámos o pequeno lago. Matei nelle um jaburú. A' noite, distrahimo-nos em pescar jacarés; os indios vieram até á margem opposta e, valendo-se das sombras da noite e da floresta, divertiram-se em arremedar pios de passaros. Não nos fizeram, porém, o mais insignificante damno.

Esta praia ficou-nos de memoria, já por ter sido a em que matámos os primeiros jacarés, já porque, com o retalhar a anta, os soldados perderam todas as foices que levavamos, e que nos eram indispensaveis, de modo que, sempre que tinhamos de armar as barracas, vinham as lamentações pela perda dos *podões*.

De noite, logo que viemos da pesca, lançámos fogo em um hervaçal sêcco que fechava a praia pelo lado da terra, e gosámos do espectaculo ma-

jestoso de um grande incendio reflectido nas aguas do rio. Com o incendio, um dos cães que traziamos sahiu do matto onde se havia accommodado, e produziu um grande alarma, porque um dos soldados, impressionado provavelmente com as muitas historias que se contam do Araguaya, gritou assustado: —Olha uma onça! Bem depressa, porém, reconheceu-se o engano e o facto serviu apenas para dar logar aos costumados commentarios e motejos, proprios destas occasiões.

Alguns jacarés vieram rondar á noite o pouso; felizmente, não fizeram estrago algum; em compensação, fizemos nelles não pequeno, visto que, além dos feridos, ficaram tres mortos na praia.

§ 5.°—Fazemos grande jornada—Vemos diversos lagos—Abundancia de ovos de tartaruga—Nossa alimentação.

9 de outubro.—Embarcámos ás 7 horas da manhã e pousámos ás 6 da tarde, com uma viagem não interrompida e veloz.

Passámos o lago Dumbá-grande e o lago da Montaria e pousámos pouco abaixo de outro, que não tem nome e que até agora passava por um igarapé, mas que é um grande lago, que se entranha pela terra firme, segundo pude observar do alto de uma arvore, á que subi, em suas margens.

Sua communicação com o rio está actualmente cortada pela grande sêcca.

Todos estes lagos jazem na margem esquerda do rio. O Dumbá-grande é o mais consideravel delles. Infelizmente, não o pude explorar, porque a necessidade de fazer a viagem m'o impediu.

Nosso pouso foi junto a uma barreira alta, que parece ser continuação do primeiro espigão que observei e de que já falei.

Avistei a serra Azul, que continúa ainda seguindo a direcção de sul a norte; enxerguei uma grande fumaça junto della, para o lado do poente; disse-me o Chavante ser a morada de sua nação.

A pesca e a caça continuam em abundancia. Hontem, poderiamos ter enchido duas vezes nossa montaria de ovos de tartaruga, se quizessemos dar ao trabalho de colhel-os, trabalho a que não nos sujeitámos, porque nos traria abundancia superior a nossas necessidades.

A coberta de nosso bote já vem estivada de caça e pescado, cumprindo, comtudo, confessar que nossa alimentação vai tomando um caracter por demais selvagem: não são unicamente os ovos de tartaruga que nella figuram; junto a nosso fogo, erguem-se espetos, onde se moqueiam cabeças de enormes peixes, macacos e cameleões.

Dentro em pouco, é provavel que façamos figurar entre as eguarias da nossa mesa as caudas dos jacarés.

§ 6.°—Noticia sobre os Araés; sua riqueza; sua situação—Roteiro para o logar dos antigos Araés—Exploração do lago dos Pitos; é rio e não lago—Passeio durante a viagem.

10 de outubro.—Acabamos de embarcar. São 6 horas da manhã. Apesar da muita provisão que tinhamos, figuram ainda de novo em nossa prôa duas enormes pirararas, um pintado e alguns peixes miudos, resultantes da pesca de hontem.

Aproveito o não ter ainda facto algum a narrar para escrever noticias ácêrca das famosas minas de ouro dos Araés.

A antiga e extincta povoação dos Araés era situada na margem esquerda do rio das Mortes, acima uma legua de uma cachoeira que tem esse rio, e que provavelmente é produzida pelo córte que fizeram as aguas na serra, ao sul da qual estava a povoação.

Esta, entranhada no meio dos desertos, tão cheios de perigos, só tem sua explicação no ouro que ahi havia e do qual as tradições são grandiosas. Era elle tirado das areias que corriam ao longo do rio.

A população medrou em paz, até que a descoberta das minas, excitando a ambição do Guarda-mór que a governava, fez que se excluisse o povo de sua exploração, com o que este se revoltou e matou aquelle, assim como a todos os seus, tendo ficado os cadaveres dentro da mina. A pratica deste grande crime trouxe, como era natural, um grande terror a toda a população, que directa ou indirectamente nelle havia consentido. Quando se espalhou a noticia de que o governo de Cuyabá enviava para ahi um Ouvidor, afim de punir os culpados, os moradores desertaram da povoação e internaram-se pelos sertões, onde se têm encontrado suas caveiras, prova de que uma grande parte soffreu da Providencia Divina o castigo que devia receber dos homens. E' por essa razão que as noticias ácêrca dos Araés são envolvidas no meio de obscuridades taes, que provocam a duvida.

Em 1848, Alvaro Bueno de Azeredo reuniu-se a alguns outros habitantes de Santa Rita e com elles, internando-se pelos sertões, foi em descoberta

dessa povoação, á qual chegou depois de muitas perdidas e através de immensos soffrimentos. Encontrou varios vestigios, entre os quaes bananeiras, muros de pedra e outros. Viu algumas minas, que permanecem inexploradas. (*)

Alvaro e seus companheiros, não podendo alimentar-se, tiveram de abandonar esse logar, com intenção firme de para lá voltarem, o que se não effectuou.

A fama destas minas tem em todos os tempos excitado a cobiça dos exploradores. Em 1857, dous homens de Minas tentaram sua exploração, para o que deram a Alvaro 200$000, afim deste servir-lhes de guia. Esta tentativa tambem se não effectuou, em consequencia de ter morrido o pae de um dos moços, que por isso foi obrigado a voltar a Minas, afim de recolher a herança e liquidar seus negocios; de sorte que essas riquezas ahi jazem sepultadas, á espera de que algum homem emprehendedor e com força as vá desenterrar.

A exploração das minas é facil em si, mas rodeada de obstaculos e difficuldades, entre os quaes assignalarei o estar ella distante cêrca de 50 leguas da primeira povoação consideravel, que é Goyaz, e no meio de terrenos infestados de indios. Para explora-las, seria mistér enviar adeante plantadores de roça, ou estabelecer contractos com os habitantes de Santa Rita, afim destes para lá levarem mantimentos.

Tanto o rio das Mortes como os corregos que nelle desaguam passam por ser diamantinos, o que é muito natural, visto serem abundantes neste mi-

(*) No fim deste escripto, publicamos uma narração circumstanciada dessa viagem, que ouvimos do proprio Alvaro.

neral as aguas que vertem da serra de Santa Martha e Sellada, de onde nascem tambem os rios Claro, Caiapózinho e Caiapó Grande, que são ricos em diamantes.

Ahi publíco uma nota, que vem á pag. 457 da memoria historica do padre Luiz Antonio da Silva e Souza, já citado:

«Sobre Araés e Martyrios, vi, ha poucos dias, um roteiro, que póde ser que algum dia sirva, e por isso o transcrevo, feito em Cuyabá pelo capitão-mór Antonio Pires de Campos e capitão-mór Antonio Rodrigues Villares, o qual é o seguinte:

«Depois de seguir o morro de S. Jeronymo, seguirão ao nascente até ao rio da Casca; dahi seguirão ao norte, e o maior rio que acharem descerão em canôas, por ser a marcha mais breve; o rio que encaminhe a sua corrente para o nascente dá no Araguaya, que é grande: desçam por elle, que nelle se mettem muitos rios e riachos bem figurados para terem ouro, e vertem de serras muito grandes. O rio Araguaya faz barra no Paracupebá, que corre de sul, quasi ao norte, e pouco abaixo desta barra tem grandes pedrarias que passam o rio de uma a outra parte, e visto de longe parece que se subverte; porém tem bons canaes, por onde passam as canôas. Seguirão pelo mesmo abaixo, até onde se acha um morrinho de Taguá, para a parte esquerda, ao pé do rio, todo escalvado; com trabalho subirão por elle; olhando entre poente e norte, se avistarão uns morros azues, que distam daqui sete ou oito dias de sertão, e nestes acharão a tapéra dos Araés, onde chegámos com meu pae, que Deus haja, e achámos varias cunhas com folhetas pelo pescoço e braços, e destas folhetas mandou meu pae fazer um resplendor para uma imagem

do vulto de N. S. do Rosario, que na nossa casa tinhamos, e tambem uma corôa do mesmo ouro, que pesava quarenta e tantas oitavas, para a Senhora do Carmo, do Hospicio de Ytú. E perguntando aos ditos indios onde tinham achado aquellas folhetas, respondeu o cacique que naquelles morros, depois de chover. E' isto o que ouvi.

«Na volta que fizemos, encontrámos o pae do capitão-mór Bartholomeu Bueno, e ouvindo a meu pae todo o referido, foi nas mesmas vizinhanças, aonde tinhamos deixado uma aldeia de gentios da mesma nação Araés, por não podermos conduzir duas aldeias, por serem numerosas, e o dito Bartholomeu Bueno aleivosamente os conduziu, e por isso não se logrou delles, que lhes deu a peste, e quasi acabaram todos, e o dito entrou por Goyaz, e nós por Cuyabá, e, na volta que fizemos para Cuyabá, subimos todos pelo rio, para vermos os Martyrios.

«E por cima da barra do Araguaya achámos muita gentilidade, e o rio com má navegação, por ter muitas cachoeiras; e aonde estão os Martyrios fica, subindo o rio acima, da parte esquerda, com apparencia de gallo, cruz, cravo, lança e mais cousas; é difficultosa esta navegação; até sahir a ponta de cima, fica um rio á mão direita, que é o rio das Mortes, pelo qual subimos até ás cabeceiras, e depois sahimos por terra, e gastámos vinte e tantos dias á villa de Cuyabá. E tudo isto que digo affirmo com a verdade que costumo, e jurarei aos Santos Evangelhos, se necessario fôr.

«São formaes palavras da cópia que vi assignada.»

Este roteiro remonta a uma época muito antiga, áquella em que se descobriu a provincia de

Goyaz, e confunde, porque, á vista delle, parece que os Araés não eram á margem do rio das Mortes. Entretanto, sabido é que a povoação fundada com esse nome, e que depois tomou o de Santo Antonio de Amarante, com o qual vem ainda em alguns mappas, era na margem esquerda desse rio; a ella é que se referem as noticias que dei acima.

Estaria collocada no mesmo logar que o auctor do roteiro quiz designar? E' questão mui difficil de resolver. Aqui, em Goyaz, ha entre os homens antigos uma tradição de que, além do rio das Mortes, sempre para o poente e parallelo a elle, corre um rio, que designam pelo nome de rio dos Urubús, em cujas margens o ouro apparece em folhetas de libras. E' certo que na ponta norte da ilha do Bananal, ou ainda além, entra no Araguaya um confluente muito consideravel, e que vem desses lados. Nada, porém, se póde dizer delle, visto que ninguem o explorou, em razão do receio dos selvagens, que ahi são de muitos mil e extraordinariamente ferozes. Prosigamos, porém, na narração de nossa viagem.

Pousámos ás 3 horas da tarde na embocca-dura do lago dos Pitos, ao qual eu desci em uma montaria, para examinal-o. Jaz elle na margem esquerda do rio e é um dos mais bonitos que tenho até agora visto. Este lago nunca foi examinado. Depois de subir cêrca de uma legua, notei que as aguas corriam, bem como havia de um e outro lado montes de cisco e paus conduzidos por alluviões, pelo que vi que o lago devia ser a emboccadura de um consideravel ribeirão.

E' incrivel que, tendo-se feito já tantas viagens pelo Araguaya, nada se conheça de suas margens. Attribuí este facto á falta de curiosidade dos via-

jantes. Agora, porém, tenho tido occasião de vêr que não é essa a principal causa. Ha um medo, um pavor indescriptivel entre os remadores e gente de tripulação, que receiam approximar-se das margens do rio, de modo que só se alongam pelas praias, as quaes, sendo descobertas e muito vastas, não inspiram tanto terror como as mattas ou serrados. Além disso, ha nas praias lenha; nellas ou, quando muito, em sua vizinhança, reune-se a caça; no rio, o peixe abunda, de modo que nenhum estimulo os impelle a vencer esse perigo, em grande parte imaginario, de explorar os lagos, os campos e os mattos que existem de um e outro lado.

Tive muitas vezes de irritar-me contra tanto medo, porque sentia que, comquanto se não devesse andar sem cuidado, comtudo a maior parte dos perigos, ou eram phantasticos, ou narrados com muita exaggeração. Se eu me mettia pelos mattos, eram reflexões de toda parte:—que havia indios, onças, cobras dormideiras e não sei que mais, observações que eu a principio ouvia, dando-lhes o devido peso, mas que por deante me incommodavam, a ponto de responder com dureza e prohibir que m'as fizessem. Foi peior; em verdade, se calavam quando eu me ausentava; mas, se minhas excursões se estendiam por muitas horas, ou se iam até noite, era um alarma geral: começavam a dar tiros, a accender fogos, a despachar gente para me procurar, tudo isso com grande detrimento da ordem e regularidade que devia existir no serviço.

O leitor prevê o quanto me deviam contrariar estas cousas, mas que fazer? Via que, se assim procediam, era por estarem persuadidos de que com effeito havia perigos muito reaes; calava-me e sentia o quão difficil é desarraigar um prejuizo qualquer,

ainda que se possa material e visivelmente mostrar que elle é absurdo.

Voltemos, porém, ao exame do lago dos Pitos. Logo que notei que as aguas corriam e que, portanto, elle não era lago, e sim rio, quiz confirmar meu juizo e prosegui na exploração. Depois de ter subido cêrca de legua e meia, as aguas mudaram de direcção e penderam para o norte, ficando, por conseguinte, quasi parallelas ao Araguaya, mas correndo em sentido inverso, o que é facil de explicar-se por qualquer accidente passageiro do terreno. A caixa das aguas estreitou-se logo e eu enxerguei, além, um rasgão, que bem indicava ser alveo do rio; entrei por elle, tendo sido necessario varar a canôa, porque as aguas faziam baixio e não tinham sufficiente fundo. Havia pelo canal dentro arvores sêccas entulhando o leito, justamente nos logares mais profundos e por onde podiamos navegar; de modo que era necessario ir cortando os galhos. Notei que todas as arvores estavam deitadas com a raizama contra a corrente e com a galharada virada para baixo, o que tomei como novo indicio em favor do meu pensamento; porque, na occasião das enchentes, quando as arvores cáem com o desbarrancar das margens, é natural que as raizes, que vêm cheias de terra, afundem logo e com maior facilidade do que a galharada e, á proporção que as aguas vão abaixando, os galhos tomam essa direcção e nella ficam. Isto é perfeitamente explicavel em aguas correntes, mas em aguas estagnadas, como as de um lago, é natural que as madeiras conservem disposições oppostas, e não regulares, como estas de que trato. Subimos bastante, mas a tarde se adeantava e a navegação se tornava cada vez mais difficil, porque o leito se espraiava e as aguas ficavam tão baixas, que a

cada passo estavamos encalhando. Cheguei, todavia, até a um logar em que ellas corriam bem visivelmente, de modo a não me ficar duvida alguma ácêrca do juizo que havia formado. A caixa do ribeirão deve ter cêrca de 150 palmos; as aguas, comquanto rasas, enchiam-na de lado a lado, e eram bem crystallinas. Desde que se deixa o lago, o barranco, á direita de quem sobe, é elevado e de uma terra vermelho-escura, puxando para a côr de cobre, e pelos mattos e o mais vê-se que é terra virgem; não assim o barranco esquerdo, que é baixo e coberto de arvoredo proprio de terra alagadiça.

Apesar de ser noite, descemos sem accidente algum e, antes de entrar no lago, e sobretudo quando nossa canôa tocava em baixios, viamos as arraias pretas, com pintas redondas e brancas, fugindo além, pela agua fóra.

Pela caixa do rio vê o leitor que deve ser elle consideravel, principalmente na estação das chuvas. Dei-lhe o nome de rio das Saudades, assim como ao lago, pela doce impressão que me ficou dessa tarde amena em que fiz a exploração.

Encontrei no lago numerosa caça, bando de jacús, patos, mutuns e outras aves; vi tambem, além de uma porção de ariranhas, baleia do Araguaya, isto é, o pirarucú, que por pouco não nos alagou a montaria com o rebojo que fez, nadando espantado adeante della.

Haviamos parado ao meio-dia, numa praia de viração, onde colhemos tantos ovos de tartaruga quantos quizemos, sem, comtudo, poder extinguir os que havia, tão abundantes eram elles. Encontrámos a praia crivada de rastos de onça e vimos um arrastadouro, que seguimos até ao matto, onde

encontrámos uma carniça de tartaruga, que ella havia apprehendido nessa noite e cuja metade estava de fresco devorada. Por maiores esforços que fizemos, não conseguimos vencer o medo que nossos cães tinham de seguir o rasto, pelo que abandonámos a caçada, depois de romper uma charneca entretecida de cipós e vimes, sem fructo algum, além de nos vermos espinhados e alagados em suor.

O rio durante este dia correu largo e sufficientemente profundo para dar logar a franca e desimpedida navegação de nosso bote; não existe uma só volta rapida e nem os canaes são estreitos a ponto de impedir a navegação a vapor ou a vela.

A' noite, matámos, além de diversos peixes, um jacaré de mais de 17 palmos.

§ 7.°— Volta do rio—Foz do rio do Peixe—Exploração no lago Cocal—Uma ilha do lago—Caça.

11 de outubro.—Embarcámos ás 6 horas da manhã. A noite esteve extremamente fria, a ponto de, não nos valendo as cobertas, recorrermos ao fogo. O rio faz aqui uma volta consideravel, correndo para nascente; tem á esquerda uma barreira alta e coberta de mattaria virgem.

A's 11 horas, chegámos em frente á barra do rio do Peixe, pelo qual fez sua entrada no Araguaya o capitão-general D. João Manoel de Menezes, de quem já falámos. A's 4 horas da tarde, tomámos pouso em frente ao lago do Cocal. Nesta parte, o rio se divide em dous braços, que formam uma ilha de cêrca de uma legua. Mettemo-nos pelo braço esquerdo, e é esse que fórma o lago que entra no rio do lado de nascente.

Na fórma do costume, saltei para a montaria atravessei o rio e fui explorar o lago. Em cada bocca do lago existem ordinariamente dous grandes jacarés. Parecem guardas que alli estão para vigiar a bacia serena das aguas. Logo que se procura entrar no lago, elles levantam a cabeça acima da superficie da agua e commummente flecham direito sobre as canôas. A principio, estas visitas nos incommodavam. Pouco a pouco, porém, nos familiarisamos com ellas e, porfim, já as tomavamos como divertimento, sem, comtudo, deixarmos de estar sempre alerta, para prevenir qualquer accidente. Eis aqui como faziamos: desde que, entrando no lago, appareciam os taes visitadores, eu me levantava e armava os dous cannos da espingarda. Dava a um soldado Vicente Ferreira, que já estava acostumado a esta caçada, uma comprida e affiada faca de matto; cada um de nós tinha na cintura uma faca ou punhal; nosso piloto, Marcos Pinheiro, punha-se em pé na prôa da canôa e prompto com um arpão. Tomadas estas cautelas, o piloto arremedava o animal, dando uns grunhidos gutturaes, semelhantes aos que dão esses reptis, quando querem chamar soccorro de outros. Logo que o monstro ouvia esses grunhidos, avançava sobre nós, deixavamos que elle chegasse a duas braças de distancia, e eu atirava, apontando-lhe nos olhos, onde o tiro é mortal; se errava e elle continuava a avançar, dava-se o segundo tiro, o piloto o arpoava, e ordinariamente acabavamos de matal-o a faca. Nem sempre a caçada é tão facil, e para não haver perigo algum, é necessario que todos conservem muito sangue frio; muitas vezes, o jacaré marcha até á distancia de 50 passos, mergulha, e, quando surde, é na beira da canôa, e já com o bote armado.

Neste mesmo lago do Cocal, já aconteceu um triste caso.

Numa pesca que ahi fizeram alguns habitantes de Salinas, ao entrarem no lago, viram um destes animaes, que andava de largo, mergulhando e surdindo sempre, a distancia de muitas braças; descuidaram-se e só deram accôrdo de si ao grito de um dos companheiros. O monstro surdiu junto á canôa, deu-lhe um bote e foi nadando, com elle atravessado na bocca, pelo lago fóra. Os companheiros procuraram soccorrel-o, porém de balde. Quando chegaram perto, o monstro afundou nas aguas, levando comsigo o desgraçado, que lá morreu e foi devorado, sem que se visse outro signal mais do que a agua avermelhada de sangue num dos remansos do lago.

Morto o jacaré e arrastado para a praia, continuámos nossa exploração, dirigindo a prôa para a margem esquerda. O lago, em sua entrada no rio, tem as beiradas baixas, quasi ao nivel das aguas, e são cobertas de um capimzal verdissimo, alguma cousa semelhante aos pés de arroz. Toda essa margem é baixa e coberta de arvoredos tão copados, que formam um verdadeiro tecto, por debaixo do qual o terreno é limpo de vegetação e coberto de folhas sêccas. Toda essa margem parece alagadiça no tempo das cheias. A margem opposta é elevada, de barrancos altos, de uma terra pardo-avermelhada, coberta de serradão, por entre o qual crescem palmeiras de indaiá, que, segundo penso, dão ao lago o nome que tem.

O primeiro estirão é de poente para nascente; a uma legua do rio, elle faz uma curva e pende para o norte. Andámos por elle legua e meia; o lago tornou-se mais estreito e raso; comtudo, não

foi possivel chegar ao fim, porque, sobrevindo a noite, força foi retroceder. Matámos alguns patos, saracúras de especies que ainda não tinhamos visto, e outros passaros dagua, curiosos por suas fórmas exquisitas e novas para nós.

Em nossa volta, os bôtos, mais ousados com a noite, vinham bufar a 2 e 3 braças de distancia da canôa.

Vi dentro deste lago a mais mimosa ilha que até hoje tenho visto, a qual realisa essas descripções phantasticas feitas pelos poetas: figure o leitor um taboleiro abahulado e perfeitamente redondo, coberto de um musgo verde, da altura de uma pollegada, e todo cheio de florinhas brancas; supponha orlando isto uma cinta elevada de juncos; em torno desta cinta, uma fileira de patos, marrecões, marrecas, marrequinhas, garças e frangos d'agua; supponha tudo isto elevando-se apenas dous palmos da superficie calma e verde das aguas do lago e allumiado pelo clarão melancholico de uma tarde do Araguaya, e terá, mais ou menos, idéa desse encantado pedaço de terra, que a Natureza ahi formou com tanta graça, que desesperaria o artista que a quizesse imitar.

Essa ilha é formada de alluvião de gorgulho, que por suas formações, das quaes colhi porção, parece ter corrido de terrenos auriferos e diamantinos. Este lago, como os outros, parece ser a foz de um ribeirão, o que não dou como certo, visto não ter podido examinal-o todo.

A serra Azul, que atrás observei, vem constantemente acompanhando a margem esquerda do rio, seguindo o rumo de sudoéste para o norte, razão pela qual se acha agora approximada do rio, não mostrando estar a distancia superior de quatro

leguas. O rio, recebendo o do Peixe, toma de novo sua direcção para o norte, correndo, por ora, a nordéste, para tomar definitivamente a direcção do norte, depois que recebe o Crixá-açú.

E' de notar-se que o Araguaya, sempre que tem de receber um grande tributario, se desvia para o lado delle, fazendo uma curva de uma a duas leguas. Foi o que observei na entrada do rio Vermelho na do Peixe, e é o que me referem acontecer na do Crixá-açú, rio das Mortes e outros.

Fizemos grande caçada de aves e animaes silvestres. Matámos nesse dia quantidade de jacarés que avançavam para nos atacar.

§ 8.°—Vamos ao porto da Piedade.

Do lago do Cocal fomos ao porto da Piedade, onde chegámos na noite de 12 de outubro, com a longa marcha de dez a onze leguas, segundo calculo. O rio continúa largo e sufficientemente profundo para a navegação de nosso bote.

O porto da Piedade dista de Salinas cinco leguas. Está situado em um pequeno lago que lhe dá o nome e que entra no rio, tendo a margem direita formada de canga de ferro.

Da antiga povoação que ahi houve e da fazenda régia existem apenas alguns paus carcomidos, e nada mais.

A Piedade, como situação para um povoado, é má, por ser alagadiça uma bôa parte do anno.

CAPITULO IV

Da Piedade á aldeia da Estiva

§ 1.°—Vamos por terra a Salinas—Ribeirão—Salinas.

Do porto da Piedade fomos por terra a Salinas. O terreno intermediario é formado por varzedos, distribuidos em serrados e campinas lavadas. A duas leguas da margem do rio, existe a situação do Ribeirão, formada por alguns fazendeiros de Salinas, cujo aspecto agrada ao viajante, visto denunciar actividade, da qual lhe resultam abundancia de gado e mantimento.

O Ribeirão é um grande quadrado, do qual tres lados estão cheios de casas e outro, em aberto. A maior parte das casas são choupanas de capim; só existem duas moradas de telhas.

E' propriedade de diversos fazendeiros, que, pelo receio dos indios, se vêem obrigados a encostar-se uns aos outros, para se livrarem de seus ataques. Toda essa gente pareceu-me bôa e muito obsequiosa. Sympathisei, porém, especialmente com o cidadão Mathias José Leal, cujo genio laborioso e caracter franco revelam uma dessas almas bem temperadas, que não podemos encontrar sem lhes ficar querendo bem.

O gado é por ahi extremamente gordo e os cavallos são grandes, bem feitos e, em geral, de bom andar.

Do Ribeirão a Salinas, o terreno, que é composto de um espigão comprido de muitas leguas, com direcção de sul a norte, é fertil de arvoredo mais basto do que os serrados, formando o que em minha provincia se chama *carrascal.*

Salinas é uma pequena povoação, distante cinco leguas da margem do Araguaya, que nada tem de notavel, a não ser a pessima situação em que foi collocada. O governo tem gasto com ella perto de 100:000$000 e toda ella não vale talvez 2:000$000.

Pernoitámos no antigo quartel, que é uma casa de telhas não pequena, mas mal construida e em vespera de ruina.

§ 2.°—Visita á aldeia da Estiva—Descripção da aldeia—Os indios Chavantes—Os indios Carajás; typos, costumes.

No dia seguinte, 14 de outubro, sahimos de manhã cedo, a pé, para visitar o aldeiamento de indios da Estiva, que jaz a meia legua, ao norte de Salinas, sob a direcção do padre capuchinho Fr. Segismundo de Taggia. Meu desejo de ver os selvagens era extremo, e foi com immenso prazer que fiz entrada, ao som de descargas de arcabuzes, por entre as choupanas dos pobres filhos da Natureza.

A Estiva tem uma população de 200 almas, composta de indios Chavantes, Carajás, dous Canoeiros e de alguns brasileiros.

Falemos, em primeiro logar, dos Chavantes.

A nação Chavante, ou Acuen, como é seu verdadeiro nome, parece ser uma das mais numerosas tribus de selvagens que existem no centro do Brasil. Os factos demonstram que ella é menos bravia do que as outras, mais capaz de civilisação e melhoramentos. Della têm havido nesta provincia diversos aldeiamentos, dos quaes existem hoje este e o do rio do Somno, povoado por numero superior a mil selvagens. Da mesma nação dizem ser os Carajás, o que me não parece exacto, não só pela diversidade da lingua, como pela de costumes e typo.

O typo do Chavante é varonil e, por conseguinte, dotado dessa belleza mascula que admiramos nas estatuas gregas e romanas: os indios são os de maior corpo e os mais vigorosos que tenho visto; as mulheres não são bellas: suas fórmas athleticas, seus queixos ordinariamente grossos, poderiam agradar a romanos, não a nós, que estimamos vêr esse sexo rodeado de fórmas delicadas e frageis, que, dando idéa de sua fraqueza, animam o instincto da generosidade e rodeiam-no de interesse e encanto.

Os Carajás, que ahi existem, estão ainda em toda a selvageria com que vieram do matto: conservam-se nús e vivem da caça e da pesca; o homem Carajá é menos robusto e bello do que o Chavante; as mulheres são, porém, mais baixas, delicadas e mais formosas; trazem os cabellos compridos e soltos; os homens usam egualmente de grandes cabelleiras, que descem aos hombros, aparadas, porém, na testa, de modo a deixal-a desassombrada.

O olhar dos Chavantes exprime mais energia e mais ferocidade, apesar de se acharem já muito mais civilisados do que os Carajás.

Uns e outros têm os cabellos negros, luzentes e corridos; seus olhos são egualmente pretos e assemelham-se aos das féras, já pelo excesso de brilho, já pela inquietação extrema com que os lançam para tudo, procurando penetrar com elles a causa do mais insignificante barulho, do mais indifferente movimento que se realise em sua presença.

Ha uma opinião geralmente acceita em historia, e é que todo homem tem idéa de um Deus; comtudo, não me parece que a tenham os Carajás e Chavantes, e o principal fundamento para assim julgar é não existir na lingua delles uma palavra pela qual se possa traduzir essa idéa. Seu governo é uma especie de republica absoluta; nomeiam um chefe, ao qual dão o nome de capitão; este os dirige nos combates e é cegamente obedecido em tudo o que diz' respeito á caça, á pesca e á guerra.

Quando se trata de alguma medida de maior alcance, o chefe reune-se aos velhos da tribu e com elles consulta.

A' excepção da obediencia dos seus, o chefe poucos signaes externos traz de sua dignidade; gosa da vantagem de ser alimentado á custa da tribu e a propriedade de todos os membros é commum para elle.

Pouco tempo tive para entrar em indagações ácêrca dos seus costumes; entretanto, alguns me saltaram aos olhos, e chamaram minha attenção, já pela sabedoria e prudencia que revelam, já pela extrema severidade com que são observados.

Os moços de um e outro sexo têm o signal da virgindade numas especies de pulseiras, que trazem atadas aos braços e ás pernas; uma, acima

do tornozello, outra, abaixo da curva dos joelhos. Têm na frente uma borla com cachos, que lhes dá não pequena graça aos movimentos. Estas borlas são conservadas, até que se casam, época em que perdem a virgindade, não admittindo a severidade de seus costumes antecipação alguma.

A polygamia, o adulterio e mesmo qualquer união sexual que não seja entre casados, são punidos com a morte, unica pena de que usam.

Desde que qualquer casado se enviuva, atam-se-lhe de novo borlas no braço e perna esquerda, as quaes não são tiradas sem que mude de estado.

Não menos interessante e generosa é a obrigação que assiste ao capitão de adoptar como seus os filhos orphams dos guerreiros fallecidos; elle os sustenta, como se foram proprios, até á quadra em que podem, com esforço proprio, prover a sua subsistencia, e, como o capitão é sustentado pela tribu, os meninos orphams vivem tambem á custa della.

Quantas nações civilisadas não deveriam aprender dos selvagens este costume generoso?

A ceremonia do casamento é a seguinte: aprazam o dia e hora. O capitão e os paes dos contrahentes vêm com suas mulheres, familia e com todos da tribu. Prepara-se uma estrada, ao longo da qual ficam os indios em alas. O noivo e a noiva, conduzidos por seus paes, ficam cada um ao lado do capitão; assim dispostos, o noivo passa a dar prova de que tem força bastante para nutrir sua familia. Esta prova consiste em correr ao longo da estrada, carregando um tóro de madeira de burity pesadissimo: se o noivo consegue ir e vir correndo desembaraçadamente, e sem cahir, está apto para o casamento; se, porém, assim não acon-

tece, o casamento fica adiado até á occasião em que, pelo crescimento de forças e agilidade, o possa fazer.

Esta ceremonia indica, não só que o marido deve nutrir sua familia, como tambem que deve ser dotado de força e agilidade bastantes para, na occasião das batalhas, defender sua mulher, fugindo com ella sobre os hombros.

Feito isto, o capitão entrega a noiva ao noivo, segue-se o jantar, que consiste em caça, pescado e num bolo de farinha de mandioca, que é partido pelos noivos.

O dos Carajás é precedido de annuncios, á semelhança de nossos banhos, os quaes se fazem em presença de toda tribu, e repetidas vezes.

Os velhos e os enfermos de toda sorte são sustentados pela tribu.

Quasi todos os indios de Goyaz cultivam o algodão e a mandioca. Do primeiro servem-se para seus ornatos, roupas, cordas para arcos de flecha, rêdes e saccos, que tecem com admiravel perfeição. Da segunda fazem seu principal alimento.

As mulheres trazem uma facha atada á cintura, da qual pende uma coberta, feita de entrecasca de gamelleira, que chega á altura dos joelhos e com a qual occultam as partes genitaes. A' excepção disto, só trazem as pulseiras de que atrás falei e alguns ornatos ao pescoço, compostos de contas, fructas selvagens, dentes de animaes etc.

Os homens não trazem vestimenta de especie alguma: andam completamente nús, e o unico signal que dão de possuirem a idéa da decencia no vestuario é fazerem um nó no penis.

Cada aldeia tem uma especie de arsenal de guerra, no qual existem armas, a saber: arcos, flechas, lanças, arpões, porretes.

Prosigamos, porém, na narração da nossa visita.

Haviamos levado diversos presentes para os indios: baetas, facas, tesouras, fumo, agulhas, anzóes, espelhos, rosarios e quantidade de cousas semelhantes, que foram distribuidas entre elles: as mulheres apreciaram muito os espelhos e os rosarios de missangas. Eu mesmo atei ao pescoço e braços dos filhos dos capitães os rosarios, collares e pulseiras, com grande satisfacção delles, que provavelmente ligavam um grande apreço a esses ornatos, cuja perfeição nunca poderiam imitar, e que, entretanto, nada nos custavam. A ignorancia dos usos de nossa sociedade civilisada tornava-os engraçados e curiosos, porque a cada momento faziam tolices que incommodavam os companheiros. Um dos objectos de curiosidade para elles foram os bigodes do nosso alferes, que não teve outro remedio senão deixar que muitos nelles pegassem e os puxassem para verificar se eram ou não postiços.

Notei que devem ter mais esclarecida noção de uma auctoridade e de um chefe, pelo respeito com que me designavam, levantando-se sempre que eu me approximava, e nunca chegando-se junto a mim sem que eu chamasse, ao passo que rodeavam os outros e pegavam-lhes na roupa, nas facas e no chapéo, para examinar tudo.

A familia dos capitães compunha-se de gente mais robusta; uma das filhas do Carajá era extremamente bella e tinha um ar de innocencia e bon-

dade, tanta delicadeza nas fórmas, que fazia dó vel-a assim naquelle estado tão barbaro.

Não fomos só nós que os presenteamos; elles nos obsequiaram, dando-nos cêra, mel, diversos ovos e alguns objectos que se tornavam interessantes, por serem de sua industria. De caminho eu havia aprendido algumas phrases da lingua Charante; quiz servir-me dessa sciencia e pedi agua a um delles; quando me ouviram falar sua lingua, fizeram um circulo em torno de mim, muito satisfeitos e alegres, e começaram logo a falar todos a um tempo. Infelizmente, meu saber nesse ramo limitava-se a vinte ou trinta orações, de modo que nada mais percebi do que aquella vozeria, que me atroava, não comprehendendo uma só das idéas que elles queriam manifestar.

Já que falei em lingua, é justo perguntar: não é, realmente, de uma estupidez revoltante o systema que seguimos de obrigar esses pobres homens a falar o portuguez, sem o auxilio de um interprete? Não é muito mais razoavel que primeiro a aprendessemos nós, para depois, e com vagar, ensinarmos a elles a nossa lingua?

A' tarde, sahimos da aldeia e viemos pernoitar em Salinas. Mettemo-nos no velho quartel, e a chuva começou a bater.

Eu tinha convocado uma reunião para deliberar ácêrca da mudança de Salinas para a margem do Araguaya, no que felizmente concordaram todos os habitantes, por serem elles os primeiros a sentir as consequencias da infeliz situação em que se achavam.

Passámos incommodados durante a noite, porque um dos soldados apresentou todos os sympto-

mas de uma febre aguda, com dôres vehementes na cabeça e corpo, o que me trouxe atarefado, porque eu accumulava as funcções de medico, em falta de melhor.

Na manhã seguinte, montámos a cavallo e procurámos de novo a margem do Araguaya, desistindo eu do projecto de ir ao presidio de Monte-Alegre, que distava 14 leguas, porque me faltava o tempo. Chegámos sem accidente ao nosso porto da Piedade, onde haviamos deixado toda bagagem e a maior parte da comitiva, visto que apenas levei um soldado, que me servia de ordenança.

§ 3.º—Volta ao Araguaya—Considerações sobre o futuro deste rio—Um soldado mordido de cobra visto por mulheres.

No dia 15, sahimos de Salinas, de volta ao porto da Piedade, onde chegámos ás duas horas depois do meio-dia. Nossa comitiva ahi havia ficado e eu achei a triste noticia de estar picado de cobra um dos soldados, noticia para mim tanto mais desagradavel, quanto, no meio daquelles desertos, era impossivel encontrar um medico.

Felizmente, com auxilio de uma ambulancia que levavamos, fiz-lhe algumas applicações, que surtiram effeito.

Apesar de ter viajado no rio tantos dias' passada a afflicção, devido á molestia do soldado, não cessei, comtudo, de admirar esse soberano gigante que se desenhava pelo horisonte, com seu volume immenso de aguas azuladas, tão longe quanto a vista podia alcançar. Sentado sósinho numa das praias, eu lançava as vistas em torno do horisonte: é impossivel que faça idéa da vastidão dellas quem não tem percorrido essas planicies.

No meio do ar transparente e calmo, erguiam-se, ennovelladas, e em direcções diversas, columnas de fumaça; ao oriente, indicavam a morada dos ferozes Canoeiros; ao poente, as diversas tribus da nação Chavantes; ao norte, a dos Carajás.

A vastidão desses desertos abatia-me, entretanto, o espirito.

Deante de tanta grandeza, o homem sente o nada de sua existencia, a insignificancia de suas forças, o vão e esteril das luctas pela vida. Para consolo da melancholia que me traziam estas considerações, á imaginação se me afiguraram essas margens povoadas de risonhas cidades; a onda do rio era turbada pela pá estridente do vapor, e vi confundir-se com a plumagem verde dessas florestas o lastro negro que deixa sua fumaça.

Como não fôra bello, dizia eu commigo, vêr sobre estas margens tão plainas erguerem-se, espelhando-se nas aguas, bellas fazendas, egrejas, edificios de toda sorte? Como não serão ricas e felizes essas povoações ao longo do rio, com seus milhares de peixes, os lagos com suas ilhas e canaes, a floresta abastecida de mattas colossaes e virgens, as campinas dilatando-se sem fim por horisontes tão vastos e desertos como o oceano?

Deve ser bella, na verdade, a vida de um fazendeiro na margem daquelles lagos.

Quando eu visitava o do Dumbá, vi uma situação deliciosa. A praia era baixa, de areia alva e dando para campinas; vi na imaginação erguerem-se ahi as construcções alvas de uma fazenda; vi o dono della nadando na abundancia; ora contemplando as plantações cheias de fructos, ora percorrendo as campinas cheias de manadas de gados;

ora, taciturno e melancholico, percorrendo as aguas do lago em uma leve barca, procurando na caça, na pesca, no fresco dos bosques e na amenidade daquellas scenas lenitivo a algum cuidado que porventura o acabrunhasse. Ahi, sim, a vida podia ser feliz; se elle fosse intelligente, seria um verdadeiro rei naquelles páramos; rico, absolutamente independente, seus dias serenos se iriam escoando através do tempo calmos e felizes, sem esse cortejo de negros cuidados, que nos envenenam cada hora da existencia em nossas sociedades modernas. Minha imaginação comprazia-se em ver no futuro esses dias formosos, quando minha attenção foi cespertada por um vulto negro e movediço que appareceu no rio.

Com o auxilio do oculo de alcance, divisei uma canôa, logo após uma outra, e depois uma igarité e um bote. Era a comitiva do engenheiro Ernesto Vallée e um destacamento que eu fiz seguir para Santa Maria.

O deserto do Araguaya viu nesse dia fluctuar sobre suas ondas sete vasos com uma tripulação e passageiros de cêrca de 70 pessoas.

A chegada do engenheiro Ernesto Vallée e a do negociante Simeão Stellita Arraiano trouxeram uma diversão agradavel á nossa conversação e alliviaram-me do incommodo que me causara a molestia do soldado, visto que o primeiro, trazendo uma botica bem sortida, me proporcionou todos os remedios que podiam garantir a cura.

Os costumes e superstições do povo dos logares por onde passámos são uma das mais interessantes narrações das viagens e, portanto, ahi vai uma.

Com o engenheiro, desce, como disse, um destacamento para Santa Maria do Araguaya, no qual vão algumas mulheres, as que, infelizmente, chegaram adeante, na primeira igarité que abicou. O mordido de cobra estava debaixo de uma bella sombra, que as arvores faziam junto do rio. Um de nossos companheiros perguntou-me se eu não tinha receio de que ellas vissem o doente, porque era crença geral que as pessoas mordidas de cobra, em vendo mulheres, peioram e morrem. Respondi-lhe que tinha ouvido isso e que, comquanto não désse muito peso a essa crença, todavia, pelo sim, pelo não, convinha tel-as afastadas do doente. Nesse sentido, determinei que o mudassem. O enfermo estava quasi bom; dahi a pouco, vieram communicar-me que elle peiorara; não liguei maior importancia ao facto, por julgal-o filho da superstição contra o olhar das mulheres. Dahi a pouco, fui de novo chamado, e achei-o em um estado deploravel. Tinha perdido os sentidos, estava lançando sangue pela bocca e ouvidos e em convulsões. Rasguei-lhe amplamente a ferida, e fiz uma porção de applicações, confórme me suggeria o aperto em que estavamos, e, ou fosse em virtude dellas, ou pelo acaso, o homem escapou. Um facto dessa natureza é proprio para pôr em duvida o entendimento.

Aquelle accidente seria natural? A presença das mulheres concorreu alguma cousa para elle? Não sei; o certo é que já me não rio dessa crença, que julgava prejuizo grosseiro.

CAPITULO V

SUBIDA DO RIO

§ 1.º—Subida e explorações em suas margens—Uma caçada de guaribas—Escolha de um logar para fundar-se a nova povoação de S. José do Araguaya.

16 de outubro.—Tendo escripto com minuciosidade a descida, agora irei escrevendo unicamente o que não pude observar então e que não foi pouca cousa, porque a novidade do rio me desviava a attenção de tudo mais.

Sahimos da Piedade, de volta para Leopoldina, no dia 15 de outubro, ás 10 horas da manhã.

A noite de 15 para 16 foi tormentosa; o céo despejou chuva durante toda ella e, como a tarde antecedente estivesse completamente serena, não se receando tempestade, a barraca ficou mal armada, de modo que, quando a chuva desceu mais abundante, desamarraram-se os atilhos e ficámos expostos ao temporal, circumstancia esta que, comquanto nos incommodasse, deu logar para nos rirmos, graças ao desapontamento por que passaram alguns de nossos companheiros.

Despedimo-nos de alguns dos habitantes de Salinas que nos haviam acompanhado ao porto e dos quaes recebemos numerosos obsequios, espe-

cialmente do sympathico e franco cidadão Mathias José Leal e do tenente Vicente Caetano Linhares. Ahi deixamos o engenheiro Ernesto Vallée, que desce para o Pará, e o negociante Simeão Stellita Arraiano.

Começámos a subir o rio com grande difficuldade, por meio de varejões.

Já á tarde, avistei nas margens um immenso jequitibá, sobre o qual vi algumas guaribas.

O jequitibá é uma das arvores colossaes das margens do Araguaya; eleva-se por vezes a 300 palmos de altura, com immensa galharada, que só se desenvolve a consideravel altura do chão. Seu tronco é grosso, direito e offerece excellente madeira para taboado.

Com muito trabalho consegui matar duas guaribas, que custaram numerosos tiros, visto serem de sua natureza duras para morrer, e em consequencia tambem da grande altura em que estavam. Tinhamos, porém, necessidade de carne fresca, porque já não appeteciamos a carne sêcca que traziamos e o peixe quotidiano. Entretanto, com grande desapontamento meu, a segunda que matei enroscou a cauda no galho em que se achava e lá ficou dependurada. Um dos soldados que me acompanhavam removeu a difficuldade, subindo por um cipó, que se prendia a uma arvore proxima, de onde, a despeito da grande altura e com o auxilio de uma taquara, conseguiu desprender o animal, que levámos logo com o outro para a montaria, tendo por essa fórma uma agradavel variante para a ceia.

Notei dous factos, que aqui registo, como prova do grande instincto destes animaes: logo que chegámos debaixo da arvore, de onde os avistaramos,

nada enxergámos, apesar de vermos distinctamente todos os galhos do arvoredo, o qual, por sua grande altura, se não confundia com os outros. Vi apenas uma cousa que me pareceu casa de cupim, redonda, preta, immovel, no meio de um galho despido de folhas. Procurei, e já desesperava de avistar o animal, quando um dos companheiros me disse que eram os mesmos cupins, ou que taes pareciam. Fizemos toda sorte de barulho, dei um tiro de polvora sêcca; o objecto estava immovel e immovel continuou a ficar.

Uma das praças, porém, conhecedora talvez da manha do animal, disse que o ia fazer mover. De feito, occultou-se atrás de umas moitas e fingiu o latido de um cachorro; immediatamente, não só esse, como outros pretendidos cupins pularam pelo páu acima, com surpreza nossa.

Outro facto: um dos animaes que eu tinha ferido com um tiro, procurou um galho de pau e começou a apanhar folhas, que mastigava e applicava á ferida; quando vi isso, que já me haviam narrado, e que eu tomara por fabula, tive verdadeira compaixão; senti um não sei quê apertar-me o coração, e dei por finda a caçada, deixando de atirar em muitos outros que estavam a pontaria. Tão apurado instincto deve estar muito perto da intelligencia, e pareceu-me, então, extrema crueldade perseguir animaes para os quaes a morte era talvez alguma cousa mais do que a destruição physica.

Por volta das 5 horas, tomámos pouso em uma barreira elevada, defronte de uma espaçosa e bella ilha, a que dei nome, baptisando-a—*Ilha do Dr. Couto.*

Na minha descida, havia notado a grandeza das mattas que ha neste logar, e, desde então, fiz

proposito de examinal-o, a ver se offerecia as proporções necessarias para uma povoação. Desde que vi a miseravel situação de Salinas, bem como a da aldeia Estiva, resolvi fundar ás margens do rio uma povoação, para a qual viessem esses habitantes e os indios Chavantes e Carajás.

O Araguaya não tem até ao presente um só povoado, com excepção dos presidios de Leopoldina, Monte Alegre e Santa Maria, de modo que é da maior utilidade que as povoações decadentes de Salinas, Estiva, Crixás, Pilar etc. se concentrem em suas margens. Os navegantes encontrarão ahi remeiros e mantimentos de toda sorte, por serem uberrimas as terras de cultura; elles encontrarão escoadouro facil para seus productos, e todos os beneficios resultantes de um commercio tão interessante como é o do Pará, e por uma via tão facil como a do Araguaya.

Confórme narrei atrás, o povo estava mui bem disposto a seguir meu conselho; exigiam apenas o auxilio de uma egreja, casa parochial e escola, assim como a permanencia de um destacamento, que, durante os primeiros tempos, os garantisse das incursões dos selvagens; restava, portanto, a escolha do logar.

Abicámos para explorar esses terrenos, e creio não acharia melhor, se eu o tivesse feito de proposito. A maior difficuldade nas margens do Araguaya é encontrar uma situação sufficientemente elevada acima do nivel dagua, afim de que, no tempo das grandes cheias, ficasse livre de inundações; outra difficuldade é a existencia de agua potavel e de madeiras de construcção, as quaes de ordinario só existem á distancia de quatro leguas. Aqui tudo isso se encontra: o terreno eleva-se

como que em tres grandes degráus, em fórma de amphitheatro, offerecendo em cima uma grande planicie coberta de gorgulho de ferro e, portanto, sêcca e extreme de exhalações deleterias. Esta planicie estende-se para o lado de nascente, até ligar-se ao espigão que divide Salinas dos baixões do Araguaya; pelo lado do norte e margem do rio, existe uma bella floresta, onde abundam cedros, pau d'arco e outras madeiras de construcção; ao lado do sul e em direcção de nascente para poente, desce um arroio, que nesta estação, em que estão seccos rios consideraveis, como sejam o Ferreiro e o do Peixe, conduzia uma telha de agua, com altura sufficiente para ser trazida á planicie de que atrás falei.

Frei Segismundo de Taggia, que viera adeante para commigo explorar esse logar, estava encantado pelas bellas proporções que offerecia para a nova povoação.

Depois de havermos percorrido em diversos sentidos, subi em cima de uma arvore e fiquei maravilhado do painel grandioso que tinha ante os olhos. Pouco acima, o rio se abre em dous enormes braços, formando a ilha de que atrás falei. De todos os lados a vista não encontra obstaculo algum, e vai além, pelo mundo fóra, como no oceano, de modo que, depois de desobstruidas as mattas, esta povoação tem de ficar talvez a mais bella das margens do Araguaya.

Mandei cortar algumas arvores e assignalei essa planicie para a situação de S. José, cuja protecção invocámos no meio daquelles desertos, afim de que fizesse descer as bençams do Senhor sobre aquella terra, agora completamente deshabitada, e que tem provavelmente de ser, em um futuro não

muito remoto, nucleo consideravel de uma população rica e industriosa.

Chegando a Goyaz, tenciono levar a effeito esta idéa, e hei de conseguil-o, querendo Deus (*).

Armámos nossas barracas debaixo de immensos arvoredos de jequitibá. A noite esteve toda carregada de nuvens escuras e eram frequentemente cortadas de relampagos, seguidos de trovões prolongados.

Pela primeira vez, em toda esta viagem, soffremos aqui o flagello dos mosquitos. Não tem sido meu costume dormir dentro da barraca. Nessa noite, as nuvens estavam tão carregadas, que me não quiz expôr a levantar de noite com a cama e a mudal-a quando o céo despejasse agua. Fiquei dentro da barraca. Apenas soceguei, começou a infernal musica, consistente em infinitos zumbidos, muito finos, e que parecem o chiar de um carro ouvido de muito longe; pouco a pouco, foi-se augmentando, até que por fim evacuámos a praça, todos nós e até os cães, e entregamol-a á discreção do inimigo.

A estes mosquitos chamam, no Rio de Janeiro, *pernilongos;* por aqui lhe dão o nome de *carapanan*. Ha ainda mais tres especies, a saber: o *borrachudo*, o *polvora-grande* e o *polvora-miudo*,

(*) De facto, já comecei a pôr em execução este projecto; ante-hontem (30 de novembro), seguiu para lá um destacamento forte, levando presos que são destinados a colonisar o logar, officiaes de carpinteiro e diversos trabalhadores com suas familias. Segundo communicações de Salinas, o missionario nesta data já deve achar-se lá com 100 indios, construindo casas, desassombrando o logar e fazendo roças. Foi nomeada uma commissão de homens de Salinas encarregada de promptificar a egreja, a casa parochial, a escola, e provida de todos os recursos para levar a effeito com promptidão estas obras. Em julho do anno que vem, devem ellas estar concluidas.

ou *pium*. Estes ultimos ainda não os encontrei no Araguaya, mas me ficaram de memoria em uma noite tempestuosa de chuva e vento que passei nos sertões de Minas, na barra do Paraopeba com o rio de S. Francisco, em que não fui senhor de descançar um minuto e vi-me forçado, para evital-os, a passar parte da noite exposto ao temporal. O *polvora-miudo* é o mais incommodo, porque se introduz por debaixo das cobertas, da roupa, entre as meias, de modo que faz coçar o corpo inteiro.

Com o sahir da barraca ficámos livres dos mosquitos, mas estava escripto que naquella noite pouco haviamos de dormir: os jacarés rondaram-nos constantemente, e, trazendo os cães álerta, eramos despertados, já pelos latidos destes, já pela voz dos soldados que os acommettiam.

§ 2.°—Navegação a vela e naufragio—Multidão de passarinhos cantores—Pouso.

17 de outubro.—Ao amanhecer deste dia, fizemos ainda algumas explorações neste logar para completar o conhecimento delle, terminado o que, despedimo-nos do bom frade e embarcámos.

A's 9 horas da manhã, abicámos á esquerda, em uma barreira alta e coberta de espessa floresta virgem, onde, á sombra de arvoredos colossaes, mandámos preparar o almoço. Figuravam em torno do brazeiro, e em grandes espetos afincados no chão, as guaribas e cameleões que haviamos colhido na caçada do dia antecedente, o que dava a nossa mesa um aspecto barbaro, de modo a nada termos que invejar aos Chavantes e Canoeiros.

Depois do almoço, saltei para a montaria com duas praças.

Havia muito tempo que eu desejava experimentar se a navegação a véla era possivel no Araguaya. Para isso, me havia munido de algumas varas de panno de algodão. Em falta de alfaiate, nossos companheiros fizeram a costura. Reservei para mim o papel de mestre e cortei a véla. Avalie o leitor quão primorosa não sahiria tal obra com tão *habeis* artistas.

Determinei nesse dia andar a véla; o vento era fresco; puz, a principio, uma pequena véla latina; a montaria vôou sobre as aguas, ligeira como uma setta, com grande pasmo da comitiva, na qual raros eram os que haviam visto o mar. Senti-me verdadeiramente alegre com o bom exito da experiencia e quiz avançar mais: abiquei á praia, desci a véla latina e icei no mastro uma véla quadrada, que tinha tres tantos da primeira, e atirei-me ao largo. Entretanto, passou o bote e ficámos atrás. Como estivessemos em uma volta, não havia vento; logo, porém, que ganhámos algum espaço, elle enfunou o panno; o barquinho correu um pouco, mas, de repente, apertando o vento, arrebentaram-se as travessas que seguravam o páu que servia de mastro, e revirámos na agua. O inesperado banho que tomámos, vestidos, não foi o que mais nos incommodou, e sim a necessidade de apanhar aqui um remo, alli um chapéo, mais adeante a capanga de caça, e outros objectos que boiavam ao longo do immenso alveo do rio, ou que haviam afundado, como a espingarda e facas, e força era tiral-os de mergulho. Felizmente, nós, os tres que tripulavamos a embarcação, nadavamos bem, e, comquanto consumissemos nesse trabalho duas horas, conseguimos tirar tudo, com excepção de um prego, unico que levavamos, e cuja perda nos foi immensamente sensivel, visto que era indispensavel para

fixar a travessa em que devia ficar o mastro. A lição aproveitou: continuámos a subir com véla, mas com a pequena.

Tencionando apanhar uns filhotes de marrecos que avistámos em um poço, o que não conseguimos porque, ao nos approximarmos, elles mergulharam, para surdir muito ao longe, mettemo-nos por um pequeno lago a dentro, o qual jazia á nossa direita, e, portanto, na margem esquerda do rio. Na fórma do costume, tinha elle seus jacarés como sentinellas, os quaes surdiram, mas, provavelmente já muito atirados por outrem, mantiveram-se sempre a distancia. Vimos tambem um enorme cameleão, que tomava o fresco, deitado fidalgamente sobre um velho galho de páu. Estava tão perto delle, que não quiz atirar, e sim matal-o a páu; elle, porém, me logrou. Ao approximar-me, escapou, mettendo-se por um buraco que alli havia.

O rio faz, nessa altura, um immenso angulo recto; o lago é no vertice, e pouco consideravel por seu tamanho, todo alagado pelas margens, que são cobertas do capim de que já tenho falado.

Nada vimos nelle de curioso, á excepção de um pirarucú pequeno, que deu um immenso pulo no ar, ao sentir nossa canôa roçar-lhe pelo dorso.

Só alcançámos o bote ás 6 horas da tarde; pouco depois, tomámos pouso, em uma praia alta, á esquerda, onde chegámos ao morrer do dia. A praia é toda de areia fina e fórma uma peninsula com o rio e um pequeno lago que nelle entra.

Apesar do contratempo, chegámos ainda adeante do bote, e quando nossos companheiros saltaram na praia, já encontraram uma grande e confortavel fogueira que haviamos accendido. Quando chegámos,

vi na praia uma pequena arvore, que não seria mais alta que um homem, da qual partiam innumeraveis gorgeios de passaros. Approximei-me e vi milhares delles, mais pequenos ainda do que o pintasilgo, pardos, finos; todos cantavam, uns batendo as pequeninas azas, outros voando de uns galhos para outros, com tal velocidade que confundia a vista, mas alegrava o coração.

Tive curiosidade de conhecer se estes cantores eram de alguma especie conhecida por mim; verifiquei, porém, nunca os ter visto, e nada mais que isso, pois, ao approximar-me, voaram todos a cantar, e a pouco e pouco perderam-se nos ares.

§ 3.°—Viajamos sem accidente—Superstições dos indios sobre as araras—Tamanduá-bandeira; ha homens que, como esta féra, nunca são mais para se temer do que quando fingem querer abraçar.

18 de outubro.—Sahimos ao romper do dia e navegámos durante todo elle sem accidente algum e sem encontrar cousa que merecesse maior attenção.

Diversos bandos de araras passaram por cima de nossas cabeças. Referiram-me que os indios dos Araés têm uma crença, em virtude da qual pensam que, quando suas aldeias têm de ser visitadas pela nossa gente, as araras os advertem disso, esvoaçando e gritando por cima de suas moradas.

Meus companheiros de viagem abicaram a uma praia e mataram diversos animaes selvagens, entre os quaes um tamanduá-bandeira.

Para o homem do centro, estes animaes são muito communs; para os das cidades, podem interessar alguns traços geraes de seu aspecto e costumes,

pelo que os irei descrevendo á proporção que fôr apparecendo opportunidade.

O tamanduá-bandeira, assim chamado por causa da cauda, coberta de cabellos compridos, bastos e dispostos em fórma de leque, é um dos animaes de mais força que temos em nossas mattas. Pouco maior do que um cão de fila, tem a cabeça muito pequena em relação ao corpo, olhos tão minguados como os de um rato, focinho comprido, bocca estreita e sem dentes, na qual se occulta a lingua, roliça, summamente çomprida. As suas mãos são guarnecidas de grandes unhas, os pés, muito semelhantes aos do homem, a ponto de muitas vezes se confundirem seus rastos com os nossos. O corpo é envolvido em um couro grosso, resguardado por uma lã basta, aspera, comprida, parda na barriga e negra pelo fio do lombo; da espadua direita desce uma pinta, mais clara do que o resto do pêlo e que termina pelo meio da barriga, semelhando uma facha.

Tão grande animal sustenta-se de formigas e de cupim, para o que cava as casas destes insectos, enfia no buraco a lingua e colhe-a logo que nella se ajunta grande porção, e repete este processo, até que se farte.

A caçada deste animal é das mais faceis em campo, ou em logar onde não haja embaraços de matto, cipós ou pedras; nestes ultimos, elle se defende com facilidade, e, desde que lhe cai uma victima entre os braços, ordinariamente esta recebe a morte. Dizem os sertanejos que por vezes o tamanduá lucta com a onça, e que o resultado é ficarem ambos mortos.

O mais curioso instincto deste animal é o de deitar-se de barriga para o ar, abrir os braços,

para, enganando os que não estão prevenidos, fazer com que cheguem até perto, de modo á esmagal-os em um abraço infernal.

Ha homens que seguem o systema destas féras; nunca são tanto de temer-se como quando fingem querer abraçar.

Os indios e os habitantes do norte desta provincia contam a carne deste animal entre as mais saborosas que offerecem as florestas.

Nossa viagem em todo o resto desse dia nada teve de notavel. A's 6 horas da tarde, tomámos pouso em uma praia grande, á esquerda. Logo que chegámos, dous jacarés sahiram da margem opposta do rio e vieram rondar-nos.

De noite, divertimo-nos em andar pescando abaixo e acima, sem grande resultado na pesca, mas conseguimos distrahir-nos, porque eram de immensa belleza aquella gigantesca praia e as aguas serenas do rio, ao clarão do luar dessa noite.

§ 4.°—Exploração na barra do rio do Peixe—Viagem e pouso no lago da Saudade; considerações sobre a vida humana.

19 de outubro.—Embarcámo-nos ao amanhecer e fizemos esforço para ganhar a barra do rio do Peixe antes do almoço. De facto, abicámos nella ás 10 horas da manhã.

Pouco antes, haviamos encontrado uma parada, que descia a meu encontro. Eu havia deixado ordem em Goyaz para que só me enviassem communicações no caso de apparecer alguma occurrencia grave que demandasse minha presença na capital, de modo que, quando reconheci que era um mensageiro,

senti o coração apertar-se-me. Antes de começar a viagem, eu tinha estado a braços com uma eleição e com todo esse mundo de intrigas, miserias e desconfianças que sempre as acompanham. Com a viagem, com a multidão de objectos novos que me rodeavam, lembrei-me de que tinha 26 annos de edade, que era moço e que, portanto, devia pagar á natureza o tributo de alegria que lhe devemos nesta edade. Sacudi, como o leitor terá visto, a teia de cuidados graves e de aborrecimentos que me envolvia a alma, para viver um mez, vendo a Natureza, com ella vivendo, lembrando-me unicamente de medidas administrativas que se prendessem á navegação do rio, meu mais ardente desejo em toda a administração. Por mais, porém, que eu me quizesse afastar desses cuidados, á noite, o somno custava a chegar-me, porque eu bem sentia que, em todo caso, o peso me estava nos hombros, e de qualquer triste accidente era eu sempre o responsavel.

Abri o expediente e, lendo-o todo, disse commigo: «Deus seja louvado; tudo está em paz!» Foi como se me tirassem do peito uma rocha tão pesada como o Pão de Assucar.

Aproveitei a demora que tinhamos de ter na barra, para exploral-a.

O rio do Peixe, ao entrar no Araguaya, póde ter 60 braças de largura; sua agua, represada pela do rio, parece de lago. A margem direita deste confluente é de terras altas; não sei, porém, se estarão livres de inundação.

Vêem-se ahi algumas pedras de canga, já formando o barranco, já se entranhando pela agua a dentro e determinando modificações no curso da

torrente. A margem esquerda é visivelmente alagadiça; algumas braças acima da barra, este confluente fórma um lago, pouco consideravel em tamanho, mas coberto nas margens de matta muito espessa, basta por cima e perfeitamente limpa junto ao chão. Matei dous jacarés, um de 7 e outro de 9 palmos, dentro do lago, não falando das aves, que ahi encontrei em grande abundancia.

Navegámos até ás 4 horas da tarde e tomámos pouso na emboccadura do lago da Saudade, na mesma praia em que dormímos quando descémos.

O rio faz á esquerda um enorme poço, de modo que seu aspecto é ainda mais grandioso do que nos outros logares. O lago, que está a duzentas braças acima, deixa sahir uma torrente larga e rapida, que se vê entranhar muito ao longe pelas aguas represadas do rio, formando da praia, rasa e coberta de areia fina e alvissima, uma graciosa peninsula.

Na descida, confórme ficou atrás escripto, subi por esse lago acima, até que esbarrei em um rio. Não sei porque, nenhum sitio do Araguaya me deixou tão gratas impressões como esse lago e essas praias. Não é o mais bello que vi, e nem a minha passagem nelle havia sido assignalada por commodidade alguma que devesse deixar saudades; ao contrario, as fadigas foram muitas, e muitas as contrariedades. Não sei porque, mas o certo é que, quando eu subia, me lembrava desse lago com saudades, e desejava chegar a elle, como se ahi fosse encontrar minha casa e confortos, que todos nos faltavam no meio do deserto.

Por isso, logo que chegámos, apesar de ser muito o cançaço, tomei alguns remadores e sahi

na montaria para visital-o de novo e para dizer-lhe um adeus, provavelmente um adeus eterno, porque não o hei de vêr mais na minha vida.

Gastei toda a tarde em percorrel-o, e, quando veiu a noite, ainda me baloiçava no leve barco sobre aquellas ondas escuras e vastas. Procurámos o pouso, tomei uma ponta solitaria de praia, a que se prolongava entre a torrente vinda do lago e o rebôjo do rio, e, ahi sentado, puz-me a reflectir em muitas cousas, umas sobrevindo ás outras, e tantas, que, se as fôra escrever, faria um livro.

Emquanto assim pensava, despontou a lua, e eu não poderei nunca descrever, nem ao menos de longe, a belleza melancholica de toda aquella paizagem, tão deserta, tão grandiosa, e ao mesmo tempo tão serena e tão calma, em tão absoluto silencio, que se ouviam as pancadas do coração. Aquelle leito immenso do rio, o lago, a orla de florestas negras que se estendiam em arco, á minha esquerda; aquelle reflectir da lua nas aguas e na areia branca eram de uma belleza tão melancholica, que, ao mesmo tempo que eu me extasiava contemplando tanta grandeza, meu coração se apertava, como se eu estivesse sob a pressão de uma dôr pungente. E comecei, então, a lembrar-me dessas theorias nebulosas dos philosophos allemães, repassando mil doutrinas que havia estudado e lido em uma quadra feliz da vida, em que estudos eram a minha unica occupação.

Eu disse atrás que sensações como essa são talvez o presentimento de uma vida para a qual somos destinados. Pensei de novo nisso. Neste seculo de luzes, nós não tratamos de inquirir o que seremos algum dia; nossas occupações diarias, nossos interesses materiaes nos absorvem por tal

fórma o tempo, que é mistér que uma sensação poderosa como essa nos venha abalar toda a natureza moral, para que dirijamos ao pensamento uma dessas interrogações. Menos materialistas do que nós, os antigos tinham a este respeito suas crenças, e, certas ou erroneas, com ellas viviam, com ellas sabiam morrer.

E nós? Nada sabemos, não acreditamos, nem deixamos de acreditar em cousa alguma, porque não nos queremos dar ao trabalho de pensar: é mais commodo viver como vive a besta...

Que eram essas sensações? Porque razão o Creador poz em nossa natureza o desejo infinito e incessante de felicidade, e por que razão nunca saciamos esse desejo? Todos, ricos e pobres, sabios e ignorantes, moços e velhos, pômos a nossa felicidade no futuro; e, quando chega esse futuro, nós o espaçamos mais para adeante, até que se approxima a velhice, e após ella, a morte.

Quem é que em sua vida deixou de formar um ideal de felicidade? Quem é que já o realisou até hoje? Ninguem. Para que pôria Deus em nosso pensamento tantos desejos que nunca serão satisfeitos? Seria para ter o gosto de torturar-nos?—Não, disse J. P. Richter, fel-o para nos ter incessantemente voltado para essa vida superior, na qual as esperanças se não hão de converter em decepções, e nem os prazeres, em soffrimentos crueis.

Meu espirito foi por ahi além, sondando essas trevas, nas quaes nossa razão vacilla incerta. A materia pediu seu tributo, e, apesar da magia desse clarão da noite, dessas scenas tão grandiosas, dessas solidões tão vastas, tão ermas e tão bellas, o cançaço prostrou-me, e força foi dizer adeus a

tudo isso. Saudei as praias, o lago e aquella parte do rio, e fil-o com tristeza, porque me parecia que uma voz me dizia dentro d'alma que eu via pela ultima vez aquella paizagem sublime, que me havia arrebatado, e ante a qual o tempo correra sem que eu sentisse.

Deixemos, porém, estes assumptos de impressões melancholicas e voltemos da digressão que fiz por elles, afim de proseguir na narração da viagem.

§ 5.°—Caçadas—Descripção da barreira onde almoçámos—O cameleão—O lago das Canguinhas—O pouso.

20 de outubro.—Embarcámos cedo. Aproveitei o socego da manhã, para escrever o que vai ficando por ahi estampado. Tinha deliberado não fazer outra cousa nesse dia, porque minhas notas haviam ficado em algum atrazo; mas não cumpri o proposito, porque, tendo cessado uma pequena chuva que cahira desde pela manhã, e abrindo-se o sol, começou a apparecer a caça em grande abundancia, e a cada momento era distrahido pelas vozes dos companheiros, que assignalavam ora um bando de capivaras, ora de jacús e outras aves, ou animaes, que iam enxergando. Por mais que lhes não quizesse prestar attenção, não o podia fazer, até que, por fim, larguei a penna para atacar um enorme jacaré, que estava na praia a alguns passos de distancia de nós, e que dormia de bocca aberta. Atirando-lhe com chumbo grosso, elle ficou ferido e avançou sobre os cães, que se haviam precipitado sobre elle com o estrondo da arma. Foi necessario atacal-o a faca, o que fez com grande agilidade um soldado, o qual ia perdendo uma perna, devido a uma dentada do animal, de que escapou

quasi que por milagre. Pouco adeante, numas pedras que se entranhavam pelo rio, estava tambem outro jacaré dormindo. Delle me approximei até a distancia de uma braça, de onde lhe atirei, conseguindo esmagar-lhe a cabeça com duas balas, de modo que nem mesmo se poude mover. O sitio era ahi dos mais formosos: o barranco do rio, alto e coberto de floresta espessa; em baixo, havia grandes rochedos de canga, que faziam uma bôa assentada, todos á sombra, e as arvores, debruçando-se sobre elles, impediam a penetração dos raios do sol, que são muito quentes no Araguaya, logo depois das chuvas.

Mandámos apromptar, então, o nosso almoço e, emquanto isso se fazia, subi ao barranco, afim de ver aquelles logares.

Logo depois da subida, o terreno descançava, formando um leito de corrego secco, parallelo ao rio, adeante do qual continuava elle a subir sempre, coberto de florestas.

Não andei mais de um quarto de legua; comtudo, pelo que pude julgar, fiquei na supposição de que o terreno é firme e não alagadiço.

De volta, na beirada do rio, matei tres cameleões, cuja carne, confórme já tive occasião de observar, é muito estimada pelos habitantes do Araguaya, e em geral por toda gente desta provincia que habita as margens dos rios do norte.

A familia dos lagartos estava nesse dia assanhada, porque, durante todo elle, fomos encontrando jacarés e cameleões, nos quaes fizemos um grande destroço.

O cameleão é um reptil, mais ou menos semelhante ao tiú ou lagarto, tendo da cabeça á ponta

da cauda cinco a nove palmos; é de côr verde-folha, mais ou menos escura, segundo a sua edade e a estação do anno, visto que muda de pelle de setembro a novembro, e, emquanto esta está nova, tem as côres mais vivas.

Seu costado é armado de uma serra, cujos dentes, semelhantes a barbatanas, têm uma pollegada de altura; debaixo da cabeça (no papo, como dizem os sertanejos), tem duas membranas pendentes, semelhantes ás que possuem os gallos debaixo do bico; mora em buracos nas margens do rio; sustenta-se de hervas e insectos. Depois de encher a barriga como bons fidalgos, trepa ás arvores, sóbe aos mais altos galhos, repoltreia-se em alguma forquilha, e ahi fica tomando o fresco, debruçado sobre as aguas.

Não é facil a caçada dos cameleões: 1.º, porque a sua côr verde confunde-os com a folhagem, de modo a ser necessario um grande habito para poder distinguil-os entre ella; 2.º, porque são, como toda especie de lagartos, muito duros para morrer immediatamente, de modo que, atirados, pulam n'agua, mergulham e desapparecem; nós, porém, possuiamos meios para cortar estes recursos de defesa e lhes faziamos a guerra em tão bôa ordem, que quasi sempre tinhamos bôa provisão delles.

O nosso piloto do barco, Marcos Pinheiro, por longa pratica, distinguia-os no meio da folhagem, por mais bem occultos que estivessem, e, logo que elle os avistava, mostrava-nos, e nós lhes atiravamos; e tão depressa o animal se precipitava n'agua, quanto um outro soldado, Vicente Ferreira, dava um pulo do bote, desapparecia na agua, e, quando surdia, trazia na mão o animal, que nem

mesmo no fundo do Araguaya encontrava abrigo contra a nossa perseguição.

Para dar ao leitor uma idéa do quanto a gente do povo aprecia a carne do cameleão, direi unicamente que, tendo eu trazido uma bôa provisão de gallinhas de Salinas, só comemos uma; as outras chegaram sãs e salvas a Leopoldina, por ser desprezada sua carne, assim como a de vacca, em favor daquella e de outras caças.

Com isto iamos entretendo o tempo da viagem, a qual era tanto mais extensa, quanto mais distracções encontravamos durante o dia, porquanto os soldados, remando melhor nesses dias sem monotonia, recuperavam em pouco tempo o que perdiamos, de modo que, por fim de contas, lucravamos sempre nas marchas.

A' tarde, chegámos ao lago das Canguinhas, com o tempo brusco: chuvisqueiro e vento frio. O lago das Canguinhas ficava á nossa direita, e fórma, ao entrar no Araguaya, um paredão alto de cangas de ferro, por cima das quaes se eleva o barranco, coberto de floresta espessa, com muita palmeira de indayá.

As pedras são cheias de sinuosidades e solapões redondos, cortados perpendicularmente, por entre os quaes o rio desce borbulhando; a estes solapões os mineiros dão o nome de caldeirões.

As cangas entranham-se pelo rio adeante, deixando, comtudo, espaço franco de mais de cem braças; como, porém, viessemos carregando á direita, encalhámos duas vezes em cima das pedras que se occultavam debaixo das aguas. Conseguimos sahir sem damno algum.

O lago das Canguinhas descreve um arco de circulo, do qual o rio é a corda, de modo a formar uma peninsula da praia em que nos achavamos.

Empregámos o resto da tarde em visitar o lago e a praia, que tem no meio uma lagôa profunda, redonda, cercada de barrancos altos de areia. Para o lado de terra, entre o lago e a praia, corre uma linha de sarãs.

Como mais á tardinha melhorasse o tempo, nossa comitiva tornou-se alegre e prazenteira; uns desceram nas canôas para pescar e, emquanto desciam, iam cantando umas cantigas de que aqui usa o povo, as quaes acordaram em meu espirito gratas reminiscencias da infancia, passada toda entre sertões e viagens; outros internaram-se pelas mattas, para caçar mutuns, os quaes ás Ave-Maria se chamam uns aos outros e, com um grito especial, indicam ao caçador sua pousada; outros, finalmente, reuniam-se na praia e distrahiam-se em fazer exercicios de tiro, jogando ao ar talos de folhas de burityS, ou de madeiras seccas, nos quaes procuravam acertar.

§ 6.°—Descripção do terreno vizinho ao lago Dumbá—Superstições do povo sobre a inhuma—Pouso.

21 de outubro.—Navegámos todo esse dia sem distracção alguma e sem parar senão o tempo necessario para o almoço, que foi em uma barreira á esquerda, debaixo de uns pés de ingá.

Chegámos, mais ou menos ás 5 horas da tarde, a uma grande praia, á esquerda, em frente ao lago Dumbá, onde resolvemos pernoitar, para no dia seguinte fazermos a visita ao lago.

O rio, logo acima da praia, se abre em dous canaes, formando no meio uma ilha de sarã. Pela margem fronteira, o matto chega á beira d'agua; é basto, espesso e elevado na entrada do lago, do qual saem algumas rochas de canga, que penetram um pouco pelo rio. A margem em que estavamos pousados, além da grande praia, offerecia tambem uma listra negra de floresta, não tão espessa como a da margem do lago, porém mais elevada, e, portanto, menos alagadiça.

Sahi ao longo dessas praias a vêr o que por ella poderia existir de notavel, e penetrei no matto, afim de atirar a umas inhumas que eu avistara assentadas na praia, e que voaram para alli; persegui-as sem resultado; os soldados, porém, que me acompanhavam, tinham grande interesse em matar essa ave, o que, levando-nos um pouco além, me fez vêr que a praia por qualquer enchentezinha se torna numa ilha, porquanto, junto ao matto, fórma um canal, que estava em grande parte secco, mas que para baixo era um lago.

Já que toquei na inhuma, escreverei que sobre ella correm mil prejuizos e superstições do povo, superstições das quaes não são isentas muitas familias daqui que se têm em conta de gente civilisada. Matámos uma destas aves no dia em que chegámos ao porto da Piedade, e, a proposito della, originou-se uma disputa entre a tripulação. Tratando de inquirir da causa, soube que era devido a querer cada qual um osso da ave; este desejava uma especie de unicornio que ellas trazem sobre a cabeça; aquelle queria um esporão; outro, o osso da côxa esquerda, e, como eram muitos, cada um allegava seu direito, sem que ninguem tivesse razão. Não comprehendi a principio qual o motivo por que

faziam tanto empenho em obter taes ossos. Soube, porém, que, segundo pensavam, eram preservativos contra máus ares, máus olhos, mordedura de animaes venenosos e quejandas cousas.

Um dos companheiros de viagem contou-me, então, que, em Goyaz, e sobretudo no norte da provincia, esta crença é geralmente espalhada. Extraem ossos do animal, fazem-lhes furos e atam-nos ao pescoço das crianças, como um talisman que os preserva de quasi todos os males. Este e muitos erros grosseiros, com os quaes os viajantes extrangeiros compõem novellas a nosso respeito, pintando-nos como uma nação semi-barbara e estupida, não existiriam, se nosso clero tratasse da educação moral das ovelhas com mais cuidado que o existente hoje.

Quando voltámos ao pouso, era noite. Passámos bem incommodados com um vento frio e agudo, que soprava constantemente, arrancando-nos duas vezes a barraca, e constantemente semeando-nos areia pelo corpo. Para que eu pudesse conseguir algumas horas de somno, foi necessario resignar-me a abandonar a maca, com que fiz um reducto, em fórma de angulo recto, dentro do qual me accommodei como pude, não tendo outro colchão senão uma pelle de onça em cima da areia, visto que com as cobertas e lençóes fiz amparo contra uma saraivada pouco abundante, mas frigidissima, que de quando em quando despejavam as nuvens toldadas.

CAPITULO VI

Do Dumbá a Leopoldina

§ 1.°—Exploração do lago Dumbá.

A's 5 horas da madrugada, levantámo-nos para fazer a exploração projectada. Ahi tive ainda de ouvir as cantilenas dos perigos que encerrava tal projecto. Narravam uns que, na cabeceira do lago, havia um grande quilombo de negros, cujas caixas se ouviam rufar desde que se chegava a uma cinta de pedras que o lago tinha no meio; outros diziam que existiam ahi aldeias de Chavantes, que nos acommetteriam por força, se tivessemos a ousadia de chegar até ao fim. Por desgraça, quando narravam estas historias, elevou-se, mais ou menos para o lado das cabeceiras do lago, uma columna de fumaça, que parecia de proposito para contrariar-me, dando a todas aquellas fabulas uma côr de verosimilhança. Força foi sahirmos com todas as cautelas, armas embaladas, cartuxame prompto etc., cautelas, aliás, que não fariam mal algum, se não importassem demoras, para mim muito prejudiciaes, porque, confórme já observei, meu tempo era muito pouco; eu não podia falhar um só dia, visto que era esperado na capital, o mais tardar, até 1.º de novembro.

O primeiro estirão do lago que avistámos teria um quarto de legua; mettemo-nos por elle a dentro, e nada vimos de notavel, a não serem os bôtos, que vinham bufando junto de nossas canôas, e uma multidão de passaros aquaticos, que voavam por cima de nossas cabeças, e nos quaes não queriamos atirar para não dar signal aos pretensos inimigos.

Todas as cousas têm duas faces, e mesmo aquellas que contrariam, bem analysadas, servem para o riso. Não me lembro qual foi o objecto que vi, no qual quiz atirar, para o que me levantei e armei a espingarda; quando eu o visava, um dos soldados, pondo-se deante de mim, com uma figura tão consternada, que parecia querer chorar, disse-me:

—*Sr. Doutor, pelo amor de Deus, não atire.*

—*Então, porque?*

Elle mastigou, virou, sem nada dizer; impacientei-me e disse-lhe que sahisse de deante; então, abaixando a voz, disse-me com o maior serio do mundo:

—*Eu ando querendo dar baixa, tenho caçado um substituto e não acho.*

—*E que tem isso com o meu tiro?*

—*E' que o tiro esparrama os negros do quilombo e eu estou querendo pegar um calunga para pôr em meu logar.*

A ingenuidade desta resposta, o ar com que foi ella dita, me excitaram por tal fórma a hilaridade, que desarmei a espingarda e perdi a má disposição de espirito em que me haviam collocado as delongas do embarque. Pobre humanidade! disse eu commigo; o mais pequeno vislumbre de esperança serve para nos amarrar á vida, para sonhar-

mos uma felicidade que não havemos de gosar, para nos resignarmos a um mal presente, que sem essa esperança nos levaria ao desespero, e, talvez, ao suicidio.

Quando havia eu de suppôr que uma exploração no lago Dumbá serviria para alimentar a esperança de liberdade que nutria aquelle pobre homem? Assim é o mundo! Quantos não ha por ahi que fundam seus calculos em motivos menos razoaveis e mais phantasticos do que os do pobre soldado?

Depois do primeiro estirão do lago, encontrámos praia, tomámos o canal da esquerda, varámos por elle e démos numa bacia immensa. Os barrancos de um e outro lado são elevados e cobertos de matta bem espessa. Parámos um pouco para gosar da bella vista que nos offerecia a immensa bacia, na qual, como no mar, se haviam condensado vapores durante a noite, os quaes se desmanchavam em fumaça aos primeiros raios do sol. Nossa contemplação foi logo perturbada pela vista de um animal que se atirou ao lago e que começou a atravessal-o. Era uma anta. Por mais esforços que fizessemos, foi impossivel chegar a ella; nada mais conseguimos do que aprecial-a de mais perto, cortando o espelho sereno das aguas e deixando atrás de si um longo sulco.

A legua e meia de distancia da emboccadura, démos nas taes pedras que assignalavam o limite além do qual os *calungas*, como dizia o soldado, não consentiam que se navegasse. Dahi se deviam ouvir a caixa, alguns tiros e, *por muito favor*, só nos atirariam algumas pedras na cabeça, por pura distracção. Não obstante, o medo parece que tinha

diminuido com a indifferença que eu e o alferes que me acompanhava iamos mostrando pelas taes narrações.

As pedras atravessam o lago de lado a lado: umas elevam suas enormes massas redondas e escalvadas em fórma de torreão, outras são achatadas, cheias de escavas e concavidades, e estendem-se em grandes lagedos, acima 3 ou 4 palmos da superficie d'agua. Approximei-me dellas, afim de conhecer a natureza da rocha; quiz quebrar um pedaço para melhor observar, mas não o pude fazer, porque os meios de que dispunha naquella occasião não puderam vencer-lhes a dureza; comtudo, vi bem claramente que eram granito e pareceu-me ser a especie *granito leptinoide* dos mineralogicos, o que, comtudo, não affirmo, porque, além de não ser naturalista, como já disse, accresce que minha observação foi muito ligeira. Parece-me, porém, fóra de duvida ser granito, o que não deixa de ser notavel, porquanto no Araguaya e suas margens não vi outras rochas que não fossem cangas de ferro, e nas areias cheias de gorgulho, no qual parece que deviam existir todas ou quasi todas as pedras do valle cortado pelo rio, só se encontram as citadas pedras ferreas, diversas especies de quartzo e schistos.

Passadas as pedras, fomos navegando sem impecilho algum. A's vezes, parecia-nos que o lago se acabava; quando, porém, chegavamos ao fim da parte que haviamos avistado, enxergavamos novos estirões, pelos quaes nos mettiamos. Fórma elle diversas ilhas, cobertas de matta, e algumas ilhotas. Estas ultimas eram extremamente bellas; quasi rentes com a agua, tinham a fórma de uma ellipse, eram abahuladas, cobertas de um musgo verde e cheias de florinhas brancas. No centro destas

ilhotas cresciam algumas arvores isoladas, não altas, mas muito copadas, e por sobre as quaes os guachos construiam seus ninhos. Nas pequenas praias dessas ilhas viam-se numerosas conchas de perolas, das quaes colhi algumas.

Já que falei em guacho, não posso deixar de registar aqui uma observação do nosso piloto Marcos Pinheiro, grande sabedor de historias de peixes e animaes. Disse-me elle que os guachos nunca construiam ninho senão em arvores que tivessem caixas de maribondos, *porque*, accrescentou elle com a sua costumada gravidade, *em tendo os maribondos, nenhum bicho chega; e quando os filhotes têm fome, as mães não precisam de ir longe; apanham as vespas e com ellas os sustentam.* Dahi para cá, sempre que avistavamos ninhadas destes volateis, eu procurava verificar o dito, e, de facto, notei sempre junto a ellas as casas destes insectos. O calculo do guacho não é máu: com os maribondos, tem a um tempo quem os defenda e quem os sustente. Quantos homens não ha ahi por esse mundo de Deus que pagam os beneficios recebidos devorando seus bemfeitores?

Mais para o fundo, algumas das margens do lago, as que ficavam á nossa direita, eram cobertas de serradões, o que indicava a proximidade de campo.

Vi no lago o maior jacaré que encontrei no Araguaya; ao penetrarmos em uma vasta bacia que ficava além de uma ilha, elle flechou direito sobre a nossa canôa; era um verdadeiro monstro; calcúlo que tivesse mais de 25 palmos. Não o pudemos matar, porque, quando eu ia atirar, a distancia já de tres braças, a canôa balançou, perdi o equilibrio e escorreguei dentro della, com o que elle

mergulhou e sumiu-se. A estes jacarés grandes chamam por aqui *arurá*.

Depois de navegarmos tres leguas, o lago estreitou-se e ficou encanado como um ribeirão. Ahi enxergámos á nossa direita uma cousa como estrada de carro. A vista do que haviam dito, concluiram logo que era a estrada do quilombo, ou das aldeias; chegámos perto e reconhecemos que era um bebedouro de animaes selvagens.

Pouco adeante, a navegação tornou-se impraticavel; o canal continuava, mas em alguns logares era tão raso que se tornava necessario puxar a canôa, o que constitue sempre perigo no Araguaya, ou em seus lagos, por causa das arraias, cujas ferroadas produzem dôres insupportaveis, abrindo-se depois em feridas de difficil cura, maximé naquelles logares, onde não ha recurso algum.

Tomámos o expediente de continuar a exploração a pé, para o que nos mettemos pelo matto, que, sendo muito entrançado de cipós e espinhos, nos difficultou a marcha, por tal fórma que, ao cabo de meia legua, desistimos de ir além.

Mandei subir em uma arvore muito alta, e dahi, mandando observar em roda, notou-se o seguinte: a matta que rodeia o lago estende-se por todos os lados a uma legua de distancia; para o norte, avistam-se campinas limpas, que vão até onde póde chegar a vista; ao poente, vê-se uma serra: é a mesma que denominei Serra Azul; ao sul, enxerga-se, a distancia de cinco leguas, mais ou menos, uma zona de matto que corre de nascente para poente, e que vai até encostar na serra. Visto isto, voltámos, e ao meio dia estavamos na praia mortos de cançaço e fome, com a roupa e pelle em muitos logares cortadas de espinhos.

Eu fiquei satisfeito com a exploração, porque nunca esperei outra cousa. Os que contavam vêr maravilhas ficaram desapontados; entre estes ultimos, e talvez mais do que nenhum, devia ficar o soldado que esperava assenhorear-se do *calunga*, para dal-o em substituição de praça, como justa e bôa presa de guerra.

§ 2.°—Viagem—Aspecto melancholico do pouso—Fuga do bóte.

Chegando da exploração, e com muita fome, tratámos de almoçar, embarcando ao meio-dia. Ainda viajámos cinco ou seis leguas, sem accidente algum, nem cousa que me désse na vista, o que, aliás, não é de admirar, porque, com o cançaço da exploração matutina, deitei-me em uma rêde e passei o resto do dia dormindo.

Em certa altura, durante a viagem, os companheiros enxergaram um sucury diligenciando pegar uns patos; viram-no metter a cabeça negra e enorme fóra d'agua e depois recolhel-a; os patos fugiram, elle os procurava de novo. Nesse jogo, lá ficaram, sem que soubessemos quem ganharia a partida; meus companheiros não atiraram, para não me acordar, o que senti.

Tomámos pouso em uma praia á direita, ás 7 horas da tarde, ou, melhor, da noite, porque uma réstea de luz fugitiva que ainda havia no horisonte era já tão tenue, que se lhe não podia dar o nome de dia.

Essa praia foi uma das maiores em que pousámos. O rio faz ahi uma volta menos rapida, quasi como um angulo obtuso, segue depois um longo estirão, á direita, e curva-se de novo, for-

mando um Z. Defronte de nós, havia tambem praia, mas muito elevada, de barranco ingreme e coberta de sarã.

Levei quasi toda a noite passeando, perto do pouso, depois para cima, em um remanso, e, finalmente, numa lingua de praia, onde accendemos um fogo, cujo clarão se reflectia n'agua, dourando a face do rio. Este espectaculo despertou-me saudades da bahia de Botafogo, em cujas ondas os lampiões da rua espalham sua melancholica claridade. Estava com immenso empenho de pescar uma tartaruga para trazel-a viva a Goyaz; levei um couro, no qual me deitei, e, como era muito tarde, o somno ganhou-me.

Felizmente, um dos soldados, que me acompanhava, velava constantemente. Acordei sobresaltado a um grito delle: era tempo; eu estava a duas braças de um jacaré, que fugiu e se foi postar a alguns passos de distancia; demos-lhe diversos tiros. Ou por havermos errados devido á noite, ou por causa da distancia, o certo é que elle não se moveu do logar, pelo que mudei o abarracamento e vim postar-me junto do pouso, onde, arranjando de novo o meu couro, continuei na pesca, sem outro resultado mais do que apanhar uns peixes miudos, entre os quaes um *jurupensen*, o primeiro que eu via, tendo passado ahi horas esquecidas. Todo esse painel melancholico me ficou daguerreotypado na cabeça, e ainda agora parece-me que estou vendo ao longe aquelle foguinho acceso na ponta da lingua da praia; em minha frente, o alveo immenso e calmo do rio; á minha direita, aquelles comoros solitarios de areia, terminando numa orla escura de matto, a meio envolvida nos nevoeiros da noite, tudo isto illuminado pelo clarão de um luar baço

e ao sibilar tristonho de um vento frio e humido. Nessas horas solitarias da noite, dobram-se os encantos do deserto; mas tambem se dobra essa tristeza, essa melancholia profunda que se sente deante delle, e da qual tantas vezes tenho falado. A' meia-noite, armei o fogo de um lado da barraca, e, abrigando-me com a cama, pela mesma fórma que no lago Dumbá, deitei-me na areia, onde ao menos o vento me não zumbia pelos ouvidos. A's duas horas da madrugada, a ordenança acordou-me, porque começava a chover, e, portanto, força era mudar de pouso. Soube que o bote tinha sido carregado pela torrente, levando o alferes Maribondo e um cabo que lá dormiam. Referiu-me, depois, o primeiro que, quando acordou, foi com o barulho de uma porção de louça que cahia na prôa, pelo que elle gritou, perguntando quem estava ahi; ninguem lhe respondeu; chamou por um soldado, que, segundo as ordens, devia dormir ao pé do bote, para tirar agua do porão; ninguem lhe respondeu; gritou pelo sargento; teve como resposta o mesmo silencio. Entretanto, o cabo se havia levantado e chamava por elle. Chegou fóra da coberta e viu-se no meio do rio, rodando por elle abaixo, e, não enxergando nem os fogos do pouso, nem vestigio algum nosso, reconheceu que tinha descido muito longe. Dous homens sós não podiam fazer andar o bote e, quando pudessem, faltavam-lhe os remos, que haviam ficado na praia; estavam neste estado de consternação e perplexidade, quando ouviram barulho de quem remava: era a montaria que eu fizera descer, levando tripulação sufficiente para subir o bote. Tinham rodado já uma legua, e muito mais rodariam, se não fosse a teima na pesca levar-nos até tão tarde. Chegado o bote, renasceu o socego e, apesar do vento que sibilava, lançando

pela barca gottas de chuva, passámos uma noite maravilhosa.

§ 3.°—Viagem—Praia das Antas—Exploração da barreira do campo e de um canal do rio—Pouso—Cobra dormideira.

23 de outubro.—Sahimos logo ao romper do dia, que estava humido e carregado de vapores escuros; de quando em quando, cahia uma chuvinha frigida, que muito nos incommodava. Num grande estirão do rio, avistámos uma anta; um soldado atirou-lhe de muito longe, quando ella já ia ganhando a praia, mas com ponto tão certo, que o animal cahiu morto; tomámol-a na montaria, e deu-se a coincidencia de a irmos esfolar na mesma praia em que esfolámos a outra na descida, cuja cabeça ainda lá encontrámos. Afincámos duas estacas, puzemos em cima as cabeças e baptisámos o logar com o nome de *Praia das antas.* Ahi almoçámos. Como depois do almoço o tempo melhorasse, passei para a montaria, afim de melhor ir observando o rio.

Ao meio-dia, avistámos uma barreira alta, comprida, direita e cortada a prumo como uma muralha; é uma das mais bellas do rio e chamam-lhe: —*barreira de campo.* Subimos por ella, o que não foi facil, visto que os barrancos eram a prumo e deviam ter 40 a 50 palmos de altura, de modo que foi necessario fazer buracos, como estribos, com o auxilio dos quaes nos fomos suspendendo, até ganhar a assentada.

Andámos longo tempo, ora em varzedos de campinas, ora em serrados, vendo muita caça, tanto aves como quadrupedes. Mandei subir a uma arvore e observou-se o seguinte: ao nascente, mattas

que se não viam muito ao longe, porque os arvoredos interrompiam a vista; ao norte, campinas descobertas; ao poente, a Serra Azul, de que tenho já falado; ao sul, e bem perto, uma zona de matta, que ia até á serra: esta matta é provavelmente a mesma que avistámos quando explorámos o Dumbá-grande.

Continuei a navegar na montaria, e, duas leguas acima dessa barreira, metti-me pelo canal do lado direito, para conhecel-o, visto que descemos por outro, e por elle subiu o bote, por não ser prudente navegar tal embarcação por um logar ainda inexplorado. Esse canal tem tanto fundo como o outro, é mais direito, mas suas aguas são muito mais correntes, o que difficulta a subida. A' esquerda, ha uma ilha, que provavelmente se alaga no tempo das grandes cheias; á direita, os barrancos são baixos e cobertos de arvores proprias de terrenos alagadiços.

Tenho notado muitas vezes dous barrancos no Araguaya, um mais baixo, outro collocado por cima, e ordinariamente mais coberto de matto. Tratando de conhecer a causa deste phenomeno, soube que o primeiro marca a altura das aguas nas enchentes ordinarias de todos os annos; o segundo, a das extraordinarias, que sobem ao dôbro da altura das primeiras, e que se dão de 14 em 14 annos. Conviria que este facto fosse bem estudado, porque a elle se ligam muitos problemas interessantes da sciencia meteorologica; para a industria da cultura e para a povoação das margens do rio, não é menos interessante o conhecimento disto, porquanto, sabendo-se a que altura chegarão as aguas, não se perderão plantações, como já tem acontecido, evitar-se-ão as margens do rio nos annos em que

se derem essas grandes enchentes, e aproveitar-se-ão, sem receio de damno, em todos os outros.

Quando sahimos na bocca sul do canal, era tarde, e o sol já ia bem baixo, pelo que assentámos de tomar pouso na praia que fica immediatamente acima do logar em que o rio se abre nos dous braços, o que fizemos, abicando á direita.

A praia fórma uma metade de ellipse; para o lado de poente, as terras são baixas, cobertas do capim de que já tenho falado, de um hervaçal de plantas trepadeiras e de sarã; para o norte, o rio se abre nos dous canaes que mencionei, formando no meio uma ilha, coberta do mesmo hervaçal e matto, como ao poente; ao sul, segue o alveo immenso do rio; em frente ao nosso pouso, que está para nascente, ergue-se uma barreira alta de terra parda, coberta de mattaria muito espessa; o veio principal d'agua corre junto desse barranco, e o rio ahi passa estreito e apertado entre a praia e o mesmo barranco.

Lembrei-me das descripções que Walter Scott fez dos costumes dos antigos saxões, quando vi em torno de nossa fogueira dous espetos colossaes, nos quaes se assavam enormes pedaços de costella de anta, cuja carne é das melhores no Araguaya.

De noite, o luar esteve baço, como na noite antecedente, e andámos pescando abaixo e acima.

Estas praias são bellissimas, mas tambem muito melancholicas, em noites de luar; não sei o que tem aquelle reflexo pallido da lua sobre os areaes, que aperta o coração e faz com que o homem comece a recordar-se de todas aquellas scenas de sua vida que deixaram uma impressão grata em seu espirito, e que nunca são lembradas,

sem aquelle *doce pungir de acerbo espinho*, como Garrett denomina a saudade.

A avançadas horas da noite, e depois de já accommodados, ouvimos urrar uma sucury; os urros partiam de um pequeno lago, cuja bocca avistámos de outro lado do rio, coberta de matto alto, negro e muito denso. Os urros desta cobra são verdadeiramente medonhos no meio destes desertos, sobretudo, nessas horas da noite.

Ha, aqui, pelo Araguaya, outra serpente, muito grande, que inspira aos viajantes maior terror do que o sucury, mas cuja existencia não se deve admittir sem maior exame, apesar de muitos delles affirmarem que a viram. Dão-lhe o nome de *cobra dormideira*, porque o signal pelo qual a distinguem é o resfolgar estrepitoso que tem ella durante o somno, o qual, dizem, se ouve muito ao longe. Segundo elles, essa cobra é toda negra, e tem a cabeça pela mesma fórma que a de um cão de fila, mas muito maior. Dizem elles que é maior do que o sucury, mas menor do que o *minhocão*.

Póde ser alguma especie da familia das *bôa*, ainda desconhecida.

§ 4.°—Viagem até Leopoldina.

24 de outubro.—Sahimos de madrugada e fizemos proposito firme de chegar nesse dia ao presidio da Leopoldina, apesar de estar ainda a dez leguas, distancia que não é facil percorrer em um dia, com um bote como era o nosso, e rio acima; a tripulação, porém, estava animadissima com o desejo de chegar, e a pesada machina ia fazendo espuma deante da prôa.

Não tivemos descanço algum senão o tempo indispensavel para o almoço, que foi em uma barreira alta, á direita, coberta de matta. Para tornarmos mais leve o bote, lançámos n'agua a porção de peixe que traziamos e a anta.

Foi tão grande a diligencia neste dia, que ás 4 horas da tarde estavamos no travessão de pedras, que dista uma legua da Leopoldina, no qual escapámos de sossobrar, porque as aguas arremessaram o bote sobre umas pedras, e elle ficaria em pedaços, a não ser a pericia de um velho soldado, Paulo, que, apoiando o bote com um varejão, diminuiu o impulso do choque, de modo a passarmos sem outro inconveniente mais do que o susto. Ahi, logo acima, avista-se um èstirão de rio, de uma legua, com mui lindas barreiras á esquerda, na extremidade das quaes, e meio occulta por arvoredos, se enxerga a nascente povoação da Leopoldina, com suas casinhas alvas, com seus telhados vermelhos, que tanto alegram a quem, como nós, havia tantos dias, não avistávamos nem vestigios de homens, quanto mais casas.

Logo que a guarnição do presidio nos avistou, começou a salvar com descargas; nós respondemos á saudação com a mesma linguagem.

O sol descia já no occidente, e a tarde era já de um rôxo dourado, quando tomámos terra no barranco do rio em que está o presidio. Olhei ainda uma vez para o Araguaya, e, apesar dos incommodos e privações por que passámos, disse-lhe um bem saudoso adeus.

Depois de uma viagem tão cheia de fadigas e privações, uma noite dormida em casa encerra tanta voluptuosidade, que parece o somno uma sensação desconhecida, tão agradavel se torna elle

então. Tal foi a nossa noite de 24 para 25, que me ficou impressa na memoria, porque, quando as vezes acordava, me parecia ver ainda o rio, e as praias, e o bote, e todas aquellas scenas selvagens que nos rodeavam.

Falhámos o dia 25, porque foi necessario reunir a tropa e cuidar de outros arranjos para a viagem de terra.

Apesar de havermos caçado tanto, para não estar á tôa, ainda nos fizemos aos mattos. Eu andei por perto e contentei-me com o matar uma cutia; o alferes, porém, estendeu-se ao longe e só chegou por tarde, muito rôto de espinhos e gottejando sangue de mil arranhões que trazia pelo corpo todo, mas ancho por haver morto quatro queixadas.

No dia seguinte, 26 de outubro, partimos de volta para Goyaz; antes, porém, de escrever esta jornada, o que farei resumidamente, e em um só capitulo, passo a dar noticias do Araguaya, de Leopoldina para cima e do rio das Mortes, o que faz objecto dos dous capitulos seguintes.

CAPITULO VII

Noticias sobre o Araguaya, de Leopoldina até á cachoeira dos Pacús, no Cayapó-grande.—Assignalamento dos serviços mais ricos de diamantes naquelle rio, no Cayapózinho e Rio Claro.

Nenhum viajante europeu descreveu ainda o Araguaya na extensão percorrida por nós, na viagem que deixámos atrás escripta.

Da expedição de D. João Manoel de Menezes não nos ficou escripto; a viagem do Conde de Castelneau começa na barra do Crixá-açú e dahi para baixo. Se a nossa vem preencher uma lacuna, descrevendo a parte que fica entre Leopoldina e aquelle rio, muito mais curiosa ficará, completando-a com uma noticia dahi para cima, até ao Cayapó-grande, e por elle até á cachoeira dos Pacús, limite extremo da navegação para o sul, por via do Araguaya. E' o que passo a fazer, com tanto mais cuidado, quanto até ao presente não ha uma só lettra escripta a respeito desta, a mais importante parte do rio, porque é dahi que algum dia se ha de ramificar o commercio para grande parte do Brasil, como do coração, o sangue para as arterias e veias e para todo o corpo.

Não pude por mim mesmo fazer as explorações; tive, como já escrevi, apenas um mez para

tudo isso, e nesse prazo de tempo era impossivel andar mais do que andei. Estas noticias são colhidas de homens praticos e verdadeiros, e não foram escriptas sem critica. Comprehendem o Araguaya, o Cayapó-grande, que a meu vêr não é outra cousa mais do que o proprio Araguaya, o Cayapózinho, o Rio Claro, tudo resumidamente, para não estender demais estas memorias.

Do porto de Leopoldina ao porto do Rio Grande, sóbe-se em 7 dias, desce-se em 3, e, portanto, deve haver 40 leguas, mais ou menos.

O rio continúa até lá com o mesmo aspecto com que o temos apresentado ao leitor: corre sempre entre praias, formando ilhas e lagos e tendo quasi todas as margens alagadiças.

No tempo da cheia, nenhum obstaculo offerece para a navegação a vapor; no tempo da sêcca, existe a Cachoeira-grande, 36 leguas ao sul de Leopoldina e 4 abaixo do citado porto do Rio Grande, da qual todo o inconveniente resulta de serem muito estreitos os canaes, tendo apenas 8 palmos o mais largo delles. Quem me informa, porém, declara que, quebrando-se uma pedra, esse canal toma a largura de 30 a 40 braças, accrescentando que a pedra se póde quebrar sem grande difficuldade.

Nesta distancia entram no Araguaya os seguintes rios: Rio Vermelho, junto a Leopoldina, pela margem direita; Rio Claro, margem direita, a 32 leguas para cima de Leopoldina; Rio das Almas, margem direita, 37 leguas ao sul de Leopoldina. Algumas braças abaixo deste rio, passava a estrada do extincto e famoso arraial dos Araés. Entram tambem naquelle rio diversos lagos, dos quaes o principal é o Jequery, a 30 leguas de Leopoldina.

Sahindo-se do Rio Grande, subindo o Araguaya, o rio é franco para a navegação de botes que demandem de 3 a 5 palmos d'agua na sêcca, até á cachoeira de Ouro Fino, 8 leguas ao sul do porto; tem diversas corredeiras empedradas, que não offerecem difficuldade alguma, porque existe sempre o canal-mestre para se navegar.

As mais notaveis corredeiras são: a corredeira da Ilha, que é a uma legua e quarto para cima do porto, pouco abaixo (100 braças) da barra do Cayapózinho, barra de que adeante falaremos.

A cachoeira de Ouro Fino é formada por um travessão de pedras altas (schisto), que varejam o rio, deixando entre si diversos canaes, mais ou menos largos e mais ou menos correntes; o canal-mestre fica encostado á margem esquerda do rio, e por elle se sóbe sem perigo e a varejão. De Ouro Fino vai-se num dia á barra do Cayapó-grande, com uma viagem de oito leguas; o rio é franco para a navegação de botes eguaes aos primeiros. Encontram-se nestas oito leguas as corredeiras chamadas do Travessão e das Pitombas, esta antes uma corredeira grande, do que uma cachoeira. A primeira dellas está tres leguas acima da de Ouro Fino, e a das Pitombas, a duas leguas acima desta ultima. Em uma e outra se passa a varejão, em canaes de cêrca de seis a oito braças.

O rio offerece em suas margens o mesmo aspecto que tem para baixo. Na barra do Cayapógrande, elle perde o nome, visto que se fica chamando Cayapó-grande. Da barra do Cayapó em deante, por elle acima, a navegação é franca para bote do mesmo calado, até ao porto de Manoel Victor, ou, melhor, até á cachoeira dos Pacús, duas leguas acima deste porto. O terreno das margens

é dividido em mattas e campos; o rio não offerece mais as bellas praias que se encontram no Araguaya; é cercado de barrancos altos, por entre os quaes elle corre profundo, e tanto mais encanado, quanto mais se sóbe. Dahi em deante, começam as cachoeiras, que só dão navegação para pequenas canôas e isso mesmo com trabalho.

Da barra do Cayapó-grande á cachoeira dos Pacús, deve haver de 20 a 24 leguas, tendo diversas corredeiras e travessões de pedra, sem difficuldade para a navegação.

Passo a assignalar os logares onde se têm feito serviços de diamantes, ou onde consta que elles existem em abundancia.

Todo o Cayapó-grande passa por muito rico e está quasi virgem, por se não poder fazer a extracção desse mineral, devido ás vexações dos indios Cayapós; entretanto, os logares mais famosos são os seguintes: a barra do mesmo Cayapó com o Barreiro, que formam dahi em deante o Rio Grande, que é o mesmo Araguaya; a Lagôa, Macaquinhos, Cachoeira dos Pacús e Barra das Perdizes.

Demos uma breve noticia de cada um destes serviços. O primeiro delles é actualmente explorado por uma sociedade, debaixo da direcção do cidadão Benedicto Ferreira da Costa, natural de Cuiabá. A sociedade compõe-se de 14 pessôas, que trabalharam cêrca de 25 dias, conseguindo tirar grande porção de cascalho, do qual extrahiram uma e meia oitava de bons diamantes, e isto unicamente em provas, não conseguindo lavar o cascalho pelo receio de ataque dos indios Cayapós, que appareceram em numero de 500 e que lhes intimaram a retirada.

Venderam estas pedras no Rio Claro, á razão de 310$ a oitava, o que dá por serviço, contando 20 dias uteis, 1$300 e tantos réis diarios.

A corredeira da Lagôa fica a uma legua acima da barra do Cayapó, no Barreiro. O rio ahi é raso, e, no tempo da sêcca, desviam a agua e extraem o cascalho virgem, que se acha a dous ou tres palmos de profundidade; as formações mais apreciadas pelos mineiros do Cayapó-grande, como indicando maior riqueza, são: ferragem, em fórma de agulha, sendo esta a melhor; abaixo della temos: chrysolita (o lacre), que é uma pèdra vermelha, semelhante a um páu de lacre, pingo d'agua claro, pretinha, feijão reluzente, o baio, resina, lapinha, esmeril, tinideira (comprida), ovo de pomba, osso de cavallo etc.

Deu-se o nome de Lagôa a este logar, em razão de fazer o rio ahi uma especie de estagnação, de modo a não correrem as aguas senão muito vagarosamente.

O cascalho explorado é o do rio, o qual desce de uma grupiara, na margem esquerda, de modo que se vê no barranco uma faixa, de 40 a 50 palmos de largura, de cascalho, que se interna pelo barranco e que está todo virgem, por ser necessario um desmonte talvez superior a vinte palmos.

Acima desta, ha uma corredeira mansa, chamada *Macaquinho*, que fica vinte leguas acima da barra e um quarto de legua abaixo do porto de Manoel Victor, acima meia legua da barra do ribeirão de João Velho, que entra no Cayapó, na margem direita.

Este serviço, como o precedente, é feito dentro do rio. Fórma-se uma grande praia á direita, que se entranha por elle; a praia é de gorgulho,

que nesse logar é o proprio cascalho, do qual se extrae o diamante: tambem entra pelo barranco direito a dentro, dando assim proporção para grupiara. Este serviço é mais facil do que o outro, visto ser mais raso o rio e mais largo, de modo que se póde, com pequena difficuldade, desvial-o; as provas neste logar têm dado melhores resultados do que no precedente, por terem apparecido pedras maiores, tendo-se tirado do peso de uma e meia oitava, e dahi para baixo.

Duas leguas acima do porto de Manoel Victor, existe a cachoeira dos Pacús, que passa por ser o mais rico serviço deste rio; têm-se dado algumas provas por cima das cachoeiras, nas praias.

Acima da cachoeira, cêrca de cinco dias de viagem, existe um ribeirão chamado *das Perdizes*, em cuja barra deve existir immensa riqueza; estas informações, porém, são obscuras e carecem de confirmação.

Da cachoeira dos Pacús ao arraial do Espirito Santo deve haver oito leguas. Ha uma antiga estrada, que vem ter ao porto de Manoel Victor. Neste arraial, existe abundancia de mantimentos, cujos preços constam da nota abaixo. (*)

(*) Nota dos preços correntes no Espirito Santo:

Feijão, alqueire, 6$000; farinha de mandioca, dito, 3$000; farinha de milho, dito, 1$600; milho, dito, 1$000; arroz, dito, 4$000; toucinho, arroba, 3$000; capado, regulando 4 arrobas, 8$000; fumo, (rôlo de 32 varas), 5$000; rapadura de 2 libras, $120; assucar, arroba, 3$000; boi de charque, 12$000; carne secca, arroba, 4$000; aguardente (barril de 60 garrafas), 12$000; enxada, 3$000; almocafe, 4$000; machado, 5$000; alavanca, 6$000; bateia de lavar, 5$000; carumbé, $640; algodão liso, $500, dito, trançado (córte de calça), 3$000.

Falemos agora do Cayapózinho. Confórme vimos atrás, este rio faz barra no Araguaya 1 e 1/4 de legua acima do porto do Rio Grande.

Dahi ao rio Claro, pela estrada geral, ha trinta leguas, e pela beira do rio, umas trinta e oito. O Cayapózinho é talvez menos rico em diamantes do que o Cayapó-grande; tem a desvantagem de ser muito empedrado, e de por isso se tornarem mais difficeis os serviços; apresenta, porém, a vantagem de se tirar quantidade de ouro ao mesmo tempo em que se tira o diamante. O Cayapózinho não é navegavel, nem mesmo a canôa, por ser summamente encachoeirado; todo elle está virgem, tem sido apenas lavrado em cinco ou seis logares, que são, partindo de cima para baixo, Rosgão, Jacaré, Mosquitão, Fumacinha, Cotovello e S. Francisco.

Destes serviços passa como mais rico o poço de Santo Antonio, 12 leguas distante do Rio Claro, em rumo direito, e 22 pela estrada geral de Cuiabá, que passa á direita, 4 leguas distante delle. Tem-se tentado fazer este serviço, mas sem exito, porquanto no meio do poço existe uma profunda e enorme tóca, fechada por 3 pedras, que até hoje ainda não se conseguiu exgottar. Trabalharam 44 pessôas com 3 bombas de 8 pessôas cada uma.

Oito leguas abaixo do porto do Rio Grande, entra no Araguaya o rio Claro, encachoeirado tambem como o Cayapózinho; comtudo, navega-se em canôas até ao arraial do Rio Claro, empregando-se 5 dias da barra até o Neves, que é o primeiro fazendeiro que ahi existe, subindo-se o rio, e 7 dahi ao Rio Claro, sendo que, por terra, se vai em um dia até dia e meio do Neves ao arraial.

Até ao Neves, a navegação não offerece grandes difficuldades, tanto que não existe um só descarreto.

O rio Vermelho, que entra no Araguaya junto a Leopoldina, nasce na serra de Ouro Fino, ao pé da capital, e atravessa-a, dividindo-a em duas partes. E' navegavel nas grandes cheias até ao arraial da Barra; nas pequenas, até ao porto do Travessão: o primeiro, 5 leguas; o segundo, 15, ao noroéste da cidade.

CAPITULO VIII

Viagem aos Araés

Roteiro de Alvaro Rodrigues Bueno.—Noticia de uma subida pelo rio das Mortes, em 1854.

Já estava escripta a parte destas memorias em que trato dos Araés, quando me encontrei com Alvaro Rodrigues Bueno, com quem procurei falar, logo que cheguei a esta cidade, sem que o pudesse conseguir, senão agora, em consequencia da avançada edade desse homem.

E' elle quem me dá de presente as informações que passo a escrever.

Ha cêrca de 12 annos, Alvaro Rodrigues Bueno atravessou o rio Araguaya, em frente ao lago Dumbá-pequeno, com mais 7 companheiros, conduzindo 10 ou 12 animaes, a procurar a tapera dos Araés. Não tendo certeza do rumo, soffreram mil incommodos, e lá chegaram com uma viagem de um mez. Logo que deixaram a margem do rio, foram seguindo em frente, pendendo um pouco para a esquerda. O aspecto do terreno é o mesmo dos baixões do Araguaya e em tudo semelhante aos que se observam entre a serra do Lambary e o presidio

de Leopoldina. Calcula que o baixão terá a largura de 5 a 6 leguas. Atravessados estes baixões, encontrou uma carreira de morros, que seguem de sul a norte, como quem procura a foz do rio das Mortes. no Araguaya; estes morros são redondos e a maior parte delles, de campo, não constituem serra, deixam vãos entre si de meia a uma legua e são summamente empedrados de crystal branco. Gastaram 3 dias a chegar a esses morros (*). Além delles, seguem-se campinas, varzeas e lagôas. Vêem-se raras arvores, e essas mesmas em alguns capões.

Não ha serrados. Em torno dessas lagôas se ajunta toda sorte de caças, e são mui numerosos os veados do campo e os sucurys. Estas campinas, que, no dizer de Alvaro, são de uma belleza immensa, terão a mesma largura que as que ficam antes dos morros, isto é de 5 a 6 leguas. Gastaram nellas tres dias de viagem.

Passadas as campinas, esbarraram elles em uma grande matta, muito fechada, porém de más terras, por entre a qual correm 3 ribeirões. Só nessa matta gastaram 25 dias; perderam 4 cavallos e alguns alqueires de farinha (**).

Sahindo da matta, dá-se outra vez em campos e tem-se em frente a serra dos Araés, a 2 leguas ou 2 $^1/_2$ de distancia; subiram a serra sem grande difficuldade e atravessaram os chapadões da mesma, compostos de campinas, buritysaes e que poderão ter a largura de 8 a 10 leguas.

(*) São provavelmente os mesmos que observei e dos quaes falo num dos capitulos passados.

(**) Esta matta é provavelmente a que observei quando explorei o lago Dumbá-grande.

O rio das Mortes corre a uma legua de distancia da serra, para o lado de lá, que é o de poente.

Chegaram á beirada delle, e ahi o guia, não sabendo dizer se a extincta povoação estava para baixo ou para cima, subiram uma legua a duas, pela margem direita do rio, e ahi esbarraram em uma cachoeira immensa e tão grande, que se não póde chegar ao pé, visto que o vapor resultante da agua suffoca a respiração. A cachoeira, altissima, é um dos melhores signaes para se reconhecer o logar; o rio ahi desce em um tombo, que elle calcúla ter 50 palmos, e mette-se por um canal a dentro, por entre o qual corre muito estreito, fazendo remoinhos e com grande rapidez.

Logo que o guia ahi chegou, reconhecendo a cachoeira, viu que seguia rumo errado, porquanto os Araés deviam estar para baixo, cêrca de 10 leguas.

A' vista disto, desceram mais cinco dias rio abaixo, chegaram a um logar em que a serra quasi se encosta com o rio, ahi atravessaram em canôas, tendo encontrado antes, na matta que se encosta á serra, um bananal. Da cachoeira á matta em que está o bananal poderá haver 10 leguas.

Passado o rio, andaram meia legua, quebrando um pouco á esquerda, e esbarraram logo com os signaes da povoação dos Araés, na qual encontraram diversos vestigios, como fossem páus lavrados, telhas, panellas etc.

Além da tapera, sempre para o lado do poente, e cêrca de 200 ou 300 passos de distancia, estão as famosas minas, em um espigão que chega quasi á beirada do rio, procurando a ponta que fica entre

o rio e o corrego de Santo Antonio. O porto do rio das Mortes é por baixo, de modo que quem sai delle segue o rumo do poente e, quebrando um pouco para o sul, atravessa um corrego que se chama Secco, em consequencia de não ter agua na estação fria. Este corrego dá barra em outro, a que dão o nome de Santo Antonio, em cujo pontal está a tapera dos Araés, hoje coberta de mattos proprios de tapera.

Seguindo-se dahi para poente, atravessa-se o tal corrego de Santo Antonio, além do qual está o espigão em que se acham as minas. Nesse espigão, viu Alvaro oito cattas profundissimas. A tradição diz que ahi havia onze pedreiras e 2 veieiros, cuja riqueza fabulosa trouxe a destruição deste povoado.

Chegando ahi, a expedição de Alvaro, que já havia muitos dias não tinha nem sal nem farinha, alimentando-se unicamente de caça, peixe sem sal e fructas, perdeu de todo a coragem, de modo que voltou sem ter feito outra cousa mais do que ver os logares.

Na volta, não quizeram elles vir pelo mesmo caminho, e isto em consequencia de terem reconhecido que se achavam perto da estrada de Cuiabá.

De facto, embarcaram de novo para a margem de cá, tomaram o espigão da serra, vieram por elle adeante e sahiram no Passa-Vinte, estrada de Cuiabá, caminho o melhor possivel, sendo todo por cima de campinas, onde não se encontra obstaculo, nem mesmo o de cortar um páu, tendo bôas aguas e muita caça.

Alvaro calcula que do Passa-Vinte aos Araés terá quando muito a distancia de 12 a 14 leguas, que elles fizeram em quatro dias de marcha, com

a necessidade de irem caçando e tirando mel para se alimentarem. O roteiro é, portanto, o seguinte: de Goyaz, toma-se a estrada de Cuiabá até o Passa-Vinte, atravessado o qual, acompanha-se sua margem direita, rumo de norte; á distancia de 1 legua, chega-se ao alto da serra, por cujos chapadões se andam as 14 ou 15 leguas de que falámos atrás, até chegar á beirada do rio das Mortes, ao qual ella se encosta, e junto ao qual está, confórme vimos atrás, a tapera dos Araés.

As distancias são as seguintes:

De Goyaz ao Rio Claro	22	leguas
Do Rio Claro ao Porto do Rio Grande	30	»
Do Rio Grande ao Taquaral . . .	12	»
Do Taquaral ao Passa-Vinte . . .	12	»
Deste aos Araés	15	»
	91	leguas

Póde-se seguir tambem por Leopoldina, até ao porto do Rio Grande, ou descer pelo rio Araguaya, até ao logar em que nelle faz barra o rio das Mortes, e ahi subir por este ultimo rio até aos Araés.

Aqui incluo a noticia de uma expedição feita por ordem do governo desta provincia, em 1854, com o fim de chamar á civilisação os indios Chavantes, que têm por ahi numerosas aldeias.

A expedição, guiada pelo missionario capuchinho Fr. Segismundo de Taggia, e composta de 10 praças de linha, seis indios Chavantes e o frade, embarcou no porto da Piedade e gastou 4 dias, Araguaya abaixo, para chegar á foz do rio das Mortes, que é, segundo dizem, quasi tão grande como o Araguaya, e com o mesmo aspecto deste,

cheio de praias, muito peixe e caça de toda a qualidade.

Subiu 10 dias o rio, que não tem nem cachoeiras, nem corredeiras, nem baixios (a expedição foi feita em março), em toda a extensão percorrida por ella.

Ao cabo deste tempo, tendo percorrido o mesmo espaço, segundo calculam, que ha até Leopoldina, isto é, o de 40 leguas, avistou, á distancia de uma legua, a cachoeira que ha logo abaixo dos Araés e a serra que se encosta ao rio, segundo atrás o descrevemos.

Vendo-se faltos de alimentação, voltaram os expedicionarios para trás e desceram em quatro dias o espaço que haviam subido em dez, gastando 11 dias para subir da foz do rio das Mortes até ao porto da Piedade.

Narrava um cuiabano, que fazia parte da expedição, que elle tinha visto em sua mocidade tirarem-se ahi diamantes, o que é muito provavel, visto serem abundantes deste mineral as serras de onde vertem essas aguas.

CAPITULO IX

Volta a Goyaz

No dia 26, partimos de Leopoldina com destino ao Estreito, logar em que haviamos tomado pouso quando vieramos, confórme ficou atrás escripto. Tendo na ida atravessado todos esses logares de noite, não os descrevi, e por isso o faço agora.

Sahindo de Leopoldina, atravessa-se um espigão pouco elevado, além do qual seguem varzedos de capim, ornados com linhas immensas de palmeiras de burity. A uma legua de distancia, ha uma zona de matto, que vem do rio Vermelho e que se encosta ao Araguaya, fechando assim o triangulo em que está o presidio, sendo que os outros dous lados são formados pelo rio Vermelho e Araguaya. A zona de matto poderá ter um quarto de legua de largura e 3 a 4 leguas de comprimento; tem muita madeira de construcção, sobretudo aroeira, e é, por conseguinte, uma matta preciosa para as futuras construcções do presidio.

Chegámos á beirada dessa matta com um sol calidissimo, que nos tostava a pelle, excitava-nos

a sêde e nos offuscava a vista. Essa extrema claridade parecia infiltrar no corpo mais vida; tudo scintillava deante de nossos olhos: as pedras, a folhagem verde das mattas fulguravam com o reflexo scintillante dessa luz intensa. A matta proporcionou-nos magnifica sombra; mas, infelizmente, estava secco o correg o que ella tem no meio, o qual, no tempo das enchentes, é um exgotto que communica as aguas do rio Vermelho com as do Araguaya; para a obtermos, foi necessario mettermo-nos pelo leito fóra, onde, depois de andar meio quarto de legua, encontrámos uma pequena poça com agua côr de barro e com uma cobra dentro. Ahi lembrei-me do dictado que ensina que nunca se deve dizer:—*desta agua não beberei;* com ella saciámos a sêde; montámos a cavallo e fomos ao Estreito, onde, não encontrando tambem agua, força foi estender a marcha até ao correg o do Garrafão; ahi pernoitámos, e, para obter agua, foi necessario fazer buracos no chão e esperar que nelles filtrasse um humor viscoso, que antes parecia gomma desfeita, do que o transparente licor que nos mata a sêde.

O Garrafão é um correg o que tem seu nascimento na serra do Lambary e que dahi procura o Araguaya; é de notar-se que, por estas alturas, os rios e corregos, no tempo da sêcca, têm tanto maior volume de agua, quanto mais se approxima de seu nascimento. Todo o correg o é fechado por uma zona de matto estreito, mas elevado, copado, mui verde e limpo por baixo. As madeiras mais vulgares são o landy, optimo para construcção de barcos, e os buritys, de duas especies, uma grande, outra pequena. Nosso acampamento dividiu-se em duas partes: ao lado esquerdo do capão, aquartelaram-se os soldados; ao lado direito, nós.

Aquelles fogos de um e outro lado da matta deixavam enxergar distinctamente os troncos nodosos e vetustos da floresta secular. Parecia um salão phantastico, no qual as columnas eram os troncos, e o tecto, a folhagem basta de sua galharada. Aquelles grupos de homens armados, reunidos em torno dos fogos, aquella côr dourada que tomavam as folhas das palmeiras quando, batidas pelo vento, recebiam de chapa a luz dos brazeiros; aquellas columnas de fumaça, condensando-se no ar sob a cupula das arvores, davam a este quadro um colorido tão selvagem, que recordava as scenas dos Niebelungen, quando descrevem a vida aspera e feroz dos antigos saxões.

27 de outubro.—Com a falta de agua, nossos animaes se espalharam. Não foi possivel encontral-os senão tarde, de modo que montámos a cavallo, ás 10 horas da manhã, e, ao meio dia, chegámos ao corrego do Vermelho, onde almoçámos. O terreno entre o Garrafão e este corrego nada offerece de notavel, sendo continuação dos baixões do Araguaya, de que já tenho falado e dos quaes darei uma descripção mais completa no capitulo seguinte, onde tratarei do aspecto geral do terreno percorrido em toda esta viagem. Este corrego nasce junto á serra do Lambary e corre ao longo della, entre capões de soberbas e bellissimas mattas. Parece que nas immediações é este o unico corrego que tem constantemente agua, porquanto, não só todos os outros percorridos por nós estavam seccos, como a multidão extraordinaria de caça, que ahi se vê, indica a não existencia de agua em outros logares: os porcos, as antas, tamanduás, onças, cervos e passaros de toda qualidade ahi se reunem, e em tão grande abundancia, que o caçador perde a influencia pela caça.

O corrego faz grandes poças muito profundas, mas as aguas são tão limpidas e transparentes que se vêem no fundo os grãos de areia.

Percorri-o em alguma extensão para baixo, e distrahi-me em ver rebanhos numerosos de diversas qualidades de peixes cortando o crystal puro daquella onda limpidissima.

Os sucurys ajuntam-se tambem por ahi em crescido numero.

Terminado o almoço e feitas as explorações, seguimos viagem, chegando ao corrego da Avoadeira, ás 5 horas da tarde, e ahi pernoitando. O terreno entre o corrego Vermelho e o da Avoadeira é completamente diverso do que tinhamos percorrido de Leopoldina até ahi: cheio de accidentes, é muito empedrado, porque a estrada vai cortando a serra do Lambary; a vegetação é resequida e entortilhada; já se não vêem as bellas planicies do Araguaya, nem aquellas linhas direitas de capões virentes que se notam nos baixões. O corrego da Avoadeira é confluente do rio do Peixe, de modo que a serra entre este e o Vermelho divide as aguas do rio Vermelho das do rio do Peixe.

Nosso pouso foi na margem direita do rio, numa linda varzea fechada entre o capão que orla a torrente e os serradões que descem dos montes.

28 de outubro—Sahimos ao romper do dia e pousámos ás 2 horas da tarde, 2 $^1/_2$ leguas junto de Santa Rita, á beira de um corrego sem nome, proximo a um pequeno sitio.

O terreno intermediario é da mesma natureza e aspecto que o que fica entre a Avoadeira e o corrego Vermelho. Os corregos ahi existentes ficaram já descriptos num dos primeiros capitulos.

Tendo chegado cêdo, aproveitei o resto da tarde em percorrer os arredores. Subi e desci por espigões e valles, sem nada encontrar de notavel. Apesar de ser muito menos deserto este logar do que os do Araguaya, comtudo é muito mais triste; o aspecto destes morros extensos, cobertos de pedregulho, d'entre o qual brota uma vegetação resequida; aquelles varzedos desertos, apertados pelos morros, infiltram pelo espirito uma sensação desagradavel, immensamente diversa da melancholia que se sente deante da vastidão infinita dos valles e planicies do Araguaya.

Todo este terreno passa por aurifero.

29 de outubro—Sahimos cêdo, almoçámos em Santa Rita e pousámos no rio do Peixe. Uma legua antes de chegar ao pouso antecedente, deixámos á direita a estrada por onde fomos e tomámos á esquerda. O terreno comprehendido entre o pouso e Santa Rita offerece o mesmo aspecto que o do dia antecedente: é mais accidentado, tem numerosas torrentes, e, á proporção que se approxima da freguezia, a vegetação se torna melhor.

Não obstante, as impressões do viajante não são mais alegres, porquanto constantemente se atravessam velhas lavras de mineração, e o coração se aperta ao vêr desertas e abandonadas grandes casas, regos, vallos, muralhas, ora cobertas de matto, ora desmoronando-se. Salta, sobretudo, aos olhos a fazenda do finado senador José Rodrigues Jardim, cuja vasta casaria, ainda em bom estado de conservação, abriga hoje morcegos, corujas e reptis venenosos.

O terreno entre Santa Rita e o rio do Peixe ficou atrás descripto, e nada tenho que accrescentar ao que então disse.

Tomámos pouso na margem direita do rio, que estava inteiramente secco, tendo apenas alguns poços.

A' noite, as onças, das quaes tinhamos visto alguns estragos durante o dia, vieram urrar em torno de nosso acampamento, e uma dellas tão perto, que se distinguia o chiar de uma especie de pigarro, cuja presença se nota quando urram a pequena distancia; mas, além da desagradavel impressão que nos produziram, nenhum damno nos fizeram, á excepção da dispersão de nossos animaes.

30 de outubro—Viemos á ponte dos Bugres, onde pousámos. Nada tenho a accrescentar ao que ficou dito.

Duas leguas antes deste rio, encontrei uma parada violenta, que fôra despachada de Goyaz, para me levar a correspondencia, e a triste noticia do fallecimento do chefe de policia da provincia, dr. José Rodrigues Jardim, moço que eu deixára um mez antes em toda plenitude de uma vigorosa saúde. Como era natural, esta noticia sobresaltou-me, já pelo sentimento que me causou a perda do funccionario que estava immediato a mim, já pela perda do homem.

Determinei tomar algumas horas de descanço nos Bugres e dahi seguir para Goyaz. O descanço foi, porém, impossivel; o sol ardentissimo que nos causticou durante o dia, a penosa sensação produzida pelas noticias recebidas da cidade e uma consideravel multidão de formigas privaram-nos completamente do somno, de modo que, apesar da escuridão da noite, ás 10 horas, mandámos vir os animaes; á meia noite, montámos a cavallo, e, ás 4 horas da madrugada, chegámos á capital, podendo-se dizer que, com a longa marcha de 13 le-

guas, visto como não foi pouso a ponte dos Bugres, e sim um pequeno descanço que fizemos para renovar as forças de nossos animaes.

Tudo dormia quando penetrámos na cidade; cada um tomou seu destino; o temporal que nos ameaçou á noite cahiu em abundante chuva, ventania, relampagos e raios: cada um dos companheiros teve a satisfacção de entrar em sua casa, menos eu, que, habitante provisorio desta provincia, tomava apenas minha morada official, onde vinha achar trabalhos e cuidados, á vista dos quaes os da viagem eram descanço.

Assim terminou a nossa viagem ao Araguaya.

CAPITULO X

Conclusão

§ 1.º—Aspecto geral do paiz percorrido nesta viagem; divide-se em 3 zonas bem distinctas; aspecto, extensão e limites de cada uma dellas—Que a natureza parece haver recusado ao Pará o que dá ao Araguaya, como se de proposito quizesse que as duas regiões, approximando-se pelo commercio, mutuamente se auxiliassem.

Levei o leitor passo a passo através de todo o terreno percorrido nesta viagem, e, com minuciosidade talvez excessiva, narrei-lhe até os mais insignificantes episodios de nossa expedição. Isto não basta para que fique tendo uma idéa geral do terreno, nem, tão pouco, do que é necessario fazer-se para conseguir a navegação do rio, que dará, eu o repito, não a Goyaz, mas a todo o interior do Brasil, uma costa tão consideravel como a que elle tem no oceano Atlantico.

E' o que passo a fazer neste capitulo.

Dividem-se em tres zonas bem distinctas os terrenos que ficam entre Goyaz e o Araguaya: a primeira, de Goyaz á serra do Acaba-sacco; a segunda, desta á serra do Lambary e a terceira, desta ao Araguaya.

A primeira é composta de campinas, burity-saes e capões, mais ou menos semelhantes aos que

temos em todo o interior do Brasil, especialmente nos sertões do Rio de S. Francisco, na provincia de Minas. E' fechada, ao sul, pela serra Dourada e seus ramaes; ao nascente, pelo grande *plateau*, que divide as aguas do Araguaya das do Maranhão; ao norte, pela serra do Acaba-sacco, e, ao poente, pelo rio Vermelho.

Esta zona divide-se em valles, que descambam, uns para o rio Vermelho e outros, para o do Peixe. Além da bacia do rio Vermelho, cuja direcção geral é de S. E. a N. O. existem as bacias dos Bugres, 4 leguas ao N. O. de Goyaz, e a do Ferreiro, 9 leguas no mesmo rumo. O 1.º e o 2.º têm seus valles de nascente para poente e são confluentes do Rio Vermelho. Esta primeira zona tem 15 leguas. A segunda—da serra do Acaba-sacco á do Lambary—tem tambem 15 leguas, é composta de constantes serras, e o terreno é pela maior parte pedregoso e coberto de carrascaes de um matto resequido e muito entrançado de cipós e espinhos; tem suas varzeas cobertas de buritys, ou compostas de campinas lavadas. Esta zona é fechada entre o rio do Peixe e o Vermelho e atravessada pelas serras do Acaba-sacco, Tatú, Lambary e seus ramaes, que descem perpendicularmente sobre os valles dos rios, despejando suas vertentes, ora para o do Peixe, ora para o Vermelho.

Todo este terreno é immensamente rico em ouro, e póde-se mesmo affirmar que é o mais rico de toda esta provincia. Nelle existem as celebres minas d'Anta e as povoações de Santa Rita e de Antas, esta hoje quasi reduzida á tapera.

A terceira zona estende-se da serra do Lambary ao Araguaya. E' uma planicie interrompida apenas por pequenos outeiros, isso mesmo junto á

serra. A' proporção que se approxima do Araguaya, estes se vão achatando, até ficarem reduzidos a pequenos e insignificantes comoros de areia. Esta ultima zona acompanha o rio, em uma e outra margem, tendo, termo médio, 5 leguas de largura, e é toda alagada, ou pelas aguas do Araguaya, ou pelas dos corregos represados por elle, ou pelas das chuvas, que, não tendo escôadouro, por falta de declive, formam um paúl de mais de 300 leguas de comprimento e 10 de largura, interrompido apenas por espigões, que se approximam do rio.

Estes terrenos dos baixões do Araguaya são summamente arenosos, muito planos, raras vezes de campinas limpas e cobertos de uma vegetação tortuosa e resequida. Encontram-se por elle fóra capões de mattas orlando os corregos, numerosas lagôas e alguns lagos junto ao rio. A caça e o peixe por ahi são tão abundantes, que de ordinario os viajantes menos abastados encontram nella nutrição sufficiente, levando unicamente comsigo sal e farinha.

A' vista desta descripção, vê o leitor que o Araguaya offerece proporções para grandes estabelecimentos de criação de gado, sem as offerecer para grandes estabelecimentos agricolas propriamente ditos. Quanto a estes ultimos, é necessario fazer uma excepção em favor da canna de assucar e do algodão, cuja vegetação é excellente nesses baixões. Do fumo e café nenhuma experiencia se tem feito até ao presente, de modo que nada posso affirmar a semelhante respeito. Desde, porém, que nos lembrarmos da extrema fertilidade agricola do Pará, e da quasi impossibilidade em que se acham os habitantes daquella provincia de terem estabelecimentos de criação, de cultura de café e canna,

por causa das inundações, ver-se-á que a Natureza parece ter formado o Araguaya para, dando estes productos, supprir o Pará do que elle necessita e dar-nos a nós o que vem do extrangeiro.

§ 2.°—Meios para fazer desenvolver a navegação—1.° Cumpria que o pensamento partisse do governo geral, porque: é errada a politica que temos seguido no Imperio, de facilitarmos relações do littoral com o extrangeiro, sem cuidar das do littoral com o centro; essa marcha tende para o desmembramento do Imperio—2.° Fundação de um presidio entre Santa Maria e S. João—3.° Necessidade de fazer-se uma legislação especial para os presidios e para as tripulações—4.° Dar á catechese uma direcção nova, de modo que os indios possam servir para tripulação e não fiquem ahi ociosos, como até ao presente, consumindo annualmente uma verba de 5:000$000, que se escôa em compra de missangas, que não aproveitam nem a nós, nem a elles.

Demonstrei nos dous artigos que servem de introducção a este escripto as vantagens que podiamos esperar do commercio deste rio e de sua abertura á navegação. Nada mais direi sobre este assumpto; accrescentarei apenas o que me parece indispensavel para que se chegue a esse resultado.

Cumpria, antes de tudo, que o pensamento da navegação do Araguaya partisse do governo central; mas cumpria que o governo conhecesse bem claramente os meios a empregar para chegar a esse fim. Sem isso não haverá nunca uniformidade de vistas no trabalho, o que faz com que se comece muita cousa sem nada se concluir, e tão pouco não haverá constancia no desenvolvimento da empresa, que oscillará tantas vezes quantas forem as mudanças de presidentes, ora merecendo attenção, ora sendo esquecidas, segundo o

ponto de vista pelo qual o administrador encarar os negocios da provincia.

Resultaria ainda a conveniencia de obrarem uniformemente os presidentes de Matto Grosso, Goyaz e Pará, que, pondo em commum seus esforços, com muito maior facilidade levariam a effeito este tão grande emprehendimento, de cuja execução depende talvez a futura integridade do Imperio.

Não quero insistir sobre este ultimo argumento; comtudo, não deixarei de dizer, ainda que de passagem, que não me parece bôa politica a que temos seguido até ao presente, facilitando as relações do littoral com o extrangeiro, sem curarmos de unir o littoral ao nosso centro. Essa politica encaminha-se para a fragmentação do Imperio, quando o commercio de nossas provincias pelo centro, fazendo umas dependerem das outras, estreitaria os laços de nossa união e faria com que pudesse subsistir inteiro este colosso, que assombra o mundo e que terá de desmembrar-se, a não se lançar mão deste unico meio de conserval-o unido.

Se algum de nossos homens de Estado percorrer estas paginas, peço-lhe a maior attenção para este ponto, que deixo agora de desenvolver, porque não entra no plano de meu escripto, mas que me parece da mais subida importancia.

Continuando na enumeração dos meios convenientes para fazer prosperar o Araguaya, accrescentarei que, além do que está feito e do que atrás disse que era necessario fazer, cumpre crear um presidio entre Santa Maria e S. João das Duas Barras, fazer uma legislação especial para a gente de tripulação e dar á catechese dos selvagens uma direcção nova.

E o presidio entre Santa Maria e S. João é indispensavel, porque esse terreno compõe-se de 150 leguas, inteiramente deserto de gente civilisada e povoado de selvagens. Nelle existem as cachoeiras do Araguaya, que, difficultando a viagem, exigem mais demora, maior numero de soccorros.

A segunda necessidade, isto é, a de uma legislação especial para os camaradas, é de um alcance considerabilissimo. Pensais vós, porventura, que, quando se fala em viagem para o Pará, alguem receia as cachoeiras ou os indios? Não; todo o obstaculo nasce da tripulação. Quem vai ao Pará não teme soffrer damnos dos selvagens, porque estes, ou prestam soccorros, se são mansos, ou fogem, se são bravios.

O receio do navegante é ver-se só, abandonado de repente pelos seus, no meio de desertos, e a trezentas leguas de distancia de qualquer povoado.

Cumpria dar aos presidios uma organisação especial, em vista destes dous fins: para que elles facilmente se transformassem de destacamentos militares em colonias e para que pudessem proporcionar gente de tripulação. (*)

Os presidios do Araguaya deviam estar a cargo do Ministerio da Marinha, ao qual compete desenvolver a navegação interna do paiz, e não a cargo do Ministerio da Guerra, como acontece, o qual, nada tendo que ver com a navegação, é, por

(*) Vide o *Relatorio* que o dr. Francisco Carlos de Araujo Brusque, presidente do Pará, leu na abertura da Assembléa provincial daquella provincia, em 1.° de setembro de 1862, pag. 12. Vide egualmente DR. COUTO DE MAGALHÃES, *Relatorio* lido na abertura da Assembléa provincial de Goyaz, em 1863, pag. 48.

força das cousas, indifferente a seus progressos, e nem está habilitado com os necessarios dados para lhe dar o impulso geral, cuja necessidade fiz sentir atrás. Se digo que os presidios deviam estar ligados ao Ministerio da Marinha, é porque, segundo as leis actuaes, a navegação dos rios é considerada de cabotagem, e, portanto, a elle devia pertencer; falando, porém, em absoluto, parece que ao ministro encarregado de promover a industria e o commercio da nação deviam estar confiadas as questões de navegação de nossos rios.

O que se tem em vista não é navegar os rios, como meio de dar maior incremento á marinha, e sim, dar desenvolvimento á industria e ao commercio, proporcionando-lhes faceis vias de communicação; em summa, a questão da navegação de nossos rios é uma questão economica, que em nada se differencía das de estradas de ferro, de rodagem, ou de quaesquer outras vias de communicação, e parece-me que são os menos proprios para cuidar dellas os ministros, que têm sobre seus hombros o grande peso de velar por que o paiz tenha força armada, terrestre ou maritima, para manter a paz interna e o respeito ás suas instituições e direitos, tanto por nacionaes, como por extrangeiros.

A lei para os presidios devia ser assentada sobre as seguintes bases:

1.ª Crearem-se nelles vasos que pudessem servir para o transporte, alugaveis a particulares, mediante um frete, que, com o correr do tempo, nullificasse a despesa; garantir o colono militar, ou paizano, estabelecido na colonia, de modo a nella fixar-se definitivamente; crear-se uma lei especial, em virtude da qual as tripulações ficassem sujeitas

a um regulamento semelhante ao militar, de modo que os donos dos barcos tivessem no governo, e independente do poder judiciario, sempre moroso e, portanto, inutil nestes casos, quem garantisse a execução dos contractos que celebrassem com seus camaradas.

Conviria ainda animal-os com algumas vantagens, entre outras,—a isenção do recrutamento, emquanto estivessem empregados na navegação, ou desde que, abandonando-a, provassem haver dado cinco viagens redondas ao Pará.

Quanto á catechese, parece-me tambem que, em vez de dispender sommas consideraveis em brindes, que em nada aproveitam aos selvagens, e que não os chamam á civilisação, como a experiencia o tem demonstrado, melhor fôra obrigal-os a servirem de remadores, para o que são excellentes, mediante um pequeno estipendio.

Nem se diga que é barbara esta idéa. Porventura, não obrigamos nossos concidadãos a serem soldados e marinheiros, não os sujeitamos a castigos corporeos e a um regulamento verdadeiramente sanguinario? Terão os indios mais direitos do que tem o cidadão brasileiro? Não, por certo.

Esta medida empregada com discreção chamal-os-ia bem depressa á verdadeira civilisação, isto é, ao amor pelo trabalho, pela familia e pela ordem.

Nossa humanidade para com esses pobres homens é, direi de passagem, como a affeição dessas mães fracas que, por um mal entendido amor, deixam de educar seus filhos, resultando se tornarem elles pessimos cidadãos e receberem, em duras e asperas lições da experiencia, aquelle ensino que teriam ad-

quirido nessa quadra da vida onde se imprimem com tanta facilidade em nosso espirito as cousas que nos querem fazer aprender.

Se ajuntarmos a estas as medidas que apontei nos dous artigos que precedem este escripto, e a de se ir chamando a população para as margens do Araguaya, concedendo-lhe gratuitamente terras, o painel brilhante de esperanças que procurei esboçar será bem depressa uma realidade; haverá, porém, quem queira levar a effeito tão grandes cousas? Dar-lhe-ão os meios necessarios? O futuro nol-o dirá.

Tem havido tantos esforços em prol desta navegação e têm sido tantas vezes mallogrados, que, parece, um máu fado pesa sobre a empresa. Em outro logar historiei largamente estas cousas, lhes assignalei as causas, que todas se podem resumir em desmancharem uns aquillo que outros começaram, em não ter havido systema nos meios que empregaram (*).

Praza a Deus que este escripto faça com que se evite essa perniciosa inconstancia. Se ao menos isso eu conseguir, dar-me-ei por pago com usura dos esforços e incommodos moraes e physicos que tenho tido por causa desta importante questão da administração de Goyaz.

§ 3.° Mudança da capital para Leopoldina.

Mostrei no primeiro capitulo deste escripto que a situação da capital desta provincia era pessima; que, emquanto aqui subsistisse o governo,

(*) Vide Dr. Couto de Magalhães, *Relatorio* citado, pags. 16 a 26.

continuaria nossa decadencia, e que prosperariamos, desde que nos collocassemos á margem do Araguaya. Mas qual é a situação do Araguaya que deve ser preferida para esse fim?

Guardei de proposito esta questão para ser tratada em ultimo logar, porque, dando ao leitor, com a descripção que tenho feito do terreno, dados topographicos, facilmente poderei expôr meu pensamento com clareza, sem ser forçado a entrar em detalhes, que, alongando a exposição, obscureceriam o pensamento.

Disse, no primeiro artigo, quaes as condições que um logar qualquer deve reunir para ser capital; é em vista dellas que eu dou preferencia á situação em que está hoje collocado o presidio de Leopoldina. Ha contra este ponto um inconveniente, e é que, durante os mezes de fevereiro e março, existem 4 leguas alagadas entre aquelle ponto e Goyaz. Este inconveniente, porém, desapparecerá, desde que se fizer uma estrada com aterro de 8 palmos de altura nos logares mais baixos, de 4, 3 e 2, nos outros.

Mesmo este inconveniente só parece consideravel aos olhos dos que pouco enxergam, porquanto não existe alagamento sem crescimento de aguas no rio Vermelho, de modo que, se a Natureza difficulta a communicação por terra nesses mezes, e nesse pequeno espaço, abre, em compensação, a facil navegação do rio Vermelho até ao porto do Travessão, 15 leguas distante desta capital, de modo que, longe de difficultar, facilita as communicações.

Além deste inconveniente, os interessados em que a capital aqui continue, ou porque disso tirem

proveito, ou porque o tirem seus parentes e amigos, ou porque queiram tornar-se populares, lisonjeando os seus interesses, que serão feridos com a mudança, creiam muitos outros, que são phantasticos: —febres intermittentes, não existencia de mattos, distancia, calor e não sei que mais.

Houve, é verdade, febres intermittentes nos primeiros estabelecimentos de Leopoldina, mas nem um só individuo atacado morreu até hoje, e com o cultivo do terreno ellas têm desapparecido de todo.

De mais a mais, febres intermittentes existem tambem em Goyaz e vêm sempre acompanhadas de caracter muito mais grave, porque complicam com as inflammações de figado, estomago e intestinos, orgams estes sobre os quaes, recahindo mui directamente sua acção, as tornam tanto mais perigosas, quanto mais fracos estão elles. Que o habitante de outro qualquer paiz dissesse que o Araguaya era insalubre, podia explicar-se; mas o de Goyaz... só a cegueira do interesse lhe póde inspirar esse argumento. Fonssagrives, um dos mais distinctos medicos da França, diz, a proposito de hygiene, as seguintes palavras, que são de uma verdade intuitiva: «*Não é com theorias abstractas que se deve conhecer se um paiz é ou não sadio; tal paiz, onde tudo parece saudavel, é fóco de epidemias que diximam a especie humana; tal outro, que parece morbido, offerece condições para uma vida robusta. O melhor meio de se julgar com segurança da salubridade de um logar qualquer é vêr o estado dos homens que nelle habitam*».

De facto, assim é. Quando existe a experiencia, por que razão e com que fim recorrer a theorias? O Araguaya, dizeis vós, é mais pestilento do que Goyaz. Entretanto, se confrontardes o

homem daqui, encontrareis este rachitico, hypocondriaco e indolente, por causa das molestias que o enervam; aquelle é robusto, sadio e alegre. A experiencia tem mostrado que muitos homens doentes do peito sararam com a mudança para o Araguaya. Durante o meu tempo, enviei para os presidios da margem desse rio soldados que soffriam de opilação e inflammação do figado, e tive o prazer de vêr dous delles inteiramente sãos, com uma simples viagem a Monte-Alegre.

Os habitantes dalli não conhecem o fóco de males que existe nesta cidade, e não o conhecem, porque, desde a mais tenra infancia, se vão habituando a elle, de modo a julgal-o condições ordinarias da vida humana. Só os enxerga em toda a sua medonha hediondez quem, vindo de fóra, cheio de saúde e energia physica, sente infiltrar-se em seu corpo esse veneno do clima, que abate o physico e o moral, trazendo uma apathia tão grande, que tudo se torna indifferente ao individuo que o soffre.

Citei no primeiro destes artigos a opinião de muitos sabios e entre ellas a do dr. Febvre. Citarei mais algumas, para que o leitor não diga que estas opiniões em mim são filhas de preconceitos, ou tomadas sem o devido estudo.

«*Cette ville, (Goyaz) battie dans un fond, où l'air ne circule point, comme sur les montagnes et dans la plaine, où les eaux paraissent peu salubres, où la chaleur est souvent excessive pendant la sécheresse, oú l'humidité doit être très grande dans la saison des pluies, ne saurait être favorable aux hommes de notre race; aussi les blancs de Villa-Bôa (Goyaz) sont ils bien loin d'offrir dans*

leur personne le caractère de la santé, de la vigueur et de l'activité» (*).

Esta opinião de Saint-Hilaire é confirmada por Pohl, um dos mais doutos viajantes allemães que têm chegado até Goyaz, o qual declara que a raça branca tende a degenerar-se nesta cidade (**).

A mesma opinião é sustentada pelo doutor Sigaud (***).

Em summa, um só homem instruido não tem penetrado nesta cidade sem lamentar o estado da geração infeliz, cujo talento, cuja aptidão extraordinaria para as sciencias e para as artes são nullificados pela acção deleteria do clima. Entretanto, quem o dirá?—são estes mesmos homens que falam contra a salubridade do Araguaya!... E' o caso de lembrar aquellas palavras do Christo, que ensinava que—*antes de enxergarmos o argueiro nos olhos de outrem, devemos tirar a trave que escurece o nosso*, e este facto serve tambem para confirmar a profunda verdade que encerra a seguinte maxima: *não ha peor cego do que aquelle que não quer vêr.*

O segundo dos inconvenientes phantasticos é a não existencia de grandes mattas nas immediações de Leopoldina. Verdade é que cinco leguas em roda não existem grandes mattas, e, se existissem, nunca viria á cabeça de um administrador qualquer o estabelecer ahi um centro de povoação, porquanto, num terreno tão sujeito a inundações, mattas geraes seriam fócos de miasmas que matariam tudo. Existem, porém, mattas immensas na

(*) A. DE SAINT-HILAIRE, *Voyage dans la province de Goyaz*, tomo II, pag. 72.

(**) POHL RUSE, tomo 1.°, pag. 362.

(***) SIGAUD, *Du climat et des maladies du Brésil*, Paris, 1844, pag. 146.

margem esquerda do rio Vermelho; existem, na margem esquerda do Araguaya, entre os lagos Dumbázinho e Dumbá-grande, mattas que foram atravessadas por Alvaro Rodrigues Bueno, que gastou dentro dellas vinte e cinco dias, confórme consta de seu roteiro, publicado á pagina 200 deste livro; existem ás margens do Araguaya, cujos depositos, como os do Nilo, fertilisam as terras, de modo a serem immensamente productivas todas ellas, como tive occasião de observar com meus proprios olhos. Portanto, o abastecimento da futura povoação será mil vezes mais facil do que o da actual capital de Goyaz, e, assim, é puramente ficticio o inconveniente da falta de mattas, a menos que os que o apresentam não queiram que a capital seja fundada no centro dellas, opinião essa que, a ser adoptada, faria com que o mais azado dos logares para esse fim fosse Matto Grosso.

Quanto ao pretendido calor do Araguaya, é uma invenção, cousa destituida de realidade. Goyaz é tão quente como o Araguaya, se o não fôr mais. Senti-o por mim mesmo, e quando eu o não tivesse examinado, existem observações de naturalistas extrangeiros, feitas com os instrumentos deante dos olhos, que não pódem deixar duvida. Entre outras, citarei as do conde de Castelnau (*), cúja opinião vem em apoio da minha.

Que existe, portanto, contra o Araguaya?

Não estranheis minha franqueza, leitor, porque minha posição me obriga a enxergar a verdade e dizel-a sem rodeios. O que existe contra Leopoldina é o interesse de tres ou quatro proprietarios

(*) CASTELNAU—*Expédition dans les parties centrales de l'Amerique du Sud*, Paris, 1850, tomo I, pag. 390.

de Goyaz, que, julgando que com a mudança da capital perderão algumas casas feitas de madeira, as quaes estarão reduzidas a pó nestes 40 annos, entendem que, para dar valor a essas 10 ou 12 casas, se deve sacrificar o futuro grandioso da maior e mais rica das provincias do Imperio e de uma população de setenta mil almas, que vive actualmente á mercê do destino, porque o governo não póde fazer chegar sua acção com a energia e promptidão necessarias para tornal-a benefica e util.

Quando digo de tres ou quatro proprietarios, não exaggero em nada a verdade; cumpre fazer justiça á população de Goyaz, da qual grande parte tem applaudido o pensamento da mudança da capital, que, aliás, não é novo. O que ainda é mais digno de elogios e admiração, é ver calorosos defensores desta idéa entre os que mais têm que perder. Esses não entendem que se deve sacrificar a provincia inteira a seus interesses individuaes. Mais esclarecidos e generosos do que os outros, olham para o futuro e enxergam que, se perdem agora alguma cousa, a perda não é real, porque em 5 ou 6 annos terão recuperado com usura capital e juros.

Não basta, confórme fiz ver atrás, que não haja inconvenientes; é preciso que haja vantagens. Quaes são os titulos que reune Leopoldina para ser preferida entre outros logares do Araguaya? São: 1.°, o estar entre a confluencia do rio Vermelho e do rio do Peixe, ambos navegaveis e, portanto, facilitando as relações da capital com o centro; 2.°, a existencia de um terreno de 6 leguas quadradas não alagadiças; 3.°, estar no ponto em que deve passar a mais curta estrada para Cuiabá; 4.°, distar unicamente 29 leguas desta capital e, por-

tanto, ser mais facil a mudança; 5.º, ser um dos mais bellos logares do Araguaya; 6.º, ter de 5 leguas em deante mattas para estabelecimentos de cultura que abasteçam a capital: 7.º, estar no centro do systema de navegação fluvial que tem de ligar em um futuro não muito remoto a fóz do Amazonas á do Prata. *

Não tratarei especialmente de insistir sobre cada uma destas vantagens. Os dados em que me fundei constam de todo este escripto; quem quizer verifical-os, facilmente poderá encontral-os ahi.

De tudo isto, parece, resulta com evidencia a proposição seguinte:

Dependendo a prosperidade de Goyaz da mudança da capital para as margens do Araguaya, seria indesculpavel e desprezivel fraqueza sacrificar o interesse geral de uma provincia inteira ao lucro de tres ou quatro individuos que perderão com ella.

Os obstaculos reaes serão, como tenho dito, augmentados pelo interesse. Que fazer? Como obrigar o egoismo do coração humano a converter-se em sentimento racional e nobre? E' impossivel.

Em todos os tempos e em todos os paizes, as reformas uteis foram precedidas do sacrificio e martyrio dos que as intentaram; o primeiro homem que ensinou que os seus semelhantes não deviam andar nús e sim vestidos foi queimado vivo; veiu, depois, o tempo demonstrar que elle tinha razão. Desenterraram seus ossos e ergueram-lhe uma estatua. Quando Christo veiu ensinar uma doutrina mais aperfeiçoada do que a do Antigo Testamento, levantaram-se contra elle todos os egoistas do tempo e tanto fizeram, que o crucificaram entre dous ladrões.

A historia da raça humana está cheia desses exemplos; em toda a parte, em todos os paizes, em todos os tempos, o interesse individual e mesquinho se collocou em lucta com o interesse geral; mas a Providencia Divina, que véla sobre tudo, faz com que no fim de contas triumphem a justiça e a verdade. Assim como aconteceu nas grandes cousas, assim acontece tambem na pequena questão que agora se agita.

Os capitães-generaes fundaram neste logar a séde do governo de sua capitania, no tempo em que o ouro abundava e o governo portuguez procurava com a politica, aliás util para elle, suffocar o commercio, as luzes e a civilisação; para esse fim, essa situação foi admiravelmente escolhida. De colonia passamos a paiz livre. Em vez de pôr tropeços ao commercio, á industria e á civilisação, nosso governo as promove com todo o interesse, e, portanto, força é que promova a remoção deste obstaculo que a ellas se oppõe.

Emquanto nas outras provincias o vento enfuna as velas de mil barcos, que para ellas conduzem os variadissimos productos da industria moderna; emquanto por lá se não fala senão em navegação de rios, em vapores, em estradas de ferro, em bancos, em sciencias, industrias, artes, colonisação, o misero goyano fala em abrir picadas pelos seus desertos, carrega sobre bestas, que nem ao menos são produzidas na provincia, o que os extrangeiros preparam; nada exportam; vivem á mercê dos cofres publicos. Porventura, a prosperidade será um privilegio de nossos irmãos do Imperio? Não, por certo. Um pouco de coragem e resolução converterá, talvez, em menos de dez annos, nossa pobreza em invejavel opulencia. Esta provincia é a unica que reune as

vantagens de nossos centros aos commodos do littoral, graças a seus grandes rios navegaveis.

Não está muito longe o dia em que desta terra, assim como sáem os rios gigantescos que abraçam todo o Brasil, sahirão tambem os productos da natureza e da industria, que irão abastecer, não só nossos mercados, como os do extrangeiro. Ora, deante desta perspectiva, deve-se metter em linha de conta os interesses, feridos transitoriamente, de tres ou quatro individuos? Não; tenho fé robusta em que assim não ha de acontecer e que, em menos tempo do que geralmente se espera, minhas bellas prophecias se hão de converter em realidade.

§ 4.°—Modo por que foi encarada pelo governo imperial e pelo do Pará a questão da navegação do Araguaya.

Goyax, 18 de fevereiro de 1864—Se a questão de navegação do Araguaya era um problema que a muitos parecia de resolução impossivel, agora já não é licito qualquer duvida a respeito do exito dessa empresa, á vista do modo por que o governo imperial e o do Pará encararam a questão.

Muito breve, teremos de vêr as florestas virentes do soberbo rio ondearem entre os novellos da fumaça do vapor, esse primeiro agente da civilisação moderna.

Eis o que diz o exmo. sr. ministro da Marinha, no luminoso relatorio que apresentou ás Camaras e que acabamos de receber neste momento:

«COMMUNICAÇÃO FLUVIAL COM A PROVINCIA DE GOYAZ.—A presidencia da provincia de Goyaz, preconisando as vantagens que se aufereriam com o estabelecimento de communicações entre aquella

provincia e a do Pará, pela navegação dos rios Araguaya e Tocantins, projecto de ha muito acariciado pelos governos geral e provincial e de exequibilidade hoje demonstrada praticamente, com a viagem que pela terceira vez acaba de realisar o negociante Simeão Stellita Arrayano, que chegou á capital daquella provinçia pelos indicados rios, solicita um pequeno vapor, que não demande mais de 3 a 4 palmos d'agua, afim de ser applicado ao ensaio da navegação do Araguaya.

«Parecendo-me util a realisação da idéa suggerida pela referida presidencia, e lucidamente desenvolvida no officio que vai annexo, farei incluir no orçamento das despesas do futuro exercicio a somma necessaria para a compra do pequeno vapor, que poderá facilmente ser armado no Pará, e dalli seguir para seu destino.»

«NAVEGAÇÃO DO TOCANTINS.—O exmo. sr. dr. Couto de Magalhães, presidente da provincia de Goyaz, dirigiu-me, em 8 de maio deste anno, um officio, em que abundam idéas generosas e muitos esclarecimentos sobre as importantes medidas que começou a tomar e vai emprehender, afim de ligar esta áquella provincia, pelas relações de commercio e navegação, resultado importantissimo que, como observa aquelle distincto administrador, depende, não só do governo imperial, como de um mutuo accôrdo nas medidas a tomar entre as duas administrações.

«Segundo esse officio, quaesquer que sejam os embaraços da navegação do Tocantins, é certo que os generos procedentes do Pará chegam alli por preços inferiores aos procedentes de outros portos, incluindo os fretes, que do Pará são 30 % menos do que os do Rio de Janeiro.

«Além de que esta differença de fretes e preços é um estimulo para o commercio e navegação dos habitantes de Goyaz, mandou a presidencia estabelecer, e já se acham estabelecidos nas margens do Araguaya, para proteger e auxiliar os passageiros e o commercio, os seguintes presidios:

«*Santa Leopoldina*, na barra do rio Vermelho, 30 leguas distante da capital daquella provincia; *Monte Alegre*, a 80 leguas, e *Santa Maria*, a 200 leguas.

«Este ultimo presidio foi supprimido por um dos administradores da provincia, e este acto por si só foi bastante para fazer cessar o commercio e navegação do Pará pelo Araguaya.

«O governo imperial, porém, mandou logo restabelecel-o, e o commercio e a navegação começam outra vez a ser animados e protegidos á mercê deste estabelecimento, apesar mesmo do ataque de 800 indios Gradahús, que alli ultimamente appareceram, mas que, felizmente, foram repellidos pelos moradores civilisados, cujo numero já excede de 190. (*)

«O digno presidente de Goyaz tinha mandado para alli o fundador da cidade da Bôa-Vista, o capuchinho frei Francisco do Monte de S. Victo, missionario tão distincto por sua intelligencia, como por sua dedicação, ao serviço da civilisação e da

(*) A fundação do presidio de Santa Maria do Araguaya é devida ao ex-presidente desta provincia, o exmo. sr. José Martins Pereira d'Alencastre, que com elle prestou relevantissimo serviço á provincia que administrava, serviço tanto mais apreciavel, quanto são inconcebiveis para quem não conhece em Goyaz as difficuldades que aquelle administrador superou para collocar esse nucleo de população no meio dos desertos, dos quaes o menos extenso tem cem leguas, sem um morador!

fé, o qual ia conduzir para o mesmo presidio numerosas familias; mandou estabelecer alli um armazem para os navegantes e uma engenhoca para o fabrico de farinha, e conduzir para alli algum gado vaccum e cavallar.

«Estabelecido, assim, este centro, e ponto de apoio, vai a presidencia mandar estabelecer outro presidio entre o de Santa Maria e o de S. João do Araguaya, nesta provincia, e pediu ao governo imperial um vapor de 15 a 18 pollegadas de calado, para ser empregado no transporte de generos entre aquelle presidio e o de Santa Leopoldina.

«E quando não seja possivel ao governo satisfazer este pedido, prepara-se a presidencia para obter, por compra, este vapor.

«O illustrado administrador da provincia de Goyaz achará em mim toda a bôa vontade e coadjuvação no patriotico empenho em que está de promover os meios de facilitar a navegação e commercio entre as duas provincias.

«Nada podendo, porém, realisar sem o concurso desta assembléa, venho pedir-vos que me habiliteis com os meios precisos para corresponder aos esforços que pelo lado do sul se fazem, no interesse do commercio e navegação de um rio, que é commum ás duas provincias.

«Não me pude ainda convencer de que o Tocantins seja um rio impraticavel á navegação por vapores. Onde passam os botes e canôas de Goyaz, é provavel que possa passar, mediante o removimento de algumas pedras, um barco a vapor, não dos que navegam no Amazonas, mas desses que, na Europa, e mesmo em algumas provincias do Imperio, vogam sobre riachos e canaes de 4 a 5 palmos d'agua.

«Barcos como estes não serão os precisos para satisfazer o commercio do Tocantins, mas hão de ser a guarda avançada da navegação a vapor, dos caminhos de ferro, do commercio, emfim, e da civilisação desses desertos, apenas habitados por selvagens.

«Conto, ainda este anno, aproveitando o verão, expedir uma commissão de exploradores, com o fim de estudar os meios de romper os obstaculos maiores que se encontrem nas cachoeiras deste rio, ou fornecer desvio á sua passagem, o que me parece possivel, ao menos em parte, conforme as informações que tenho colligido.»

DIALECTOS

DOS

havantes, Cherentes, Carajás e Caiapós

De volta de minha viagem ao Araguaya, re-
bi, com indizivel prazer, a excellente obra de
ARTIUS, *Glossaria Linguarum Brasiliensium.* Es-
ipta em allemão e latim, não poderá jámais ser
ılgar entre nós, senão por meio de traducções.
oguei ao padre Pio Joaquim Marques que fizesse
traducção dos dialectos que ahi publíco, ao que
le se prestou de bom grado, pelo que lhe rendo-
ıui meus sinceros agradecimentos.

C. M.

GLOSSARIO

Dialecto dos Chavantes

A

Amar	Aouki.
Amo.	Waimek.
Abraçar.	Oualchiteleba.
Ante, deante, primeiro, antes	Iwapoman-iri.
Anus (parte posterior do corpo	Ouawai.
Agua	Keu.
Acima	Isiwiwi-iri.
Acaba de fazer. . .	Coucré.
Aldeia	Darowa.
Abaixo	Incro-owi-iri.
Ao depois	Tiadaité.
Ao pé	Matétérum outan.
Alegre	Dapreraeusilimonon.
Anta.	Caueudeu: kuhude.
Apodrecer	Tauari.
Arbustos . . .	Tautomdi.
Arvore	Wedé.
Arco	Commumka.
Arco-iris	Tan-kou-wapo.
Assar	Matagebré.
Aurora	Motaiam minawai.
Ave pequena . . .	Chicrai.
Assentar-se	Assen-moran, ou assan rantalmi.
Arara	Somerara.
Arroz	Cotsche.

B

Braço	Dapas.
Barba	Desacrada.
Bonito, bonita, cousa bonita	Oueki.
Banana	Baco.
Bastão	Dehu.
Bom, bôa, cousa bôa .	Saendi: Couaniakeu.
Bôa pescaria . . .	Sourate-caniou.
Bastante	Sacoutan-acouwai.
Beber	Keuimakauripacrenida: Eucrané.
Bebido	Simijacre-secou.
Boi	Tocou.
Borboleta	Piro.
Burro	Quaro.

C

Cão	Oapsa.
Calções, calças . . .	Daniereadeu.
Cabellos.	Desahi.
Camisa	Daconva.
Canôa	Coubracré.
Dita grande . . .	Couba-jowereé.
Cabrito	Pole.
Cavallo	Apraisoudou.
Caititù	Siseu.
Caçar	Tagua.
Caxaça	Cacusche.
Cabra (homem mestiço)	Oura-joupé: Cera jeuoran.
Caçar	Mapoasationastendi.
Captivo	Imijaman.
Carne	Crupioni
Dita de gado . . .	Kutem.

Cachoeira	Teucaia.
Cauda	Amanan.
Cachamorra-bordão .	Koumero.
Calor	Roacra ki.
Cantar	Moacrewakbakeu.
Cahir n'agua . . .	Keumato-waptauran.
Chamar	Aeurovucondi.
Chapéo	Schuampo: Sapey.
Cheio	Wa-icou.
Chorar	Kètéprémanliwa-oiwa-mo non.
Conhecer	Cimeracressedi.
Côco de palmeira . .	Kokodo-wèdé.
Coberta de dormir . .	Oasdenia-medi.
Cortar	Bacrena-si-icri.
Cobra	Ouahi.
Côxa	Dasda-jonnté.
Comprimir	Peti-taconau.
Com	Crene.
Comerei	Te-crené.
Comamos	Crenan.
Comer	Vasanaka.
Ceroulas	Daniereadeu.
Coelho	Ouaranhi.
Conduzir de alguma parte	Wemakeuré.
Céo	Heuva.
Cego	Chicrau.
Cerebro	Doianon.
Claro	Roa-kadé.
Coração	Dapekianjé.
Criança	Ekleti.
Conhecido, conhecida .	Watouwaoucou.
Cidade	Daroja-ouwerei.
Cozinhar	Imisaiman-wamoaudi.
Cruz	Decrejekidi.
Cutis—pelle. . . .	Couaou.

Chuva	Ta.
Cuspir	Asidaré-menan.
Curar	I-coman.

D

Dar	Tamasomri.
Dás-me um boccado .	Sourouri-ijoucretaré.
Dá-me fumo . . .	Waeri-macanau.
Dá-me fumo a trôco de minha flécha. . .	Paawi-waari-itaconeri.
Dançar saltando . .	Ouachicrenebra.
Deus	Ouana-wamamou.
Desconhecido . . .	Iutauwacoondi.
De nenhuma sorte. .	Tomé-matieso.
Deitar a perder . .	Croit.
Deixar-se entregar. .	Tomas-omri.
Diabo	Miohopoiri.
Dia	Tomaja-ounawai.
Deante	Iwaptomau-iri.
Dormir	Waniotou: Assonton.
Doente	Aeujeaki.
Dividir	I-iouri.
Durmamos	Wachau-tou.

E

Eu	Toro-an.
Eu vos agradeço . .	Cluto.
Elle está doente? . .	Odieaki?
Eis aqui	Tomaso-mri.
E' muito feio . . .	Wecondi.
Elle, ella	Wa-au condi.
E' bonito	Ouenki.
Em pé	Tadsamni.

Estar doente das costas	Imanowacher.
Espada	Schinkascheu.
Esperar	Acruja. Samran.
Encher	Comasissis.
Entender	Dioja-so.
Enxada	Tourone.
Embira	Kaba-crou.
Enregelado	Matatadi.
Escuro, escura . . .	Rom-jan-cran.
Estrellas	Ooachidé.
Excrementos . . .	Dejanaa.

F

Faca	Sinkejai: Schinkasche.
Falar	Ai-wemré: Awemelinmaniva.
Falador	Roascoucro. Ai-wemrépred.
Farinha de milho . .	Copaschu.
Febre	Wacroc.
Ferir cortando . . .	Dekajeudi.
Ferro	Hetura: Soumekijé.
Filha	Acouati.
Flôr	Chirau-ran.
Feio, feia	Ouachodi.
Forte	Asiti-krouti.
Frio, fria	Euki.
Frente	Dacaisoudou.
Fogo	Kusché.
Fazer ferida	Aquon-creu.
Flécha	Ti.
Dita incendiada . .	Ouna.
Fugir	Tomomonan. Manuabeaupré-anchouchi.
Fumaça	Saumoudajé.
Fumo verde (herva) .	Oali; Ouani.

G

Gallo	Roacro.
Gallinha	Schica.
Gordo	Waandi.
Grave	Simiridé.
Grande	Payron-non.
Guariba	Crocoli.

H

Hontem	Acun eu.
Hoje	Doureai.
Homem branco . . .	Kraschauka: Quajourika.
Dito trabalhador . .	Aben-sinukeudi.
Dito preto	Oraschucra: Couajoucran: Cerajoucrun.
Hombros	Danissai.
Humido	Provvampatikidi.
Ha muitos homens . .	Tovacoté-acavvay.
Ha de chover . . .	Tan-touan-chincré.

I

Irmão	Jihtba.
Incendio	Homodi.

J

Jantar	Akoa-chandai: Vovanaka.
Jornada pequena . .	Romautoré.
Dita comprida . . .	Romeudi (*).
Jacaré	Acoujoueu.

(*) A longitude na viagem se exprime repetindo-se o—*O*—como—Ro-o-o-o-o-Wodi, vou longe—Rom-o-Wodi

L

Labio e bocca . . .	Devadoa.
Ladrão	Tjanko.
Lago	Pouconwa.
Lavar	Sasseu coupehon.
Lagartixa	Cri-jaie-oen-cré.
Largo, larga . . .	Rom-dia-vveredi.
Leve	Wapoureke.
Leite	Teu-oua-cou: Owakau.
Lingua	Dageuto.
Levantar	Menan.
Lebre	Assipocoa-wan.
Louco	Pain-crote.
Lua	Ouá: heva.

M

Mãe	Inabkou.
Máu, má	Scencondi.
Màos	Dai-iperai.
Macho (sexo) . . .	Ambo.
Madeira	Moran-wawan.
Magro	Eou-wabi.
Matar	Aqueu-watedawivi.
Matemos todos . . .	Mato-coubouraytioan.
Macaco	Crocoté.
Mel	Ké.
Menino	Kutumebri.
Mezes de chuva . .	Tencrovvi.
Mezes de sêcca . .	Ouamshi.
Mergulhar	Acranjeubrekekraoui.
Minha filha	Acoutai-mansombli.
Moça	Pico: bactonlei.
Monte	Sianau: utschu.
Morder	Vvoari.

Mordedura de cobra .	Woaria-matissa.
Morrer	Eitika: Manliwabopaitikeu.
Muito	Tovaketay.
Mosca	Koukou.
Mosquito	Mram-mré.
Mulher bonita . . .	Pico-nemptiadi.

N

Nada comi	Ito-cre no-majo
Nada tenho. . . .	Nemajé.
Nadar	Quajenlibi.
Não tenho nada para comer	Ima-somi-itocrené.
Não utilisar . . .	Wacondi.
Noite	Tomanmara.
Nunca	Intoa-woa-cocondi.
Neblina.	Oucundi.
Neta	Acoutaipré.
Notavel	Sakidende.

O

Obrigado!	Cluto!
Que se faz? . . .	Ati-a?
Ouro	Tapredou: Tepraschu.
Osso	To-i.
Ovelha	Ponkere.
Onça pintada . . .	Acoucheré.
Onça tigre	Oucoucran.

P

Para (prepos.) . . .	Co-masisi.
Por (prepos.) . . .	Co-masisi.
Passeiemos	Cron a-neman.

Primeiro canto do gavião Cará-cará . .	Matojamuawai.
Palma da mão . . .	Danipkai.
Pae	Juṇa.
Planetas pequenos . .	Chirourou.
Planetas	Wachi-waway.
Papagaio	Creenlé.
Pescar	Keutébéoatékaọuini.
Pé	Drapa-canou.
Pestanas	Datoi-eu-sahi.
Pescoço	Daboudou.
Pequeno, pequena . .	Crontouté.
Pouco, pouca . . .	Sonronci.
Peito	Dagoucoudo.
Perder	Touacoutan.
Pessôa	Simissi.
Peixe	Tebé: Tibé.
Dito grande . . .	Tebé-ouanouan.
Penna	Sijirawibi.
Prados	Papesejawerai.
Proprio, propria . .	Ajeu-rarondi.
Preguiçoso	Wakadi.
Pennas para armar . .	Ouambou.
Porco (animal) . . .	Cuhe.

Q

Quebrar, batendo . .	Sau-mau.
Quem é?	Ati-a-djeu?

R

Rasgar	Chigo-oureu.
Redondo	Sapotoredi.
Recusar	Toma-somri.
Relampago	Tanwansa.

Restituir	Mi-na-pa-mori.
Ribeiro	Keu-chou-rou.
Ribeirão.	Keujawerei.
Rir-se	Si-si-roueu-piran.

S

Sal	Tagua.
Salgar	Sarsu-nou.
Saber	Woto-a-oncou.
Sangue	Apkoujaki.
Sangrar.	Ewaprou.
Sêcco	Notieré.
Sol	Sidacio: Stukro.
Soldado forte . . .	Sa-impiramam.
Saraiva	Ounioto.
Só	Simisi.
Sibilar	Ai-ouorau.
Silvar	»
Sujo	Acoubou-dondi.
Ser mergulhada . .	Keu-mate-douro.
Sobrancelhas . . .	Dasahi
Surdo	Poctipan.

T

Trazer de alguma parte	Wema-keuri.
Torrão com herva verde	Wa crou-condi.
Toucinho	Coubona.
Tempo de chuva . .	Tencrowi.
Tempo de sêcca . .	Ouanshi.
Temor	Pai-cró.
Trovão	Tourouran.
Triste	Manua arcanacrochimonononom.
Tatú	Antoralis.

U

Unha . . . . . Daguipo.
Urina . . . . . Asenjai.

V

Via lactea, ou estrada de S. Thiago . . Dakoiva.
Vou para longe . . Rom o-wodi (*).
Vamos pescar . . . Tebi-caniou.
Vamos para o matto para matar caça . . . Watoakeucreusasasari.
Vacca . . . . Toccu.
Velho . . . . . Ouavé.
Ventre . . . . . Dandau.
Vestuario . . . . Schascha: Dsesahencomptoli.

Numeros

Um . . . . . Simisi.
Dous . . . . . Aouapranai.
Tres. . . . . Scoudateu.
Quatro . . . . . Manonpehai.
Cinco . . . . . Monontonon.
Mais de cinco . . . Ka o (o o o) Ki.

Dialecto dos Cherentes

A

Agua . . . . . Cou.
Abraçar. . . . . Canion-asuenki.

(*) Vide *nota* á pag. 244.

Arco	Comicran.
Arvore	Couba.
Ave pequena	Chi.
Dita grande	Chi-baca.
Anus (parte posterior do corpo)	Ouastedi: Dijahan.
Assentar-se	Foi-nia-moram.
Assar	Briaribau.
Aldeia	Onarowa.
Anta	Coudieu.
Arara	Chouara.
Algodão	Cabaji.

B

Beber	Jaucrene.
Bom, bôa, cousa bôa	Chiendi.
Braço	Dapai-nau.
Bordão	Coupera.
Dito pequeno	Cauro.
Brincos de orelhas	Teuprejeu.
Barba (parte inferior do rosto)	Daida-pouda.
Bocca	Dageau.
Bonito, bonita, cousa bonita	Psichiendi.
Bosque	Acoubouni.
Boi	Coutican: Tocau.
Banana	Choupoiran.
Batatas	Coundi.

C

Calor	Roacro.
Cantar	Aca.

Cabellos.	Layahi.
Cabeça	Dicram.
Captivo	Oajo-cra.
Carne	Etence.
Catarata (cachoeira) .	Tencata-criarondi.
Cauda	Crou.
Canôa grande . . .	Couba-rai.
Dita pequena . . .	Couba-ri.
Ceroulas	Decouja-dajai.
Cerebro	Dacranocrsu.
Collar (enfeite) . . .	Alketcali.
Cozinhar	Briaribau.
Coração	Daen.
Crystal	Kitaira.
Correr	Empraba.
Cruz.	Chedaiconacha.
Comer	Ounchada.
Cançado.	Onacoctoudi.
Côxa	Daja.
Chapéo	Cayamitro.
Chorar	Ourioouak.
Chuva	Tam.
Cacique	Quatrocruçrada: Coumanchai: Oua-ca-motai.
Cachaça.	Couconjai.
Colcha de dormir . .	Crianli.
Cidade	Criran.
Caçar	Coucaujai.
Caçador.	Juja.
Caminho	Boudiaudi.
Cão	Ouapchon.
Cervo	Po.
Cavallo	Chombiari.
Coelho	Couau-riai.
Côco de palmeira . .	Doujée.

D

Doente	Ovaké.
Dentes	Dagusi.
Diabo	Eupauri.
Dia	Mangra.
Dedo	Danikiba.
Dormir	Abukidi-touiantan.
Dançar saltando	Aencrene.

E

Espada	Couboucanai.
Excrementos	Couptondi.
Espremer	Keuri.
Estrellas	Chouachi.
Egua	Espicon.

F

Faca	Semecajai: Sinikajai.
Fome	Maramedi.
Filho	Acoutai.
Filha	Bacanon.
Feio, feia, cousa feia	Ouachendai.
Frio, fria, cousa fria	Cucudi.
Festa	Dacaniacran.
Fugir	Matamoui.
Falador	Pi-chaidi: Ouari.
Folgar	Romou-kesai-achi-ourrimjiou.
Fogo	Coujeu.
Falar	Amenai.
Ferir	Ankajouri.
Fléchas	Ti.
Flécha incendiada	Tou-a-nou.
Favas	Onajimjo.
Farinha de trigo	Nojeu.

G

Gotteira d'agua	Keu-wacou.
Grave	Pleapodi.
Garganta	Daniou-in-cré.
Gallinha	Ohika.

H

Homem branco	Coaji-oupré.
Dito preto	Coaji-ara.
Dito cabra	Coa-jouica.
Hombro	Danichai.

J

Jacaré	Cauiou.

L

Ligar	Ouassisi.
Ladrão	Ame-me-precedi.
Labio	Dagedona.
Leite	Coto-oua-con.
Lagartixa	Drijou.
Lago	Keu-wawai.
Lavar	Ouamrouda.
Leve	Ouapolike.
Lingua	Panintou.
Lua	Cua.
Lobo	Couja.
Lebre	Orewawa.

M

Mulher	Picon.
Minha filha	Dacra.

Mau, má, cousa má	Chieucondi.
Mão	Danicra.
Mergulhar	Dacouabi.
Monte	Manian-a-aurai.
Morder	Ausari.
Morrer	Dadeu.
Matar	Dourini.
Moça	Dakrada.
Macaco	Cro.
Morcego	Arbo.
(Mycteria) (latim)	Jibaca.
Mandioca	Man.

N

Nariz	Danascri.
Nadar	Darbi.
Neta	Dacra-pré.
Negro, negra	Cran.
Noite	Omea-cancri.
(Nasua) (latim)	Kouacoug.

O

Orelha	Da-imporé.
Olho	Datoi.
Ornatos de pennas d'aves	Acran-ochidi.
Onça	Ou.
Dita tigre	Ou-acran.

P

Pae	Temor.
Pestanas	Datoi-moan.
Pescoço	Dabe-dan.
Perna	Daté.

Pedra	Kanai.
Peito	Dajoucoudou.
Pelle (cutis)	Kenai.
Pé	Dapra.
Preguiçoso	Ouacracrodi.
Peixe	Tobiai.
Dito grande	Piera-y-po.
Pescar	Tebeweni.
Penna	Ibaka.
Prado	Choguim.
Palhoça	Cri.
Porco	Coucu.
Perdiz	Ouiki.
Papagaio	Oua-cha.

R

Ribeirão	Keu-an-wai.
Ribeiro	Keuri-aurai.
Relampago	Eaubouji.

S

Sangue	Pa-oua-prou.
Serpente	Amakai.
Sêde	Caraboudi.
Sol	Peudeu.
Sobrancelhas	Daconian.
Sucury (bôa)	Ouaniankou.

T

Toucinho	Oua.
Terra	Choupra.
Tartaruga	Koucan.
Trovão	Taniringrin.
Triste	Siticroudi.
Tabaco (fumo)	Naanijeu.

U

Urina	Itoni.

V

Ventre	Da-dou-da-di.
Vestido (roupa). .	Chicou-jagran.
Vestuario	Chicou-jajai.
Varão (homem). . .	Ambeu.
Vacca	Coutican-picon.
Velho	Oasseké.

Numeros

Um	Chimichi.
Dous	Djarouka.
Tres.	Maipranai.
Quatro	Chicou-anaibichi.
Cinco	Nicrapeu.

Dialecto dos Cara ás

A

Arco.	Assouatai.
Abraçar.	Djarouka.
Agua	Be-ai.
Ave	Nocri-ara.
Assentar-se	Baanhan.
Alegre	Ewoitoré.
Aldeia	Awaso.
Anus (parte posterior do corpo)	Wa-a-ti.
Astros	Takina.
Anta.	Coonri.

B

Bracelete	Wadeoutai.
Beber	Beai.
Bom, bôa, cousa bôa .	Tawitos.
Braço (meu braço). .	Wa-asio.
Barba (parte inferior do rosto).	Wa-dsjou-outai.
Bocca	Wa-arou (yuru, omagra, jumaru: Tomanaco).
Bonito, bonita, cousa bonita	Awitori.
Bosque	Caouarou: (caa-eté: tupice) corou.
Boi	Boronne, vel boroleni.
Batatas que se comem.	Cotarouti.
Bananas.	Djata.

C

Cantar	Adjuro.
Cabellos.	Wo-ara-day.
Cabeça	Wo-ara.
Carne	Dabouday.
Catarata (cachoeira) .	Oourai.
Cauda	Tan-a-rarou.
Cachaça.	Ariokai.
Cerebro	Wa-ara.
Circulo pintado nas faces	Waaoumaourai.
Cachamorra.	Cooati.
Cozinhar	Aira.
Coração	Wa-mantiri.
Como se diz . . .	Amoiné.
Comer	Loosi.
Côxa	Wa-roté.
Chapéo	Tourida.

Chora	Rabouraré.
Chumbo.	Mokawaka.
Chuva	Bi-ou.
Cobertor	Erina.
Caçar	Djassai.
Cão	Cotosai aicorolho: kerota.
Cabra	Vachini.
Cervo	Boudoai.
Coelho	Aoudra.
Côcos	Aalay.

D

Doente	Bena-moraré.
Dentes	VVa-djou.
Dentuço.	VVadebo.
Deus	Sambeoa.
Dia	Roujouban.
Dedo	VVadeba.
Dormir	Tauhi: arouroucré.
Dançar saltando . .	Adosi.

F

Faca.	Maldeai, maeu, vel maou.
Fatigar	Da-ou-sahy.
Filha	Oladou.
Filho	VVadiaurai.
Feio.	Matocaré.
Fugir	Hai-hai.
Falador	Irobé-cron.
Fogo	Eaotou (napto: Tamanaco).
Falar	Irenbé-tira.
Flécha	Ou-euc.
Flécha incendiada . .	Bakavva.
Favas	Comota.
Ferir batendo . . .	Cootai.

G

Garganta	Wa-sa-eu.
Gallinha.	Aneca.

H

Homem branco. . .	Taroité.
Dito preto	Taroijobo.
Dito cabra	Idabouré.
Hombro.	Wa-nsioié.

I

Irmão	Wachi.
Inimigo.	Binou.
Irmã	Verau.

L

Ladrão	Ai-ouré.
Labios	Wa-day-asan-djo.
Leite	Okauseu.
Lagartixa	Toricoco.
Lago	Eu-o.
Lavar	Sabai.
Limo	Bodocsousou.
Lingua	Wa-da-rato.
Lua	Aadou-vel-endo.
Lobo	Aova.

M

Mulher	Awkeu.
Menino que ainda não fala	Osado.
Madeira.	Bederaeu.
Mau, má, cousa má .	Djoucou.

Mão	Wa-debo.
Mãe	Nadi.
Mergulhar	Beratibou.
Monte	Eu-waso.
Morder	Adjoutaura.
Morrer	Roroa.
Matar	Rabou.
Muitos	Soetotî.
Macaco	Craobi.

N

Nariz	Wa-day-asan.
Nadar	Adobou.
Noite	Roou.

O

Orelha	Wana-outai.
Outeiro	Amaro.
Olho	Wa-a-rouwai.
Onça	Avoai.

P

Pestanas	Wa-tota-tou-serai.
Parente	Wara.
Pescoço	Wa-laté.
Perna	Wa-até (tao: yarura).
Pedra	Manna.
Pae	Ouaa.
Peito	Wa-wou-o.
Pelle	Takeu.
Pé	Wa-a-wa (caabapa: saliva).
Pescar	Wachi-moracré.
Peixe	Pottoura, pyra, Tupi.

Penna	Erarito.
Porta	Ijo.
Prados	Badero.
Palhaço	Aeto.
Pato	Azoukoulé.
Papagaio (macau) . .	Audedoura.
Papagaio	Bi-idi.

R

Rio	Bero.
Rosto	Wa-aro.
Regato	Tola.
Saibro (areia) . . .	Kanara.

S

Sal	Joucroura (Jukijro: Tupice).
Sangue	Eulabo.
Serpente	Amautauli.
Sol	Tiou.
Sapo.	Coora.

T

Tio (irmão da mãe) .	Oibeteran.
Toucinho	Icha-gné.
Terra	Sou-ou: vel soru.
Temor	Roberoa-rime.
Trovão	Aimanti.
Triste, cousa triste. .	Ei.
Trilho, vereda, caminho	Rou-on.
Tabaco (fumo) . . .	Cooté.

U

Urina	Areceu.

V

Varejão	Oodjou.
Velho	Matocari.
Ventre	Wa-awai.
Vestuario	Tacou.
Varão (homem). . .	Abou (aba: Tupice).

Numeros

1. . . .	Wadewo.	7 . .	Natirolay.
2. . . .	Wadeboihoa.	8 . .	Natou.
3. . . .	Wadeboacheodo.	9 . .	Naoubio.
4. . . .	Wedebojeodo.	10 . .	Wadewa-souwai.
5. . . .	Wadewajouclay.	11 . .	Wawaro-coulgo.
6, ou muitos	Wadewasori.	12 . .	Nati.

Dialecto dos Caiapós

A

Acha de lenha . . .	(Linhi frustum).
Agua	Incó.
Anta	Icrité.
Arco	Itsché, ou itsé.
Ave	Itchune.

B

Bom, bôa, cousa bôa .	Impeimparé.
Bocca	Chapê.
Braço	Ipa.

Bonito, bonita, cousa bonita	Intompeiparé.
Bicho que entra nos pés	Paté.
Branco, branca, cousa branca	Macacá.
Bosque	Inromú.
Bode montez . . .	Impo.
Barrete	Kiapio.
Barriga	Itú.
Balainho	Piapa.
Burro	Kitaschá.

C

Cabeça	Icrian.
Cabello	Iquim.
Calma	Krenkio.
Cão	Robú.
Cabrito	Impó.
Cama	Tschunquatú.
Caçar	Cubupapa.
Chapéo	Kiapio.
Chuva	Intá.
Cavallo	Iquitacho.
Casa	Uncuá.
Carne	Jobo.
Casar	Zapio.
Cachaça	Incoja.
Carne de gado . . .	Potina-Schain.
Côxa de perna . . .	Icria.
Cesto	Piapa.
Céo	Putkua.
Creança	Pintue.
Clerigo	Kienton.
Cervo	Impoti.
Cutello	Kaaschá (kicé-tupi).

D

Deus	Pujanka: Puhancá.
Dedo	Lenkré.
Dentes	Chua.
Dormir	Schotine.
Donzella	Itpentié: iprontuaria.
Dançar	Pinató: increti.
Disforme	Intomarca.

E

Egreja	Pujanka—enkeia.
Estação	Kembrio.
Enfeitar-se	Lempania.
Espada	Capité.
Esphera	Antoaaschú.
Enxada	Caitpoze.
Estrella	Amschiii-amsiti.

F

Faca	Kaaschá (kicé-tupi).
Folha	Parachó.
Farinha de grão	Panatá.
Favas	Tefaschú.
Farinha de trigo	Muschtú.
Feio, feia, cousa feia	Intomarca.
Femea	Intiera.
Ferro	Kitesi.
Foice	Caitpopó.
Fogo	Itchiú.
Frio (substantivo)	Kiúti.
Flécha	Cajoae: Caschoae.
Dita incendiada	Atoaá.
Fructo	Patso.
Fumo verde (herva)	Arená.

G

Gallo	Schaninsischumá.
Gallinha.	Antoaavehu: Schuninsi.
Globo	Antoa avechú.

H

Homem.	Impuaria.
Dito branco . . .	Itpe: Cacatéca.
Herva que dá o tabaco	Araná.

L

Leito	Tschunquantú.
Lua	Putúa: Puturuá.

M

Mão, mãos	Chicria.
Mãe.	Unisi.
Menino que ainda mama	Nhoutuára.
Morada (casa) . . .	Uncúa.
Monte	Sucomú.
Moça	Itpentié: Iprontuaria.
Mocinho.	Itpré-pri. Inprintue.
Morrer	Itú.
Mulher	Intiera.

N

Nariz	Chacaré.
Negro	Tapanió: Cotú.
Negra	Tapanió-cuá,

O

Olho	Intó.
Ornar o cabello . .	Itempánia.

Ouro	Capajotu.
Ouvido—orelha. . .	Cluceré.
Ovelha	Impoaro-schú-kriti.

P

Pae	Usúm.
Pão	Poli.
Padre	Kientóm.
Papel	Piaukakianka.
Pé	Ipaa.
Peito	Chucoto.
Peixe	Tepo: Topú.
Penna de ave . . .	Impantsa.
Pequeno, pequena, cousa pequena	Ipãuré.
Pedra.	Keni.
Pertencente a indios .	Panaria.
Pescoço. . . .	Impudé.
Perna	Ité.
Preto, negro . . .	Tapanió: Cotú.
Preta, negra . . .	Tapanió-cuá.

R

Ribeirão	Rupti.
Roupas	Schapu.

S

Saltar de alegria . .	Pinató: Incréti.
Sol	Itputi: Imputé.
Selva, bosque . . .	Inromú.
Setta, flécha . . .	Cajone: Cavchoné.

T

Templo—egreja. . .	Pujanka-enkeia.
Terra	Cupa (ciupa).
Trabalhar.	Schampua.

V

Vacca	Potinavchá.
Veado, cervo . . .	Impóti.
Ventre, barriga. . .	Itú.
Vermelho, vermelha, cousa vermelha . . .	Ampiampio.

DESCOBRIMENTO DOS MARTYRIOS

Durante a minha presidencia de Matto-Grosso, veiu-me ás mãos o seguinte nimiamente curioso manuscripto, a respeito das famosas minas dos Martyrios, ou Araés, e ahi o publíco, julgando que com isso faço um bom presente ao leitor.

S. Paulo, maio de 1889.

COUTO DE MAGALHÃES

MEMORIA

A RESPEITO DO DESCOBRIMENTO

DOS

MARTYRIOS

PELO

PADRE JOSÉ MANOEL DE SIQUEIRA

Muitos annos ha que, por tradição, reinam noticias de tres grandes descobertas de ouro nesta capitania: Urucú-macuam, nos limites de Matto Grosso, Jayme e Martyrios, nos de Cuiabá.

Pelo descobrimento da primeira mina se interessou o sr. Luiz d'Albuquerque, no anno de 1776, mandando examinar os sertões em que se suppunha existiam as minas; comtudo, ou por fabulosas, ou por falta de praticos, não se effectuou o seu descobrimento.

Quanto ao da segunda, entraram alguns particulares em Cuiabá, tendo egual sorte, e quanto á ultima (1); ainda não consta que de Cuiabá entrasse alguem em procura dos Martyrios, sendo que é mais

(1) Talvez a unica verdadeira.

antiga e de maior fama que as duas outras. Na capitania de S. Paulo, empenhou-se nesta descoberta o sr. conde de Sarzedas, na éra de 1723, mandando ao capitão Bartholomeu Bueno da Silva, aliás Anhanguéra (1), aos Martyrios, o qual, no seguinte anno, descobriu as minas dos Guayazes.

Da mesma capitania dos Guayazes, intentou o sr. Tristão da Cunha este descobrimento, para o que fez conduzir a Villa Bôa alguns sertanejos e noticiosos dos Martyrios; porém, conhecendo que não podiam ficar senão áquem do Rio Grande, *id est.* Araguaya, e por isso pertencendo a Cuiabá, desistiu da empresa. Só desta capitania se não tem feito expedição para o rumo do norte, onde ficam as famigeradas minas dos Martyrios, sendo que talvez a Providencia tenha destinado este descobrimento para a época presente, em que tanto se precisa de ouro e em que temos um governo que muito se interessa pelo augmento da Real Fazenda e utilidade de seus subditos. Confiado, pois, em que não serão desprezadas as circumstancias da tradição dos ditos Martyrios, passo a narrar o que sei, por ter ouvido de meu pae, o capitão Antonio do Prado Siqueira (2), os juizos que fórmo a esse respeito, e, afinal, os meios economicos com que se poderá fazer tão interessante descoberta.

O capitão Antonio Pires de Campos (3), intimo amigo de meu pae e collega do capitão Bar-

(1) Termo que na lingua guarany quer dizer *diabo que foi.*

(2) Sempre mereceu o nome de verdadeiro, tanto em S. Paulo, de onde era natural, como em Cuiabá, onde viveu 50 e tantos annos; e hoje existem ainda pessôas, quer em Villa Bella, quer nesta villa, que o conheceram.

(3) Este foi o pae do coronel Antonio Pires de Campos, que assolou o gentio Cayapó, invasor da capitania dos Guayazes.

tholomeu Bueno da Silva, ao tempo em que por casualidade descobriram ouro nos Martyrios, estranhando a temeridade de Bartholomeu, que procurava aquellas minas pelos desconhecidos sertões que medeiam entre S. Paulo e os ditos Martyrios, quando só deveria entrar por esta villa, então referia o acontecimento da expedição què tinham feito, pela maneira seguinte:

Que o gentio do Bororó, conquistado neste Cuiabá (1) pelos antigos sertanistas em S. Paulo, annunciara haver no centro do sertão uma poderosissima nação, denominada *Coroá*. Os paulistas, anciosòs por esta conquista, (pois era a unica riqueza que havia, e a ella aspiravam), emprehenderam fazer uma expedição, vulgo *bandeira*, para esta conquista, e, com effeito, embarcaram e vieram a Cuiabá estes sertanistas, entre os quaes Pires e Bartholomeu, que eram meninos, em companhia de seus paes, que os traziam para os industriar e os habituar ás rudezas do sertão. Chegaram a este rio do Cuiabá, no sitio appellidado hoje S. Gonçalo Velho. Daquelle ponto, insinuados e guiados pelos Bororós (2), vindos em sua companhia, seguiram por terra e subiram a serra da Canastra e nella foram acommettidos por uma grande tempestade de agua, ventos e raios. Abrigaram-se no penedo da Canastra, e, ahi, acolhidos em suas cavidades, por occasião dos fuzis,

(1) Eram tres alojamentos Cuuyaavá, que significa *gente cahida*, e os dous Coxiponezes, mirim e guassú, *id est*, pequeno e grande.

(2) Este gentio foi o mais guerreiro e de mais coragem que os paulistas encontraram na sua conquista; hoje em dia, do seu residuo, parte habita na origem do rio Porrudos e tem o epitheto de Pararioné, e parte, no rio Cabaçal, com o de Aravirá.

bradavam por S. Jeronymo. Dalli seguiram sempre o rumo de norte (1), com jornadas de duas, tres e quatro leguas, em ordem, montaria e sustentação (2), e, viajando desta sorte, em poucos dias descobriram um rio capaz de navegação, que, pela côr da agua ser branca como leite, lhe chamaram Paranatinga, aliás rio Branco, e, atravessando-o, seguindo o mesmo rumo, acharam-se com outro tambem navegavel, e por advertencia dos Barrosos, digo dos Bororós, alli fizeram canôas e rodaram por elle alguns dias (3).

Deixando o rio, continuaram por terra, seguindo o mesmo rumo por alguns dias, até que encontraram outro rio, que affirmava Pires ser tão grande como o Cuiabá, porém tão cingido de pedras, que se dividia o rio todo em regatinhos, e por isso atravessaram-no a pé enxuto. Este, pois, era o paiz de Coroá, e por isso mandaram exploradores para examinarem a situação e o meio de o abalroarem. Como alli permanecessem por alguns dias, observaram que da parte d'além do rio estava uma collina, na qual se viam algumas pedras soltas e elevadas, umas configurando columnas, outras, escadas e outras, corôas, de que veiu o dizerem que aquelle monte continha os instrumentos dos Martyrios de Christo.

Neste rio, pois, entre as pedras, é que se viram pedacinhos de ouro redondos, como os vermelhos tentos de jogar, dos quaes Pires e Bartholomeu colheram alguns mais bem figurados, para brincar.

---

(1) Se bem que Pires não conhecesse rumo, comtudo affirmava que o sol lhe sahia á direita e se punha á esquerda.

(2) Sustentavam-se á bocca de escopeta, ou á setta dos Barorós.

(3) Deveria fazer-lhes feição, e embarcaram para facilitar a viagem.

Os mais sertanistas tambem vieram e colheram alguns, porém longe de suppôrem que fosse ouro, pois ainda não havia conhecimento delle no Brasil. Ainda Pires disse mais: que na mesma collina se viam como pevides de melão da mesma materia, misturadas com pedras e burgalhão, das quaes deitaram algumas em uma lata que tinha sido de chá, e com ellas brincavam, como se fôra chocalho. Neste tempo, voltaram os emissarios, dizendo que, visto o alojamento do Coroá de cima dos morros, representava ser tão grande como a villa de S. Paulo (1); e com esta noticia se desvaneceu a conquista intentada, e os sertanistas, que eram em numero pouco mais de cem, cautamente se retiraram, antes que fossem presentidos pelo Coroá e, com effeito, tornaram pela mesma via ao Cuiabá, e dahi para S. Paulo, onde acharam a noticia e amostras de ouro do descobrimento das Minas Geraes (2). Intentaram, por vezes, voltar a Cuiabá, destinando-se aos Martyrios, porém nada se effectuou, porque as vizinhas Minas Geraes estavam florentissimas, e nellas se occuparam e entretiveram por tempo em que se fizeram homens Pires e Bartholomeu. Ambos em S. Paulo se casaram; mas Pires, enviuvando, reti-

(1) Ainda nesse tempo, S. Paulo não tinha sido elevado a cidade, o que aconteceu no anno de 1712, no reinado de D. João V.

(2) A invenção dos Martyrios deveria acontecer no intervallo de 1648 a 1706, porque, certamente, foi no reinado do Sr. D. Pedro II o descobrimento de Minas Geraes, por casualidade, ao irem os paulistas em seguimento de alguns escravos indios, que se haviam retirado ao sertão, e acharam em um corrego pedras verdes, que foram a S. Majestade, e por ordem régia voltaram ao mesmo sertão; porém não acharam até hoje as esmeraldas procuradas, mas sim muito ouro no ribeiro do Carmo e Ouro Preto, hoje Villa Rica e cidade de Mariana.

rou-se com seus filhos e escravos indios para o Cuiabá, e aqui se situou, ao pé da mesma serra de S. Jeronymo, junto a uma lagôa, que ainda hoje se chama a lagôa do Pires, assim como a sua situação, tapéras (1) do Pires, distante desta villa seis leguas, e onde narrou a meu pae o que aqui deixo descripto, mofando Pires das aventuras de Bartholomeu, que intentou achar os Martyrios por veredas tão desconhecidas.

Esta é a narração do capitão Antonio Pires de Campos, que eu não alcancei, referindo, porém, eu o que ha 48 annos ouvi a meu pae. Agora, passo a ponderar não só a respeito da existencia deste descoberto encoberto, mas ainda do sitio em que devêra existir. Que não são fabulosas as minas dos Martyrios, comprovam as grandes diligencias que fizeram as capitanias de S. Paulo e Guayazes e, demais disso, quem obrigou o capitão Bartholomeu Bueno da Silva, Anhanguéra (2), a expôr-se a uma aventura tão perigosa e arriscada, se elle mesmo não tivera visto ouro, e em tanta abundancia, que o obrigou a andar errante por esses sertões, e por tanto tempo, até que a casualidade fez com que

(1) Termo gentilico, que significa *povoação que foi.*

(2) Em nome do Anhanguéra correm alguns roteiros, dos quaes vi tres: o primeiro, dado pelo mesmo Anhanguéra ao rvmo. João d'Almeida e Sá, vigario que foi de Cuiabá, o qual, no fim do roteiro, affirmava haver-lh'o dado o mesmo Anhanguéra, em recompensa de ter elle Almeida patrocinado uma causa sua na cidade de S. Paulo; o segundo vi em Guayazes, enviado ao sr. Tristão da Cunha por Bartholomeu Bueno de Campos, filho do primeiro; e o terceiro, trouxe-o Alexandre Bueno de Gusmão, neto do 1.º Bartholomeu, (hoje ajudante de milicias de Villa Bella) e o deu ao sr. Caetano Pinto, e, certamente, além de se não conformarem, encontraram-se em cada um contradicções, incoherencias e, por fim, confusão.

elle descobrisse minas de ouro na serra Dourada (1) dos Guayazes.

E' innegavel que existem as minas dos Martyrios, e tambem que é verdadeira a relação de Pires, pois que o rio Branco, que no Cuiabá passou sempre por patranha, José Luiz Monteiro (hoje alferes de hussard) viu-o e passou por elle com 50 homens, que o acompanharam na expedição pelo sr. Caetano Pinto mandada sobre um quilombo de pretos foragidos, que já não existia, e então se verificou a existencia do regato Paranatinga. O outro rio que flue no dos Arinos. e que João de Souza, no seu diario, chama de S. João, existe, porque João Viegas Junior tambem o confirma no seu roteiro, e com muita razão lhe chama o rio dos Tapajós. Agora, digo eu: não sendo esse o rio Araguaya do caminho dos Guayazes (2), qual póde ser, senão o mesmo de que falou Pires e o mesmo que contém as minas dos Martyrios?...

(1) Já na desesperação se achava Anhanguéra, quando chegou aos limites do gentio Guayaz e, mostrando elle ao gentio o ouro que trazia de amostra, este lhe indicou a serra Dourada, que dista de Villa Bôa tres leguas. Por ordem do sr. Tristão da Cunha, fui a essa serra no mez de maio de 1798 e, discorrendo por ella, descobri a arvore do papel (cousa rara, por conter o tronco desta arvore como contextura um como caderno de papel, em vez de epiderme) e umas ricas minas de ferro, e então observei as grandes cavidades que na serra Dourada fizeram os antigos mineiros dos Guayazes, os quaes, certamente, rebaixaram a serra nos logares auriferos o melhor de 100 palmos, deixando descarnados os filões de quartzos; e, comtudo, posso bem affirmar que é mais o ouro contido, do que o extrahido da serra. Os mineiros modernos conhecem isto bem, porém temem-se de algum abatimento, e como não sabem o modo de conduzir a terra para baixo, e, menos, a agua do cume da serra para a lavagem, pois que ella é summamente esteril, alli jazerá o ouro, até que haja maior conhecimento e industria no Brasil.

(2) Eu vi em Lisbôa uma carta do sr. dr. Francisco Innocencio de Souza, escripta ao naturalista Alexandre Rodri-

Houve na capitania do Pará uma tradição de que os missionarios jesuitas conservavam grandes minas no interior do sertão; e aquelle rio de agua suja, que João de Souza d'Azevedo viu desaguar pela parte oriental no dos Arinos, não avigora esta tradição? E a cautela com que os mesmos jesuitas conservavam, nas margens do rio Tapajós, um armazem, que forneciam de viveres todos os mezes, sem que jámais se encontrassem os importadores com os exportadores, que indicará? E' bem de suppôr que, com semelhante cautela, procuravam os jesuitas conservar em segredo as minas achadas (que não duvido fossem as dos Martyrios), e o mais foi que conseguiram.

A respeito destes jesuitas, ainda tenho mais que ponderar sobre as minas encobertas, porque no 2.º tomo dos *Sermões* do padre Antonio Vieira, ha quarenta annos, li um da 1.ª oitava da Paschoa, com o thema *Qui sunt hi sermones, quos confertis ad invicem ambulantes et estis tristes?* e em que, de proposito, Vieira dissuadia o povo do Pará da veracidade de umas minas, cujas amostras corriam pela cidade, dizendo que o ouro era fundido; o que ainda se póde vêr no mesmo sermão, se algum curioso conserva os deste grande orador. Não posso entender como póde um prégador do caracter de Vieira, sem prevenção, formalisar assumpto, para um sermão de mysterio, das

---

gues Ferreira, na qual disse ter felizmente concluido a exploração que mandou fazer ao rio Araguaya, fluente no rio Tocantins e que, seguindo este até a passagem do Zedas (que é a mesma de que usavamos no trajecto para os Guayazes) se não tinha encontrado mais obstaculo para ser navegado; daqui se vê que este rio Araguaya não flue no dos Arinos, como suppoz João de Souza, mas sim no dos Tocantins, como disse o sr. D. Francisco, que o mandou examinar.

amostras falsas ou verdadeiras de ouro que appareceram na cidade de Belém do Pará! Que cuidado deveria causar a um missionario a invenção de minas auriferas?...

Assás se me representa, por estas prevenções, pela cautela do armazem as aguas enlodadas, que não era falsa a noticia das minas do sertão, e, sendo este descobrimento verdadeiro, podemos dizer que o ouro foi conhecido na capitania do Pará antes que na de S. Paulo e que a sua patria é o terreno que medeia entre o rio dos Arinos e o Araguaya (1); *ac per consequens:* alli se deverá procurar, examinando os rios, serras e campanhas, a que chamam taboleiros, pois que mineiros não devem procurar, como costumam, formações, porém ouro, que é o objecto da mineração. Tenho exposto as razões que me obrigam a considerar verdadeiras as minas dos Martyrios, que para mim já não serão fabulas imaginadas, ou patranhas de sertanistas; resta sabermos por que meios poderão ser descobertas. Proponho já os meus sentimentos, que a muitos parecerão paradoxos, porque são meus. Sabido já que nos intervallos dos rios Arinos e Araguaya existem estas minas, e que ellas estão em um dos rios que despejam no dos Arinos, claro fica que a expedição, digo a exploração, deverá ser feita descendo pelo mesmo rio dos Arinos, até á foz do rio Tapajóz, de João Viegas, ou de S. João, de João de Souza; e, subindo este rio, deverão examinar todos os que

(1) Eu tenho uma carta geographica de mr. Deluth, reformada em 1785 por Dezauche, em que sitúa já a foz do rio Araguaya na do Tocantins e a do Tapajóz unido com o Juina, ou Jeruena, na do Amazonas, deixando o continente, ou lingua de terra da minha esperança e da minha suspeita, cortado longitudinalmente pelo rio Mingúa. Esta se póde ver na cópia da mesma carta, que junto, como memoria.

da parte oriental nelle entrarem, até ás suas origens, e, frustrada esta primeira diligencia, deverão descer a procurar a outra seguinte barra, e deste modo se fará a indagação por um e outro lado.

Depois deste exame, poderão os aventureiros recolher-se a esta villa, pelo caminho de terra, com menos custo e trabalho, do que subindo novamente o rio dos Arinos. Este modo de indagar é mais trabalhoso e mais dispendioso; porém, sem contradicção, mais seguro do que por terra, sem conhecimento dos rios que vadeiam, das serras que encontram, e ainda da terra que pisam, em uma campanha tão vasta e sem pratico; mas, quando se haja de tentar o descobrimento dos Martyrios pela via de terra, já se vê que será sempre a derrota a rumo do norte de Cuiabá, examinando as fraldas e cumes das serras que forem susceptiveis de exames e todos os rios que encontrarem, sem excepção dos mesmos ribeiros manantes das serras; e, neste caso de terra, poderão os exploradores conduzir na sua mesma bagagem gado manso, que lhes servirá para as cargas da conducção, do municiamento de bocca e, mesmo, de alimento, quando a necessidade pedir, e ainda melhor, porque já no Cuiabá está muito em uso domarem os bois para carga, e estes, mansos, são mais seguros e valentes que as mesmas bestas; e como a viagem de sertão nunca excede a jornada de duas leguas, commoda e facilmente poderão conduzir aprestos, utensilios e instrumentos de minerar.

Estas são as vias de procurar ouro, rumo do norte de Cuiabá; restava-me apontar aqui o methodo de fazer em poucas horas muitas e muitas provas na campanha; como, porém, de proposito, tratei desta materia em outra memoria, que tambem apresento, a ella me reporto.

Segue-se expôr meu sentimento a respeito da despesa que necessariamente se tem de fazer com esta expedição.

Na mesma memoria mencionada, propuz o meio, de que então me lembrei, de aggregar sertanejos para entrar no sertão das tres capitanias de minas do Cuiabá, a conjunctura dos tempos, e, afinal, a possibilidade dos actuaes moradores; e por isso digo que os interessados nessas expedições, aliás bandeiras, são a Real Fazenda, os homens mineiros de escravatura, commerciantes, lavradores, criadores de gado vaccum etc.

A' Real Fazenda, que se interessa pelos direitos que pagam as minas,—pois quanto mais ouro se extrahir, tanto mais augmentarão os quintos desse ouro,—parece-me, não será muito, se assistir com o armamento, polvora, chumbo, pedras de espingarda e sal.

Os mineiros que possuirem mais de doze escravos deverão dar um de cada doze que possuem, que virá com a ferramenta de minerar. Estes servirão para o trabalho, pelo conhecimento que têm de minas, e os seus senhores deverão ser os mais interessados nos descobrimentos de sua profissão, e não é muito que dêem os escravos precisos.

Os commerciantes devem fornecer quanto se necessitar de fazenda para a expedição, *inauam*, algodão para o vestuario dos que delle precisarem para o sertão, toldas, marmitas, caldeirões, panellas de ferro, pregos, anzoes, pois que se interessam na venda de suas mercadorias e cobrança de suas dividas.

Os lavradores deverão concorrer com o mantimento preciso, que é milho, feijão, arroz, farinha e toucinho, pois que, havendo descoberta de ouro,

se transformam em mineiros, para desfructarem, além de venderem o seu mantimento aos outros por altissimo preço. Os fazendeiros de gado deverão assistir com os bois, já domesticados, para a carga e conducção do trem da expedição, e com a carne sêcca precisa, dando juntamente algum de seus vaqueiros para lidar com o gado no sertão, pois tambem são interessados nas introducções de boiadas, carne sêcca e sebo para as novas descobertas, e tudo por alto preço.

Os que tiverem menos de doze e o resto do povo deverão contribuir com certo estipendio por cabeça de escravos que com elles fiquem, só por uma vez, para pagamento do cabo maior encarregado e de alguns escravos, que deverão nessa expedição ir assalariados.

Este é o unico meio de fazer, segundo me parece, este tão decantado descobrimento e para o qual devem todos concorrer. Ainda não disse de que individuos se deve compôr a expedição, tanto a respeito de seu numero, como dos meios de o haver, sem detrimento do real serviço nos presidios.

E' certo que nem todos são capazes de empresas de sertão; mas tambem é verdade que muitos, considerados ineptos na sociedade, são aguias na campanha. Os aventureiros destâ empresa não devem ser escolhidos senão pelo cabo encarregado e que com elles tem de lidar pelos desertos e incultos sertões, e por isso precisamente se não deverão enviar tantos homens, *v. g.* milicianos, paizanos de ordenança; porém, sejam elles quaes forem, sem distincção de côr, devem ser aquelles que se mostram habeis para semelhante expedição.

Eu me explico com este exemplo: o arreador de Fulano é muito duro e intelligente de sertão?

Que venha, e outro que o substitúa. F... tem um ou dous escravos muito habeis? Que venham, tem que dar escravos, e, quando não, sejam ajustados por jornal para seu senhor, e marchem. F... tem dous filhos, que são capazes, por animosos e expertos no sertão? Da mesma fórma. F... conserva um bom escopeteiro e bom pescador, porém ainda é muito moço? Venha esse mesmo, que ainda melhor se fará com o exercicio e, mais, porque a viagem do sertão não fatiga, por ser muito vagarosa. E' por este modo que se pódem ajuntar entre brancos, indios, mulatos, mestiços e ainda pretos, crioulos, cem pessôas habeis, e assim, com vinte escravos de trabalho, temos o numero de cento e vinte pessôas, de que se deverá compôr a expedição, ou bandeira, e não me digam que é pouca gente para uma expedição distante, e no golpho do gentio, porque a isso respondo que a esta gente toda, com a vantagem de saber atirar com espingarda e com os arcabuzes-reúnas, nenhum poder do gentio lhe resiste (1), principalmente marchando unida; havendo as cautelas que são precisas, não ha que temer o gentio, quer este seja de coragem, e, por isso, acommettedor, quer cobarde, e, por isso, traiçoeiro.

Parece-me que o mais difficil será achar um chefe, ou cabo-maior, como lhe chamam, e quatro

(1) Inventei para o meu uso, no tempo em que o gentio Caiapó invadiu Cuiabá, certos cartuchos carregados com polvora, buchas e quartzos e ainda chumbo grosso misturado com os quartzos, que não precisam de varetas. Em o anno de 1772, ensinei tres escravos meus a carregar com estes cartuchos e então observei o activissimo fogo que faziam tres espingardas. Da mesma sorte, observei que as balas e chumbo miudo são inuteis no combate com o gentio, e só têm bom effeito os quartzos miudos, vulgo *perdigotos*, que de um tiro chrismam a muitos.

menores, além de um escrivão fiel, que saibam conduzir com prudencia e conservar com industria a escolta na desesperada vida do sertão (1). Chamei desesperada, porque nelle falta todo o soccorro de que estão acostumados a participar nos povoados. *maximé* a gente bisonha, que véda caldo de feijão a enfermos purgados, carne de veado aos convalescentes, e que, finalmente, vendo sepultar-se um companheiro ao pé de uma arvore, desanima (a isso chamam *amuar* ou *impacar*), de modo que dalli em deante é uma praça morta, é um invalido que acompanha a expedição, só como testemunha de vista.

O cabo deve ser experiente a respeito de minas de ouro, deve ter prudencia e coragem, deve ser acautelado em todas as occasiões (2), deve comportar-se com respeito entre os seus subdjtos, porém com benignidade, de sorte que o temam e juntamente o amem.

Este necessario affecto se adquire por meio de cuidado e amor para com os enfermos e feridos nos combates e dando louvor publico a quem o merecer, em ordem a causar inveja ou emulação para a seguinte empresa. Longe, o desprezo, longe. a descompostura, assim como o escarneo da cobardia de alguns subditos, que é inteiramente inhabilital-os: em uma palavra, seguir o methodo do coronel Antonio Pires de Campos, que o seu maior estudo no sertão era agradar os seus subditos.

(1) Quando falta affabilidade e agrado nos cabos das expedições, de ordinario desertam e mallogra-se uma diligencia. pela imprudencia do chefe. Mais de uma vez vi este acontecimento nas expedições feitas no Cuiabá.

(2) Tenho notado que todas as vezes que ha invasão de gentio, sempre se dá, ou grande descuido, ou grande confiança na apparente paz com que o gentio costuma entrar.

como companheiros, de modo que, ao acabar-se a empresa, se despediam do chefe com lagrimas.

Deste modo se formará nos incultos uma aula de sertanejar e explorar campanhas, nella se conhecerão os que forem capazes de governar e reger expedições, das quaes depende a invenção de novas minas, e destas, a utilidade da Real Fazenda e o interesse de todos os moradores da capitania. E póde bem ser que esta seja a época tão desejada em que se felicitem os povos por industria e direcção de quem tanto se esmera em fazer feliz a todos os seus subditos.

Roteiro para os Martyrios, indo em canôa pelo ribeirão de Goyaz

Descendo-se pelo ribeirão de Goyaz, se dará em um rio mais largo e, indo-se, avistará uma grande ilha que dê no alojamento dos Cara-yahiras; o ribeirão que se achar á mão esquerda, avistando-se a ilha, se tomará a parte direita para a parte dos Cara-yahiras, e se avistará a parte dos morros, para a qual se caminhará e, dobrando no 1.º morro, se buscarão o 2.º, 3.º e 4.º, até ao decimo,—a paragem dos Martyrios, que é um destes morros, o qual tem admiravel vista, e nesta parte (com o favor de Deus) se acharão muitos haveres; porém para ella se irá depois da Paschoa, pela razão das vargens que ha, que dão malinas e ha gentio, sendo preciso andar com cautela. Este roteiro me deu o coronel Bartholomeu Bueno da Silva, que fez meu tio Simão Bueno da Silva, e de seu pae Bartholomeu Anhanguéra, e lhe não custou poucas rogativas para lh'o tirar, que m'o deu pelo interesse de uma causa que lhe patrocinei na cidade de S. Paulo.

Antes da fundação da Villa' Bella pelo exmo. sr. conde de Azambuja, veiu da capitania de S. Paulo para o Cuiabá Domingos Pereira Mascarenhas, com o presente original; por sua morte, ficou em poder do filho, o capitão Norberto Cardoso de Figueiredo, que m'o deu.

Roteiro apresentado ao capitão-general Luiz d'Albuquerque por João Leme do Prado, em officio de 14 de novembro de 1774

Andando antigamente Bartholomeu Bueno da Silva no sertão, para o rumo entre poente e norte, acharam um riacho chamado *Paraypeva*, e nos seus barrancos, muito ouro, de que, sem instrumentos de extrahir ouro, apromptaram ás mãos umas poucas de oitavas, entre as quaes foi uma folheta de seis oitavas, e a puzeram na mão de Nossa Senhora da Penha, em S. Paulo. Estes homens, mais cubiçosos do gentio que do ouro, não fizeram aquella estimação que hoje se faz, ainda que houve algum, como foi o coronel Antonio Pires de Campos, que tambem lá andou, que dizia que, por estarem faltos de pachorra e ferramenta e cheios de gentio, não tiveram outro remedio que se recolherem para S. Paulo, como fizeram, com projecto de tornarem aprestados.

Chegados que foram á dita cidade, acharam que as minas geraes de novo se frequentavam com muita grandeza, que os obrigou a passarem para ellas, esquecendo-se do que em outro tempo tinham visto e assentado de obrar; e como nem todos os que se mettem em minas acham o cabedal que procuram, sahindo muitas vezes mais necessitados, como aconteceu ao dito Bueno, que se viu tão pobre

como nunca esteve e com nove filhas para casar, com cuja necessidade se lembrou até do que tinha visto no dito *Paraypeva*, pelo que offereceu esta conquista ao sr. general da capitania de S. Paulo, que logo tomou á mão a empresa, e, dando-lhe todo o soccorro, tambem o fez capitão-mór e guarda-mór general de seu descoberto.

Marchou o referido Bueno animado deste calor; mas, como já nesse tempo estava descoberto este Cuiabá, e era o caminho por onde elle devia de entrar, como da primeira vez tinha feito, temeu, pela distancia que faz de S. Paulo até Cuiabá, se desanimassem os soldados e desertassem para o Cuiabá, e procurou rumo differente, dando grande volta pelos sertões de Goyaz; e como havia bastantes annos e já estava alguma cousa esquecido, ainda tomando a referida volta, não poude, no decurso de tres annos, topar com a paragem, ou, por melhor dizer, não foi Deus servido. Nesta diligencia, fez experiencia no ribeirão de Goyaz, achou e descobriu aquellas minas que hoje existem. E como já se achava muito velho, só cuidava em instar com varias pessôas que procurassem a dita paragem. E, com effeito, animou-se o coronel Amaro Leite a metter-se no sertão com 300 homens; mas, como era á entrada de Goyaz e sempre o rumo foi differente, apenas poude chegar onde hoje é logar dos Araés, e me persuado que o mesmo ha de acontecer ás expedições que proximamente me dizem faz o sr. general de Goyaz. O certo para se entrar a descobrir o dito *Paraypeva*, como diziam o dito capitão-mór reg. Bartholomeu Bueno e o coronel Antonio Pires, é entrar, desde Cuiabá, procurando levar rumo entre norte e poente, levando o sertão dos *Boccahysis* á direita e passar pelo sertão dos *Aguites*, e, marchando rumo direito, pro-

curar o gentio chamado *Membiriára*, de lingua geral, com quem eu já tive fala, tendo tambem visto parte dessa campanha, que é isto muito sufficiente por outras minas geraes. Isto é que póde informar a v. exc. seu muito humilde servo—JOÃO LEME DO PRADO.

CARTA DE IGNACIO XAVIER AO CAPITÃO REGENTE DE MINAS GERAES LUIZ DE ALBUQUERQUE

Illmo. exmo. sr.

Attendendo ao commum proveito desta Capitania e da Real Corôa de SS. Majestades e para satisfazer ás decadencias daquelles que se occupam no exercicio de minerar, recorda humildemente Ignacio Xavier e se prostra aos pés de v. exc., para que se digne attender ao bem commum destes povos em lhe mandar dar o soccorro necessario de gente e mais petrechos necessarios, para irem explorar uma campanha, a mais abundante de ouro, na situação chamada dos Martyrios, de que eu e outras pessôas intelligentes temos noticia, dada por tres indios existentes neste paiz, os quaes são naconaes da dita paragem, e tendo averiguado dos mesmos os logares, costas dos rios e de mais gentilidades que por lá estão e donde me inteiraram do muito ouro que lá appareceu em tempo de aguas, e referindo, mais, que João Leme, se não fallecesse, estaria mais manifestado o dito logar, e melhor poderá v. exc. conhecer das informações que delle tomei e inclusas ponho na presença de v. exc.

O capitão Agostinho de Siqueira Mauricio de Campos e Zaccharias dos Santos affirmam que, indo-se por terra, desde a paragem dos Araés, não fica muito distante, mas tem muita immensidade de nação gentilica: a 1.ª nação *Mocaire*, a 2.ª, *Apiocaz*, a 3.ª, *Trumam*, a 4.ª *Carurú;* indo-se por terra, é viagem muito difficultosa.

Ha de se ir pelo Rio Grande abaixo, até á barra do Paraná. No Rio Grande, ha a nação Carayá, e do Rio Grande para a da lingua geral, ha só meio dia de viagem por terra, e dalli se marcará rumo direito por serra, entre dous rios: um chama-se *Amboura*, fica para a direita; outro fica para a esquerda, chama-se *Paraná*, e vai-se por entre os dous rios até ás cabeceiras, e sóbe-se um morro e desce-se ao *Araés*, onde ha ouro, e são seis dias de viagem.

Quando os meus parentes iam dar no gentio *Araés*, então nós eramos rapazes, e nos contavam que havia muito ouro e que os enfeites com que se preparavam e adornavam as crianças eram folhetazinhas de ouro furadas, e observando que todas as bandeiras que têm sahido de Goyaz em procura desse logar têm ido fóra de rumo, asseguramos que, indo por guia, sem duvida alguma havemos de chegar á dita paragem.

Tambem o defunto João Leme foi ao meio do alojamento, antes de virmos para o poder dos brancos, afim de lhes mostrarmos onde havia ouro, e lhe dissémos que dahi a 6 dias de viagem, que é no *Araés*, havia muito cabedal; mas, como o seu sentido foi aprisionar-nos, como fez na mesma occasião que nos trouxe presos, por isso não succedeu o bom intento, e tambem por causa de sua morte. A' vista do ponderado a v. exc. e para o bom exito

desta minha diligencia, espero que v. exc., informado por pessôas intelligentes desta villa, haja de me conceder os soccorros conducentes a tão bôa expedição. E por esta graça não cessarei de implorar aos céos as bôas felicidades de v. exc. e de seu governo. De v. exc. humilde e obediente subdito —Ignacio Xavier. *Cuiabá, 15 de novembro de 1780.*

Participação de Bartholomeu Bueno ao capitão-general de Goyaz Tristão da Cunha

Illmo. exmo. sr.

Meu senhor. Participou-me Alexandre Bueno que v. exc. me honrava em mandar remettesse o roteiro dos Martyrios, que existe na capital de v. exc., cujo guião principia do Rio Vermelho desta comarca de Goyaz, que, por ser tão dilatada jornada. cercada de perigos e de inundações do rio Araguaya, consta pela antiguidade terem transitado duas bandeiras mui populosas, e dellas nunca se escutaram mais noticias, suppondo-se que tenham morrido afogados nos alagadiços do Araguaya. O roteiro do meu avô conta que os Martyrios estão na gentilidade *Bacuiriz,* e porque falleceu nesta casa um velho verdadeiro, por nome Gaspar Leme, o qual dizia que, na companhia de um tal fulano preto, fôra em uma bandeira aprisionar o referido gentio, e mostrava um braço aleijado de uma setta dessa gentilidade. Indaguei, então, delle o logar em que essa nação habitava, e disse-me que em um chapadão destillava as cabeceiras do rio Cuiabá, e para o lado contrario erinava as cabeceiras, digo, os travesseiros do rio habitado pelos *Bacuirixes.* Se essa

gentilidade se estende nesse unico rio, ahi permanecem os Martyrios em pedra jaspetão burnida, que se miram nelle os objectos, como um espelho, cuja altura a prumo é a de dous pinheiros e o comprimento que se estende pela ribanceira do rio é de uma legoa.

No tecto, então, estão pintados os Martyrios, de carmim, côr da mesma pedra, aonde se não póde chegar, por formar um torrão muito aprumo.

O rio banha o paredão, onde estão esculpidos os Martyrios. De fronte delles existe uma bóla, como de jogar, massiça, de ouro, aonde alcançou um da comitiva de meu avô, digo, bisavô, dentro do rio, cujo acontecimento succedeu naquelle tempo, por não se saber ainda o valor do ouro; porém, depois de conhecido nas geraes a estimação do metal, logo lembrou a meu avô a bóla. Dizia, mais, que a formação daquelles logares promettia alta grandeza de riquezas.

Indaguei de Gaspar Leme que dias se dispenderiam de jornada de Cuiabá ao *Bacuirizes*. Respondeu que vinte, e que, para lá ir, bastava o guião de qualquer Bororó. O rio habitado pelos *Bacuirizes*, em cujas ribanceiras a prumo existem os Martyrios, é na figura e plantação do terreno, como o rio Sapucahy na estrada de S. Paulo a Goyaz. A difficuldade está em saber-se de qualquer gentilidade se os *Bacuirizes* habitam em um só rio, porque poderão morar tambem em outros.

Se v. exc., nascido para cousas grandes e para ser alvo da inveja dos maiores augmentos, quizer mandar descobrir, abona affirmativamente a felicidade de v. exc. que ha de conseguir.

Hei de estimar o bom successo, e que v. ex c me honre com o titulo de seu criado.

Faltam-me palavras que expliquem o meu agradecimento, por dignar-se v. exc. receber a meu filho Alexandre por criado de v. exc.

A obediencia e diligencia e a prompta execução agradarão a v. exc. Pesa-me nascer tão despido de merecimentos, que não tenha a gloria de honrar-me v. exc. com repicados preceitos, que a pontual execução certificaria a meu agradecimento, que é a moeda com que se podem pagar os beneficios aos grandes e poderosos do mundo.

Deus dilate a vida de v. exc., pois que a emprega em obras tão meritorias. Corumbá, 13 de junho de 1799—Illm. exm. sr. Tristão da Cunha, capm. regente dos Guayanazes. — BARTHOLOMEU BUENO DE CAMPOS LEME E GUSMÃO.

INDICE

Ao leitor V
Do Rio a Goyaz 3
Prefacio 39
Dedicatoria 43

I PARTE

Considerações administrativas sobre o futuro de Goyaz

Capitulo I

Mudança da Capital 47

Capitulo II

O Araguaya debaixo do ponto de vista commercial. . 61

II PARTE

Descripção da viagem

Capitulo I

De Goyaz a Santa Rita 73

Capitulo II

De Santa Rita a Leopoldina 82

Capitulo III

De Leopoldina ao porto da Piedade 100

CAPITULO IV

De Piedade á aldeia da Estiva 142

CAPITULO V

Subída do rio 154

CAPITULO VI

Do Dumbá a Leopoldina 177

CAPITULO VII

Noticias sobre o Araguaya, de Leopoldina até á cachoeira dos Pacús, no Caiapó-grande. — Assignalamento dos serviços mais ricos de diamantes naquelle rio, no Caiapózinho e rio Claro 192

CAPITULO VIII

Viagem aos Araés 200

CAPITULO IX

Volta a Goyaz 206

CAPITULO X

Conclusão. 212

VOCABULARIO 239

MINAS DOS MARTYRIOS, OU ARAÉS 273

ERRATA D'«OS GUAYANÁS» 297

OS GUAYANÁS

> Vêm tambem dessa data o seu romance historico sobre a fundação de S. Paulo, *Os Guayanás*, e o estudo *Revolta de Felippe dos Santos em 1720...*
>
> (PREF. pag. IX)

O estudo historico a que se refere este trecho vem publicado no tomo XXV da *Revista Trimensal* do Instituto Historico e Geographico Brasileiro (1862, pag. 515). Intitula-se— *Um episodio da historia patria (1720)*, e não como sahiu publicado no prefacio da ultima edição d'*Os Guayanás*.

> *Aimons vite,*
> *Pensons vite,*
> Etc.
>
> (Pag. 4)

A' revisão escaparam dous erros neste estribilho da conhecida canção de Béranger.

Em vez de

> *A galop,*
> *Mon fallot!*

Leia-se

> *Au galop,*
> *Monde falot!*

A nota da pag. 121 sobre a egreja do Collegio deve ser lida da seguinte fórma:

O leitor encontrará nessa pagina (pag. 9 dos *Guayanás*) a seguinte nota do general Couto de Magalhães:

«A egreja que existe hoje não é a mesma que nessa data foi fundada pelos jesuitas, em 1553, mas está no mesmo logar.»

Realmente, quando este livro foi escripto, existia ainda a egreja a que se refere o auctor e que mais tarde foi demolida, após ter espontaneamente desabado em parte.

Em 1891, o governador de S. Paulo, dr. Jorge Tybiriçá, allegando necessidades do serviço publico, pediu ao governo federal cessão desse edificio, no intuito de demolil-o, para alargar o edificio do Palacio, cessão que foi feita pelo ministro da Fazenda, a 9 de fevereiro daquelle anno. Immediatamente, o bispo diocesano, D. Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, requereu e obteve, a 17 do mesmo mez e anno, mandado de manutenção de posse da egreja, sendo nomeado depositario della o padre dr. Adelino Jorge Montenegro.

As cousas estavam nesse pé, quando, cinco annos depois, em a noite de 13 para 14 de março de 1896, na presidencia do dr. Bernardino de Campos, desabou o tecto principal do edificio, arrastando comsigo uma parede interna, varios altares e um canto da torre. O dr. Bernardino, por motivo de segurança publica, ordenou a demolição das ruinas, nomeando uma commissão, composta dos srs. conegos Ezechias Galvão Fontoura e dr. Valois de Castro e engenheiros Luiz Gonzaga da Silva Lême, Theodoro Sampaio e Antonio de Toledo Piza, para remover da egreja os objectos sagrados e receber as reliquias que fossem encontradas. Isto se passou nos ultimos dias da administração do dr. Bernardino. Mais tarde, na presidencia do dr. Campos Salles, este entrou em accordo pecuniário com D. Joaquim Arcoverde, que, por morte de D. Lino, o viera substituir na administração da diocese. O governo do Estado indemnisou o governo diocesano com a quantia de 350:000$000 de réis.

O resto da nota está exacto.

14 DAY USE
RETURN TO DESK FROM WHICH BORROWED
EARTH SCIENCES LIBRARY
This book is due on the last date stamped below, or on the date to which renewed.
Renewed books are subject to immediate recall.

APR 8 1968

LD 21–50m-12,'61
(C4796s10)476

General Library
University of California
Berkeley

924